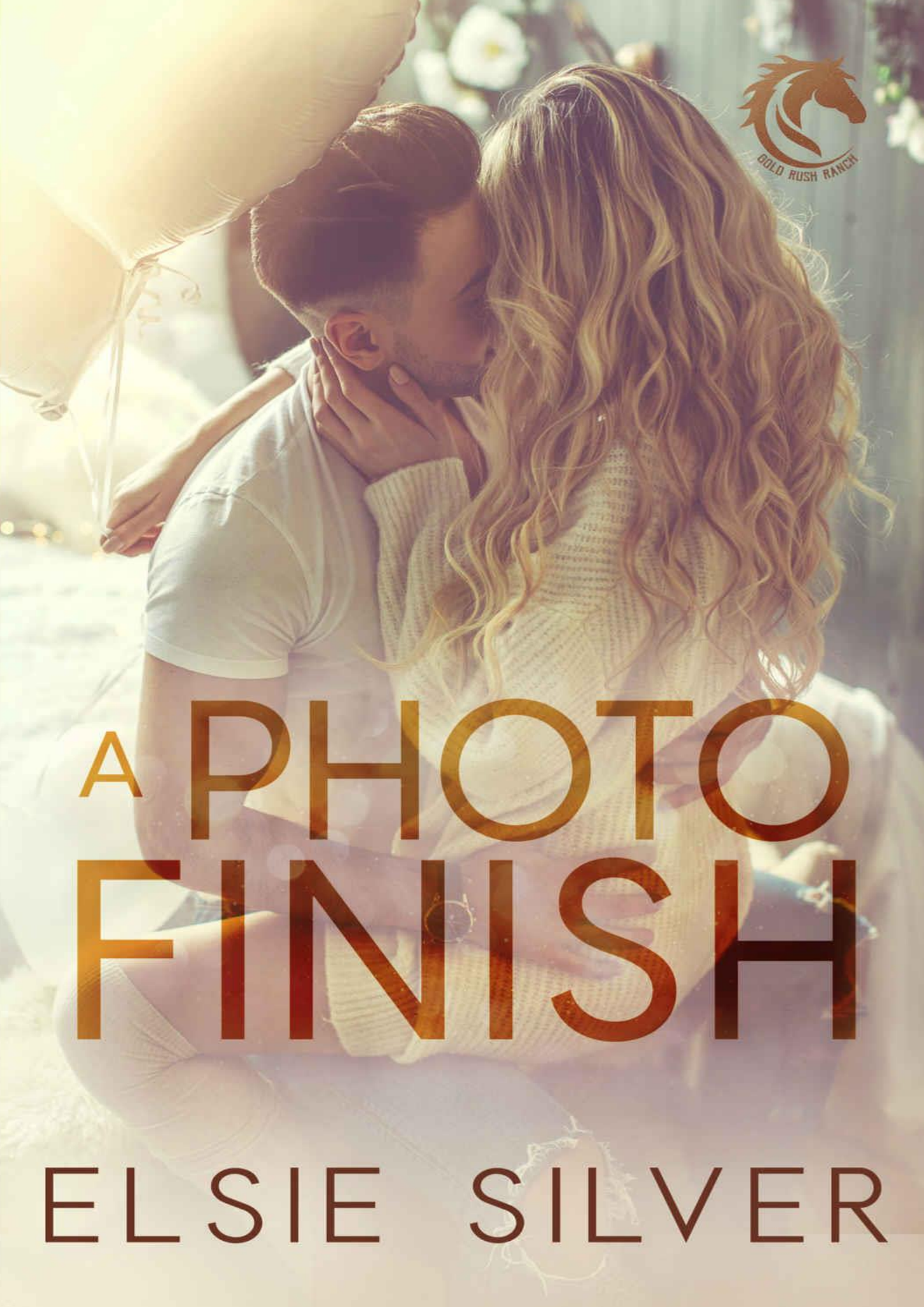

GOLD RUSH RANCH
A PHOTO FINISH
ELSIE SILVER

A PHOTO FINISH

ELSIE SILVER

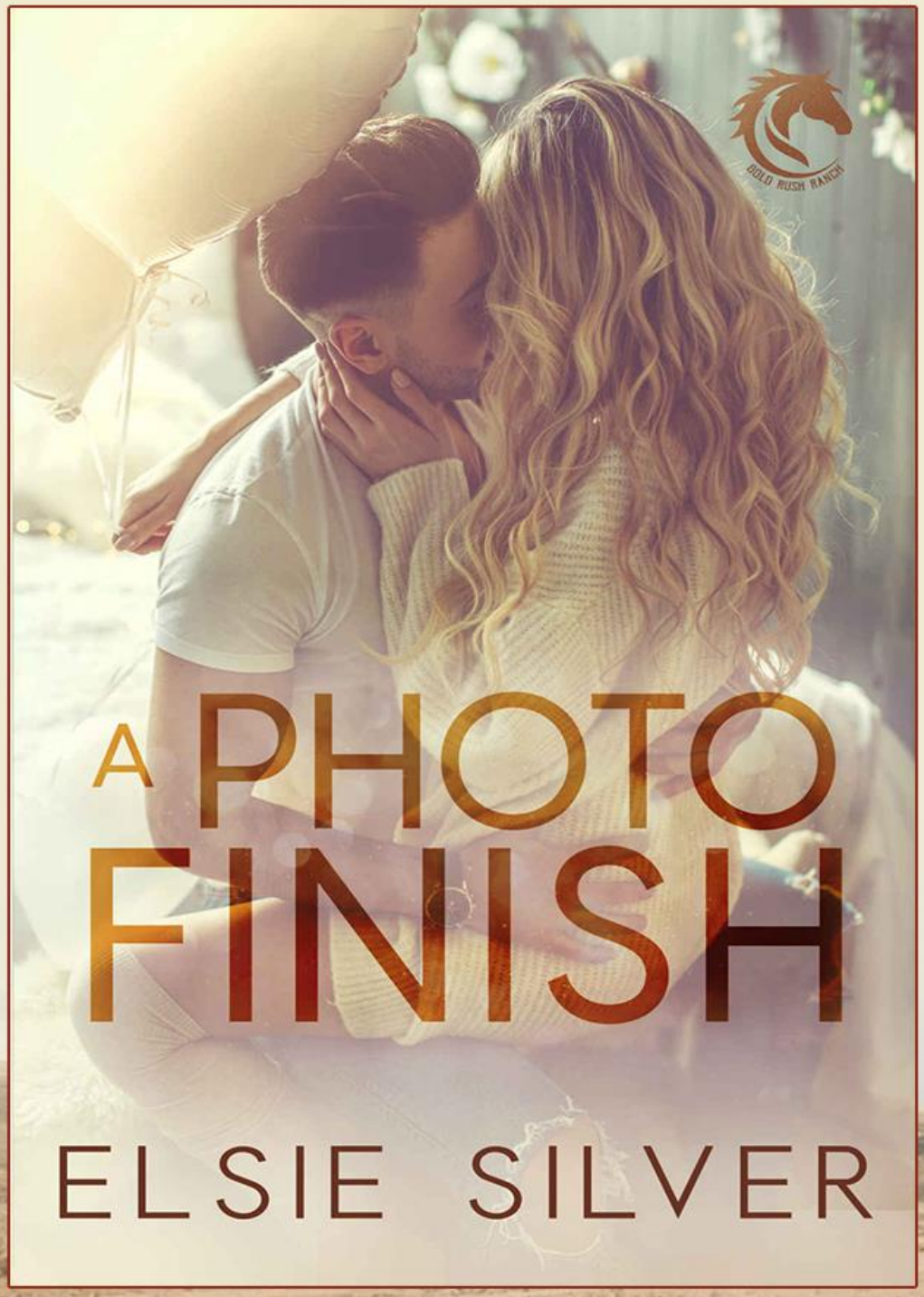
A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Gold Rush Ranch

LANÇAMENTO



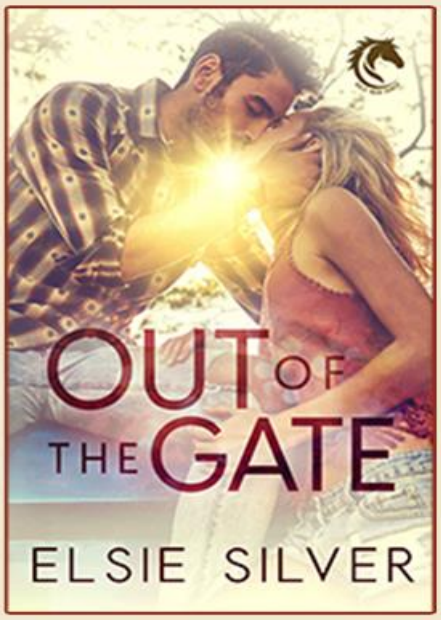
LIVRO DOIS

Gold Rush Ranch

ORDEM DE LEITURA



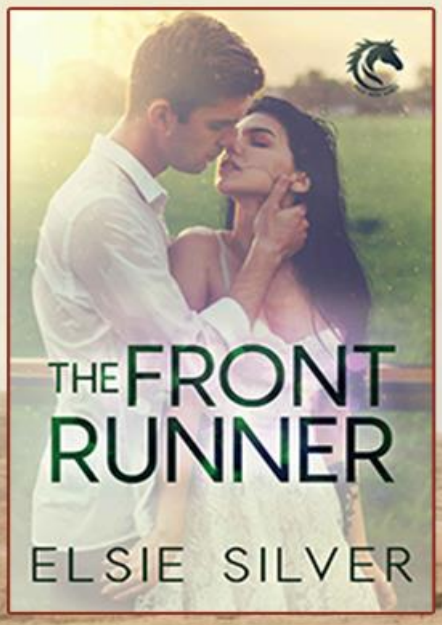
#1



#1.5



#2



#3



#4

SINOPSE

Eu vi cada centímetro quadrado do corpo delicioso de Violet Eaton e ela não tem ideia de quem eu sou.

Até agora.

O que acontecia entre nós online, em nossos chats, era para ficar no anonimato e no passado.

Até que isso não aconteceu.

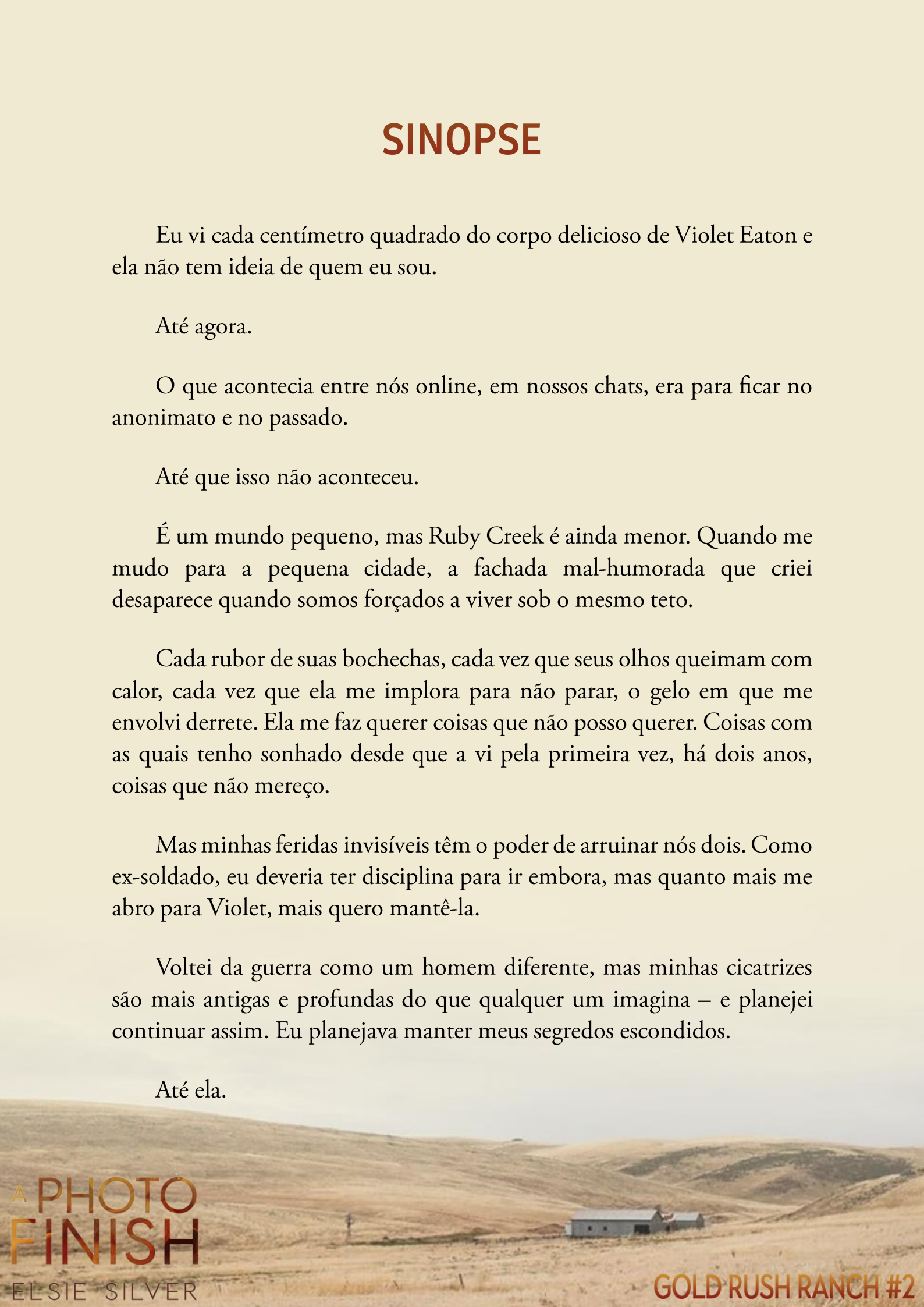
É um mundo pequeno, mas Ruby Creek é ainda menor. Quando me mudo para a pequena cidade, a fachada mal-humorada que criei desaparece quando somos forçados a viver sob o mesmo teto.

Cada rubor de suas bochechas, cada vez que seus olhos queimam com calor, cada vez que ela me implora para não parar, o gelo em que me envolvi derrete. Ela me faz querer coisas que não posso querer. Coisas com as quais tenho sonhado desde que a vi pela primeira vez, há dois anos, coisas que não mereço.

Mas minhas feridas invisíveis têm o poder de arruinar nós dois. Como ex-soldado, eu deveria ter disciplina para ir embora, mas quanto mais me abro para Violet, mais quero mantê-la.

Voltei da guerra como um homem diferente, mas minhas cicatrizes são mais antigas e profundas do que qualquer um imagina – e planejei continuar assim. Eu planejava manter meus segredos escondidos.

Até ela.



EPÍGRAFE

"Há algo no exterior de um cavalo que é bom para o interior de um homem."

- Winston Churchill

1



Violet

Eu realmente acabei de ganhar o Denman Derby?

Tudo ao meu redor se move em câmera lenta. As orelhas pretas pontudas à minha frente, levando à juba preta brilhante no pescoço que balança em um ritmo constante abaixo de mim. Meus dedos se enroscam nessa crina, segurando-me pela minha querida vida.

Olho por cima do ombro para garantir que realmente cruzei a linha de chegada. Que eu não desmaiei e perdi um pedaço da corrida. Talvez haja outra volta? Talvez eu tenha estragado tudo como a total novata que sou.

Mas ao meu redor, outros cavalos e jóqueis estão diminuindo a velocidade, puxando para cima. Pôneis nos cercam para agarrar os cavalos de corrida empolgados. Eu até ouço palavras de parabéns vindas de meus concorrentes. O que é bom porque não tenho nada a ver com estar aqui em um cavalo como este, vencendo uma corrida de tanto prestígio.

Esta é minha segunda corrida *e* acabei de me classificar para o The Northern Crown. Isso é pura sorte idiota. Isso é inédito.

Eu balanço minha cabeça, tentando limpar meus pensamentos, e os sons ao meu redor voltam correndo. Aplausos das arquibancadas, buzina nos alto-falantes, o número em nossa almofada de sela piscando no campo interno.

Nós realmente fizemos isso.

Eu me jogo em seu pescoço preto brilhante, envolvendo meus braços em volta dele e me aninhando em seu pelo suado. Minha garganta se fecha com a emoção e meus olhos lacrimejam quando murmuro: — Quem é o melhor garoto?

Quando me sento, desaceleramos para uma caminhada. Terminada a corrida, ele não fica nervoso por muito tempo. DD é um grande e velho ursinho de pelúcia, embora nem sempre tenha sido. Não faz muito tempo que ninguém queria chegar perto dele. Mas sua nova treinadora, Billie, trouxe-o de volta e, de alguma forma, tive a sorte de conseguir cavalgar com ele.

Sento-me e dou algumas rédeas a DD enquanto caminhamos casualmente para fora da pista em direção ao círculo do vencedor. Acho que é isso que devo fazer. O alarme corre através de mim quando percebo que realmente não sei o que fazer aqui. Conheço o Bell Point Park, mas nunca ganhei uma corrida de grandes apostas antes.

Um momento depois, Hank, o gerente do celeiro do Gold Rush Ranch, está ao meu lado, dando tapinhas na minha perna e olhando para mim com uma alegria pura e contagiante. Seus olhos verdes fortemente marcados brilham de emoção. — Parabéns, Violet. Eu não poderia estar mais orgulhoso de você.

Pisco rapidamente e desvio o olhar. Hank tem aquela vibração de pai por excelência. Ou vibração de vovô? Não tenho certeza, realmente. Ele tem idade suficiente para estar aposentado, mas aqui está ele trabalhando na fazenda todos os dias como se fosse uma espécie de galinha da primavera.

O sorriso que devolvo é aguado. A realidade de tudo está afundando, e é avassaladora. — Obrigada, Hank.

Ele estende a mão e agarra as rédeas perto do freio de DD. — Uau, garoto. — Ele nos puxa para o lado sob a sombra de uma árvore. — Vocês dois esperem um momento antes de irem para lá. Algumas respirações profundas para se orientar.

Eu poderia abraçar Hank neste momento por saber o que eu preciso agora, mesmo que eu esteja muito chocada para perceber isso.

— Obrigada. — Sorrio para ele e então fecho meus olhos para tomar aquelas respirações profundas que ele recomendou.

Até algumas semanas atrás, eu era cavalariço no Gold Rush Ranch. Às vezes, piloto de exercícios quando minha amiga e treinadora principal, Billie Black, pedia-me para ajudar. Imagine minha surpresa quando ela anunciou que eu seria a nova joqueta de um dos cavalos de corrida mais talentosos que já vi. Uma corrida ruim com o favorito local Patrick Cassel como jóquei foi o suficiente para ela colocá-lo na lista negra e substituí-lo por mim.

Então, eu tive sorte e agora tenho certeza de que todos vão notar. Vai chamar meu blefe.

Quando sinto que parei de girar, jogo os ombros para trás e estico o queixo. A respiração de DD ficou mais lenta e posso ouvi-lo mastigando o freio em sua boca. Um sinal claro de que ele também está se sentindo mais relaxado.

Finja até conseguir, Vi. Não importa como cheguei aqui. Fiz aquela corrida e não foi fácil. DD e eu merecemos essa vitória, e vou aceitá-la com graça, em vez de me culpar por não a merecer.

— Ok. Estou pronta.

Com um aceno certeiro, Hank cacareja, incitando DD a avançar, e nós nos dirigimos para o circo que é o círculo dos vencedores.

Billie está lá, com grandes óculos escuros para cobrir o que tenho certeza que são olhos manchados de lágrimas. Vaughn, um dos dois irmãos que agora são donos do Gold Rush Ranch, também está lá. Braço serpenteando ao redor de sua cintura possessivamente.

Eu não posso deixar de sorrir. Obviamente, seu plano de recuperar Billie valeu a pena quando ele caiu em si. Dou uma piscadela para ele quando Billie corre para abraçar DD e a mim. Ela choraminga algo sobre me amar, mas também está com raiva de mim por não ter contado a ela o plano. Eu apenas rio. Ela vai me perdoar eventualmente. Contar a ela qualquer coisa teria arruinado a surpresa mais romântica de todas.

— Você pode me fazer pagar depois — eu sussurro em seu cabelo castanho bagunçado enquanto me inclino para retribuir o abraço.

Vaughn é o próximo, optando por um aperto de mão firme em vez de um abraço. Seu sorriso é largo e genuíno, seu peito estufado com orgulho. — Parabéns, Violet. Lindamente montado.

— Obrigada pela oportunidade — eu digo, sorrindo de volta como uma maníaca total. Porque, sério, quem coloca um cavalariço de 26 anos completamente não comprovado em um cavalo como *este* para uma corrida como *esta?*

Meus olhos disparam quando alguém se aproxima de nós, ao lado de Vaughn. Eu sinto meus olhos se arregalarem quando ele chega e me repreendo internamente. Minha cara de pôquer deixa algo a desejar. Isso é algo que eu sei e ainda não consigo controlar. Meus sentimentos estão constantemente escritos em meu rosto. Como um grande sinal de néon piscando. E agora não é exceção.

O homem é claramente o irmão mais velho de Vaughn, Cole. Eu já ouvi muito sobre ele, principalmente Billie reclamando sobre como ele é um idiota e fazendo piadas sobre ele ser um robô, o que eu posso ver, olhando para ele agora. Onde todo mundo está exultante – comemorativo – ele parece absolutamente assassino.

Assassino e delicioso.

Eu não sei se as endorfinas correndo por mim agora estão me deixando tonta, ou se ser tão feliz mata células cerebrais, mas não consigo desviar o olhar do homem lindo. Mesmo que ele esteja carrancudo para mim, eu o bebo como o champanhe que mal posso esperar para beber quando este dia louco acabar.

Ele se parece com Vaughn, mas totalmente diferente. Mais duro, mais imponente. Onde Vaughn é alto e magro, seu irmão é forte e largo. Seus ombros empurram contra o paletó, como se

pudessem rasgá-lo se ele flexionasse com força suficiente. Meus olhos descem para sua cintura fina e coxas poderosas. *Controle-se, Violet. Você está praticamente ofegante.*

Quando imaginei o irmão recluso, que passa o tempo todo no escritório do centro, aquele que nunca põe os pés na fazenda, não foi *isso* que imaginei.

— Oi! — digo um pouco brilhante demais. *Desgosto.* — Eu sou Violet. — Estendo minha mão para ele enquanto as pessoas e as câmeras se aglomeram ao nosso redor.

Ele não retribui meu sorriso, no entanto. Seus lábios bem torneados permanecem pressionados em uma linha plana, e seus olhos cinzentos me queimam de onde ainda estou sentada nas costas de DD. Quando sua mão envolve a minha, não posso deixar de perceber o quão grande o homem realmente é. Minha mão e pulso praticamente desaparecem em seu aperto. O raspar quente de sua palma começa suavemente, então ele aperta e se aproxima da sela. Sua mão oposta ergue-se entre nós, e ele entorta o dedo indicador.

Uma ordem silenciosa para me aproximar.

Eu sinto meu coração bater forte no meu peito enquanto me inclino como uma otária total. Como uma mariposa para uma chama.

Espero que ele me dê os parabéns.

O que eu não esperava era que ele me mandasse cambaleando para os erros do passado.

— Prazer em ver você de novo, Pretty in Purple. Eu quase não reconheci você com suas roupas.

Todo o ar em meus pulmões sai em um suspiro audível enquanto me afasto dele.

Não.

Eu o observo, vasculhando suas feições, sentindo todo o sangue escorrer do meu rosto enquanto tento reconciliar minha memória de um homem que trabalhei tanto para esquecer.

De jeito nenhum.

Só existe uma pessoa no mundo que saberia me chamar assim, que teria a ousadia de dizer dessa forma. Minhas bochechas esquentam quando as memórias do ano passado vêm para mim rapidamente.

Essa parte da experimentação juvenil da minha vida deveria ser um obstáculo no meu caminho para a independência total.

Essa parte da minha vida deveria ter permanecido anônima e no passado.

Quando eu o fantasiei sem dizer uma palavra, ele deveria ficar onde eu o deixei.

Ele não deveria importar para mim.

Mas quando me afogo em seus olhos cinzentos enquanto o circo se enfurece ao meu redor, percebo que ele ainda importa.

2



Cole

Um ano depois...

Não quero me mudar para o Gold Rush Ranch.

Eu odeio isso aqui. E não estou apenas dizendo isso também. É aquela profunda centelha de repulsa em meu esterno que me permite saber que não pertenço a este lugar. Aquele instinto interior que me manteve vivo no exterior se inflama toda vez que chego perto deste lugar. Mas aqui estou eu, correndo pela estrada que me levará direto para lá de qualquer maneira. Se fosse o Iraque, eu faria a volta com minha caminhonete e daria o fora daqui.

Mas aqui não é o Iraque.

É a porra de Ruby Creek, o que honestamente pode ser pior. Tenho certeza de que tudo o que eles têm é um posto de gasolina, uma loja de esquina e um bando de velhas fofoqueiras. Eu odeio cidades pequenas. Odeio como eles são amigáveis, que você deve parar e bater um papo com pessoas que você não conhece e definitivamente não se importa. E odeio que todos conheçam o seu negócio.

Na maioria dos dias, acho que posso simplesmente odiar as pessoas, mas mesmo eu não quero ir tão longe. Aquele escuro.

Eu gosto da minha privacidade. Gosto do meu espaço, sossegado e arrumado. E não gosto que me façam perguntas investigativas. Tudo o que sei será testado no minuto em que pisar no rancho da família. Vaughn já era ruim o suficiente, o perpétuo irmãozinho constantemente beliscando meus calcanhares, mas agora ele está noivo e morando aqui com Billie Black. Também conhecida como a mulher mais desagradável do mundo.

Não me interpretem mal, estou feliz por eles. Por mais que me faça revirar os olhos ao admitir, eles são meio doces juntos. E Billie é boa para meu irmãozinho. Mas os dois são tantos raios de sol e arco-íris que você quase precisa de óculos de sol para estar na presença deles. E tampões para os ouvidos. A conversa nunca para.

Eu gemo só de pensar em como terei pouca paz no Gold Rush Ranch.

Penso em cavalgar pelas trilhas com meu pai. Penso na maneira como rimos juntos, na maneira como ele sorriu para mim e em sua paixão por corridas de cavalos. Como ele sempre parecia feliz quando me via em um cavalo, como eu sempre ficava feliz em passar um tempo com ele. E então, enquanto faço a curva na estrada secundária que me leva até lá, penso *nela.*

Isso vai ser mais complicado de lidar do que o resto. Eu deveria ter mantido minhas cartas mais perto. Eu não deveria ter perdido o controle assim. Poderia ter mantido meu anonimato. Mas quando vi o rosto que me perseguiu todas as noites no ano

passado, aquele que nunca esquecerei, todo radiante, puro e despreocupado, fiz o que sempre faço.

Eu estraguei tudo.

Papel branco imaculado, e de propósito derrubei tinta nele. Líquido preto escorrendo, estragando a página não marcada.

Passei um ano inteiro desde aquela corrida evitando-a a todo custo. Joguei uma bomba atômica na garota e fui embora. Muito na marca para mim. *Você é um idiota do caralho.*

Meus dedos pulsam no volante e meus molares rangem uns contra os outros enquanto a ansiedade aumenta em meu peito. Vejo a placa do Gold Rush Ranch balançando em suas correntes bem na frente da entrada arborizada bem cuidada. Eu bufo. Este lugar não é mais um rancho. É uma instalação de corrida de cavalos de classe mundial e muito diferente do que meus avós começaram.

Tanta história.

Eu não deveria estar vindo para este lugar cheio de memórias que me perseguem e pessoas que não me entendem. E quem nunca vão entender, porque eu não pretendo deixá-los.

Mas prometi ao conselho de administração da Gold Rush Resources, a outra empresa familiar, que pegaria a nova aquisição que fizemos na próxima cidade e a transformaria. Eu disse a eles que não voltaria até que tivesse lucro. E neste momento, não consigo entender por que fiz uma promessa como essa.

Entro na entrada circular e olho em volta para a propriedade. Eu tenho que dar a Vaughn, o lugar está imaculado. Os cavalos, a

cerca, até as flores. Ele assumiu há um ano, e o lugar floresceu. Odeio admitir que há uma pequena parte de mim que gostaria que ele voltasse para os escritórios no centro de Vancouver. Eu meio que gosto de tê-lo por perto.

Em vez disso, ele começou uma vida totalmente nova para si mesmo aqui, e estou quase com inveja de sua capacidade de se recriar completamente enquanto continuo vivendo na mesma rotina, aconchegada na lama que meus pneus girando criaram.

Meus olhos se fecham e eu respiro fundo, centrando-me, a palma da minha mão cavando em minha coxa direita enquanto tento encontrar alguma calma interior. A respiração profunda é algo que minha terapeuta recomendou. Eu disse a ela que parecia hippie, lixo da Nova Era. Ela apenas me deu um olhar vazio – ela me conhece muito bem. O que significa que ela provavelmente sabe que tenho tentado secretamente, e está funcionando, então não teremos que falar sobre isso como um mecanismo de enfrentamento novamente.

Toc, toc, toc.

— Ei, cara! Você está tirando uma soneca? Eu sei que você é velho, mas isso é um pouco demais.

Se eu fingir que Billie Black não está aqui, ela vai desaparecer? Como uma invenção irritante da minha imaginação que eu posso desejar quando comandar?

Eu forço meus olhos abertos e lentamente viro meu olhar para ela. Dou a ela o meu melhor olhar fulminante. Aquele que manda a maioria das pessoas correndo. Ela apenas sorri de volta para mim ainda maior. *Certificável.*

Billie solta uma gargalhada e se vira, acenando para mim. — Quando você se recuperar, Vaughn estará em seu escritório.

Já odeio trabalhar no Gold Rush Ranch.

U

— Parece que você vai matar alguém.

Eu faço uma careta para Vaughn em sua mesa enquanto me jogo em uma cadeira. — Eu sinto que poderia.

Ele arqueia uma sobrancelha. — Por quê?

— Você sabe que eu não gosto daqui.

— Sei. Mas a nova mina está em Hope... por que você não procurou um lugar lá?

Esfrego a mão no rosto. Vaughn sempre foi tão cheio de perguntas. Lembro-me dele atrás de mim perguntando incessantemente, e com cinco anos entre nós, eu não gostava muito de explicar coisas como por que a letra *c* tantas vezes faz um som de *k*.

Parece desnecessariamente cruel dizer a ele que tentei todas as opções disponíveis para mim, apenas para descobrir que não há muito em termos de aluguel de longo prazo na pequena cidade. Parece que você mora lá ou não. E eu não estava prestes a comprar uma casa em uma cidade de merda ou ficar com as baratas no Motor Inn apenas para cumprir minha promessa ao conselho.

— Esse trajeto é bem curto. Você tem um escritório vazio aqui. Parecia a escolha óbvia. — Isso deve apaziguá-lo.

Vaughn sorri. — Apenas admita isso.

Cruzo os braços sobre o peito, a única armadura que tenho hoje em dia. — Admitir o quê?

— Você estava com saudade de mim. — Seu sorriso arrogante me faz querer derrubá-lo e lembrá-lo de quem é mais forte. Em vez disso, apenas o encaro, minha expressão padrão.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição. — Está bem, está bem. Você sentiu falta de Billie.

Desta vez, eu gemo e olho para o teto. *Amo meu trabalho, amo meu trabalho, amo meu trabalho. Trabalhar no escritório vago no final do corredor será* ótimo.

— Você está certo. Não é isso... Oh! Eu sei... — Pelo canto do olho, posso vê-lo inclinar-se para a frente sobre os cotovelos e colocar as mãos na frente da boca. — Você sentiu falta de Violet.

De repente, o som do meu coração bate alto, como um tambor autoritário batendo em meus ouvidos. Ele bate por todo o meu corpo. *Por que diabos ele iria adivinhar isso?*

Anos de treinamento militar significam que posso parecer que não estou reagindo quando estou. É por isso que eu olho para ele e digo inexpressivo: — Quem?

Seu olhar inteligente examina meu rosto, diversão dançando naqueles olhos que me lembram tanto de nosso pai. Ele pegou os escuros e eu peguei os claros de nossa mãe, e nós dois de alguma

forma tivemos sorte em nossa altura – talvez isso seja do vovô Dermot.

— Bem. — Ele se levanta abruptamente, e meus ombros caem gradativamente quando muda completamente de assunto e diz: — Vamos acomodá-lo então.

Vaughn me leva até o estacionamento e entra em seu Porsche vistoso. Ele pode ter desistido de usar terno todos os dias, mas ainda não se livrou disso. — Por que você ainda dirige essa coisa? Você mora no meio do nada em um monte de estradas de cascalho.

Ele me bate com seu sorriso de menino característico. — Porque isso irrita Billie. — E então ele bate a porta, e tenho que acompanhá-lo nas estradas vicinais. Ele dirige como um maníaco. Sempre me pareceu que tudo é diversão e brincadeira para Vaughn. Ele tem trinta e um agora e ainda se diverte espalhando cascalho nas curvas.

Quando paramos na casa da fazenda azul, devo dizer que estou surpreso. Eu esperava ser relegado para a casa de hóspedes, não para a casa principal. A casa que nosso avô Dermot construiu. A casa onde meu pai cresceu.

Meus instintos de voo entram em ação novamente. *Eu deveria sair daqui enquanto ainda posso.*

Saindo da minha caminhonete preta, pergunto a Vaughn: — Por que você e Billie não estão morando na casa principal?

Ele remexe em um chaveiro cheio demais. A desorganização disso faz meu olho estremecer.

— Billie gosta da casa de hóspedes. Nós começamos lá e nunca saímos, eu acho. Você terá mais espaço para se acomodar aqui de qualquer maneira. — Ele quer que o golpe seja engraçado, mas acerta com algum peso. Odeio que me atinja desse jeito.

Quando ele desliza a mão ao longo da porta e a abre, fico surpreso ao encontrar o espaço atualizado desde a última vez que pisei na casa. Leve e arejado, como se pertencesse a uma revista *Country Living*. Todo branco e azul com madeira exposta. E cheira a *limpo*. Como devidamente limpo. Limpo de uma forma que acho que meu irmãozinho não consegue.

Inclino-me na soleira e inalo o cheiro de limão. Talvez até um pouco de alvejante. — Você contratou uma faxineira?

Vaughn apenas bufa. — Não. Billie insistiu em limpá-la para você.

Eu arqueio uma sobrancelha para ele como se dissesse: *Crazy Billie fez isso por* mim*?* Mas, na verdade, meu peito aperta com o pensamento de que alguém que não tentei muito cativar tornou o espaço tão agradável para mim.

Meu irmão apenas acena para mim e entra em casa. Com os sapatos calçados. Meus dentes rangem.

— Aparentemente, a casa dela estava uma bagunça quando ela se mudou para cá, e ela nunca me deixou esquecer isso. Além disso, ela está atualizando lentamente esta casa como um projeto paralelo. Disse que precisava de um novo começo...

Eu sei que ele está se referindo ao fato de nossos avós viverem aqui até cada um de seus respectivos dias de morte. Eu também

os amava, mas Vaughn e nosso avô, Dermot, tinham uma conexão que eu não conseguia segurar. Uma que fez ele quase estragar seu relacionamento com Billie.

Então, embora esta casa o lembre de Dermot, quase dolorosamente me inunda com lembranças do meu pai. Meu ídolo, que vi cair de um cavalo no meio da corrida e nunca mais levantar. Vaughn era jovem quando nosso pai morreu para amarrar memórias dele a este lugar, enquanto cada maldita coisa no rancho me lembra dele.

Eu limpo minha garganta, forçando-me a sair dessa linha de pensamento. — Ela fez um bom trabalho.

Os olhos de Vaughn saltam um pouco, como se eu o tivesse chocado ao elogiar sua noiva. *Eu sou realmente tão ruim?*

— Vou deixá-la saber — ele responde com um olhar engraçado em seu rosto. — E Cole, se você quiser... não sei, beber uma cerveja ou algo assim, avise-me. Eu estaria no jogo para isso. Você não precisa se esconder sozinho aqui.

Eu o encaro de volta, vendo a criança desamparada que deixei para trás quando embarquei no avião e parti para o treinamento básico. Eu nunca soube como pedir desculpas a ele por ir embora, e talvez não precise, mas sentir que deveria, sempre me deixou desconfortável perto de Vaughn. Eu gostaria de estar perto dele, mas isso provavelmente significa discutir coisas que prefiro evitar. *Tenho certeza de que os ouvidos da minha terapeuta estão zumbindo agora.*

Falando nisso, levanto meu pulso para verificar meu relógio. — Tenho uma ligação que preciso atender imediatamente, mas

talvez em outra hora. — Não perco a maneira como os ombros do meu irmão caem quando me viro para pegar minhas malas na caminhonete. *Teria matado você dizer sim a uma cerveja?*

Ele sai valsando atrás de mim, aquele sorriso fácil enfeitando seu rosto novamente, e estou momentaneamente com ciúme de sua capacidade de se recuperar rapidamente, a maneira como a merda simplesmente rola para fora dele enquanto parece grudar em mim.

— Vejo você mais tarde! — ele grita enquanto coloca seus óculos escuros e se acomoda em seu carrinho bobo.

Eu resmungo de volta e ofereço um aceno conciso, sentindo-me extremamente consciente de como estou rosnando. Como somos diferentes.

Com a porta fechada, subo as escadas até o quarto principal para desfazer as malas, e não vou mentir, estou aliviado ao descobrir que é tão meticuloso quanto o andar de baixo. Eles pintaram o quarto em cinzas suaves e brancos quentes. É um pouco feminino, mas parece fresco. Eu até abro um pequeno sorriso quando vejo o jeito que Billie abaixou as cobertas e deixou um chocolate no meu travesseiro. Ela é realmente ridícula.

Dobro minhas roupas na cômoda com cuidado e coloco tudo no banheiro especificamente como eu gosto. Em linha reta. Organizado. E um pouco de TOC sobre colocação. Alguns hábitos que você adquire nas forças armadas nunca o abandonam.

Quando meu telefone toca, afundo na cadeira de balanço de carvalho no canto e deslizo para aceitar a chamada de vídeo. O rosto pequeno e fortemente marcado da minha terapeuta preenche

a tela como se ela estivesse olhando através de um par de binóculos ou algo assim. As lentes de seus óculos bifocais são tão grossas que parecem lupas sobre seus olhos enquanto ela franze a testa para o telefone como se estivesse realizando algum tipo de feitiçaria. Uma pilha de pulseiras de prata balança em seu pulso enquanto ela tenta segurá-la em diferentes posições.

— Cole, não tenho tanta certeza disso. Eu não fico bem de nenhum ângulo nessa coisa — ela reflete distraidamente, acariciando seu cabelo com uma mão pequena e enrugada.

— Olá, Beatrice — respondo, sem me importar com os ângulos da minha terapeuta de setenta e poucos anos.

Ela me critica enquanto se acomoda em sua cadeira: — Falo com você há dois anos. Estou cansada de dizer para você me chamar de Trixie.

Eu sufoco o arrepio que corre pela minha espinha. Há algo em chamar uma mulher adulta de Trixie que parece errado para mim, e eu meio que gosto de provocá-la, para ser honesto.

Um lado da minha bochecha se levanta enquanto olho para a tela. Seu consultório difere de todos os dos outros terapeutas que vi ao longo dos anos. Ela atende pacientes no conforto de sua casa do início dos anos 1900. Tapetes persas cobrem os velhos pisos de carvalho, plantas prosperam em estandes em todos os cantos, cristais balançam nas grandes janelas e arte de suas décadas de viagens internacionais cobrem as paredes. Juro que posso sentir o cheiro do óleo de patchouli que ela espalha pela tela do meu telefone.

Sim, Trixie Bentham é uma velha hippie engraçada. Ela não poderia ser mais oposta a mim ou à minha família. Mas ela também é a única terapeuta que já tive que me tocou. Então, continuo voltando, porque por mais desapegado que eu seja, também sei que preciso dessa terapia. É por isso que ela concordou em fazer videoconferências comigo enquanto estou fora como um caipira.

— Quer que eu lhe diga como estou indo? Sobre como tudo que vejo aqui são lembranças do meu pai morto?

Ela balança a cabeça e sorri. — Eu não sei, querido. É sobre isso que você gostaria de me contar?

Ah, o jogo da pergunta retórica. Um dos meus favoritos. Eu apenas olho para ela, o que nunca funciona, mas faço isso de qualquer maneira.

Exceto que hoje ela cacareja, toda rouca e divertida, enfia os óculos na ponta do nariz e sussurra de forma conspiratória: — Você já encontrou a garota?

— Que garota? — Estou intencionalmente bancando o estúpido.

Ela ri novamente. — Aquela sobre a qual não consegue parar de falar.

3



Violet

Dois anos antes...

Estou realmente prestes a fazer isso?

Eu mordo meu lábio inferior e deixo meu dedo indicador pairar sobre o mouse. Por um lado, esta é uma ideia colossalmente ruim. Isso pode sair pela culatra de muitas maneiras. Mas quem sou eu no grande esquema das coisas? Uma jovem de 25 anos com pouco a mostrar para si mesma – exceto uma nítida falta de experiência de vida e independência.

Crescer em uma fazenda sufocada por um pai superprotetor e três irmãos mais velhos faz isso com uma garota.

Mas agora estou aqui. Na Costa Oeste do Canadá. Novo emprego, novo lugar para morar, muitas possibilidades no horizonte. Agora preciso me conhecer. Para acumular algumas experiências e ultrapassar meus limites.

Não sei por que postar um nu no Clikkit – um fórum online com milhões de usuários que se interessam por uma ampla gama de interesses – é isso, mas parece arriscado... um pouco emocionante... e muito fora do personagem. É para isso que vou fazer. Estou

cansada de ser protegida. Quero me sentir exposta e desconfortável sem ninguém aqui para pular na minha frente.

Eu quero fazer algo jovem e estúpido. Além disso, estou com tesão e solitária.

Eu clico no botão com força. A ponta do meu dedo bate alto no mouse. Eu imediatamente me sinto corar. Começa nos dedos dos pés e sobe pelo meu corpo. Acumula-se entre minhas coxas e rasteja até meu peito antes de manchar meu rosto com seu calor.

Não acredito que acabei de fazer isso.

A imagem me encara de volta. É tirada de cima enquanto estou deitada na minha cama. Você não pode ver meu rosto e estou de calcinha, então não é muito escandaloso. Ok, você pode ver meus seios pequenos, mas na Europa as pessoas vão à praia assim o tempo todo. Não é grande coisa – ou pelo menos é o que eu continuo dizendo a mim mesma. A luz quente da manhã é agradável em minhas feições e é sensual. Normalmente, sou dura com meu corpo. Normalmente, acho tudo um pouco pequeno demais, não o que eu consideraria 'feminino', mas nesta foto... eu me sinto sexy.

Então, foda-se! Olhe para os meus peitos, mundo. Veja se me importo!

Eu quase imediatamente considero excluí-la. Mas a nova Violet Eaton não vai ceder a essa voz em sua cabeça, e meu novo alter ego da internet, Pretty_in_Purple, também não dá a mínima para essa voz.

Eu fecho meu laptop, enfio meus pés em minhas botas paddock e desço as escadas correndo do meu apartamento acima do celeiro no Gold Rush Ranch antes que eu possa mudar de ideia.

U

Nos dias de hoje…

Minha lista de verificação mental está transbordando enquanto coloco o que vou precisar no meu pequeno Volkswagen Golf. Aquele com manchas de ferrugem acima do volante e o canto mastigado do assento de quando meu cachorro de fazenda favorito era um filhote. Aquele no qual coloquei as malas e viajei para longe da casa da minha família quando finalmente saí sozinha há pouco mais de dois anos. Algumas pessoas podem ver um carro que pertence a uma pilha de lixo. Eu? Vejo minha carruagem de ouro para a independência. Eu amo este pequeno carro e tudo que ele representa.

Afasto-me para avaliar tudo o que coloquei no banco de trás e tiro uma mecha de cabelo do rosto. É o primeiro grande dia de corrida da temporada e estou tentando, mal, manter meus nervos sob controle. Esta temporada é minha chance, minha chance de provar que sou uma verdadeira joqueta. Para provar que minhas vitórias na Coroa do Norte no ano passado não foram apenas um golpe de sorte de calouro. Este trabalho deve ser divertido. Trabalho duro, mas divertido. Mas hoje parece extremamente pesado. A pressão pesa sobre mim como um colete de chumbo

invisível. Até mesmo colocar ar em meus pulmões parece exigir concentração.

Eu me forço a fazer um inventário mental de tudo o que está aqui e balanço a cabeça quando percebo o que esqueci. — Merda. Certo. Minhas sedas.

Quão bom isso teria sido? Aparecendo na pista em Vancouver – que fica a pelo menos uma hora e meia da fazenda aqui em Ruby Creek – sem minhas sedas do Gold Rush Ranch. O uniforme preto e dourado que uso em todas as corridas.

Balançando a cabeça enquanto volto para o celeiro, sigo pelo longo corredor de escritórios em direção à lavanderia no final. Eu moro em um pequeno apartamento acima do celeiro, então só lavo minha roupa aqui. Eu cresci em um rancho de verdade, na terra e na neve, geralmente com feno no cabelo, então a ideia de lavar todas as minhas roupas nas mesmas máquinas usadas para lavar cavalos peludos não me incomoda nada.

Estou quase na porta quando ouço.

— Violet.

Aquela voz. O estrondo baixo disso. A ameaça tecida nela. O homem por trás disso. Juro que meus pés criam raízes que brotam e me prendem ao chão. Meu coração bate violentamente em meu peito como se estivesse tentando sair e fugir. E, francamente, não o culpo. Eu também quero sair daqui.

Ele não deveria estar aqui ainda. Eu deveria estar na estrada quando ele aparecesse. Ele deveria estar fora da minha vida. Eu deveria tê-lo deixado para trás. Esquecido dele.

Mas eu não esqueci. Eu lutei comigo mesma, lutei e lutei. Estive com outros homens para provar a mim mesma que estou bem. Mas uma palavra sai de sua boca e eu me pergunto seriamente se estou. Eu poderia correr e me esconder, mas não é assim que o novo eu lida com isso. *A nova Violet não é uma Violet encolhida.* Isso é o que eu continuo dizendo a mim mesma de qualquer maneira.

Talvez um dia pareça verdade.

Então sugo o máximo de oxigênio que posso e mantenho minha cabeça erguida. Recuso-me a deixar que este homem me faça sentir pequena ou envergonhada. Temos um passado comum, mas somos adultos. *Isso vai ficar bem.*

Girando em um salto, eu me viro e volto para o escritório pelo qual acabei de passar. Aquele que está vazio há anos. Paro logo na entrada, em parte porque não quero ir mais longe e em parte porque estou cambaleando. Basta olhar para Cole Harding, sentado atrás de uma mesa em um terno escuro, girando as abotoaduras de sua camisa, para eu perder toda a bravata com a qual acabei de me gabar. Literalmente a sinto rolar para fora de mim como se alguém tivesse me encharcado com um balde de água fria. A reação do meu corpo a ele nunca foi normal, e hoje não é exceção.

O cabelo escuro, os olhos cinzentos, os ombros quadrados, a inclinação triste da boca. Ele cruza os braços sob o meu olhar, e reviro meus lábios com a visão. Apenas a maneira como ele se move, tão seguro e calculado, deixa-me distraída. Há tanto poder enrolado em cada centímetro de seu corpo. O corpo de um soldado.

Seus bíceps são onde meus olhos pousam e onde eles ficam. Eles são incríveis. Eu me pergunto como eles ficariam completamente nus, como eles se sentiriam ao meu redor. Eu me odeio por ir lá. Mas mantenho meus olhos fixos neles, porque é menos enervante do que olhar para ele naqueles olhos cheios de alma. Piscinas prateadas, profundas e assombradas e cheias de redemoinhos. Aqueles cheios de raiva, dor e tristeza. Esses são um problema muito maior para mim. E para o meu coração.

— Violet — ele diz meu nome como se fosse uma frase, um pensamento completo. Como se eu devesse saber exatamente o que ele quer dizer quando diz isso. Mas não sei *nada* a respeito de Cole Harding. Acho que na verdade sei menos do que tudo. Além disso, o cabelo em meus braços está arrepiado como se houvesse uma corrente elétrica passando por mim, e meu estômago está revirando como se eu tivesse acabado de cair do ponto alto de uma montanha-russa. O que é adequado, porque minha história com Cole não é nada além de uma montanha-russa.

— Todo mundo me chama de Vi. — Eu odeio como minha voz sai baixa. Odeio a forma como meu nome soa em seus lábios, muito formal e muito familiar ao mesmo tempo.

Seus olhos percorrem meu corpo, mas ele não sorri. Não é apreciativo. É mais como se ele estivesse me avaliando, como se eu fosse uma bagunça que precisasse ser limpa e ele estivesse tentando descobrir como. A vergonha toma conta do meu estômago, flashes da maneira como ele falou comigo uma vez e como isso me aqueceu até os ossos surgem na minha cabeça, mas

faço o meu melhor para afastá-la. Eu trabalhei muito duro para seguir em frente para cair na toca do coelho novamente.

— Eu não sou todo mundo — diz ele claramente.

Eu assobio enquanto sugo o ar, tentando não soar como se estivesse ofegando por isso. Tentando não revelar o fato de que ele acabou de me deixar sem fôlego com suas palavras. O sangue corre em meus ouvidos e empoça em minhas bochechas, como sempre acontece. *Você fica linda pra caralho de rosa.* Ele me disse isso uma vez, e agora preciso de todas as minhas forças para não deixar minha mente e meu corpo voltarem para aquele dia.

— O que você quer Cole?

Seus olhos piscam, e seu corpo fica rígido enquanto sua mandíbula estala. Como se de alguma forma sou eu quem o está incomodando quando foi ele quem me chamou aqui. Ele poderia ter ficado de boca fechada, e eu não teria percebido. Poderíamos ter evitado todo esse encontro.

— Eu só quero ter certeza de que estamos na mesma página. Que podemos continuar a ficar fora do caminho um do outro enquanto trabalho aqui. Que você pode manter as coisas... — seus olhos deslizam pelo meu corpo e depois voltam — profissionais.

Profissionais. Nada entre nós jamais foi profissional. Ele me viu nua, pisoteou meu coração e depois apareceu do nada apenas com olhares legais e palavras zombeteiras, e agora espera que *eu* mantenha as coisas *profissionais?* A indignação aumenta em mim pelo fato de ele se sentir no direito de ditar como devo me comportar. Como se eu não enfrentasse o suficiente disso nesta indústria como ela é. É um ponto sensível, e ele deveria saber.

Passei longas noites contando a ele sobre minha infância. Sobre como eu comecei por conta própria. E agora ele vai entrar aqui e falar assim *comigo?* Sem chance.

— Deixe-me ser clara, Cole. — Desta vez, não deixo minha voz vacilar e não olho para seus bíceps. Eu olho diretamente em seus olhos de aço. — Este é o *meu* local de trabalho e não sou nada além de profissional. O jeito que você está falando *comigo* agora? Não é profissional. Então, vou continuar fazendo exatamente o que tenho feito no ano passado e *você* pode ficar fora do *meu* caminho. Acha que consegue?

Seu corpo recua ligeiramente e seus olhos se arregalam. Como se ele não visse isso chegando. Não *me* viu chegando. E ele me ataca por isso. Vejo o lampejo de insegurança em seu rosto antes de ele vomitar suas palavras de volta para mim. E é essa pitada de tristeza que as morde.

— Pretty in Purple era tão doce. O que aconteceu?

Eu balanço minha cabeça para ele com tristeza. Porque, no final das contas, é isso que sinto quando o vejo, quando penso nele. Tristeza.

— Parece que você confundiu Pretty in Purple com um capacho.

Eu olho para ele apenas tempo suficiente para ver o olhar desamparado em seu rosto, a rachadura em seu exterior frio, antes de me virar e ir embora. A lança no meu maldito coração. Golddigger85 está tão perdido quanto antes, tão complicado. Tão quebrado quanto. E já decidi que não vou tolerar a maneira como

ele ataca. *Todos nós fazemos escolhas.* Foi o que ele me disse uma vez, e não estava errado.

É por isso que eu segui em frente. É por isso que desapareci sem dizer uma palavra. É por isso que esse constrangimento entre nós agora é culpa dele, não minha. Minha cabeça sabe exatamente quais escolhas fazer no que diz respeito a Cole Harding.

Mas meu coração?

Não tenho tanta certeza.

4



Violet

— Cole se mudou hoje.

Enfio o pé na bota com mais força do que o necessário, grunhindo enquanto faço isso, e então me ocupo de limpá-la com o trapo do banquinho ao meu lado. Basicamente, estou tentando ignorar Billie, que está sorrindo para mim como uma maníaca.

— Você não vai dizer nada?

Eu olho de soslaio para ela e dou de ombros. Porque a resposta é não, não vou dizer nada. Billie Black, minha chefe e treinadora-chefe do Gold Rush Ranch, tornou-se uma das minhas melhores amigas no ano passado. E eu vim a conhecê-la bem. Ela é como um cão de caça com um faro, ela é inteligente e intuitiva, e qualquer coisa que disser ela guardará em seu louco cofre de memória até desempacotar e extrapolar seus dados. E então ela vai descobrir como eu conheci Cole.

O que significa que não poderei olhá-la nos olhos sem corar como o tom vermelho dos bombeiros.

— Nop — eu digo, estalando o som *p,* enquanto fico de pé na frente de nossa barraca de arreios e alcanço as sedas pretas e amarelas do Gold Rush Ranch.

— Viiiiii — ela geme — isso está me *matando*! Faz um ano. Eu vi seu rosto naquele dia. O que ele disse para você? Dê-me algo.

Eu sinto a leve pitada de calor subindo pelo meu peito. Ela é implacável. — Ok. Nós nos conhecemos online há alguns anos. Conversamos um pouco.

Ela esfrega os dedos longos no queixo enquanto me olha. — Como algum tipo de amigo por correspondência veterano?

— Algo parecido. — Aceno para ela. — Agora me deixa em paz. Preciso pesar e entrar no espaço certo se você espera que eu vença.

— Está bem, está bem. Venha me encontrar quando terminar, e prometo que não vou perguntar sobre isso de novo. — Ela balança as sobrancelhas enquanto se levanta para sair. — Até depois da corrida.

Reviro os olhos enquanto caminho pelo beco do celeiro em direção aos escritórios da pista. Em direção ao círculo do vencedor de Bell Point Park. O mesmo lugar onde Cole Harding voltou para minha vida.

Lembro-me de estar sentada nas costas de DD, impressionada com nossa vitória no Denman Derby, quando um homem que era claramente o irmão de Vaughn se aproximou de mim. Lembro-me de pensar que ele parecia uma nuvem de tempestade sinistra pairando sobre uma celebração tão brilhante e alegre. Lembro-me da forma como sua mão enorme engolfou a minha, o calor dela, o

peso dela, enquanto ele entortava um dedo para que eu me aproximasse. E eu me lembro do calor em meu corpo evaporando e todos os sons ao meu redor se transformando em ruído branco quando me inclinei para ouvi-lo dizer: — Prazer em ver você de novo, Pretty in Purple. Eu quase não reconheci você com suas roupas.

Apenas relatar a memória me faz corar. Mas também ainda estou agitada pela maneira como ele pegou um dos momentos mais felizes da minha vida e o contaminou com *isso.* A maneira como ele jogou na minha cara quando soube que tinha a vantagem.

Veja bem, Cole Harding sabia exatamente como eu era. Como cada centímetro de mim parecia. E eu ainda não tinha ideia de quem ele era – uma verdadeira ferida para mim – até aquele momento.

Acontece que ele é o chefe do meu chefe. O futuro cunhado de Billie, e agora ele está se mudando para o único espaço seguro que criei para mim nos últimos dois anos. Um lugar onde eu posso ser uma versão bem-sucedida e independente de Violet Eaton sem ninguém me mimando. Não sou a mesma garota de dois anos atrás, quando respondi àquela mensagem. E o que aconteceu entre mim e Cole? Isso nunca mais vai acontecer.

Acho que meu coração não aguentaria. E definitivamente não meu orgulho.

É por isso que colei um sorriso vacilante no rosto e disse a ele para ir se foder antes de sentar e me forçar a aproveitar a vitória.

Quando aceitei seu pedido de bate-papo, não esperava passar meses conhecendo o homem. E quando o fantasiei naquela sala de bate-papo um ano depois, não esperava ficar cara a cara com ele. Eu empurrando anonimamente meus próprios limites e vivendo um pouco acabou sendo muito mais. E agora, todo o meu castelo de cartas está prestes a desabar ao meu redor. Porque ele está aqui, no rancho, ameaçando aquele amortecedor que tanto tentei preservar.

Eu mantenho minha cabeça baixa enquanto me preparo para a corrida noturna. Posso ter uma vitória da Coroa do Norte em meu currículo, mas ainda me sinto como a nova garota do quarteirão. Inexperiente e fora do meu alcance. Ainda me sinto presa à mentalidade de morar em casa sob o olhar atento e o envolvimento autoritário de meu pai e três irmãos mais velhos. Ainda me sinto como uma criança que não pertence.

Depois de pesar, volto para a baia de DD e enfio meus fones de ouvido. Um pouco de Shania Twain nunca deixa de me colocar no espaço certo. Lembra minha infância.

Antes de me tornar a cavaleira interna do Gold Rush Ranch, eu era um cavalariço humilde. Uma garota que se mudou para a Colúmbia Britânica de sua casa em uma pequena cidade em Alberta com pouco mais a mostrar além de uma boa ética de trabalho e muito desespero para abrir seu próprio caminho.

O problema é que eu gostava de ser cavalariço, mas sempre quis ser joqueta e tive a sorte de encontrar o tipo de corpo certo para isso. Às vezes, sinto falta dos momentos de silêncio que vinham com o trabalho nos bastidores. Aqueles momentos em que

éramos apenas os cavalos e eu. É por isso que ainda moro acima do celeiro em meu minúsculo apartamento, naquele longo e estreito lance de escadas. Gosto de caminhar pelos estábulos ao entardecer, ouvindo o silêncio mastigando o feno. Eu gosto de cuidar dos meus próprios cavalos. Eu gosto do raspar calmante das cerdas da escova em seu casaco, em vez das campainhas e alto-falantes altos enquanto atravesso a lama, tentando cruzar a linha primeiro.

Então, tento criar esses momentos de silêncio para mim. E esse ritual pré-corrida se tornou parte disso. Ninguém me incomoda – Billie garante isso – e eu tenho um pouco de tempo para me concentrar e ficar com meu cavalo.

Neste momento, esse cavalo é DD, nosso pequeno garanhão campeão preto, com pernas longas e uma disposição inteligente. Depois de dar os toques finais em sua aparência, eu o levo para o sol brilhante – algo que não vemos muito em Vancouver em abril. Esta área traz um novo significado para as *chuvas de abril que trazem as flores de maio.* Nesta época do ano, vivemos praticamente em uma poça de lama, então, mesmo fazendo sol, a pista está molhada.

Quando os cascos de DD batem ruidosamente na estrada de asfalto que leva à pista, Billie surge, aparentemente do nada. Ela está sempre pronta e esperando por mim. Conversamos sobre estratégia no início do dia, então, neste ponto, podemos apenas caminhar juntas em um silêncio sociável.

Ela vem para ficar ao meu lado, abaixa-se e coloca as mãos em concha atrás de mim, pronta para me ajudar. — Vamos lá, soldadinho.

Sinto minha bochecha contrair, os termos carinhosos de Billie que fazem referência ao meu tamanho nunca terminam. Onde ela é alta para uma mulher, eu sou pequena, e onde ela é curvilínea, eu sou... bem, plana como uma placa.

Eu deixo meu joelho cair em suas mãos à espera, e ela me levanta na amura, dá um aperto no meu joelho e me manda embora. O resto da minha jornada até o portão de largada é um borrão, como sempre. Os pôneis, os comissários, os outros jóqueis e cavalos ao meu redor, tudo se mistura, e eu me concentro em DD e em nos levar à linha de chegada com segurança e rapidez. Quando nosso cavalo pônei avança, o cavaleiro me dá um aceno amigável. O cavaleiro do pônei é completamente diferente de um jóquei. Eles garantem que cheguemos ao portão com segurança, como um cobertor de segurança para um cavalo nervoso. Um membro importante da equipe.

Nos portões, ele se despede com um: — Boa sorte.

DD é um grande garanhão, confiável e inteligente, talentoso além da comparação, mas claustrofóbico. E quando eles fecham o portão atrás dele, eu o sinto se enrolar como uma bola de energia, como um elástico puxado demais, pronto para explodir para fora do pequeno espaço.

É aqui que minha visão se estreita. Tudo o que vejo é o que há entre suas orelhas compridas e pontudas. O resto do mundo

parece ficar suave e embaçado enquanto nós dois nos acomodamos em nosso foco.

Até que ouço uma voz que envia uma sensação de deslizamento pela minha espinha. — Ei. Garota nova.

Ignoro Patrick Cassel. Ele é um dos jóqueis mais procurados nesta área. Ele montou DD em uma corrida no ano passado, mas desafiou as instruções de Billie sobre como participar da corrida e, bem... digamos que não acabou bem para ele. Agora ele está na lista negra do Gold Rush Ranch – todos nós basicamente fingimos que ele não existe. E quando ele vê Billie chegando, ele imediatamente se vira e caminha para o outro lado.

Parece que esse nível de evitação não se aplica à loirinha quieta.

— Vamos jantar depois disso, e talvez eu deixe você ganhar. O que você diz, princesa?

Eu tento não estremecer com o pensamento. Patrick é viscoso e autoritário e me faz sentir como se tivesse insetos presos sob minhas roupas. Com base na recontagem de Billie de seu encontro, ele é condescendente e sexista além da conta. Não quero nada com o homem.

— Tenho certeza que princesas só beijam sapos em contos de fadas, Patrick — murmuro. — Eu vou passar.

E antes que ele possa dizer qualquer coisa, a campainha toca e o portão se abre. DD e eu saímos, e aquela interação com Patrick desaparece da minha mente enquanto descemos a pista, ficando

no final do pelotão na primeira curva. Exatamente onde este cavalo preto gosta de estar.

Eu fico abaixada e leve em suas costas, principalmente deixando-o fazer suas coisas. Este cavalo foi criado para correr – e ele adora. Quando saímos da sede do clube, tudo está indo conforme o planejado. Agora é onde nos movemos para cima.

Até que sinto um cavalo baio escuro se mover ao meu lado. Com o canto do olho, vejo as sedas verde-limão de Patrick Cassel. Enquanto ele avança, tento ignorá-lo e reservo meu foco para DD.

Até que ele grita sobre o bater dos cascos: — Hora de aprender uma lição, garotinha.

Meus instintos se aceleram enquanto observo suas mãos se moverem levemente para mudar seu caminho. O pavor corre em minhas veias. E antes que eu tenha a chance de reagir, ele nos interrompe bruscamente, batendo no ombro de DD com seu ângulo severo, interrompendo nosso movimento para frente. E no terreno escorregadio, os resultados são desastrosos.

Com a cabeça e o pescoço já abaixados e as pernas esticadas em um galope em uma pista escorregadia, DD não tem chance.

Sinto nosso movimento mudar para baixo e, antes que eu saiba o que aconteceu, DD e eu caímos na lama.

U

— Eu vou matá-lo. — Billie anda aos pés da minha cama de hospital. — Tipo, literalmente assassiná-lo.

Estou com muita dor para reagir muito ao colapso dela. Minha perna está inchada como um tronco de árvore e eles não vão me dar nenhum analgésico até que tenham tempo de olhar meus raios-X e ressonâncias magnéticas. Como se você precisasse de um diploma de médico para confirmar que está fodida.

— Você precisa dizer a Vaughn que eu o amo e preparar o dinheiro da fiança. Porque vou rasgar Patrick membro por membro insignificante.

Um suspiro irregular escapa dos meus lábios enquanto olho ao redor do meu quarto. As paredes são daquela cor menta pálida característica, uma cor que eu imagino que eles produzem apenas para pintar paredes de hospitais, e tudo que eu posso sentir é aquele cheiro áspero e estéril que permeia todos os hospitais em que já estive. Meu irmão Rhett é um desastre ambulante. Um príncipe do rodeio sem medo. E embora eu seja um ano mais nova que ele, sempre fui a única pessoa a brincar de zelador no hospital enquanto ele tratava de uma lesão ou outra. Era a única maneira de meu pai administrar nossa fazenda e nos manter à tona o suficiente para cuidar de nós quatro.

Então, *odeio* hospitais. Eu não me importo com Patrick. Mas estou preocupada com DD. Ele caiu na minha perna, mas também saiu mancando. Esfrego minhas mãos sobre meu rosto e forço uma respiração profunda em meus pulmões.

Poderia ter sido muito pior.

— Alguma notícia de Mira sobre DD? — Mira Thorne é nossa amiga e nossa veterinária recém-contratada. Ela cuida de todos os

cavalos do programa do Gold Rush Ranch, tanto na pista quanto na fazenda.

Billie agora morde o lábio nervosamente e enfia as mãos nos bolsos, obviamente preocupada com nosso filho também. — Ela disse que ele está bem — é sua resposta tranquila. — Ela vai ligar assim que souber de mais alguma coisa.

— Você deveria ter ido com ela.

Billie revira os olhos. — E o quê? Deixar você sozinha? Mira tem isso.

Deixo meus cílios se fecharem e afundo no travesseiro encaroçado. É como se eles quisessem que você se sentisse desconfortável no hospital. Com os olhos fechados, tudo o que posso ver na parte de trás das minhas pálpebras é toda esta temporada girando na tigela de porcelana com uma descarga alta. Minha chance de provar que sou boa nisso, em vez de apenas a garota que montou um dos cavalos de corrida mais excepcionais do mundo e conquistou o ouro.

Isso é uma merda.

— Ok, Srta. Eaton — um homem de meia-idade com um jaleco branco sobre a calça e a camisa social entra na sala — tenho boas notícias para você hoje.

Eu franzo a testa. Nada sobre hoje grita boas notícias para mim.

— A imagem que fizemos me diz que nada está muito quebrado.

Eu encaro minha perna preta e azul. Parece bem quebrada.

— Tem certeza?

Ele ri bem-humorado. — Muita certeza. Há muitos hematomas. Trauma de tecidos moles no joelho. E uma pequena fratura em sua fíbula.

Continuo olhando para minha perna, ainda não totalmente convencida de que não está totalmente quebrada.

O médico aproveita meu silêncio como uma oportunidade para continuar falando. Olhando para a prancheta em suas mãos, ele continua: — Não é necessária nenhuma cirurgia. Mas você precisa ter calma por pelo menos um mês. Muletas no início, pelo menos até o inchaço diminuir. Tente evitar qualquer escada. E definitivamente nada de cavalgar.

Eu bufo. *Sim. Isso não vai acontecer.*

— Srta. Eaton, estou falando sério. Eu sei como os atletas podem ser. Mas se você fraturar o osso ainda mais ou rasgar algo no joelho, precisará de cirurgia. E o cronograma de reabilitação para isso é muito mais longo. Você tem sorte de não ser pior. Não desperdice isso.

Sorte?

Billie intervém agora. Sem dúvida, lendo o olhar no meu rosto. — Sem problemas, doutor. Vou mantê-la no caminho certo.

O homem mal olha para Billie. Em vez disso, ele ergue as sobrancelhas e inclina a cabeça na minha direção, obviamente buscando algum tipo de afirmação. Aceno uma mão no ar com desdém antes de cruzar os braços. Ele não vai saber o que eu faço quando eu sair deste lugar.

— Entendi — murmuro, baixando os olhos e suspirando, sentindo-me mais do que um pouco castigada.

— Bom. Deixe-me pegar alguns analgésicos e depois daremos alta a você.

Eu forço minhas bochechas para cima em uma espécie de sorriso. Muito dolorida e chateada para fazer qualquer outra coisa. Estou pronta para algum alívio da dor e minha própria cama. Ele se vira e sai da sala.

— Não se preocupe, Vi. Vamos encontrar um lugar confortável para você ficar.

— O quê? — Eu olho para Billie, confusa.

— Você não está subindo aquelas escadas malucas para o seu apartamento agora. E se piorar? — Ela estremece. — Não quero nem saber disso.

— Ok, mãe. Onde você está planejando me colocar então?

Billie esfrega o rosto, claramente estressada, embora ela esteja tentando jogar com calma e manter tudo sob controle para mim.

— Vou fazer Vaughn ficar com seu irmão na casa principal e você pode ficar comigo na minha casa.

— Na cabana do amor? — eu deixo escapar assim que uma enfermeira entra com um pequeno copo branco e o entrega para mim.

— A cabana do amor? — Billie parece confusa enquanto olho para os dois comprimidos no copo de papel, jogo-os na boca e depois os persigo com a água da mesa ao meu lado. Eu quase cuspo de volta. A água da cidade tem um gosto totalmente errado.

— Sim. Não vou ficar na cabana do amor e separar vocês dois.

— É assim que você chama nossa casa? — ela late, claramente divertida.

Não posso deixar de sorrir agora. Ela e Vaughn estão vivendo em uma bolha extasiada. — Billie, é assim que todo mundo no rancho chama.

Ela solta um suspiro cansado e passa a mão pelos cabelos castanhos. — Eu não vou mentir. Eu meio que amo isso. Você ainda está ficando comigo, no entanto. Vaughn sobreviverá.

— Billie, não tem nem banheiro no andar principal da sua casa.

— Merda. — Ela parece instantaneamente desanimada. — Certo. Ok... por que não mudamos Cole para o seu apartamento e deixamos você ficar com a casa? Só por alguns...

Sim, isso não pode acontecer. — Não. Ele não vai entrar no meu apartamento. Aquele é o *meu* espaço.

— Ok, então, Violet, qual é a sua solução aqui? Quer voltar para Alberta por algumas semanas? Ficar com seu pai? Ou não sei... — Agitação se infiltra em sua voz. — Você vai morar na casa da fazenda com Cole? Porque há um quarto vago e um banheiro no andar principal.

Eu posso dizer que ela está brincando. Mas essa parece ser a melhor opção neste momento atual.

Sim, hoje está cheio de boas notícias. Eu sou tão *sortuda.*

5



Cole

Eu gemo enquanto olho para a tela do meu telefone. Estou realmente prestes a tentar isso de novo? É tão idiota. Eu sou tão foda. Só porque decidi que não posso me mostrar a ninguém, não significa que ainda não queira coisas.

E a foto é assim... etérea? Não sei. Eu poderia me perder nela. Não consigo desviar o olhar. É tão diferente de viver na minha cabeça. Mamilos rosa claro em pele pálida impecável. Imagino-me passando a palma da minha mão por seu corpo, da linha central do umbigo até o esterno, antes de descansar em sua garganta e manusear aqueles lábios carnudos e macios.

A maneira como eles se separam quando eu passo o polegar sobre eles, o pequeno ruído de suspiro que escapa por eles.

Já faz muito tempo, seu velho pervertido. Você está ficando duro só de imaginar tocar os lábios de uma mulher. Os do rosto dela, nada menos.

Sem falar que uma garota com essa aparência não vai se interessar por mim e pelo pouco que tenho a oferecer a ela.

Mas que porra. Por que não? O que eu tenho a perder? Eu olho em volta do meu apartamento solitário no West End. O lugar é basicamente um santuário para um homem adulto que deixou todas as oportunidades nos últimos anos escaparem por entre os dedos. Uma concha viva.

Eu nem tentei ser melhor. Para superar meus bloqueios em torno do meu corpo. Para fazer mais. Eu quero todas as coisas. A cerca branca. Os filhos. A esposa que me beija com um pouco de língua todas as manhãs quando nos separamos. Mas não fiz merda nenhuma para chegar lá. E provavelmente é tarde demais para mim agora.

Sou só eu, eu e meus shakes de proteína. E a porra da minha persona assustadora na internet. Posso muito bem abraçá-la.

Meu polegar toca no ícone da mensagem e eu digito rapidamente antes que mude de ideia.

Golddigger85: *Tenho uma proposta para você.*

Então eu me afasto e entro no chuveiro para lavar o quanto me sinto sujo pra caralho. Mas não consigo parar de pensar naquela pele cremosa deslizando contra a minha. Imagino-me passando a língua pelo interior de cada coxa. Realmente tomando meu tempo para prová-la, para senti-la se contorcer embaixo de mim. Minha mão envolve meu pau, mas finjo que são seus lábios macios, abrindo-se amplamente para mim. Envolvendo em torno de mim. Suas bochechas se afundam enquanto seu cabelo loiro sedoso balança em um ritmo constante enquanto ela me chupa. Então ela olha para mim. Porra, eu amo isso. Olhos grandes e arregalados e meu pau em sua boca.

Eu me pergunto de que cor são os olhos dela enquanto me derramo contra os ladrilhos frios.

Por um momento, desejo não estar sozinho.

Algo que nunca deixarei acontecer.

U

— Ei, irmão mais velho. — Billie está sob o brilho amarelo da luz da varanda acima da minha porta da frente, com as mãos nos quadris, e sopra uma mecha de cabelo do rosto. Não sei o que ela está fazendo aqui. Mas sei que não gosto.

São 23 horas de uma noite de sábado. É isso que as pessoas fazem em cidades pequenas? Invadir a privacidade um do outro? Estou prestes a perguntar isso a ela quando vejo outro conjunto de faróis virar na entrada da garagem. Vaughn estaciona ao lado de sua caminhonete, e percebo agora que ela deixou a porta traseira aberta. Uma sombra se move lá dentro, e eu me inclino um pouco para frente para espiar além dela.

— Tem alguém deitado no seu banco de trás? — eu pergunto.

Ela olha por cima do ombro. — Oh. Sim.

Meus olhos se voltam para os dela. — Eu não gosto de você o suficiente para ajudá-la a enterrar um corpo.

Billie sorri, seus dentes saindo um pouco cruéis no escuro da noite. — Certo. Não vou bater na sua porta depois de matar Patrick Cassel.

— Patrick? — pergunto, confuso, enquanto Vaughn sobe as escadas. Eu já odeio a bunda presunçosa de Patrick. Se eu tivesse que ajudá-la com um corpo, seria o dele. Risadas maníacas saem da caminhonete, afastando-me desse pensamento. — Gente, o que diabos está acontecendo?

— Ela pode realmente matá-lo, sabe? — uma voz histérica cacareja do banco traseiro escuro.

— Ela está bem? — Vaughn pergunta, um pouco sem fôlego quando ele vem para ficar ao lado de Billie.

— Sim, sim. Ela está muito chapada — Billie responde casualmente.

Meus dentes rangem. Isso é tão típico deles. Falar muito, mas não dizer nada.

— Vocês. Pessoal — eu mordo. — Que. Porra. É. Essa?

— Patrick Cassel colocou Violet e DD para fora hoje à noite, e a perna dela está toda mutilada.

A adrenalina corre através de mim enquanto as palavras de Billie se processam em minha cabeça. Se eu já não odiasse Patrick Cassel, odiaria agora. Eu vejo sujeira. Eu ouço cascos. Eu sinto gosto da minha bile. Esfrego minha perna ansiosamente.

— O que você quer dizer, *colocou para fora?* — Meus molares rangem uns contra os outros enquanto sou transportado de volta no tempo. Para outro dia inteiramente. Para um garoto de dezessete anos vendo seu pai participar de uma corrida que ele nunca terminará.

— Ele a cortou e bateu no ombro de DD. Estava lamacento. — Billie funga. Sua voz soa frágil, e não perco a mão que meu irmão serpenteia em volta de sua cintura.

Sinto como se pudesse sufocar com a língua enquanto sigo em frente. — E você pode explicar o que uma perna 'mutilada' significa para você?

Os olhos de Vaughn disparam para mim, ficando ligeiramente arregalados. Normalmente, isso significa que meu tom é muito brusco. Trixie está sempre me perguntando como eu acho que as outras pessoas me veem. Eu continuo dizendo a ela que não me importo. Ela simplesmente ignora isso e me diz para olhar a linguagem corporal em busca de pistas. Acho que esse olhar de olhos arregalados pode ser uma coisa que devo observar. Vaughn não gosta do jeito que estou falando com a noiva dele.

— Fratura fina na fíbula e distensão no joelho. É leve, mas ela está meio surrada. A recuperação não será tão longa. Um mês, se ela tiver sorte.

Eu forço uma respiração profunda em meus pulmões, desejando que eles se encham e esvaziem uniformemente para que eu não comece a ofegar com a dor das minhas memórias. Isso poderia ter sido *muito* pior. Já vi pior. Eu tinha dezessete anos quando me despedi do meu pai, meu ídolo, enquanto me agarrava ao parapeito do Bell Point Park. Eu o observei se posicionar nos portões. Eu aplaudi, assobiei e gritei até ter certeza de que minha voz estaria rouca no dia seguinte. Observei-o aproximando-se do cavalo da frente. Eu vi o sorriso em seu rosto. E então eu o vi cair. Uma simples viagem e o esmagamento do corpo de sua montaria

sobre o dele. Observei o cavalo se levantar e sair galopando, os olhos arregalados de terror.

Observei a forma imóvel do meu pai na pista de terra. Eu queria que ele se levantasse. Mas ele nunca o fez.

Isso poderia ter sido muito pior.

— Ela está bem? — mantenho minha voz fria, mas até eu posso ouvi-la transbordando de raiva, dor que teve anos para apodrecer.

— Sim — responde Billie. — Mas ela não deveria subir escadas. O que significa que ela não pode subir para seu apartamento acima do celeiro. Íamos deixá-la ficar em nosso chalé, mas o banheiro fica no segundo andar. E o lugar todo é bem pequeno para três pessoas...

Ela para de falar, atirando grandes olhos arregalados para mim como uma criança que está prestes a pedir algo que não deveria ter.

Eu acho que esta é a linguagem corporal que posso ler também. Este olhar tem súplica escrita por toda parte – visto antes. Só não sei por que ela está dando para *mim,* a não ser para me irritar e me fazer querer colocar Patrick em um estrangulamento mais do que já fiz pela façanha que ele fez no ano passado.

Então, recorro à minha expressão padrão. Olho fixamente para meu irmão e sua noiva, sem saber o que eles esperam que eu faça ou diga aqui.

Vaughn geme e passa a mão pelo cabelo. Não deixo de o notar murmurar algo sobre mim sempre dificultando as coisas. *O sentimento é mútuo, irmãozinho.* — Violet pode ficar na casa da fazenda com você? Há um quarto extra e banheiro no andar principal. Serão apenas algumas semanas.

Eles não podem estar falando sério.

Eu mantenho meus punhos enfiados sob meu bíceps, esperando que, se eu parecer zangado o suficiente, eles vão recuar e chegar a uma solução diferente. Meu peito sobe e desce pesadamente enquanto minha agitação cresce, serpenteando em cada articulação e músculo. Ambos continuam olhando para mim com expectativa. Como cachorros.

E ninguém gosta de um cara que chuta cachorros.

Violet começa a rir na caminhonete. Ela está rindo tanto que mal consegue respirar. Muito menos colocar suas palavras para fora. Posso ouvi-la ofegante entre as gargalhadas. Muitas vezes me perguntei como seria a risada dela. Um ano conversando e depois outro me forçando a lembrar de seu rostinho delicado... eu não tinha imaginado o uivo de hiena que ela está emitindo.

— Eu disse a vocês que ele nunca aceitaria isso — ela deixa escapar. — Olhe para a cara dele! — Ela se dissolve em outro ataque de riso. — Eu o *conheço.* Isso nunca vai rolar!

Ok. Eu preciso colocar um fim nisso. Agora. A última coisa de que preciso é que o Sr. e a Sra. Bocudos saibam da minha vida pessoal. E o caminho de menor resistência para encerrar essa interação é... *Foda-se minha vida.*

Minhas pernas se movem antes de processar o que estou fazendo. Eu me coloco entre Billie e Vaughn e me aproximo da caminhonete. Violet está deitada no banco de trás, com os pés voltados para mim e as costas apoiadas na porta oposta. Sua perna está envolta em um gesso de plástico e é sustentada por cobertores de cavalo enrolados. Suas pupilas estão dilatadas e grossas lágrimas de riso escorrem por suas bochechas lamacentas.

— Ei! É Butterface![1]

Eu rosno quando alcanço a caminhonete. — Violet. Cale-se.

Ela joga a cabeça para trás e começa a rir novamente. Como se derramar nossa história pessoal fosse a coisa mais histérica do mundo. *Comédia de ouro, pessoal.* Minha mandíbula estala sob a pressão da minha mordida. Tudo em que consigo pensar é em afastá-la de olhares e ouvidos indiscretos, então me inclino e pego sua cintura. Eu não perco o jeito que minhas mãos envolvem quase todo o caminho ao redor dela enquanto eu a puxo pelos assentos de couro em minha direção.

Quando deslizo meu braço sob seus joelhos, ela estremece.

— Você está bem? — sussurro para que só ela possa me ouvir. Eu deveria ter sido mais cuidadoso com ela.

— Um pouco dolorida. — Seus olhos vidrados olham para os meus instáveis, arregalados e perdidos e lindos *pra* caralho. Meus

---

[1] Termo utilizado para um rosto que não agrada, uma gíria inicialmente usada para descrever uma mulher com um corpo sexy, mas o rosto não. Depois aplicada aos homens também.

A origem da palavra *butterface* está na sentença "*everything looks good but her face*", que traduzida para o português fica "*tudo é perfeito, menos o rosto dela*". A parte que diz *but her face* (*menos o rosto dela*) pronunciada rapidamente soa como *butterface*. Assim, o que antes era "*but her face*" acabou virando "*butterface*".

pulmões se contraem ao vê-la, a garota que eu não consegui me livrar.

Não importa Billie. *Vou* matar Patrick Cassel. Eu me movo devagar agora, menos agitado e mais preocupado, e envolvo meu outro braço em volta das costas estreitas de Violet. Ela parece pequena e vulnerável contra mim, e por todas as vezes que me permiti imaginar conhecê-la, nunca foi assim.

Sua cabeça pende bêbada em minha axila enquanto ela anuncia: — Ele não é tão forte! — Um pequeno punho bate contra meu bíceps. — Olhe para estes braços!

Eu pisco uma vez, lentamente, trabalhando duro para manter a calma, enquanto carrego seu corpo flácido até a varanda da frente. Ninguém tão pequeno deveria parecer tão pesado. Eu luto contra o pavor subindo pela minha espinha, as memórias de carregar os corpos moles dos meus amigos sob o manto da escuridão. O peso. O calor seco.

Respiro fundo o ar espesso e úmido para me lembrar de onde estou. — Que diabos eles deram a ela?

Billie tira um pequeno recipiente laranja do bolso de trás e o oferece. — Eu não sei, mas eles provavelmente deveriam ter dado a ela uma dose infantil.

Eu apenas resmungo. Vou dar uma olhada depois. — Eu cuido disso — rosno, enquanto passo por eles e entro na velha casa da fazenda com Violet firmemente contra o meu peito.

— Ele é tão romântico! — Violet ri, e eu reviro os olhos. No passado, Violet era uma das poucas pessoas com quem eu

realmente gostava de conversar. Mas aquela garota definitivamente não está aqui agora. Essa garota está alta como a porra de uma pipa.

— Violet, você está bem com isso? — Billie parece preocupada, mas fecho a porta atrás de mim com um chute, bem na cara dela, cansado de falar sobre isso.

— Ele não é rude? — Violet grita de volta pela porta fechada. — Todas aquelas vezes que você reclamou que ele é um idiota...

Agora é a vez de Billie calá-la. — Vou trazer suas coisas pela manhã, Vi! — Billie chama de volta. — Se precisar de mim, é só ligar!

Minha bochecha se contrai. Tome isso, *irmã.*

— Não se preocupe comigo, B! Eu disse a você. Eu o conheço!

Uma profunda sensação de pavor me preenche. Tudo o que posso ver é minha privacidade desaparecendo. Uma parte da minha vida que sempre deveria ser mantida separada agora vai dormir no quarto abaixo de mim, e provavelmente tagarelando com a noiva do meu irmão. O que inevitavelmente chegará ao meu irmão. Esqueça o fato de que eu estive ansiando por ela – uma garota que basicamente nunca conheci – nos últimos dois anos.

Nada de bom pode advir desse tipo de proximidade forçada.

Eu gemo enquanto carrego Violet para o quarto de hóspedes. Sentindo minha vida meticulosamente organizada escorregando por entre meus dedos como a porra da areia, e não estive em Ruby Creek por 24 horas. Este lugar é amaldiçoado. Derrubou meu pai e agora vai me derrubar também.

O quarto está escuro, mas a cama extra já está feita. Como se estivesse pronta para ela esse tempo todo. Como se isso fosse algum tipo de grande piada cósmica.

Inclinando-me, gentilmente coloco Violet na cama, não querendo machucá-la. Ela é ainda mais bonita do que eu me lembrava, suave e feminina, e reconfortante, mesmo sem tentar. Conhecer Violet foi como descobrir um remédio que eu nem sabia que precisava.

— Por que você está me encarando? — ela pergunta baixinho de onde ela está esparramada, sua voz não tão tonta mais.

— Eu não estou — resmungo, voltando à ação, sem querer falar. Eu puxo um travesseiro da cabeceira e coloco sob seu joelho apoiado. Como eu sei que é melhor. Quando me inclino sobre ela para puxar as cobertas, olho furtivamente para seu rosto, algo que evito fazer desde o primeiro dia em que a vi na pista, mas não consigo parar de olhar agora. É como se a mera visão dela tivesse causado um curto-circuito no meu cérebro, abrindo as comportas para olhar para ela como uma espécie de neandertal de queixo caído.

Espero que esses olhos azuis quase grandes demais estejam olhando para mim. Mas seus longos cílios estão lançando sombras sobre suas maçãs do rosto salientes e sua boca em forma de coração está entreaberta, respirações rasas e silenciosas sussurrando por seus lábios.

Nocauteada.

O que significa que posso realmente olhar. Eu a encaro abertamente – cada linha, cada ângulo, cada subida e descida

pesada de seu peito – meus olhos se ajustando rapidamente à luz fraca filtrada da sala de estar, sabendo que ela não vai me pegar agora.

A respiração dela está muito leve? Muito devagar?

Inclino-me para mais perto para ouvir, um pouco preocupado com a força com que esses analgésicos a estão atingindo. Outra coisa para me preocupar. *Exatamente o que eu preciso.*

Balançando a cabeça, eu saio do quarto. Como fui amarrado nisso? Eu deveria pagar alguém para administrar a nova empresa e voltar para a cidade. Foda-se o conselho. Sou um homem de trinta e seis anos que mal consigo cuidar de mim mesmo. Eu preciso de uma mulher para cuidar como eu preciso de um maldito buraco na cabeça.

De volta à cozinha, minha mão empurra a torneira, fazendo a água espirrar enquanto pego um copo no armário acima da pia. A água aqui fede. Vaughn jura que é seguro. Algo sobre não adicionar produtos químicos como na cidade, mas uma das primeiras coisas que vou comprar amanhã – desde que esta água não me mate primeiro – é uma caixa d'água engarrafada.

Virando-me para voltar para a sala, vejo meu telefone acender no balcão. Chamadas perdidas de Vaughn e Billie cobrem a tela. Devo ter perdido isso enquanto eu estava malhando. Antes disso tudo ir para a merda. Eu fico olhando tanto para o meu telefone o dia todo por causa do trabalho que gosto de deixá-lo no modo silencioso à noite. Então ninguém me incomoda.

Exceto agora.

Aparentemente, em Ruby Creek, se alguém não atende o telefone, isso significa que você aparece na porta.

Eu deslizo meu telefone para fora do balcão e folheio minhas notificações. Mais recentemente, há uma mensagem de texto de Vaughn.

Vaughn: *Billie está muito preocupada com Violet. Podemos trabalhar em outra coisa daqui para frente. Apenas tenha paciência esta noite. E cuide bem dela.*

Reviro os olhos. Você juraria que Violet era uma criança em seu leito de morte ou algo assim. Esse nível de gerenciamento é normal para adultos?

Cole: *Diga a Billie que Violet é uma adulta perfeitamente capaz. Tenho certeza de que ela descobrirá algo sozinha quando estiver acordada e não alta como uma pipa.*

Eu nem vou dignificar sua implicação sobre eu cuidar dela com uma resposta. Ele acha que não sou capaz? Eu não sei quando Vaughn ficou tão totalmente dominado, mas é definitivamente novo.

Eu jogo meu telefone de volta no balcão, tentando um pouco daquela merda de respiração profunda que Trixie está sempre falando, e volto para o quarto de hóspedes com o copo de água que enchi para Violet.

Coloco na mesa de cabeceira, deixando meus olhos percorrerem sua forma adormecida novamente. Absorvendo-a, guerreando internamente sobre como eu deveria me sentir sobre isso. Sobre *ela.*

Há uma parte de mim que quer rastejar ao lado dela, abraçá-la e observá-la a noite toda. Para correr meus dedos por seu cabelo. Certificar-me de que ela está bem, para aliviar a tensão em meu estômago e me assegurar de que ela está realmente bem. Mas a outra parte de mim sabe que ela não iria querer isso. Isso seria muito exagerado, especialmente considerando como terminamos as coisas.

Então eu saio do quarto, deixando a porta entreaberta, e afundo no chão contra a parede oposta. — Só por um tempo — murmuro para mim mesmo, balançando a cabeça enquanto me acomodo para vigiar.

No fundo sei que isso não é verdade. Sei que não poderei subir e deixá-la esta noite. Mas eu tenho mentido para mim mesmo e para todos os outros por anos.

Por que parar agora?

6



Violet

Puta merda. Isso é um monte de mensagens. Eu as percorro, corando enquanto o faço, sentindo-me feliz por já ter prometido a mim mesma que não responderia a ninguém. Estou aqui apenas para olhar.

Olá, baby... Oi, querida... Eu gostaria de chupar... Não fique nervosa... Jesus. Quem sabia que havia tantos pervertidos no mundo? Não consigo nem ler todas. É também... muito.

Passei o dia todo arrebentando no rancho, tentando esquecer o fato de ter colocado uma foto minha nua na internet, intitulada '(25F) Nova e nervosa'. *Desde que terminei, subi para meu pequeno apartamento, fiz um macarrão e fingi que meu laptop não existia. Até assisti a um episódio de Gilmore Girls – no qual mal consegui me concentrar – antes de finalmente ceder e abrir o navegador.*

Este fórum tem dezenas de milhares de assinantes. Como 47 deles me encontraram e enviaram uma mensagem está além da minha compreensão. Eu torço minhas mãos enquanto imagino o que esses homens estão fazendo enquanto olham para minha foto. Esta foi uma má ideia. Muito mal pensado.

Uma notificação para minha quadragésima oitava mensagem toca no canto superior direito da minha tela. E por curiosidade mórbida, eu clico nela.

Golddigger85: *Tenho uma proposta para você.*

Eu mordo meu lábio. Esta mensagem não é como as outras. O que é apenas uma mensagem? Não seria tão ruim, seria?

Além disso, sou bisbilhoteira demais para me afastar de uma declaração aberta como essa. Qual seria a proposta? Eu flexiono e libero meus dedos sobre o teclado, ansiosa para digitar de volta. Se a pessoa disser algo terrível, não é como se eu fosse obrigada a responder.

Ah, foda-se. Eu estou indo para ele.

Pretty_in_Purple: *Ah, é?*

Vejo os pontos pulsando na tela, mostrando que está digitando. Meu joelho balança rapidamente, batendo no fundo de madeira da minha mesa muito pequena. Essa pessoa está me escrevendo um romance?

Golddigger85: *Estou procurando alguém que eu possa pagar para me enviar fotos exclusivas (como a que você postou) ou fazer vídeos ao vivo. Enviarei US$ 2.000 a cada duas semanas e conversaremos 2 a 3 vezes por semana durante 20 a 30 minutos. Eu lhe darei instruções e você as seguirá, dentro do razoável, é claro. Mas eu permaneço completamente anônimo. Leve o seu tempo para pensar sobre isso. Sem pressão. Sua foto é adorável.*

Eu recuo. Daaammnn. Que diabos? Que proposição bizarra e clínica. Por mais que soe bem quatro mil dólares extras por mês, eu

não faria isso de jeito nenhum. Não é que eu me considere acima disso, é mais que a coisa toda derrota completamente meu objetivo de não viver sob o controle de outra pessoa. Não quero seguir as instruções de outra pessoa. Mesmo enquanto tento fazer a conversão para dólares canadenses na minha cabeça.

Pretty_in_Purple: *Por quê?*

Minhas bochechas esquentam. Eu deveria apenas dizer não. Mas agora estou intrigada. Eu tenho dúvidas.

Golddigger85: *Por quê?*

Pretty_in_Purple: *Não sei. Por que eu? Por que fazer isso? Qual é o ponto?*

Golddigger85: *Você sempre faz tantas perguntas?*

Ok. Ponto dolorido. Talvez eu também não goste de ser interrogada sobre minhas preferências sexuais.

Pretty_in_Purple: *Provavelmente. Eu não vou fazer isso. Eu só estou curiosa.*

Golddigger85: *Por que postou sua foto se isso deixa você nervosa?*

Eu penso em sair agora. Eu não devo uma explicação a esse cara. Mas ser clara e direta com alguém que não conheço parece mais fácil.

Pretty_in_Purple: *Porque eu queria ficar nervosa. É totalmente fora do meu personagem e, francamente, tenho vivido em uma bolha. Esta parecia ser uma boa maneira de estourá-la.*

Golddigger85: *Nesse caso, faço as coisas dessa maneira porque gosto muito da minha bolha. Da minha identidade privada. Eu trabalho muito. Não tenho tempo para namorar. Eu gosto que as coisas sejam feitas de uma certa maneira, e isso garante isso. Funcionou bem para mim no passado. Escolhi você porque gostei da foto. Você parece natural. Real. É isso que eu gosto.*

Sinto minhas bochechas corarem um pouco com o elogio. O homem pode ser um completo estranho, mas suas palavras ainda chegam de uma forma que me deixa mole e pegajosa. Faz muito tempo desde a última vez que você fez sexo, Vi.

Pretty_in_Purple: *Bem, obrigada por me considerar?*

Golddigger85: *Você vai pensar sobre isso?*

Pretty_in_Purple: *Provavelmente não.*

Ele não responde depois disso.

U

Eu quero abrir meus olhos. Mas eles parecem tão pesados que quase não vale a pena. Tento abri-los. Realmente tento. Mas eles estão assim. Droga. Pesados. Eu desisto, suspiro e rolo.

A dor atravessa meu corpo. Dos dedos dos pés até o topo das orelhas. Eu sou como uma grande bola de dor. Meus olhos se abrem facilmente agora enquanto eu suspiro: — Ah! Merda! — E opto por ficar exatamente onde estou, deitada de costas.

Aperto os olhos e me concentro em respirar pelo nariz. Se eu não me mover, nada dói. A solução perfeita. Exceto que, com os olhos fechados, as imagens passam pela minha mente. Patrick Cassel. A lama. DD. *Oh, Deus, DD.*

O fluxo de consciência não vai parar. Caímos. Minha perna. O hospital. A viagem de volta ao... Meus olhos se abrem e eu olho ao redor do quarto desconhecido. — Merda.

Cole Harding.

Eu gemo e puxo as cobertas sobre o meu rosto enquanto vasculho minhas memórias nebulosas, morrendo um pouco por dentro quando chego àquela em que comentei abertamente sobre seus bíceps. Como vou enfrentá-lo depois *disso?* Estávamos indo tão bem em fingir que o outro não existia. Foi a solução perfeita. Essa estratégia tem sido um sucesso absoluto há um ano. Eu esperava que pudéssemos continuar, mesmo que ele estivesse morando aqui. Esse era o meu plano. Eu gosto de ter um plano.

Mas agora é lixo. Porque estou dormindo na casa dele, e minha temporada está no ralo.

Estou praticamente vivendo meu pesadelo.

Balanço a cabeça com o meu infortúnio e estalo a língua contra o topo da boca, tentando fazer um pouco de saliva acontecer no lugar da sensação de algodão seco. Preciso de uma bebida e preciso escovar os dentes. Olhando para a minha mesa de cabeceira, vejo um copo cheio de água. Eu o quero tanto que decido que vale a pena me mover. Mesmo que eu me sinta como um enorme hematoma, eu me movo para cima e para cima para me

apoiar na cabeceira da cama. Quase me tira o fôlego, o peso da dor me pressionando. Está em toda parte e pulsa.

Mas quando coloco aquele copo nos lábios e provo aquela primeira gota de água, sei que valeu a pena. Nada se consegue sem trabalho. Mas sério, onde estão meus analgésicos?

Eu quero ficar escondida. Eu não quero enfrentar Cole com sua carranca estúpida e bonita e grandes bíceps que fazem coisas engraçadas no meu estômago. Não é justo. Estou toda quebrada e agora devo enfrentar o homem que venho evitando há um ano.

O universo é cruel, mas essa dor de corpo inteiro que estou sentindo é pior.

O fascínio dos analgésicos é mais forte do que meu desejo de me esconder no quarto o dia todo para evitar Cole, então lentamente viro minhas pernas para o lado da cama, ofegando um pouco enquanto vou, e então manco para a sala principal. No meu gesso, estremecendo a cada passo.

Eu manco até a ilha da cozinha, esperando ver um frasco de analgésicos em algum lugar. Nem parece que alguém mora aqui. Tudo está estéril, todas as bancadas perfeitamente limpas, nem mesmo uma carteira e chaves jogadas no chão, ou um copo de água deixado para trás. Talvez ele tenha saído? Meu coração dispara com a perspectiva. Isso seria o ideal. Então eu poderia ter um colapso total por não poder galopar por um mês...

— Por que você está de pé e andando por aí? — A voz fria de Cole é como um jato de água gelada nas minhas costas. Chocante e desagradável. Isso me deixa sem fôlego. Então eu congelo, não querendo me virar e olhar para ele. Porque sei o que vou ver. E

odeio que vou gostar. *Concentre-se apenas na falta de personalidade dele e você ficará bem. Não seja um bebê.*

Eu me viro rigidamente, lentamente, enquanto mantenho uma mão no balcão. Eu basicamente me sustento. Preciso de algo em que me segurar se for olhá-lo nos olhos novamente. Olhos inteligentes, quase como granito, um mosaico de cinzas e pratas, percorrem meu corpo como se ele estivesse me medindo para ver em que tamanho de caixa ele precisará me embalar para me despachar.

— Eu... preciso de alguns analgésicos.

Cole bufa e cruza os braços. Ele está parado na entrada da frente da casa, a porta escancarada e o sol brilhando atrás dele. A maneira como seus raios envolvem sua forma bruta faz com que pareça uma silhueta brilhante. Ele me lembra um eclipse solar – e eu sei que você não deveria olhar para isso. É *perigoso.*

Eu viro minha cabeça, piscando e tentando encontrar algum equilíbrio. Tento me concentrar no latejar da minha perna que, na presença dele, diminuiu para um ritmo baixo, porque meu corpo está se concentrando em todos os outros sentimentos que ele traz à tona. Constrangimento, tristeza, saudade. Eu odeio que ele ainda possa fazer isso comigo, então me concentro na dor, tentando puxá-la de volta e envolvê-la em torno de mim como um escudo. Quero me sentir melhor, mas não quero que seja porque estou olhando para Cole Harding.

Esta é a prova viva de que o homem é uma droga à qual não consigo resistir. Mas larguei o vício uma vez antes e estou mais forte agora. Estou em um caminho diferente, no qual ele não pode

se juntar a mim. Haveria muitas complicações. Ainda mais do que antes.

Aperto minhas omoplatas e ergo meu queixo. — Onde eles estão, Cole?

— No armário acima da geladeira.

Eu me viro para me afastar dele, desejando estar usando algo diferente de uma calça de moletom grande demais com a inscrição *Vancouver* na bunda e uma camiseta enorme com uma baleia orca no peito. Viajei de ambulância até o hospital e, nem preciso dizer, minhas roupas estavam encharcadas de lama. E este lindo traje foi o que Billie comprou para mim na loja de presentes. *Pelo menos está limpo.*

Olho para a geladeira e depois olho para o armário acima dela. Ele intencionalmente colocou as drogas em algum lugar que eu não conseguiria alcançar?

— Eu não posso alcançar isso. — Cerro os dentes, intencionalmente não olhando para ele. Minha compostura está se desgastando rapidamente e a agitação se mistura com o pavor. *Um mês inteiro disso. Talvez mais!* Agora que eles me deram a chance, só quero competir. Vencer. Provar a mim mesma. Não tirar um mês de folga para morar na mesma casa que Cole Harding.

— Eu sei — ele diz simplesmente, sem nenhum traço de humor em seu tom. *Idiota.*

Minha cabeça estala em direção a ele, e sinto meus olhos se arregalarem em suas órbitas, meus lábios rolando um contra o

outro quase dolorosamente. Eu *odeio* me sentir mimada assim. — Pegue-os. Agora.

Ele está encostado casualmente no batente da porta, ainda olhando para mim friamente, mas agora seus olhos estão focados em meus lábios. Não exatamente entrando em ação para me ajudar, o que é ainda mais irritante. Sentir-me impotente é a pior sensação do mundo, e os homens têm o péssimo hábito de fazer isso comigo. Não sei se é porque sou pequena ou quieta, mas me desanima. Meu pai e meus irmãos fizeram isso comigo sem perceber que colocar a irmãzinha em um pedestal era uma verdadeira besteira patriarcal. Mesmo que eles tivessem boas intenções, isso não estava me fazendo nenhum favor e, no final das contas, é por isso que decidi sair por conta própria. Mas Cole... ele só está fazendo isso para ser um idiota. Para fazer um jogo de poder. E detesto isso com cada fibra do meu ser. Eu não vou tolerar isso.

— Eu não sei como Vaughn se tornou um cavalheiro quando você se tornou *isso.* — Aceno minha mão sobre seu corpo com desdém, observando seus olhos brilharem e sua mandíbula estalar enquanto ele cerra os dentes. — Eu mesma vou buscá-los. — Dou um passo manco em direção à grande mesa da fazenda, planejando arrastar uma cadeira até os armários e subir nela para pegar o remédio.

Mas antes que eu possa chegar lá, ele diz: — Violet. Pare.

Quando olho para cima, ele está dando passos largos pela arejada casa da fazenda e contornando o lado oposto da ilha antes

de parar ao meu lado. Com o deve ser 1,85 m ou 1,88 m ele pode, é claro, alcançar facilmente o armário.

Ele puxa o pequeno frasco de comprimidos laranja de onde está, cercado pelo que parece ser um monte de frascos de vitaminas e suplementos. Estico o pescoço para ver o que podem ser, tentando ler os rótulos, antes de deixar escapar: — Pegue algumas pílulas da felicidade enquanto está aí em cima.

Ele se vira para mim lentamente – quase devagar demais – antes de colocar os analgésicos na ilha. Espero que ele os bata, mas seus movimentos são suaves e silenciosos, um pouco enervantes, se estou sendo honesta.

Só porque passei um ano escrevendo para o cara não significa que conheço seus maneirismos. Na verdade, sei pouco sobre ele. Ele nunca foi próximo, e eu percebi, depois de desconectar permanentemente a minha conta, que ele apenas brincou com uma jovem solitária que precisava de alguém para conversar. E para descer. *Uma vez.*

— Se vou morar aqui, talvez precise investir em algumas.

Foi isso... uma piada? Eu honestamente não posso dizer. Espio seu rosto, vasculhando suas feições em busca de algum traço de humor e não encontrando nenhum. O que encontro é uma fina cicatriz branca que atravessa sua grossa sobrancelha direita e aponta para a linha do cabelo. Algo que nunca havia notado antes porque nunca tive a chance de admirá-lo de perto. E eu o admiro, porque ele é muito gostoso. O tipo de homem que foi – como dizem – projetado por mulheres. Robusto e áspero, masculino em sua essência. Ele parece que poderia lidar com uma

garota como o inferno. Um pensamento que faz meu pulso disparar.

— Sinto muito. Eu sei que isso... nós... — Eu me atrapalho com minhas palavras, sentindo um rubor manchar minhas bochechas. Olho para longe, pela janela da frente em direção às colinas verdes, e respiro fundo. Essa não pode ser minha realidade no próximo mês; simplesmente *não pode.* — Eu posso entender por que você não gostaria de viver comigo. Vou encontrar outro lugar para ficar pelos próximos dias.

Ele se vira para pegar um copo. — Vá se sentar. — Quero dizer a ele para cair fora, mas sentar parece realmente atraente, e decido que esta não é a minha colina para morrer. Não hoje de qualquer maneira. Não quando tudo que eu quero é um pouco de água e um pouco de alívio da dor.

Eu me movo cautelosamente pela ilha, sabendo que devo usar muletas, mas sem saber como vou fazer isso quando minhas costelas e ombros doem do jeito mais difícil. Depois de me sentar no banquinho de madeira simples no balcão, vejo-o abrir a torneira e encher o copo.

Tento não olhar para a bunda dele, mas falho. Não é clima para calça de moletom, mas ele a está usando mesmo assim, e bem. Afunilada no tornozelo e ajustada na cintura. Quando ele me encara novamente, eu reviro meus lábios e puxo meu cabelo sobre um ombro para que possa correr meus dedos por ele.

Juro que ele levanta o copo e o cheira antes de dizer: — Aqui — e deslizá-lo pela ilha em minha direção. Sua mão engole o copo. Parece um copo de criança em suas mãos.

Eu tomo a água uma vez que ele está completamente solto, não querendo arriscar um roçar de seus dedos contra os meus, e então pego o frasco de comprimidos. Eu leio as instruções no rótulo. Diz dois comprimidos a cada seis horas. — Acho que vou tomar um — murmuro para mim mesma.

— Provavelmente uma boa ideia.

Meus olhos piscam até os dele. *Idiota.* Agora quero tomar dois só para ele não ter a satisfação de me ver fazer o que ele manda.

Eu viro a tampa com força e jogo a tampa no balcão. — Não pedi sua opinião, não é? — Sacudo um na palma da mão e o jogo na boca.

— Não. Eu só estou aqui para fornecer os bíceps — Cole fala impassível, e eu congelo. O gosto amargo da pílula de giz se dissolvendo na minha língua enche minha boca enquanto olho para ele.

O constrangimento queima em meu peito, e eu me forço a engolir um pouco de água antes de sussurrar: — Sinto muito — enquanto meus olhos disparam em todos os lugares, menos em sua direção.

— Por quê? — Ele se inclina para trás contra a borda do balcão oposto e me encara como se estivesse tentando me incinerar no local. Seu olhar é... enervante.

Mas não quero que ele saiba que eu penso tanto, então fico sentada e estico minhas mãos no balcão de madeira. — Por ontem à noite, eu não era eu mesma. Apenas... não gosto que me digam o que fazer.

Um sorriso enfeita sua boca agora, e seu olhar muda de desinteresse frio para... algo mais... enquanto seus olhos percorrem meu corpo, deixando um rastro de calor. — Não é assim que eu me lembro.

Meus dedos pulsam em torno do copo de água fria. *Não jogue isso nele. Você é uma adulta. Vá embora.*

— Como eu disse — eu olho para ele agora, forçando-me para ficar de pé e tentando não estremecer, mantendo minha voz o mais uniforme possível — vou estar fora de seu cabelo antes que você perceba.

E então eu me viro e manco de volta para a segurança do quarto de hóspedes. Eu quero lamentar em particular.

7



Cole

Ouço o zumbido do meu telefone, mas faço minha série final de levantamento antes de atender.

Pretty_in_Purple enviou uma mensagem para você.

Talvez a garota tenha mudado de ideia? Provavelmente não, e não a culpo. Sinto-me gorduroso, como se precisasse de um banho depois de enviar uma mensagem como essa. Sei que pareço um saco de lixo e odeio isso. Também sei que existem esquisitos na internet e gosto de pensar que não sou um deles. Mas esse arranjo funciona para mim. Isso me garante a privacidade que desejo e me dá a companhia que desejo.

Tipo de.

Abro a notificação.

Pretty_in_Purple: *Com quantas garotas você já fez isso?*

Bom Deus, essa garota tem um monte de perguntas.

Golddigger85: *Algumas.*

Pretty_in_Purple: *Então... três?*

Golddigger85: *Algo assim.*

Três pontos rolam pela tela enquanto ela digita e então sua mensagem aparece.

Pretty_in_Purple: *Acho que elas não ficaram para a conversa.*

Eu não posso deixar de rir. Ela não está errada. Nunca fui acusado de ser um grande conversador.

Golddigger85: *Não, elas ficaram por aqui porque eu as convenci a ter os melhores orgasmos de suas vidas enquanto eu assistia.*

Os pontos rolam e param. Rolam, param. Espero algumas batidas antes de rolar novamente.

Pretty_in_Purple: *Oh.*

Golddigger85: *Sim. Oh. Ainda não está interessada?*

Pretty_in_Purple: *Em orgasmos na internet? Não, estou bem. Eu administro isso muito bem sozinha.*

Eu gemo. O pensamento da pele pálida e sedosa naquela foto, o que está escondido sob a linda calcinha rosa, encaixada apenas ligeiramente entre os lábios de sua boceta. O pensamento de seus dedos deslizando sob o triângulo de renda.

Eu me ajeito no meu moletom. É como se essa garota não tivesse a menor ideia de como ela é sexy – algo que eu gosto ainda mais.

Pretty_in_Purple é uma provocação, e ela nem sabe disso.

U

Eu enfio meus fones em meus ouvidos com raiva. Já me exercitei hoje, mas vou para outro. Eu cavo meu polegar em meu músculo e arrasto-o para baixo, tentando aliviar a dor crescente. O exercício é o único mecanismo de enfrentamento que tenho para qualquer que seja esse sentimento. Trixie me diria para dar uma palavra, mas falar sobre meus sentimentos não é realmente parte do que os militares incutiram em mim como um operador especial.

Então, sem academia à vista, eu corro. Faço flexões. Faço abdominais. Se conseguisse encontrar alguns tijolos ou algo assim, provavelmente poderia arranjar alguns pesos. O cascalho estala sob meus pés quando chego às estradas vicinais; o ar cheira fresco e desconhecido, como as rochas siltosas no rio fresco que atravessa a propriedade. Como a neve que ainda não derreteu no topo das Cascatas, embora já seja abril.

Digo a mim mesmo que sinto falta do cheiro de escapamento e do som das buzinas dos carros que geralmente ouço quando estou no centro da cidade. Mas acho que posso estar mentindo. É difícil dizer mais. O que sei é que o movimento é uma dádiva, uma liberdade que nunca podemos dar por garantida. Seu corpo, não importa a forma ou tamanho, é um burro de carga que faz coisas incríveis por você. Coisas simples que você nem percebe até não poder mais fazê-las.

O que significa que também sei que Violet está se sentindo presa por seu ferimento. Talvez ela nem tenha percebido ainda. Mas eu sim. E ao invés de ser sábio e compreensivo sobre isso, eu fui... eu.

Depois que ela saiu furiosa, fui buscar um banquinho no galpão de armazenamento para que ela pudesse alcançar aquele armário, embora eu tenha certeza de que o estrago já foi feito. Ela pensou que eu faria isso com ela intencionalmente, então vou arriscar e acho que não estou nos bons livros de Violet Eaton.

Eu movo meus braços e corro mais rápido, devorando o chão abaixo de mim, começando a suar. Até eu quero fugir da minha personalidade.

Como posso compensar isso com Violet? Eu sei que não devo nada a ela, mas a verdade é que ela é a coisa mais próxima que tive de uma amiga desde... eu nem consigo me lembrar. Hilary e eu certamente nunca fomos amigos. Éramos colegas de foda. E então eu era um soldado me preparando para me posicionar. E então ficamos noivos.

E quando voltei de vez? Nós éramos venenosos.

Eu cozinhei naquele veneno por *anos.* Eu zombo de mim mesmo quando viro a esquina para outra estrada completamente não identificável. *Boa tentativa, velho, você ainda está fervendo. Você está saturado.*

Violet não merece ser manchada por minhas besteiras. Ela não pediu nada disso, e não me mataria tornar sua vida um pouco mais fácil depois de ferir seus sentimentos. Porque eu *sei* que a machuquei – não intencionalmente –, mas não poderia dar mais a ela. Eu não poderia dar a ela o que ela quer. Não tive coragem de tirar a roupa pessoalmente, muito menos em um bate-papo por vídeo. Naquela noite ela me disse para assumir, para dizer a ela o que fazer, estava *gostosa.* Tão gostosa. Mais do que em qualquer

outra vez que fiz isso, provavelmente porque nos conhecemos. A confiança dela significou algo para mim naquele momento. Eu estava sentindo coisas por Violet que eu não conseguia identificar.

Mas foi só isso: um momento. Para mim, de qualquer maneira. Então, o mínimo que posso fazer agora é não ser um idiota com ela. Eu nem estava tentando. Sempre sai assim, quer eu queira ou não. E geralmente, não me importo como sou percebido. Está abaixo de mim. Eu poderia tentar ser útil, no entanto. Não vai me matar, e Trixie definitivamente aprovaria.

Minha respiração sai ofegante, e odeio admitir isso, mas meu corpo está cansado do meu primeiro treino. O sol do meio da manhã está mais quente do que eu esperava tão longe no interior, então paro, juntando minhas mãos atrás da minha cabeça para esticar meu peito, enquanto me viro lentamente, observando as valas fortemente arborizadas. Todas as folhas são de um verde vibrante, quase neon, nesta época do ano. Todas frescas e novas antes de crescerem e adquirirem um tom mais escuro.

Com um suspiro profundo, forço meu corpo a entrar em ação. Mente sobre a matéria. E sentir-me cansado não importa. Então continuo, obrigando-me a voltar correndo, embora prefira caminhar.

Enquanto acerto meu passo, o rosto de Violet pisca em minha mente. O que ela fez quando percebeu que não conseguia alcançar aquele armário. A mancha rosa em suas bochechas. A maneira como seus olhos azuis redondos brilharam como um fio elétrico. A estúpida calça de moletom que ela usava enrolada para caber em sua cintura fina. A parte má de mim queria rir, porque ela parecia

uma pequena Sininho batendo o pé, mas a parte boa de mim absolutamente se encolheu. Eu não pretendia fazer isso. Eu nem pensei nisso. Acabei colocando os comprimidos onde eles pertencem, com o resto das minhas vitaminas e suplementos. Eu não precisava dos balcões desorganizados com merda aleatória.

Corro mais forte até sentir meus pulmões e quadríceps queimarem. Até minha mente ficar em branco.

Eu não preciso da minha *vida* bagunçada com nenhuma dessas merdas.

Logo que entro pela porta, vejo Violet carrancuda para mim do banquinho onde ela se sentou antes. Sua boca está se movendo, mas minha música está tão alta em meus fones de ouvido que não consigo ouvi-la. É meio glorioso, se estou sendo honesto. Vou ter que me lembrar desse truque para mais tarde.

Eu os removo, levantando uma mão para parar qualquer discurso sobre o qual ela está falando agora. Uma gota de suor escorre entre minhas omoplatas enquanto eu calmamente pergunto: — Sobre o que você está falando aí?

Seu lábio inferior faz beicinho e seus ombros caem em um suspiro. A agitação flui dela em ondas. — Não há café neste lugar.

— Eu sei — eu digo, tirando meus sapatos e colocando-os na prateleira antes de entrar em casa para pegar um copo d'água. —

O café é uma muleta; engana seu corpo fazendo-o pensar que você tem energia.

Os nós dos dedos dela ficam brancos de tanto segurar o balcão com tanta força. — Eu quero ser enganada. Não. Eu *preciso* ser enganada. — Ela desliza para fora do banco com cuidado. — Vou subir ao celeiro para tomar café. Preciso descobrir onde vou ficar — ela reclama — porque de tudo de errado em ficar com você, o fato de você não tomar café é o mais ofensivo.

Com as mãos nos quadris, eu gemo e inclino minha cabeça para o teto. — Violet.

— Uma muleta. Isso é algum tipo de trocadilho sobre minha perna mutilada? — ela continua, mancando.

— Violet.

De costas para mim, ela tenta enfiar o pé no chinelo com o qual caiu aqui e murmura algo que soa muito como: — Tão alto e poderoso *pra* caralho.

Então, opto por algo que possa realmente chamar a atenção dela. — Bela calça de moletom.

Ela gira em cima de mim tão rápido que você nunca saberia o quão ferida ela está. — Você está brincando?

Eu a interrompo. — Violet. Vou levar você para tomar um café. Eu preciso comprar alguns mantimentos de qualquer maneira.

Agora ela apenas pisca para mim, sua expressão abrangendo a linha de raiva e descrença. Quando seu queixo delicado cai em um aceno conciso, eu me aproximo dela, pego minhas chaves do gancho e a conduzo para fora da porta da frente.

— Você quer suas muletas?

Ela desce as escadas da frente desajeitadamente, com uma perna esticada e engessada, e se inclina contra o corrimão para acomodar o movimento.

— Não — ela quase rosna para mim. — Você vai me dar um sermão sobre isso também?

— Não. — Desço as escadas correndo e sigo para minha caminhonete preta, deixando-a para trás. — Você é uma adulta e conhece melhor o seu corpo.

Eu abro a porta do lado do passageiro e espero lá.

Violet me olha com desconfiança enquanto caminha, claramente ainda dolorida. — O que você está fazendo? — Seu tom é acusatório.

— Segurando a porta aberta para você. — Sinceramente, quase reviro os olhos. *Tantas perguntas.*

Ela meio que resmunga ao se aproximar da caminhonete, avaliando como fará para entrar, e se ela não pedir ajuda, não vou dar a ela. Ela deixou isso bem claro. Se aprendi alguma coisa sobre Violet no ano que passamos nos correspondendo, é que ela é teimosa. Eu não dei quase nada a ela, e ela continuou me importunando, voltando para mais, até que isso me obrigou a ceder um pouco. Ela não foi desencorajada pela minha personalidade naquela época.

Eu sei disso. Ela sobe na caminhonete. Não é gracioso, e acabo dando uma olhada em sua bunda redonda com *Vancouver* impresso enquanto ela entra no carro. Meus dedos pulsam ao meu

lado, ansiosos para estender a mão e dar um impulso a ela. Observar sua luta faz com que o aperto forme uma pontada no peito.

Quando ela finalmente se senta, eu bato a porta e dou a volta na caminhonete, entrando no lado do motorista e ligando o motor para que possamos acabar com isso. Quando saio da garagem, não perco o jeito que ela estende a mão para a merda da maçaneta, como se ela nem confiasse em mim para levá-la por uma estrada de cascalho.

Irrita-me que ela pense tão pouco de mim agora. Tinha quase certeza de que, a certa altura, estávamos em bons termos.

Quando chegamos à estrada principal, arrisco outro olhar para ela, mas ela virou a cabeça olhando pela janela, observando os campos verdes que passam enquanto eu acelero pela estrada. Seu cabelo tem uma coloração prateada, como um riacho fresco e iluminado pelo sol descendo por suas costas. Completo com lama de sua queda, mas não acho que seria uma coisa sensata falar quando já estamos em uma base tão tênue.

Além disso, eu meio que gosto disso. Violet simplesmente saiu pela porta com moletom do hospital, sem maquiagem e com lama no cabelo porque queria café. Ela não passou horas se arrumando para sair em público e ainda está linda. Ela é feminina, graciosa, quase élfica.

Lembro-me de notar isso sobre o cabelo dela quando ela enviou uma foto de sua cabeça com cocô de pássaro. — Tive uma grande e velha dose de boa sorte hoje! — ela disse.

A memória faz minha bochecha tremer. Na época, isso me fez rir e depois fez meu peito doer. Ainda não me lembro da última vez que sorri assim. Ela tinha literalmente merda no cabelo, e tudo o que ela podia fazer era rir e comentar sobre a boa sorte que isso poderia trazer.

Esse é um tipo de atitude de copo meio cheio que só posso aspirar. Mas não precisava derrubar o copo dela no processo. Isso foi apenas um movimento idiota. Eu não quero ser um idiota. Eu quero ser *melhor.*

— Você não precisa se mudar. — Quebro o silêncio abruptamente e olho pelo para-brisa com firmeza, como se houvesse algo interessante aqui no meio de um campo. Alerta de spoiler: não há.

Eu sinto seus olhos em mim, embora esteja fazendo o meu melhor para não olhar para ela. Seu olhar me perfura como uma pistola de tatuagem. Uma sensação aguda de formigamento, seguida por um calor que flui profundamente.

— Você não me quer lá, no entanto.

Eu suspiro audivelmente e aperto meus dedos ao redor do volante de couro. O que não quero são todos os sentimentos que ela desperta em mim. Não quero ter que olhar para ela todos os dias e desejar poder tocá-la ou deixá-la me tocar, porque é pura tortura querer algo que você não se permite ter. — Isso não é verdade.

Sua cabeça se inclina enquanto ela me olha. — Esta é uma situação estranha. É esquisito. Você está louco. Entendo.

Eu não preciso responder a isso. Nós dois sabemos que ela está certa. Estranho e desajeitado. A garota que solicitei anonimamente na internet para me enviar nudes tornou-se minha amiga e confidente. (Eu nunca disse isso a ela.) Ela me fantasiou e agora trabalha para meu irmão no rancho da família.

É bizarro *pra* caralho, é isso.

Eu estou louco? Sim. Estou com raiva de mim mesmo.

— Vou ficar fora do seu caminho. Além de ir para casa, não tenho certeza para onde ir. Você nem vai saber que estou lá.

De alguma forma, duvido disso, mas, no fundo, também não quero que ela vá embora. É um alívio não estar sozinho o tempo todo. — Ok.

— Ok — ela suspira, relaxando no assento de couro com um pequeno sorriso nos lábios bem torneados.

Ela fica quieta apenas por alguns momentos. Parece que nosso tênue tratado de paz abriu caminho para seu lado curioso.

— Por que Golddigger85?

Eu tento agir casualmente, mas não tenho certeza se estou pronto para falar sobre isso. Sobre o que aconteceu entre nós. E também... bem, ainda dói *pra* caralho. Então tento me fazer de bobo, rezando para que ela desista.

— Huh? — resmungo distraído quando entramos na rua principal de Ruby Creek.

É literalmente chamada de Main Street. Uma pequena rua triste em um lugar que parece estar preso em algum tipo de distorção do tempo. Um bar, uma cafeteria, uma mercearia / loja

de bebidas / ferragens, um banco e algumas outras lojas se alinham em cada lado da rua. Você pode dirigir mais longe e ter acesso a tudo o que precisa e muito mais, mas isso é Ruby Creek. Nada mudou desde que eu era criança. *Isso* é estranho.

— O nome no site. — Eu posso vê-la olhando para mim da minha visão periférica. — Por que você escolheu isso?

Por que o limite de velocidade é tão baixo aqui? Eu quero que isso acabe.

— Porque dirijo uma mineradora. Escavamos em busca de ouro. Eu nasci em 1985.

— Huh. — Ela bate o dedo indicador contra os lábios, uma mecha solta de cabelo platinado descansando contra sua bochecha rosada.

— Por que 'huh'?

— Parece que você está atrás de dinheiro ou algo assim. Você sabe, como a música de Kanye. É meio engraçado.

Eu tento tanto não sorrir, forçando minha boca em uma linha reta. Por alguma estranha razão, o nome me fez rir quando criei a conta. Agora tudo o que faz é me lembrar dela.

— Por que você escolheu... seu nome? — pergunto, não querendo dizer o nome em voz alta.

Ela cora e desvia o olhar para as lojas enquanto passamos por elas. — Roxo é meio que a minha cor.

Eu só olho para ela por um momento. É tudo o que posso suportar antes que o sangue corra entre minhas pernas. Mas quando volto meus olhos para a estrada, minha mente se fixa

naquele rubor. A lembrança de como ela corou por mim. *Mais como bonita em rosa.*

Meu Deus. Preciso dar o fora dessa caminhonete.

Encontrar estacionamento é fácil, então paro em uma vaga inclinada em frente ao The Country Grind, o café local. Violet está com a porta aberta e saindo antes que eu possa chegar ao lado dela. Eu a ouço choramingar e então ofegar quando ela atinge o chão. Eu estremeço. *Tão teimosa.*

Ando a passos largos até a entrada e seguro a porta aberta em vez de pegá-la e carregá-la.

Ela passa mancando por mim com uma sobrancelha erguida. — O ato de cavalheiro é fofo. — Fofo? Não me lembro de ter sido chamado assim. Distante. Mal-humorado. Assustador mesmo. Balanço a cabeça e a sigo.

— Oi, Macy! — Violet diz.

— Querida! — a ruiva curvilínea atrás do balcão retruca. — O que você fez a si mesma?

— Ah, isso? — Violet mordisca o lábio enquanto olha para mim, onde estou ao lado dela. — Pequeno acidente. Nada importante. Estarei de volta ao ataque em pouco tempo.

— Oh, baby — continua a mulher de meia-idade — deixe-me pegar um biscoito e um café para você. Isso vai ajudar.

— E você, querido? — Esses apelidos. Eles são brutais. Felizmente, Violet intervém e me resgata dessa linha de questionamento. Ou talvez ela tenha resgatado Macy de mim. Quem sabe?

— Oh, não se preocupe com ele. Ele não acredita em café.

Macy parece genuinamente horrorizada quando sua mão cai sobre a clavícula em estado de choque fingido. Seus olhos percorrem meu corpo apreciativamente, fazendo-me contorcer, antes que ela levante uma mão ao lado de sua boca e se incline para Violet conspiratoriamente. — Existem certas falhas que estou disposta a ignorar para um homem como esse.

Violet solta uma pequena risadinha e suas bochechas de porcelana instantaneamente ficam rosadas *de novo* enquanto seus olhos nervosos disparam para mim, visivelmente tão desconfortável quanto eu me sinto por dentro. Eu apenas as encaro como se estivesse entediado, perguntando-me se já terminaram. Eu odeio quando as pessoas olham para mim muito de perto; é por isso que Vaughn é o rosto da mineradora familiar.

— Biscoito duro, esse! — Macy gargalha e depois se vira, ocupada preparando o pedido de Violet.

Cruzando os braços, olho ao redor, observando a decoração rústica. Uma mulher mais velha sentada com um jornal sorri para mim, sua pele enrugada ao redor dos olhos quando ela diz: — Bom dia.

Continuo com minha avaliação, odiando admitir que há um certo charme no lugar, quando sinto uma cutucada nas minhas costelas e olho para baixo para ver a testa franzida de Violet olhando diretamente para mim.

Ela sussurra e me repreende: — Ela acabou de dizer bom dia para você.

Eu me inclino para ela. — Eu sei.

— Mas... você simplesmente a ignorou.

— Eu não a conheço. — Não gosto de talo pequeno. Ou estranhos. Ou como as pessoas de cidade pequena não sabem como cuidar de seus negócios. Se eu não estimular esse tipo de comportamento, meu tempo aqui será menos irritante. Eu me estabeleci como inacessível antes, e realmente não demora muito para conseguir se você ofender as pessoas o suficiente.

O maxilar inferior de Violet se abre como se eu tivesse acabado de dizer algo chocante. — Você tem modos melhores do que isso, Cole Harding. Você tem aberto portas para mim a manhã toda.

— Você está me repreendendo?

Ela cruza os braços e levanta uma sobrancelha para mim em desafio. Seu quadril se projeta para fora enquanto seus braços esguios se dobram sob seus seios, e eu me concentro na lama em seu cabelo para não dar uma espiada em como sua postura pode pressioná-los para cima.

Seu corpo ainda me assombra.

— Eu preciso?

Ela acena com a cabeça.

Eu gemo por dentro, enquanto por fora sorrio de uma forma que tenho certeza que parece mais um cachorro selvagem mostrando os dentes, enquanto me viro para a mulher na mesa. — Bom dia — eu digo claramente antes de voltar para Violet, cujos olhos estão dançando com diversão.

Ela revira os lábios como se estivesse segurando uma risada antes de me atingir com um sorriso completo e ofuscante. Um sorriso genuíno. — Isso foi realmente tão ruim?

Tudo o que consigo pensar é que não consigo me lembrar da última vez que alguém olhou para mim *desse jeito.*

8



Violet

Ontem ele parou de responder depois que recusei sua oferta de... o que quer que fosse. Observar me masturbar enquanto ele dá as ordens?

Parece bizarro. Então por que você está apertando suas coxas só de pensar nisso?

Como ele sabe que vai se sentir atraído por mim? Ou eu por ele? Por que alguém faria isso com um estranho? Esse cara é realmente algum tipo de mágico de orgasmo?

Pego meu telefone, determinada a chegar ao fundo disso.

Pretty_in_Purple: *Por que alguém se inscreve para esse acordo?*

Eu jogo meu telefone na minha cama e me visto para a manhã, tentando descobrir por que estou tão obcecada em descobrir isso quando não tem relação comigo. Não é como se eu fosse fazer isso.

Quando meu telefone vibra, eu praticamente me jogo na cama para pegá-lo. Suave.

Golddigger85: *Ainda pensando em mim, hein?*

Pretty_in_Purple: *E se eu for uma butterface?*

Golddigger85: *Butterface?*

Reviro os olhos. Quem não conhece esse ditado?

Pretty_in_Purple: But the face. *Você gostou da minha foto, mas e se eu for uma butterface?*

Golddigger85: *Eu não esperaria que você me mostrasse seu rosto.*

Pretty_in_Purple: *Ok, Capitão Literal. E se* você for *um butterface total? Talvez os rostos sejam importantes para mim. Acho que não gostaria de mostrar as mercadorias para uma pessoa sem nome e sem rosto na internet.*

Golddigger85: *Tem certeza disso?*

Excitação passa por mim, pingando em minha pélvis enquanto me imagino fazendo o que ele está pedindo. Tocando-me na câmera. Como seria a voz dele? Um arrepio percorre minha espinha enquanto meus polegares pairam sobre a tela do meu telefone. Não tenho certeza, mas nunca direi isso a ele. Estou com fome de sexo. Isso é tudo.

Pretty_in_Purple: *Sim.*

Os pontos rolam pela tela enquanto ele digita de volta e, em seguida, uma foto aparece na tela. Uma selfie.

Golddigger85: *Ok, e agora?*

Dou um tapinha na foto e observo a barba escura bem cuidada na mandíbula perfeitamente quadrada do homem. Ele está usando um boné que cobre a metade superior de seu rosto, obscurecendo o que fica acima de seu nariz reto e pronunciado. Eu não posso nem ver a cor de seus olhos, não importa o quão perto eu amplie. Está

escuro onde quer que ele esteja e quase parece um porão ou algo assim.

Provavelmente onde ele guarda todos os corpos.

Quando me afasto, meus olhos se fixam em sua boca, quase um pouco bem torneada para a força de suas outras feições. Ele tem lábios bonitos, aquele formato de arco perfeito no topo. E enquanto deixo meus dedos caírem, percebo que ele tem muitas outras coisas legais também, porque ele não está vestindo uma camisa. Um pescoço forte, com um pomo de Adão pronunciado. Grandes ombros redondos, a protuberância de um bíceps visível onde seu braço está estendido segurando o telefone. A foto é interrompida antes que eu consiga descer mais em seu peito, mas posso ver uma mecha de cabelo e uma linha entre seus peitorais.

Minha boca fica um pouco seca. Golddigger é cortado. E de repente me sinto estranha. Aturdida. Então, eu desvio, assim como fiz quando meus irmãos começaram a perguntar sobre namorados.

Pretty_in_Purple: *Até mesmo Butterface fica bem em um boné.*

Golddigger85: *Você está dizendo que eu pareço bem?*

Saio do aplicativo rapidamente e o enfio no bolso de trás da minha calça jeans.

Essa não é uma pergunta que eu quero responder.

— Ok, derrame. — Billie se inclina para a frente, ombros até as orelhas, com uma expressão travessa no rosto. — Como é viver com a fera?

Billie e Vaughn moram em um chalé no lado oposto da propriedade, e é o epítome do aconchego. Conceito aberto, madeira exposta, grande loft. É pequeno e simples, mas eles adoram e combina perfeitamente com eles. Além disso, há um paddock ao lado da porta onde ela pode manter seu cavalo, DD, por perto. Ele está bem. A queda o machucou e ele ficou um pouco nervoso depois, mas está saudável – graças a Deus. Billie diz que não vai correr até que eu esteja pronta para ir de novo, então vamos compensar o tempo perdido, mesmo que isso signifique participar de corridas mais próximas do que poderíamos fazer de outra forma. Nesse ínterim, ele está aproveitando o tempo livre e treinando com sua treinadora favorita, Billie.

Eu não posso segurar uma vela para o que os dois têm. Eu só tenho sorte que ele me deixa aguentar o passeio de vez em quando e que Billie é muito alta para ser uma joqueta.

Ela tem me assediado sobre vir a semana toda. Ela me encheu de vinho e agora estamos na taça número três. E é por *isso.* Eu finalmente cedi, porque é sexta-feira e estou entediada de ler os romances picantes que ela deixou na minha varanda. E agora é *isso* que eu recebo.

Reviro os olhos e murmuro: — Vadia curiosa. — Ela apenas ri e eu pergunto: — Isso me torna bela?

— Não sei. Você vai fazer uma guerra de bolas de neve e se apaixonar pelo grande bruto? — Ela gargalha como se fosse a coisa

mais ridícula do mundo, e tento não me encolher. Se você tivesse me feito a mesma pergunta há um ano, eu teria suspirado como uma adolescente apaixonada e sonhado em conhecer Golddigger85 um dia. Eu tinha tanta certeza de que era especial para ele, não apenas mais uma garota que ele conheceu na internet, ou nunca teria ido tão longe. Níveis de queimação de bochecha de longe.

Então, imagine minha surpresa quando ele me lembrou que eu era exatamente isso. Meu coração dói mais com a memória do que eu gostaria de admitir. Ele me machucou, e foi tudo culpa minha. Eu pedi mais do que ele poderia dar.

Balanço a cabeça e tomo um gole do vinho tinto que Billie serviu para mim, escondendo meus sentimentos confusos atrás do grande sino de cristal. Esperançosamente.

— Eu mal o vi durante toda a semana. Ele trabalha longas horas. E não tenho nada para fazer, então não é como se eu acordasse cedo.

— Isso não é verdade. Você veio e passou alguns dias no celeiro comigo.

— Em uma cadeira com minha perna apoiada em um balde. Onde fui forçada a assistir todo mundo se divertindo enquanto eu ficava de mau humor nos bastidores.

Agora é a vez de Billie revirar os olhos. — Pense nisso desta maneira. Você está a um quarto do caminho da sua recuperação. Isso não é tão ruim!

Eu olho para ela, onde ela está enrolada no canto do sofá grande e macio à minha frente, as pernas dobradas debaixo de si mesma, parecendo confortável e despreocupada. Tenho tentado dar o meu melhor, para me manter positiva, mas devo confessar... estou tropeçando. Estou entediada. Estou triste. E estou me sentindo um pouco ressentida – com raiva, talvez. Esta deveria ser a minha temporada para provar a mim mesma.

— Você está bem, Vi? — A pele entre as sobrancelhas de Billie se contrai.

Minha respiração sai do meu corpo em um grande suspiro. — Sim.

Ela não está acreditando. — O que está errado?

Não quero estressar Billie. Não quero que ela se preocupe comigo, e ela é tão mãe galinha que sei que vai se preocupar. — Nada — eu digo, colando um sorriso falso no meu rosto.

Ela me encara fixamente. Eu odeio quando ela faz isso. É como se ela estivesse vasculhando meu cérebro sem permissão. — Cole fez alguma coisa?

Eu olho para baixo e bufo enquanto arrasto meu dedo indicador ao redor da borda da minha taça de vinho.

— Violet — ela lamenta. — Você nunca vai me contar o que está acontecendo com vocês? Estou tentando ser uma adulta sobre isso, mas está literalmente me matando. Ser adulto é muito difícil.

Minha sobrancelha aparece com ceticismo. — Você parece bem para mim.

Ela geme e olha para o teto de vigas de madeira. Reviro meus lábios novamente, pesando minhas opções. Eu poderia falar sobre Cole, ou poderia falar sobre meu intenso nível de tristeza e decepção e provavelmente começaria a chorar. Pela primeira vez, falar sobre Cole parece preferível.

Tomo um grande gole do meu vinho. Coragem líquida.

— Ok, Cole e eu nos conhecemos na internet.

Ela se agacha, inclinando-se ligeiramente para a frente, como uma criança se preparando para ouvir uma história de fogueira.

— Com um... uhm... — Oh, Deus, dizer isso em voz alta é mais difícil do que eu pensava.

— Site de encontros? — ela cutuca.

Eu quase rio. O pensamento de Cole em um site de namoro. — Não, mais como um... hum, fórum?

— Tudo bem. — Billie parece confusa agora e minhas bochechas esquentam.

Eu apenas deixo escapar e acabo com isso. — Um fórum onde as pessoas postam nudes — falo rapidamente, antes de enfiar minha taça de vinho na minha cara novamente.

Suas sobrancelhas se unem. — Cole posta nudes na internet? Se ele não fosse meu futuro cunhado, eu não teria aversão a ver...

— Não, eu postei.

Os olhos felinos de Billie se arregalam enquanto ela se engasga com a boca cheia de vinho. Com uma mão sobre o peito, ela pausa para respirar. — Você?

Eu concordo.

— Minha doce e pequena Vi?

Eu fico vermelho beterraba. Da cabeça aos pés, tenho certeza. Ouço um clique, mas não consigo desviar o olhar de Billie.

— Você postou fotos nuas de si mesma... na internet?

E de alguma forma, porque eu tenho a pior sorte do mundo, este é o momento em que Vaughn entra pela porta da frente.

Ele olha para Billie e para mim, suas feições escuras intencionalmente em branco, e levanta as mãos no ar. — Eu nunca estive aqui.

— Foi uma foto! Faz tempo! — anuncio para a sala, tentando me esclarecer e me encolhendo tanto com o pensamento de pessoas que conheço e respeito descobrindo isso sobre mim. Billie é uma coisa. Mas Vaughn? *Eca.*

— Não ouvi nada! — ele fala de volta um pouco brilhante demais enquanto sobe as escadas. — E mesmo que tivesse, sou totalmente a favor das mulheres que assumem o controle de sua sexualidade!

Eu descanso minha cabeça contra a parte de trás do sofá macio e gemo. Talvez as almofadas me engulam inteira? Envolvam-me no enchimento para que eu nunca mais tenha que ver ninguém.

— Desculpa. — Billie estremece. — Ele foi até a casa de Hank para revisar algumas coisas. Achei que ele demoraria mais tempo.

Eu fecho meus olhos. Finjo que posso voltar no tempo para cerca de cinco minutos atrás, quando minha dignidade ainda estava intacta.

Billie dá um tapinha no meu joelho. — Não se preocupe, Pornstar Patty, seu segredo está seguro comigo.

Um ruído estrangulado se aloja em minha garganta. Eu ainda me recuso a olhar para ela.

— Vamos lá, Vi. — Ela ri. — Quer que eu conte algumas histórias malucas de sexo para equilibrar o campo de jogo? Porque Vaughn pode...

— Por favor, não. — Eu levanto uma mão para pará-la.

— Ok, então pare de ser um bebê e me conte o resto. Você postou a foto... e?

Eu ouço o chuveiro ligar lá em cima, e acho que posso derramar por mais alguns minutos.

— Ele entrou em contato comigo... — Decido que, mesmo que não deva nada a Cole, não quero trair sua confiança com os detalhes daquela primeira mensagem. Sua oferta de pagamento nunca me pareceu nada além de honrosa. Uma troca justa por um produto – quase clínica, na verdade. Como se isso o fizesse se sentir melhor sobre o que ele estava pedindo. E quanto mais eu o conhecia, mais percebia que era exatamente isso, além de uma forma de manter sua preciosa distância. Algo em que eu tinha jogado uma chave inglesa.

— E acabamos conversando. — Ela balança as sobrancelhas. — Como amigos. — Seus ombros caem em desapontamento. — Por um ano.

— O quê! Um ano?

Eu concordo.

— Sobre o que vocês conversaram?

Eu corro minha mão livre pelo meu cabelo. Sobre *o que* conversamos? Tinha sido principalmente eu fazendo perguntas ou monologando. Mas ele sempre respondia, e quando eu achava que ele estava entediado ou cansado de falar comigo, eu recuava. Apenas para ver uma mensagem dele aparecer um dia depois, como se esse fosse o limite para quando ele entraria em contato. Algo que considerei significar mais do que obviamente significava. Às vezes, assistíamos a um filme ao mesmo tempo e digitávamos sobre ele. Era companheirismo no sentido mais básico da palavra.

— Tudo e nada — digo, porque é verdade. — Conversamos sobre livros, televisão, eventos atuais, sobre nossas famílias em vagas generalidades, mas nunca falamos sobre detalhes. Não compartilhamos nada que pudesse revelar nossas identidades. Sempre foi totalmente anônimo.

— Então, vocês nunca... — Ela levanta a mão em um movimento de rolamento, sugerindo *coisas*.

Mordo o lábio e olho pela janela para a noite escura e chuvosa. — Uma vez.

— Uma vez. — Billie segura sua taça de vinho com as duas mãos, sentando-se de pernas cruzadas agora e balançando a

cabeça, como se eu estivesse contando a história mais fascinante do mundo.

Eu me fortaleço, querendo acabar com essa parte o mais rápido possível. — Sim. Uma vez. E foi muito unilateral. O que resultou no fim do nosso... o que quer que fosse. — Sinto tanto calor que tenho certeza de que você poderia fritar um ovo na minha bochecha agora.

— O que quer dizer unilateral?

Agitação domina minhas entranhas. Essa parte ainda me incomoda, não importa o quanto eu tente superar isso. O constrangimento é difícil de superar. — Quero dizer, as coisas se empolgaram uma noite. Acabei perdendo todas as minhas roupas no vídeo, porque pensei que confiava nele o suficiente para fazer isso depois de um ano de correspondência. Tive o melhor orgasmo da minha vida. E então Cole se recusou a retribuir. Ele deixou a tela preta o tempo todo e disse que nunca iria participar. Todas as coisas que ele me contou no passado, apenas pensei... — Balancei minha cabeça com uma risada triste. — Eu acho que pensei que seria diferente. Acontece que eu estava errada. Apaguei o app e nunca mais falei com ele. Até o Denman Derby no ano passado, quando ele descobriu quem eu era.

Do andar de cima, ouço: — Ai, porra!

— Você estava nos espionando, Vaughn Harding? — Billie grita para o loft aberto, enquanto procuro um lugar para cavar um buraco e rastejar para dentro dele.

— Nop! — ele responde, estalando o *p*. — Apenas machuquei meu dedo do pé.

— Espero que doa!

Eu gemo e esfrego minha mão sobre meu rosto. — Ok, essa é a minha deixa para sair. — Coloco a taça de vinho na mesa de centro de carvalho à minha frente e me levanto, sentindo-me bastante acostumada com o gesso agora. Não posso sair daqui rápido o suficiente.

— Vi — Billie diz com uma risadinha ofegante — não se preocupe com isso. Ele não vai dizer nada.

Eu sei que o que ela está dizendo é verdade. Vaughn é um cara legal, honrado. Mas isso não significa que estou interessada que ele saiba sobre minha vida sexual. Sobre a vida sexual de seu irmão.

Bom Deus.

Cole. Eu provavelmente deveria contar a ele sobre esse pequeno contratempo. Apenas no caso de. Já posso imaginar a expressão em branco que ele vai me dar, a maneira como sua mandíbula vai marcar quando ele cruzar os braços.

Eu manco até a porta, e Billie segue. — Deixe-me levá-la para casa. — Eu vim para cá com ela depois de ficar no celeiro a tarde toda, o que também significa que não tenho uma maneira independente de chegar em casa.

— Não, você andou bebendo. Vou andando.

Coloco minha bolsa no ombro e deslizo meu pé bom na bota de chuva que usei enquanto Billie segura a porta da frente aberta para mim.

— Deixe Vaughn levar você para casa.

— Ah! — Eu solto uma risada. — Acho que vou deixar isso de lado por enquanto. Preciso de alguns dias antes de poder olhá-lo nos olhos novamente, obrigada.

— Tem certeza? — Ela mordisca o lábio inferior nervosamente. — Está chovendo muito forte.

Enfio a mão na bolsa e pego um pequeno guarda-chuva. — Tudo bem. Não é tão longe.

Billie não parece convencida, mas também não me impede, algo que aprecio. Não gosto de ser mimada e não preciso que as pessoas me tratem como porcelana porque tenho uma lesão. Meus irmãos teriam se apoiado em um touro com uma pequena fratura como esta, e aqui estou chafurdando como uma princesa ferida.

Saio para a noite escura e úmida e suspiro. Gotas de chuva batem no topo do meu guarda-chuva, o som alto ao meu redor. O cheiro de sujeira e chuva permeia o ar. Cheira fresco, como um novo cultivo. A noite perfeita para uma caminhada para limpar minha mente e refrescar minhas bochechas.

U

Caminhar foi uma má ideia. A forte chuva de abril destruiu rapidamente todo o encanto da noite.

Minha perna dói, estou com frio e esse guarda-chuva de merda vaza. Se eu não fosse tão covarde, teria aceitado a carona de Vaughn. O que é uma viagem de cinco minutos para ele é mais

como uma caminhada de vinte minutos para mim. Provavelmente mais tempo com o meu coxear. E não estou nem na metade.

— Filho da puta — murmuro enquanto manco pela estrada de cascalho com meu gesso idiota – que também não é à prova d'água, o que significa que minha meia por dentro está ficando encharcada. E fria. Raramente xingo, mas de vez em quando uma situação o justifica. Esta situação é uma dessas. Esta noite é uma dessas. Na verdade, esta semana é uma delas.

Lágrimas ardem no fundo dos meus olhos. A ponta do meu nariz formiga. Não sou de chorar, e esta não é uma situação incontrolável. Mas agora, tudo parece pesado. Como mais do que posso suportar. Minha carreira, minha perna, minha vida pessoal. Às vezes, ser um adulto independente é cansativo.

Eu paro e olho para o céu, tentando forçar uma respiração profunda em meus pulmões, mas minha frustração vence e acabo gritando para ninguém: — Foda-se a porra da minha vida!

O que é exatamente quando os faróis aparecem na estrada, iluminando-me como a atriz da Broadway que não sou, como se o universo estivesse morrendo de vontade de alguém testemunhar meu colapso ou espirrar água em mim enquanto eles passam. Mas quando a caminhonete se aproxima e reduz a velocidade, percebo que o reconheço. Uma janela desce e um antebraço grosso se projeta para fora, acenando para que eu vá em frente.

— Entre! — Cole grita.

Sinto que em circunstâncias diferentes eu diria não. Mas, neste momento, tudo o que sinto é um alívio intenso. Como se eu

nem me importasse com quem está aqui para me salvar, desde que esteja sendo resgatada.

Ele estende a mão sobre os bancos da frente e abre a porta antes mesmo de eu chegar lá. Um gesto simples, mas ainda sinto que poderia abraçá-lo por isso. Fecho meu guarda-chuva e subo em sua grande caminhonete, odiando a altura do chão, mas amando o quão seca e quente é tudo ao mesmo tempo.

Não digo nada enquanto bato a porta e coloco o cinto de segurança. Posso sentir que Cole está olhando para mim. Posso sentir a raiva irradiando dele em ondas, como quando você se senta muito perto de um aquecedor. Mas eu não me importo. Apenas deixo cair minha cabeça para trás contra o encosto de cabeça, fecho os olhos e suspiro, de repente muito exausta.

— Você está *tentando* piorar sua perna? — Sua voz é precisa – posso ouvir seu histórico militar ali. Ele parece autoritário, e gosto disso. Não é tanto uma pergunta quanto uma exigência. Isso me lembra da noite em que fomos longe demais.

— Obrigada por me buscar — é tudo o que digo de volta, sentindo-me instantaneamente um pouco tonta. Vinho, frio e amarrar-se em uma montanha-russa emocional fará isso com uma garota, eu acho. E presumo que Billie esteja por trás disso, algo pelo qual ela pagará mais tarde.

Ele apenas grunhe e dirige. Eu o sinto se movendo ao meu lado e aperto os olhos sob meus cílios para ver o que ele está fazendo. Uma grande mão se estende para o meu lado do painel, e observo seu antebraço fortemente flexionado enquanto ele pressiona o botão de aquecimento do assento para mim. Ele está

preocupado por eu estar com frio? Sigo aquele braço até seus dedos enquanto ele gira o botão para o calor máximo, sem perder a forma como suas veias se projetam sobre a parte superior de sua mão forte.

Tudo sobre Cole é muito masculino. Algo que meu corpo não pode deixar de engolir, mesmo que minha mente grite para ignorá-lo. Seu corpo, suas feições, sua *voz*. Deus. A voz dele. Toda profunda e pedregosa. Ele poderia fazer uma matança como operador de sexo por telefone, se isso ainda fosse uma coisa. E se ele dissesse mais do que algumas palavras de cada vez.

Como amigo por correspondência, ele demorou a se soltar. Mas na vida real? Ele é como espremer sangue de pedras. Quase impossível conseguir que fale.

É por isso que não me incomodo em bater papo. Deixo meus olhos se fecharem e me deleito com o calor saindo das aberturas ao meu redor. Se ele não vai falar comigo, não vou gastar minha energia falando com ele sobre o que pode ter acontecido na casa de Billie e Vaughn. Quer minha confiança? Ganhe-a.

Quando a caminhonete finalmente desacelera e para, abro um olho e o espio. Ele está olhando para mim, completamente fechado, mas olhando para mim mesmo assim.

— Fique aí — ele corta com aquela voz mandona.

Estou muito cansada para discutir, e observo sob as pálpebras pesadas enquanto ele pula para fora da caminhonete. Ele pode ter me chateado, mas não estou acima de ver a maneira como seu jeans se estica em sua bunda e coxas. O homem é enorme, uma parede de músculos. Ele poderia me esmagar se quisesse.

Um arrepio percorre minha espinha quando ele contorna a frente da caminhonete e abre a porta do lado do passageiro antes de anunciar: — Você vai me deixar ajudá-la a sair daqui.

Eu rolo minha cabeça ao longo do encosto de cabeça para olhar para ele, arqueando uma sobrancelha em resposta. Isso não foi uma pergunta.

Ele cruza os braços, alarga a postura e me encara. Ele parece um segurança em um clube, prestes a me negar a entrada. Uma pequena risada histérica borbulha de mim com a imagem mental. Mas Cole não se junta a mim. Ele continua me encarando, sua boca em uma linha fina, seus olhos queimando minha pele, ameaçando me incendiar – como o golpe de um palito de fósforo.

Eca. Preciso beber menos vinho. *E ter um orgasmo.*

— Ok — eu sussurro, minha voz pequena e instável. Minha perna dói muito. Não como no fim de semana passado, mas andar por aí provavelmente não foi meu melhor plano. Então jogo minhas pernas para fora do assento. Pareço uma criança tentando sair daqui. — Por que sua caminhonete precisa ser tão grande?

Ele me ignora enquanto dá um passo à frente. — Por que você tem que fazer tantas perguntas?

— Você está compensando alguma coisa? — Sim, esse é o vinho. Sinto minhas bochechas esquentarem com minha ousadia enquanto observo sua mandíbula apertar.

Espero que ele me jogue no chão, mas ele rosna e me pega em seus braços, um pendurado embaixo dos meus joelhos, o outro bem na alça do meu sutiã. — Oh — eu expiro. — Ok.

Ele dá passos largos em direção à casa, como se mal pudesse esperar para me largar. Eu posso sentir seus bíceps contra o lado do meu peito, e com o tom dourado das luzes da varanda, admiro a definição em seus braços, grossos e duros. *Não é à toa que eu comentei sobre eles antes.*

Espero que ele me deixe cair na varanda da frente, mas ele continua, agachando-se ligeiramente e facilmente serpenteando a mão sob meus joelhos para girar a maçaneta da porta. Eu sei que sou leve, mas o homem nem está lutando. De forma alguma. Ele abre a porta com um chute e me carrega para dentro. Espio seu rosto, os traços ásperos de suas maçãs do rosto, sua testa pesada, a barba por fazer em sua mandíbula.

— De quando é a cicatriz na sua sobrancelha?

Seus olhos se movem para mim como se eu fosse uma criança irritante.

— Do meu tempo no exterior — diz ele.

Eu sei que isso significa durante seu tempo no exército. Algo deve ter acontecido se essa é toda a explicação que vou conseguir, e agora me sinto péssima por perguntar. Não é da minha conta. Sinto que cruzei uma linha.

— Combina com você. Eu gosto disso — falo, tentando suavizar as coisas. Exceto que tenho certeza de que foi uma coisa idiota de se dizer pelo jeito que ele está olhando para mim, aqueles olhos cinzentos me prendendo no lugar. Seu peito esculpido sobe e desce de uma forma mais pronunciada, e sua respiração sopra em minha garganta enquanto ele me olha intensamente.

Esse olhar dura apenas um momento antes de ele me depositar no sofá com cuidado. Então ele se afasta rapidamente, como se eu estivesse pegando fogo.

9



Cole

Acordei com uma mensagem de Pretty_in_Purple. Diz: Bom dia, Butterface. E eu rio. Pela primeira vez em muito tempo, eu rio. Parece estranho na minha boca e olho em volta como se alguém pudesse ter visto.

Exceto que estou sozinho. Estou sempre sozinho. Parece que é assim que minha vida será. Acho que no começo eu queria assim, mas agora não tenho tanta certeza. Sou inteligente o suficiente para saber o que as pessoas dizem sobre mim... o recluso que dirige a empresa da família e é um idiota total.

O papel vem para mim naturalmente, mas acho que estou cansado dele. Cansado da minha própria companhia. Cansado da mesma merda todos os dias.

Eu escrevo de volta. Não sou engraçado ou espirituoso. E não sei o que dizer. Então, apenas digo o que estou pensando.

Golddigger85: *Tire suas roupas.*

Ela responde alguns minutos depois.

Pretty_in_Purple: *Você primeiro.*

Sim. Isso com certeza não está acontecendo. Apenas a menção disso me deixa nervoso. Eu não digo nada de volta, mas algumas horas depois verifico nosso bate-papo novamente e respondo desta vez.

Golddigger85: *Sem chance.*

Pretty_in_Purple: *Acho que estamos presos conversando. Poderíamos ser amigos por correspondência!*

Amigos por correspondência. Isso está muito longe do que eu tinha em mente quando mandei uma mensagem para essa garota. Qual a idade dela?

Golddigger85: *Não.*

Pretty_in_Purple: *Vamos! Estou solitária. Você obviamente também está. Vamos ser apenas amigos.*

Golddigger85: *Por que estou obviamente sozinho?*

Pretty_in_Purple: *Eu realmente preciso responder isso?*

Touché, garota da internet. E não. Por favor, não esfregue em meu nariz como me tornei patético. — Ter um amigo por correspondência me torna mais ou menos patético? — eu me pergunto em voz alta enquanto passo a mão sobre a barba por fazer e olho para a tela.

Eu perguntaria a ela, mas isso envolve admitir que me acho patético. Eu me recuso a ir para lá. Desviar. Redirecionar. Isso é o que vou fazer.

Golddigger85: *Talvez eu seja apenas um maníaco por controle.*

Pretty_in_Purple: *Talvez você seja os dois?*

Eu bufo. Touché, garota da internet. Touché.



Estou ficando muito cansado de carregar Violet para fora da caminhonete. É como se ela não se importasse com seu próprio bem-estar. Pelo menos desta vez ela não parece vacilante em meus braços.

Eu abro o freezer e pego uma das minhas bolsas de gelo, a agitação revestindo cada movimento. Eu já estava irritado quando entrei depois de uma longa semana trabalhando no grande problema que é o novo investimento da nossa empresa para encontrar suas merdas em todos os *lugares*. Copos de água abandonados pela casa, sapatos jogados descuidadamente na porta da frente, pratos empilhados na pia e um moletom pendurado nas costas de uma cadeira quase me deixaram nuclear.

Eu sou o solteiro. Eu deveria ser o bagunceiro. Mas, em vez disso, tenho uma jovem de vinte e poucos anos morando em meu espaço, uma atleta agora mundialmente famosa, que não consegue colocar coisas simples de volta em seu devido lugar. Meus pés pisam no chão de madeira desgastado o tempo todo em que limpo o lugar. Não é o que eu queria fazer em uma noite de sexta-feira, mas não sei o que mais faria em Ruby Creek.

Com a bolsa de gelo na mão, pego uma garrafa de água na geladeira e volto até Violet. — Aqui. — Estendo a água para ela antes de me ajoelhar ao lado do sofá.

Eu desfaço as tiras de velcro de seu Aircast enquanto ela segura a garrafa de água de plástico e me olha com curiosidade. — O que você está fazendo?

— Colocando gelo na sua perna para que você possa montar um cavalo novamente um dia. — O mero pensamento disso envia uma lança de ansiedade através do meu peito, mas eu a afasto. Esta é a jornada dela, não minha.

— Você sabia que as garrafas plásticas de água são ruins para o meio ambiente?

Meu Deus. Ela realmente não para com as perguntas. Eu não respondo, o que ela aparentemente interpreta como um sinal de que deveria continuar falando. — Elas não se decompõem. Em vez disso, elas acabam nos oceanos...

Reviro os olhos. Ela provou a água da torneira aqui? — Por que você tentou voltar para casa com uma perna que você sabe que deveria estar descansando?

Eu sei que algo está acontecendo. Tinha sido meu trabalho por anos sentir quando algo estava errado.

Violet está reclamando sobre garrafas de água e Billie agiu de forma estranha ao telefone. A risada tensa e irônica quando ela sugeriu que Violet poderia precisar de ajuda parecia de pânico. Eu podia sentir as palavras não ditas, a tensão.

Ela revira os lábios nervosamente e seus olhos azuis cristalinos se arregalam. Eles só parecem mais brilhantes ao lado do rosa florescendo nas maçãs do rosto.

— Por que você está corando?

— Agora, quem é aquele com todas as perguntas? — ela responde com falsa bravata. Um pequeno tremor em sua voz a denuncia. A mulher é um livro aberto. Nenhuma cara de pôquer para falar.

— Violet — eu a repreendo, puxando o gesso para avaliar seu tornozelo abaixo da bainha de sua legging. Inchado. Meus dentes rangem.

Seu suspiro sai alto e irregular, sua voz um pouco baixa demais. — Ok. Eu só precisava sair de lá. Não pensei nisso.

— Por quê?

Seus olhos se desviam, e seguro seu calcanhar delicadamente, o cheiro de seu creme corporal de baunilha no ar enquanto pressiono a bolsa de gelo em sua perna inchada. Ela sibila e volta sua atenção para mim, que é o que eu queria.

— Eu estou apenas... — Sua voz treme e ela passa os dedos por seus cabelos dourados. Seu gesto. Ela faz isso quando está nervosa. — Você sabe. Realmente decepcionada. Realmente entediada. Mesmo... engasgada com o estado atual da minha vida. Eu não queria falar sobre isso. — Ela faz uma pausa e eu me sento sobre os calcanhares, movendo minhas mãos para baixo em minhas coxas para ouvir, não querendo tocá-la por mais tempo. Seus olhos estão brilhando com lágrimas não derramadas. Eu poderia dizer que ela estava chorando mais cedo, assim como ela está perto agora.

— Então, em vez disso, contei a eles sobre nós — ela fala correndo, olhando para mim suplicante. — Sinto muito. Desculpe-

me. — Estou ainda preso no lugar. — Juro que foi tudo muito geral.

— *Eles?*

Ela se encolhe com a mordacidade em meu tom de voz, e instantaneamente fico cheio de autoaversão. — Ok. Então, realmente só contei a Billie. Eu não sabia que Vaughn estava ouvindo.

Minha pele se arrepia de vergonha, como aquela sensação quando você tem um inseto subindo lentamente pela sua espinha, mas não consegue alcançá-lo. Minha perna dói, como costuma acontecer. Isso nunca deveria acontecer. Minha vida sexual deveria ficar perfeitamente compartimentada na internet, onde ninguém consegue me ver. Violet deveria ficar firmemente distante da minha vida real. Ela nunca deveria surgir como um esteio nos negócios da família.

O pânico corre em minhas veias enquanto vejo minha fachada perfeita desmoronar. Apenas uma pequena rachadura no canto vai levar a mais perguntas. Quando um tijolo cair, os outros o seguirão, despedaçados por perguntas que não quero responder.

Eu sei que estou fodido. A última coisa que preciso é que todos ao meu redor também saibam. E esta bomba é mais do que estou preparado para lidar. Levanto-me com dificuldade, sem dizer uma palavra, e vou embora.

Isso é o suficiente dessa merda por um dia.

O telefone fica mudo por várias batidas, e então se enche com uma gargalhada rouca e maníaca. — A mulher está *morando com você?* — Trixie engasga, fazendo-me bater a cabeça contra as barras de latão da estrutura da cama. Este lugar é como a porra de uma casa de bonecas.

— Eu não pago você para rir de mim, Beatrice. — Eu a pago porque *preciso* dela. Ela é a primeira ligação que fiz na manhã de sábado, quando acordei depois de um sono agitado e de merda. Um sono cheio de sonhos sobre todos os meus segredos mais profundos e sombrios sendo revelados ao mundo. Sonhos sobre o corpo nu de Violet se espalhando diante de mim. Sonhos que não posso ter e não mereço.

— E ela contou ao seu irmão e futura cunhada sobre como vocês dois se conheceram? — Ela pode não estar rindo, mas ainda posso ouvir a diversão em sua voz.

— Sim — resmungo.

— E então ela contou a você?

— Sim.

— Bem, você não pode culpar a garota por sua honestidade.

— Acho que prefiro um pouco de desonestidade neste caso.

— Oh, não, você não precisa mais disso em sua vida.

Olho pela grande janela para o vasto campo em direção ao celeiro.

— Por que você não me deixa... — Meus olhos se prendem em algo na minha periferia. Pulo da cama e dou alguns saltos até a

janela, segurando a sanca com uma das mãos. *Por que diabos tem um cavalo no meu quintal?*

— Eu tenho que ir. Ligo mais tarde. — Desligo, mas não antes de ouvir Trixie dizer algo sobre não estar à minha disposição.

Eu me preparo, vestindo a mesma camiseta de ontem, antes de descer as escadas e sair pela porta da frente, direto para o paddock que estava gloriosamente vazio até agora. Eu olho para o cavalo marrom esquelético dentro e então noto o papel enrolado e enfiado em um anel no cabresto que está pendurado em um gancho.

Eu o puxo para fora, confuso e irritado.

Oi, Vi.

Eu sei que não é assim que você viu seu ano acontecendo. Sei que contratempos são frustrantes. Assim como Pipsqueak aqui. Você se lembra dela de alguns anos atrás? Aparentemente, ela foi uma potra prematura, seu estado incerto por um tempo. De qualquer forma, ela tem dois anos agora e é uma lutadora. Pequena, mas poderosa, assim como você.

Sei que não pode galopar agora, mas isso não significa que não possa trabalhar. Eu gostaria de ver o que ela tem. Importa-se de começar com ela por mim?

Amor,

Billie

Não. De jeito nenhum vou morar com Violet *e* com um cavalo. Eu não estou acima de admitir que isso é atencioso da parte de Billie. Não posso culpá-la por isso. Para mim, embora? Isso não pode acontecer. Eu me viro e volto para dentro de casa, bilhete na mão.

A porta bate atrás de mim. — Violet! Levante-se! — Minha voz está mais aguda do que pretendo, mas minha vida está completamente fora de controle e estou em pânico. Isso acaba agora.

Eu ouço um pequeno guincho do outro lado de sua porta, seguido por um baque, e imediatamente me sinto como um idiota por não manter a calma. Quando a porta se abre, ela já está vestida e tirando um fone de ouvido. — O quê? O que está errado?

Eu empurro o bilhete para ela como se fosse explicar claramente o que está errado. Violet o pega de mim, estendendo uma mão delicada para removê-lo da minha. Seus olhos estão arregalados até que ela reconhece a escrita, e vejo seus sentimentos dançarem em seu rosto. Ela é tão expressiva, é como se ela pudesse me contar uma história sem dizer nada.

Lágrimas brotam sobre suas íris, geralmente da cor do céu e agora mais de um índigo enquanto escurecem de emoção. Seus longos cílios piscam rapidamente, como se ela pudesse enxugar as lágrimas com eles. Um lado de sua boca perfeitamente em forma de coração se inclina para cima, tristemente. E então, lentamente, o outro lado aparece para combinar. O sorriso é pequeno, mas o impacto em mim não.

Eu me sinto como um garotinho de novo, alguém que acabou de cair do balanço de pneu e perdeu o fôlego, o baque dos meus ossos contra o chão batido chocalhando através de mim. Minha respiração está presa em algum lugar além do meu alcance.

Violet nem sequer olha para mim. Ela não vê minha luta. Ela apenas manca até a janela da frente, pressionando a mão nela como uma criança no zoológico, como se nunca tivesse visto um cavalo antes. Observo seu corpo por trás. Sua bunda redonda, o afunilamento de sua cintura, a curva esbelta de seu pescoço abaixo, onde todo aquele cabelo claro está preso em sua cabeça em um coque solto.

— Qual é o problema? — ela pergunta baixinho, com um suspiro profundo, sem olhar para mim. Seus ombros vestidos com alças finas vão de apertados e altos para lentamente caindo, como se a tensão estivesse derretendo dela e fluindo em uma corrente quente e suave.

E eu sei.

Eu sei neste momento que não tenho coragem de fazê-la se livrar do cavalo. Depois de assistir aquela reação física, como poderia? Não sou um homem cruel – não intencionalmente, pelo menos. Tudo o que Violet sente é tão claro a olho nu, especialmente para um homem que passou toda a sua vida adulta lendo pessoas e situações. Se houvesse algo que pudesse me acalmar da mesma forma que Violet relaxou com a perspectiva de ter um cavalo marrom simples para brincar, eu o teria feito.

E teria me ressentido com qualquer um que tentasse me impedir.

Em vez disso, apenas me ressinto por estar preso em uma rotina. Algo que não quero para Violet. Porque não importa o que ela pense, os dias que passei trocando mensagens com ela foram alguns dos mais brilhantes da minha memória recente.

Ela se vira para me olhar por cima do ombro, seus grandes olhos azuis cheios de emoção, suas bochechas coradas de excitação. A vida passa por ela de forma tão vívida e quase tangível – como se eu pudesse estender a mão e tocá-la, engarrafá-la e bebê-la ou apenas guardá-la. Possuí-la, sabendo que tenho a opção de consumi-la sempre que quiser. O dinheiro não pode comprar esse tipo de vitalidade. Isso é profundo nos ossos – profundo na alma. Ela brilha como o sol, dourada e brilhante.

O que um homem como eu não daria por *isso.*

— Sem problema — respondo. — Eu simplesmente não estou cuidando disso. Esse trabalho é todo seu.

Violet inclina a cabeça, quase imperceptivelmente. — Quem sabe Cole? Você pode mudar de ideia.

Cruzo os braços e alargo minha postura, querendo deixar claro para ela que estou falando sério. Embora eu tenha a sensação de que não intimido Violet tanto quanto pensei. Ela é mais resistente do que parece. Mais resistente. — Eu não gosto de cavalos — eu digo claramente, fixando-a com um olhar sério, optando por deixar de fora a parte onde minha lembrança mais vívida deles é ver meu pai cair para a morte sob seus cascos.

Seu corpo estremece levemente, como se eu tivesse acabado de esbofeteá-la. E então um sorriso gentil se espalha em sua boca. — Vamos ver isso.

Ela parece muito inteligente para uma mulher de sua idade. Ela está olhando para mim como se *eu* fosse o projeto, e não o cavalo esquelético no quintal.

Já estou vestido para correr, então é isso que eu faço.

Eu me viro e corro.

10



Violet

Tenho certeza de que meu amigo ranzinza, Golddigger, tornou-se um dos meus únicos amigos. Há alguns meses que conversamos diariamente e já me acostumei. Eu até iria mais longe a ponto de dizer que estou ansiosa por isso. Alguns dias acordo e envio uma mensagem para ele dizendo bom dia ou algo igualmente animado. E outras manhãs ele me manda mensagens primeiro. Como hoje.

Golddigger85: *Olá.*

Meus lábios se erguem com a nota de uma palavra. Ele não fala muito – isso eu aprendi – e ainda assim ele está sempre lá. Ele sempre me escreve de volta. Se eu o estivesse irritando, você pensaria que ele pararia de responder. Acho que ele precisa disso tanto quanto eu.

A vibração quieta e mal-humorada é apenas parte de seu charme. E entendo que ele gosta de mim o suficiente para me manter por perto. Então, eu sempre escrevo para ele também. Caso contrário, tudo o que faço é trabalhar no Gold Rush Ranch de sol a sol. Nova garota na fazenda significa sem influência, sem antiguidade – trabalhador braçal. E eu gosto. Ninguém me trata

como se precisasse de mimos. Eles me jogam no fundo do poço e esperam que eu nade.

Pretty_in_Purple: *Bom dia, Butterface. Como foi seu sono?*

Golddigger85: *O de sempre.*

Eu sei o que isso significa. Significa que ele não dormiu bem. Ele me disse que acorda muito. Ele também me disse que é um veterano, então presumo que essas duas coisas estejam conectadas. Não perguntei, porque ele não parecia querer que eu perguntasse, e descobri que Golddigger é um homem extremamente reservado. Que ele gosta da minha... Você chama o que temos companhia? Não sei. Ele gosta da minha confiabilidade, mas não está disposto a me contar seus segredos mais profundos e sombrios. O que é bom. Eu não espero que ele faça isso.

Mas isso não me impede de compartilhar sobre mim. Acho que ele gosta disso também.

Pretty_in_Purple: *Tive um ótimo sono. Como um bebê. Eu trabalho fora o dia todo, então, quando volto para o meu apartamento, estou exausta.*

Golddigger85: *Não me lembro como é dormir a noite toda.*

Estremeço. Parece meu irmão quando voltou do Afeganistão.

Pretty_in_Purple: *Eu tenho um irmão que teve dificuldade para dormir por um período.*

Golddigger85: *Como ele consertou?*

Reviro os lábios com a pergunta dele, porque não sei a resposta para isso.

Pretty_in_Purple: *Não tenho certeza se ele já fez isso.*

Golddigger85: *Tranquilo, obrigado.*

Oh, caramba. Eu preciso inverter esse script.

Pretty_in_Purple: *Você já tentou se masturbar antes de dormir? Isso sempre me ajuda.*

Os pontos rolam e param.

Golddigger85: *Você está se oferecendo para me ajudar?*

— Ah! — Eu solto uma risada na sala silenciosa.

Pretty_in_Purple: *Dou um A pelo seu esforço. Nunca vai acontecer.*

Esta é a nossa piada corrente. Mas quanto mais o conheço e me sinto confortável perto dele, mais me pergunto... seria realmente tão ruim?

U

Não sei para onde Cole foi e não me importo. A única coisa em que consigo me concentrar é na pequena potra comendo seu feno silenciosamente do lado de fora da minha porta. Ela é pequena, sim, mas a forma como ela é construída está correta. Ideal, realmente. Billie tem um olho tão bom para cavalos, sem dúvida ela percebeu isso também.

Eu manco até a porta da frente e me sento no banco de madeira na entrada da frente para deslizar minha perna boa na

minha bota de borracha que tirei quando Cole me carregou pela porta da frente.

Novamente. Exceto desta vez, eu me lembro claramente. A maneira como suas mãos me agarraram, fortes, mas gentis. As linhas de seu abdômen enquanto ondulavam ao longo da minha caixa torácica enquanto ele me segurava perto. O poder absoluto dele enquanto ele me carregava pela chuva sem esforço.

Cada ponto de contato como uma provocação.

Eu o queria antes de saber que ele parecia ou se sentia assim. Eu o queria mesmo quando sabia que ele nunca iria me querer de volta. Quando ele era apenas um avatar na minha tela. *Estúpida.* E isso é algo com o qual cheguei a um acordo. Algo que mudei desde o dia em que jurei nunca mais olhar para o nosso chat. E eu não tenho. Nunca mais loguei. Eu apaguei o aplicativo. Havia mensagens lá esperando por mim? Ele se perguntou para onde eu fui? Ou ele apenas presumiu que meu silêncio era uma rejeição? Nunca saberei, porque nunca vou verificar.

Ter uma paixão avassaladora por um estranho na internet foi uma fase. E fechei a porta dessa fase da minha vida. Eu empurrei meus limites. Eu tentei algo novo. E está feito.

Estou em um novo capítulo. Mais velha, mais sábia, mais independente.

Eu rio de mim mesma enquanto saio pela porta da frente em direção ao paddock. Viver com o homem e adormecer pensando nas linhas duras de seu corpo não grita exatamente sábio *ou* independente. *Ótimo trabalho, Violet.*

— Ei, menina bonita — murmuro enquanto me aproximo da cerca.

A cabeça de Pipsqueak se ergue, mas ela não se assusta. Ela apenas acena as orelhas para mim com um olhar alegre em seu rosto delicado, nada incomodada com a minha chegada. Na verdade, quando chego perto o suficiente, ela se esquece completamente do feno e vem até o portão, ansiosa por atenção. Não é incomum para um cavalo que provavelmente foi tratado extensivamente durante toda a sua vida por causa de complicações de saúde.

Assim que chego ao portão, ela deixa cair a cabeça por cima do poste superior e se aninha em mim como se estivesse exigindo um abraço. Sua respiração quente e úmida flui sobre os cabelos claros em meus antebraços enquanto ela aconchega o rosto em meu abraço.

Uma risada genuína borbulha de mim. É como se ela pensasse que é um cachorrinho. Seus olhos se abrem e fecham alegremente enquanto passo minha mão sobre sua testa larga, bem sobre a estrela branca brilhante no meio dela.

Eu já amo esse cavalo. Eu nem me importo se ela corre bem ou não. Esse tipo de contato é terapêutico e, quando tenho certeza de que o gesto não vai me levar às lágrimas, tenho toda a intenção de agradecer a Billie do fundo do meu coração por saber que era disso que eu precisava. Equoterapia.

Ela estava sempre divagando sobre DD ser seu terapeuta. Talvez Pipsqueak possa ser minha?

— O que você acha disso, Pip? — pergunto, esfregando minha bochecha contra sua lateral firme. Basicamente, colocando-a como um gato. Mas eu nem me importo. Uma vez menina de cavalo, sempre menina de cavalo.

O cheiro, a poeira, a aspereza de seu pelo desgrenhado – isso não me incomoda. Isso me conforta. Minha pequena princesa de saco de papel.

A empolgação com a perspectiva de sua transformação me percorre e, quando olho para baixo, perto do portão, meus olhos captam a caixa rosa de cuidados pessoais que Billie deixou de fora. Está carregada com todos as escovas e sprays que eu poderia precisar. Óleo de casco mesmo. Billie arrumou o trailer para trazê-la aqui? Ou caminhou mesmo? Eu decido que não me importo com isso também. — Você está pronta para o spa, garota?

Pipsqueak bufa e sacode sua cabeleira preta rebelde. O mais próximo de um aceno de cabeça que conseguirei. Agarro a alça da caixa e entro pelo portão. Eu não me incomodo em colocar o cabresto nela. Se ela quiser ir embora, ela pode. Por enquanto, estamos apenas nos conhecendo. Sem pressão.

Começo com um grande pente de borracha no topo de seu pescoço, escovando em círculos apertados e observando toda a poeira e cabelos soltos subirem à superfície enquanto desço até seu ombro. Quando chego à cernelha, ela suspira e fecha os olhos. Como se ela estivesse recebendo a melhor massagem. Continuo, perdendo-me no ritmo do movimento circular e contornando seu corpo.

Quando estou do outro lado dela, ela está tão relaxada que tem um casco inclinado e descansando no chão casualmente. Ela está *amando* isso. E eu também. Estou completamente em êxtase. Fora de zona.

É por isso que dou um pulo quando ouço um carro parar. Eu me viro para ver a velha caminhonete azul, aquela que Hank pegou de Dermot e continua rodando. Sempre aquece meu coração a maneira como este lugar ficou na família. A maneira como o legado de Dermot e Ada uniu todos – mesmo quando as coisas ficaram turbulentas.

— Ei, Vi! — ele grita quando sai, parecendo um pouco rígido. — Você gostou do seu presente? — Seu sorriso é contagiante, todas as linhas em seu rosto se aprofundando ao redor de olhos verdes cintilantes. Hank é sábio, gentil e reconfortante, e passei a amá-lo nos últimos dois anos que passamos trabalhando juntos. Ele tem sido o pai substituto de Billie desde que ela era adolescente, mas sinto que ele assumiu esse papel com o resto de nós na fazenda também.

— Gostei? Eu não gostei do meu presente. Eu *amei*! — Sorrio para trás tão amplamente que quase machuca minhas bochechas.

Ele volta para a caminhonete e puxa um buquê de tulipas cor-de-rosa antes de marchar e estendê-las para mim por cima da cerca. — Desculpe por não ter checado você desde o seu acidente. Tenho recebido atualizações regulares de todos os outros, mas não queria sobrecarregar você.

Pegando as flores dele, eu as levo ao nariz e inalo aquele cheiro fresco de grama, um toque de mel. — Obrigada pelas flores. E não se preocupe com isso. Não tenho sido a melhor companhia.

Pippy faz o mesmo, passando o nariz pelas pétalas macias com curiosidade.

Hank não insiste no assunto; em vez disso, ele apenas ri e estende a mão firme para acariciar a potranca. — Ela é uma coisinha engraçada, não é? Tão curiosa sobre o mundo. Eu também gosto muito dela.

Eu suspiro contente antes de olhar de volta para o homem. — Eu também. Acho que vamos nos dar bem.

Hank acena com a cabeça enquanto pressiona os cotovelos na cerca. Ele olha para a casa da fazenda azul, um flash de tristeza riscando suas feições. — Como você está se dando com Cole?

Como estou me dando com Cole? Nós nos comunicamos principalmente em grunhidos e olhares. Ignoramos a vibração estranha entre nós. Tento não olhar para seu corpo como se fosse uma bebida gelada em um dia quente. É basicamente tortura. Então, apenas solto: — Ele não é Pippy.

Hank solta uma risada. Sua cabeça inclina para trás e seu peito ruge. — Verdade, ele não é. Ele me lembra Dermot. O tipo de homem que faria quase qualquer coisa pelas pessoas que ama. Mas difícil de conhecer. Forte. Silencioso. Reservado.

Reservado? Eu quase rio. Se formos escolher palavras, escolho grosseiro. Mas meu pai sempre me disse que, se não tenho nada

de bom para dizer, é melhor não dizer nada. Então é isso que faço. Eu não digo nada e apenas dou um pequeno sorriso para Hank.

Mas não o estou enganando. Eu posso dizer pelo olhar em seu rosto.

Ele inclina a cabeça para trás em direção à casa. — Você sabia que o pai dele cresceu naquela casa?

Eu olho para isso também. Sei que seu pai morreu em um trágico acidente de corrida, mas não muito mais. — Eu não sabia disso, não.

Hank acena com a cabeça. — Eu acho que pode ser difícil para ele estar aqui, mesmo que ele nunca admita isso. Estou triste com sua perna, mas estou feliz que ele não está sozinho. É difícil não se preocupar com todos vocês, crianças. — Ele ri bem-humorado. — Posso não ter tido nenhum, mas sinto que você é toda minha de qualquer maneira.

Meu peito aperta ao pensar nos fantasmas com os quais Cole pode viver, e meus olhos ardem pensando que ele poderia ser tão sensível quanto Hank está dizendo. Talvez eu o tenha interpretado mal esse tempo todo? Pisco e mudo de assunto, tentando evitar que minha mente se concentre no quebra-cabeça que é Cole Harding. — Não queria filhos?

Ele sorri tristemente. — Eu adoraria ter filhos. Acho que simplesmente não estava nas cartas.

— Ainda bem que estamos todos aqui para substituí-los, então — eu digo com uma piscadela, tentando aliviar o clima.

Hank dá um aperto rápido no meu ombro. — Tenho sorte de ter todos vocês. Mas não vou incomodar mais. Só queria deixar as flores e ver seu rosto sorridente. Se precisar de mim, tem meu número. Cuide do menino, certo?

Sorrio e reviro os olhos. O *menino* pode cuidar de si mesmo. — Obrigada pelas flores, Hank. — Eu saio mancando pelo portão, envolvo meu braço livre em torno de seu torso e dou-lhe um aperto rápido. — Não seja um estranho.

— Combinado — diz ele enquanto se afasta com sua piscadela e sorriso característicos, ligando a velha caminhonete. Aceno de volta para ele enquanto entro na casa para colocar as flores em um vaso de água. Eu as coloco no balcão. Elas são realmente bonitas e trazem uma vida muito necessária ao local. E então volto para fora e volto a escovar o pelo felpudo de Pippy.

Eu sinto mais do que ouço Cole voltar de sua corrida, como um sistema de clima de baixa pressão soprando. Eu apenas o espio antes de perceber que não é uma boa ideia. Sua camisa está úmida de suor, agarrando-se ao seu corpo de uma forma quase erótica, e suas bochechas estão rosadas, fazendo-o parecer mais jovem do que agora sei que ele é. Provavelmente está quente demais para correr de calça de moletom, mas isso não é da minha conta. Ele tem uma mãe. E todos os outros pensamentos que tenho sobre o homem são claramente não-mamãe.

Eu mordo meu lábio inferior para me distrair. Nossos olhos se encontram brevemente antes de eu voltar para Pipsqueak, concentrando-me em usar uma escova de cerdas macias para varrer toda sujeira e pelos. Cole e eu não falamos nada um com o

outro, e tudo bem para mim. Ele provavelmente ainda está com raiva da minha boca grande – e não posso culpá-lo por isso. Traí a pouca confiança que devia a ele. Algo pelo qual me sinto mal, mas não tenho ideia de como consertar.

Eu só posso consertar o que está bem na minha frente. Então, eu me concentro na potra de aparência esfarrapada e prometo a mim mesma que vou limpá-la da melhor maneira possível. Meu braço dói com o esforço que coloquei nela, mas quando termino, ela parece... melhor.

Afastando-me para admirar meu trabalho manual, coloco minhas mãos nos quadris. Talvez ela ainda não esteja brilhante, mas afinei seu pelo de inverno louro claro e tenho certeza de que ficará bronzeado assim que eu a colocar em um regime de alimentação melhor. Suas quatro meias brancas são na verdade brancas agora, em vez de cinza, e seus cascos estão brilhando com o óleo hidratante que apliquei. Ela vai ser um trabalho em andamento – afinal, ela acabou de ser retirada de um campo atrasado –, mas me sinto realizada. Esperançosa.

E pela primeira vez na última semana, não sinto tanta pena de mim mesma.

U

Estou sentada em um fardo de feno de frente para Pipsqueak quando ouço a porta bater atrás de mim. Passei o dia todo fora de casa, e nem está tão bom assim. Nuvens pesadas e o cheiro de

chuva iminente permeiam o ar espesso, deixando minha pele quase úmida. Eu não me importo. Parece um dos melhores dias do mundo para mim.

A cabeça de Pipsqueak aparece com o barulho, e eu me viro para ver Cole em uma nova calça de moletom e uma camiseta. A imagem dele todo suado pisca em minha mente espontaneamente e quase no mesmo instante me faz corar. *Será que algum dia vou superar essa reação?*

— Aonde você está indo? — falo, tentando ser coloquial. Eu não sou uma idiota. Sabia que ele estava prestes a me dizer que não ficaríamos com um cavalo em casa. Não sei o que o fez mudar de ideia, mas agradeço a minha estrela da sorte por ele ter mudado.

Seu andar parece rígido enquanto ele desce as escadas e, com a minha pergunta, seu corpo fica imóvel, sua cabeça girando em minha direção enquanto sua boca se torce em... não tenho certeza. Talvez deva ser um sorriso.

— Para uma corrida.

— Novamente? — Eu sei que correr é bom. Até certo ponto. Nunca foi minha praia, mas duas corridas por dia parece excessivo.

— Sim. Isso é um problema para você?

Ok. Estamos mal-humorados de novo. Este homem precisa de uma daquelas pílulas da felicidade com as quais o incomodei. — Não... — Eu me arrisco com cuidado. — Estou apenas... bem, estou de ótimo humor. Quer pegar uma bebida em vez disso?

Seu corpo inteiro se vira para mim agora, e sua mão gesticula entre nós dois enquanto ele diz: — Você e eu? — Como se fosse a perspectiva mais horrível do mundo.

— Eu sou tão ruim? — As palavras saem em uma risada.

Cole estremece visivelmente, aparentemente não muito preparado para rir comigo ainda.

— Não sei... — Suas mãos descansam em seus quadris estreitos enquanto ele olha em volta com um suspiro, como se estivesse procurando uma rota de fuga.

— Vamos — eu o importuno, porque este homem precisa de um pouco de importunação. Ele me lembra meu irmão mais velho nesse aspecto. Muito sério para o seu próprio bem. — Eu sei que você está velho, mas estaremos de volta antes de você dormir. Antes mesmo do jantar. São... — Pego meu telefone para verificar a hora. — São quatro horas. Isso é happy hour.

Ele apenas olha para mim.

— O que significa que você tem que ser feliz. — Eu tento conter o sorriso da minha própria piada cafona, mas estou falhando.

— Violet.

— Sim? — Bato meus cílios com inocência exagerada.

— Chamar-me de velho *e* mal-humorado é o seu plano para me fazer feliz?

Ok, piadas realmente caem por aqui. — Vamos! Eu quero uma bebida e estar perto de alguns outros humanos ao invés de trancada no rancho. Estou me sentindo um pouco esquisita. Se você não vier, irei sozinha.

— Sim? Você vai dirigir com um grande gesso no pé direito?

— Não. — Eu sorrio maliciosamente. — Vou caminhar.

Cole geme e olha para o céu como se esperasse que alguns alienígenas passassem zunindo e o tirassem dessa conversa. Se eles precisassem de um magnífico espécime masculino, eu poderia ver por que eles o escolheriam. — Dê-me cinco minutos.

— Para quê? — perco a cabeça.

— Para me transformar em algo apropriado.

Eu solto uma risada. — Cole, você já esteve no Neighbor's Pub antes?

— Não — diz ele com uma leve ruga no nariz.

— Ok, bem, você não precisa se trocar. É muito casual.

Ele resmunga para mim e volta para dentro, apenas para retornar alguns segundos depois com suas chaves. Nossa viagem pelas estradas rurais é tranquila, mas não tensa como nas últimas semanas. Quase sinto que entramos em uma espécie de silêncio sociável. Ou pelo menos do meu lado. Sim, temos uma história estranha, mas estamos trabalhando com ela. Além disso, só vou morar na casa por mais algumas semanas. Uma vez que eu tenha tudo curado, estou fora de lá. Podemos voltar a fingir que o outro não existe.

— Vire aqui. — Aponto para onde fica o antigo pub, rústico e cheio de personalidade – do jeito que eu gosto.

Estou tão animada que balanço um pouco no meu assento enquanto olho pela janela para o exterior pintado de escuro com uma grande placa piscando sobre pesadas portas de carvalho e um

pátio de estacionamento iluminado por luzes externas penduradas sobre mesas de piquenique.

— Aqui? — Cole pergunta com ceticismo enquanto para e olha para o prédio.

Parece que não saio da fazenda há uma eternidade, e ele claramente não compartilha da minha empolgação. O que eu não entendo. Ele não está entediado também? Isso é o que correr duas vezes ao dia me diz: entediado.

— Você está assustado? — Seguro a maçaneta e abro a porta. Sua cabeça se move instantaneamente com o som.

— Não saia — ele bufa antes de pular para fora e contornar a frente da caminhonete no que parece ser apenas alguns passos largos.

O homem é tão grande e autoritário que sinto uma pontada de nervosismo quando ele se aproxima de mim. Ele tem aquela vibração de aplicação da lei, como se eu pudesse estar em apuros por alguma coisa. Eu aperto minhas coxas com o pensamento de estar em apuros com Cole. Não seria tão ruim. *Você está tão triste, Violet.*

— O que é esse olhar? — ele pergunta, parado diante de mim agora, uma mão segurando o topo da porta aberta, enfatizando as linhas arredondadas de seu bíceps contra a manga de sua camiseta. Parece que pode se desfazer sob a tensão, especialmente quando eu demoro muito para responder, e seus dedos apertam a porta com mais força, fazendo aquela protuberância crescer bem diante dos meus olhos.

Olhos que se arregalam e depois voltam para seu rosto tempestuoso. Os golpes ásperos de suas maçãs do rosto, a mandíbula quadrada coberta de barba por fazer que rasparia contra a minha...

— Violet.

Eu me assusto. — Sim? Sim! Nada. Vamos. — Eu olho para a parte de trás da caminhonete, sentindo minhas bochechas queimarem pela toca do coelho que acabei de deixar meu cérebro afundar. Que má ideia.

Ele nem pergunta dessa vez. Suas mãos enormes deslizam pelas minhas costelas e envolvem minha cintura. Agradeço a minha estrela da sorte por estar usando um suéter solto de tricô que esconde os pequenos arrepios que pontilham meus braços. Tudo nele é assim... quase agressivo, que a gentileza de seu toque nunca deixa de me assustar. Acho que não imaginei a maneira cuidadosa com que ele me tirou da caminhonete naquela noite em que Billie me levou até a casa dele, ou a maneira como ele me abraçou e perguntou baixinho se eu estava bem.

— Você cheira como um cavalo — ele resmunga enquanto me coloca suavemente no chão e puxa as mãos de volta para os lados. Sua reação ao me tocar não é exatamente compatível com a memória em que acabei de me perder. — Vamos.

Observo suas costas largas ondularem sob a camiseta justa enquanto ele caminha rigidamente em direção à porta da frente do pub.

Obviamente, ele *realmente* precisa de uma bebida.

11



Cole

Golddigger85: *Você mora perto de sua família?*

Balanço a cabeça para mim mesmo. Esta é a minha tentativa esfarrapada de puxar conversa. Estamos conversando há vários meses, e não ignoro o fato de que ela está conduzindo a maior parte da conversa. Para ser franco, não sei por que ela continua por aqui.

Não dou quase nada para ela e ela continua voltando. A maioria das pessoas tem amigos porque gosta de sua companhia. Eu tenho essa amiga porque saber que ela merece algo melhor me lembra o quanto estou falhando. Eu sou a porra de um masoquista, e não consigo nem me conter.

Cada vez que ela é alegre e doce, eu me sinto mais como um saco de merda. Mas não posso me afastar dela. Vivo nas sombras, e ela é como esse raio de luz que ilumina meu dia. Eu sou tão ganancioso.

Pretty_in_Purple: *Não. Eu me mudei para ficar longe deles.*

Não quero me intrometer, mas isso soa brutal. Então, solto:

Golddigger85: *Ufa.*

Pretty_in_Purple: *Ha ha. Não. Isso soa mal. Amo meu pai e meus irmãos. E eles também me amam, só que um pouco demais... me sufocam ferozmente. E em uma cidade pequena? Esqueça. Eu não poderia errar ou ficar fora até tarde. Até o namoro era brutal. Eles estavam constantemente se intrometendo, mesmo quando eu tinha idade suficiente para me controlar. Então tive que sair de lá. Novo começo. Frescor. Nua na internet foi um passo para mim. Coxo como isso soa. Eles BATERIAM NO TELHADO. Mas fiz isso de qualquer maneira. Uma vez. Estou bem agora.*

Golddigger85: *Você mostrou a eles.*

Pretty_in_Purple: *Algo assim.*

Golddigger85: *E sua mãe?*

Ela leva alguns momentos para digitar, embora eu possa ver que ela viu a mensagem.

Pretty_in_Purple: *Ela morreu no meu parto.*

É por isso que não tento puxar conversa. Que porra devo dizer a isso? Meus polegares pairam sobre o meu telefone e sinto meu batimento cardíaco aumentar, batendo contra minhas costelas. Eu sei uma ou duas coisas sobre pais mortos. Eu me decido pela coisa mais idiota que consigo pensar.

Golddigger85: *Sinto muito.*

Pretty_in_Purple: *Ah. Não sinta. As pessoas ficam estranhas ao meu redor quando o fato é que não tenho um quadro de referência para o que perdi. Tive uma boa infância. Eu era muito querida. Quer dizer, eu sou muito amada.*

Ela é tão aberta. Tão honesta. Eu tenho o súbito desejo de contar toda a história do meu pai. Sobre aquele dia. Sobre ver isso acontecer e sobre como minha vida foi ladeira abaixo a partir daquele momento. Seria tão bom tirar isso do meu peito, dizer as palavras que se solidificaram e ficaram estagnadas ali. Como quando você não engole aquela pílula, e ela fica meio que alojada na sua garganta.

Mas eu não.

Ninguém quer ouvir sobre minhas merdas, e eu não quero assustá-la.

U

Este lugar é assustador. Já vi coisas assustadoras, mas o Neighbor's Pub pode estar no topo dessa lista. Quem coloca tapetes em um pub? Observo meus pés enquanto entro no bar escuro e juro que posso senti-los grudando levemente no carpete a cada passo que dou. Espio por cima do ombro para ter certeza de que Violet não está totalmente grudada no chão.

Em vez de franzir a testa para o interior, vejo um pequeno sorriso tocando seus lábios enquanto ela olha ao redor. Com seu cabelo prateado ainda em um grande ninho de pássaro e seu corpo pequeno engolido por um suéter creme enorme, ela parece brilhante demais para estar em tal lixão. Mas com base no olhar em seu rosto, ela não parece concordar.

— Onde você quer se sentar? — pergunto a ela, olhando as mesas de madeira escura com desconfiança.

— Continue. Há uma mesa nos fundos ao lado de uma lareira.

Em mais alguns passos, a mesa – pequena e redonda com duas cadeiras de capitão incompatíveis e uma luz de vitral verde e marrom cafona pendurada sobre ela – fica visível.

Eu solto uma risada incrédula por estar realmente fazendo isso. — Trixie adoraria este lugar.

— Quem é Trixie? — Violet pergunta, vindo para ficar ao meu lado.

— Minha terapeuta — deixo escapar antes de perceber o que estou dizendo. *Filho da puta.* Desde quando eu compartilho demais? O que mais posso deixar escapar perto de Violet? Estou ficando confortável perto dela, o que é um problema.

— Nome bonito. Eu gosto disso — ela diz alegremente antes de seguir em frente e agarrar o assento que dá para a porta da frente.

É isso? Sem perguntas ou interrogatório? Eu esperava julgamento sobre estar em terapia. Em vez disso, ela faz um comentário improvisado e se senta. Bem no assento que eu prefiro. Meu TEPT está quase sob controle hoje em dia, é a imagem de um caroço na pista e cascos passando por ele que me mantém acordado à noite agora. Levou anos de trabalho duro, mas minhas implantações não me assombram como costumavam. Eu ainda gosto de avaliar a sala, ver minha saída, saber se há ameaças iminentes. Odeio a ideia de ficar de costas para o ambiente, o perigo em que isso pode me colocar. O perigo em que isso pode

colocar Violet. Sei que não estou mais no Iraque, mas essas são as coisas que marcam você. O treinamento que fica com você. Você nunca mais será *apenas* um civil.

Sento-me rigidamente, sentindo-me totalmente mal sobre o que estou fazendo, mas não querendo revelar mais do que já contei.

— Como você está, querido? — Eu me assusto quando dois cardápios de plástico são jogados na mesa entre mim e Violet.

A garçonete sorri para mim, e eu me inclino para trás na cadeira, agarrando os braços, enquanto murmuro: — Vou tomar uma água.

Violet me dá um sorriso inexpressivo e indiferente. Uma repreensão silenciosa pelo que tenho certeza de que ela considera um comportamento inadequado. Castigo que não preciso e nem quero, e é por isso que prefiro passar meu tempo sozinho. Menos explicativo. Menos expectativas para ficar aquém.

Seu olhar se ilumina quando ela sorri para a garçonete. — Vou pegar uma Guinness, por favor. — Seus olhos disparam para mim brevemente antes de acrescentar: — E obrigada. Não importa as maneiras do meu amigo.

— Coisa certa! — A garota se afasta, e eu olho por cima do ombro para vê-la voltar para o bar e pegar nossas bebidas.

— Uma Guinness? — pergunto a Violet. Eu esperava que ela pedisse uma margarita, ou pelo menos algo que viesse com um guarda-chuva. Não uma cerveja escura e espessa.

— Sim. — Seus olhos dançam com diversão. — Não é o que você teria imaginado?

Verifico por cima do meu ombro e respondo distraidamente. — Não...

— Eu cresci em uma fazenda com um pai solteiro e três irmãos mais velhos. Depois que pude beber, cerveja e uísque eram as únicas opções da casa.

Um lado dos meus lábios se inclina para cima. — Você não me parece uma garota de uísque.

Violet sorri timidamente. — Você pode se surpreender então.

Eu olho de volta para o bar, querendo ter certeza de que não serei assustado pela garçonete novamente. Posso sentir minha pulsação acelerada em meu pulso – até posso vê-la.

— Quer trocar de lugar? — Violet se inclina sobre a mesa. Ela pergunta tão baixinho que quase não a ouço.

— O quê?

Ela empurra a cadeira e se levanta. — Trocar de assentos.

Quero dizer que está tudo bem, mas a verdade é que estou totalmente aliviado com a perspectiva. Agora ela está de pé ao meu lado, olhando para baixo e acenando com a mão como se estivesse me enxotando da cadeira. Então vou e não faço perguntas. Eu apenas me permito aceitar o que estou sentindo, em vez de me culpar por isso. Trixie aprovaria.

— Melhor? — ela pergunta enquanto nós dois nos acomodamos em nossas novas cadeiras.

Desvio o olhar como se não fosse grande coisa. Isso é. Nenhuma pessoa em minha vida jamais percebeu algo assim antes. Sobre meu nervosismo em me ajustar à vida civil. Sobre como evito pedaços de lixo no chão, só por precaução. Minha recusa em deixar qualquer outra pessoa dirigir. Eu gostava de pensar que não tinha transtorno de estresse pós-traumático. Em vez disso, dizia que os militares me treinaram para ser extremamente cauteloso – Trixie não concordava.

— Sim. — Eu olho para longe, sentindo-me um pouco... não sei. Vulnerável talvez?

— Meu irmão é um veterano, você sabe.

— Mesmo? Eu não sabia disso.

Ela pisca de brincadeira, mas seu tom não combina. — Você nunca perguntou.

Esse golpe acerta. Ela está certa. Não perguntei quase nada sobre sua vida pessoal no ano que passamos nos correspondendo. Começou que eu não me importava em saber. E então se transformou em saber que se perguntasse, eu me importaria. Mas eu me importava de qualquer maneira. Eu ficava dizendo a mim mesmo que as pessoas não se apaixonam na internet. Eles não desenvolvem sentimentos *reais.* Mas olhando para ela agora, tenho certeza de que o que estou sentindo é muito real. E também é uma péssima ideia.

— Sabia que Billie chama você de GI Joe? — ela deixa escapar, obviamente tentando preencher o espaço.

Eu não posso deixar de rir disso. Um estrondo baixo e profundo que parece quente e desconhecido em meu peito. Billie é uma pata engraçada, e seus discursos passaram a soar cativantes para mim. — Eu posso totalmente imaginar ela me chamando assim.

Violet ri, com os olhos arregalados e chocados.

— O quê?

— Você... você apenas riu. Acho que nunca ouvi você rir.

Minha cabeça se move quando eu me inclino um pouco. — Eu ri.

Violet cruza os braços e se inclina sobre a mesinha. — Doeu?

Meus lábios se contraem. Mas não quero dar a ela a satisfação de me fazer rir de novo. Acima de tudo, quero agradecê-la por abandonar a conversa de veterano. Por não me olhar com pena. Por apenas me jogar a porra de um osso sem iniciar a Inquisição Espanhola no meu passado.

Mas eu não. Em vez disso, balanço a cabeça.

— Pegue uma bebida. — Seus olhos estão brilhando agora.

— Cerveja engorda.

Violet solta o bufo mais impróprio de uma dama. Eu não tinha ideia de que alguém tão pequena e delicada pudesse bufar assim. E então seu rosto está em chamas enquanto ela bate ambas as palmas das mãos sobre a boca e começa a rir.

Eu a encaro de volta, tentando não parecer impressionado, mesmo que sua diversão seja contagiante. Mesmo que ela seja tão bonita que dói.

— Eu acho que seu abdômen vai sobreviver para ver outro dia — ela suspira por trás de suas mãos. E então ela as aperta com mais força sobre a boca, e seus olhos se arregalam, como se ela não pudesse acreditar que acabou de deixar escapar isso. Ela parece *mortificada.*

E não posso evitar. Eu rio. Uma risada genuína. Isso irrompe de mim como um animal que está enjaulado por muito tempo. Como um cavalo de corrida disparando para fora do portão.

Observo seu rosto se transformar de vergonha em pura alegria. O olhar em seu rosto? Isso me aquece até o núcleo. Como uma faísca na grama seca que envia chamas dançando pela terra árida. Rápido e fora de controle. Afinal, os incêndios florestais são perigosos.

A garçonete finalmente volta. Você poderia jurar que este lugar estava lotado, e ela teve que pegar minha água na própria fonte de Ruby Creek. Ela desliza para Violet sua cerveja escura e espumosa assim que Violet levanta uma sobrancelha para mim.

— Eu... — Eca. Estou prestes a me envolver nisso? — Eu vou querer uma do que ela está tomando.

Vou malhar duas vezes amanhã.

Mal sinto a mão da garçonete pousar no meu ombro. Toques não solicitados são algo que normalmente me incomodaria, mas

agora, olhando para a mulher à minha frente, quase nem percebo. Eu a ouço vagamente dizer: — Sem problemas, querido.

Violet aperta os lábios com tanta força que deve doer, só que ela não parece estar com dor. Ela parece que vai se abrir e sorrir para mim e está tentando não fazer isso. Ela se parece com aquele dia depois de vencer o Denman Derby. *Feliz.* E, pela primeira vez, não quero estragá-lo. Pela primeira vez, não quero me deitar e aproveitar minha própria merda.

Agora mesmo? Eu quero aproveitar.

Mas não *muito.*

— O quê? A água desta cidade é venenosa. Você sentiu o cheiro?

Violet mordisca o lábio inferior e balança a cabeça para mim.

— Eu só vou beber uma.

Ela acena com a cabeça.

— *O quê?*

— Uma garota poderia jogar a calcinha bem na sua cara e você não perceberia, não é?

Eu recuo. Por que uma garota jogaria a calcinha na minha cara?

Ela toma um pequeno gole de sua cerveja, sorrindo intencionalmente para o topo cremoso enquanto o faz. — Nossa garçonete. Ela está a fim de você. Você não percebeu?

Meus olhos disparam sobre a cabeça de Violet para olhar de volta para o bar e – com certeza – a garota está olhando

diretamente para mim enquanto o barman coloca minha Guinness em sua bandeja. Eu não percebi, porque minha mente está fixada na mesma garota por dois malditos anos.

Eu rolo meus ombros para trás e me sento mais alto, sentindo-me um pouco menos confortável. — Acho que não. — Os olhos em mim, mesmo os apreciativos, têm um jeito de me fazer contorcer. Tenho medo de que, se alguém olhar muito de perto, veja o que estou escondendo. *Você é metade do homem que era quando partiu.* Foi o que Hilary me disse naquela noite. Essa é a frase que ficou comigo, que me fez querer me esconder.

Mas quando a garota volta para deixar minha cerveja, ela pisca para mim e bate levemente na minha mão antes de sair. E eu quase não consigo acreditar. — As mulheres nunca estão a fim de mim — resmungo enquanto olho para o tapete.

Violet se recosta na cadeira com as sobrancelhas franzidas e aponta para mim. — Ela está.

— Sem chance. Eu sou muito velho.

Ela bufa. — Você não é.

Eu finalmente olho para cima e dou de ombros. — Eu tenho que ser pelo menos dez anos mais velho que ela.

— Você é dez anos mais velho que eu.

— E? — Tomo um gole da cerveja preta maltada e suspiro por dentro. Tem um gosto tão bom. Não me lembro da última vez que me permiti tomar uma cerveja sem me preocupar em cuidar bem do meu corpo.

— Isso não pareceu incomodá-lo comigo.

Eu congelo, colocando o copo de cerveja de volta para baixo. Não tenho muita experiência em lidar com mulheres e seus sentimentos, mas reconheço um campo cheio de minas terrestres quando vejo um.

— Aquilo foi...

Ela me interrompe antes que eu possa terminar o que queria dizer a ela, acenando para mim com a mão: — Não se preocupe com isso. Como anda o trabalho?

Trabalho. Eu posso falar sobre o trabalho.

— Uma merda. Compramos uma empresa cheia de fodidos idiotas.

— Você é como um raio de sol, sabia? Acho que seu xingamento pode ser pior do que o de Billie. — Ela puxa a perna boa para cima da cadeira, descansando o pé com meia na beirada e dobrando o joelho. Parecendo extremamente confortável – uma maneira que a maioria das pessoas não parece na minha presença.

Eu gemo e esfrego minha barba por fazer antes de tomar um longo gole da minha bebida. — As pessoas xingam nas forças armadas, Violet. É por isso que Vaughn é o rosto brilhante e feliz da empresa familiar. — Eu giro meu copo em minhas mãos. — E a nova empresa? É apenas desorganizada. As finanças estão uma bagunça. Os padrões de segurança são aterrorizantes. Ninguém sabe o que está fazendo. Basicamente, há uma razão pela qual conseguimos um acordo baixíssimo no local.

Ela dá de ombros. — Tenho certeza de que você vai dar a volta por cima.

Minha bochecha se contrai com isso. — Como você pode ter certeza disso?

— Não sei. Você simplesmente não me parece um desistente.

Eu resmungo, a mente correndo com o que ela poderia querer dizer com essa afirmação. Quanto ela sabe? Talvez ela tenha visto minhas últimas mensagens? As que eu tentei deletar, mas o maldito app não deixou. As que enviei quando percebi que ela não voltaria. Que eu tinha fodido além do reparo. Eu queria ficar com raiva de Pretty_in_Purple por me fantasiar, mas quando chegou a hora, não pude culpá-la.

Eu também me deixaria.

Limpo minha garganta, não querendo ir para a toca do coelho durante o que de outra forma foi um passeio surpreendentemente agradável. Também não quero pensar no buquê na bancada da cozinha. Sobre algum idiota levando-as para ela, fazendo coisas boas para ela, quando eu não fiz nada além de rosnar e ser desajeitado na presença dela. Vejo vermelho na perspectiva. A verdade é que não sei como agir perto de Violet, como lidar com os sentimentos que ela desperta em mim. Sentimentos que fazem meu pau se contrair e meu lado possessivo mostra sua cara feia.

Então mudo a conversa para o trabalho. A conversa número um matadora de tesão assim como falar sobre o clima. — E você? Qual é o plano para a joqueta favorita de todos?

Violet olha ao redor da sala em resposta, e me pergunto se talvez ela não tenha me ouvido. Tenho certeza que a música country tocando não é tão *alta.*

— Não sei. — Sua língua sai, molhando o lábio inferior enquanto ela olha para mim. Seu corpo inteiro se agita com o peso de seu suspiro. — Estou meio chateada, sabe? A temporada passada foi como um sonho tornado realidade. Como se eu tivesse me atrapalhado nessa situação única na vida. Billie. DD. Hank. Apenas a coisa toda foi assim... *perfeita.*

Concordo com a cabeça, lembrando-me de uma época em que minha vida parecia a mesma. A família perfeita. A namorada perfeita, de acordo com todos os outros. Meu futuro gravado em pedra e pavimentado em ouro. E então meu pai morreu, e tudo virou uma merda. Eu deixei.

— Mas ainda sinto que preciso me provar. Os outros jóqueis... — Ela aponta para a perna. — Eles obviamente não gostam de mim. Eu valsei nessas vitórias. Eu não as ganhei. Eu *quero* ganhar isso. Não quero ser mimada e preparada para o sucesso. Eu tive isso toda a minha vida. Quero lutar e sair melhor do outro lado. Você sabe? Quero provar que posso superar e ainda ser a melhor. E só para mim. Eu preciso saber que posso fazer isso. Meu sucesso até agora apenas parece... — Seu rosto se contrai e seus olhos ficam distantes enquanto ela procura a palavra. — Incompleto. E agora estarei atrás. Terei perdido a forma física, horas na amura. — Seus ombros caem e ela olha para a cerveja como se quisesse se afogar nela.

— Eu posso ajudar você a malhar.

Sua cabeça se move para cima. — Mesmo?

— Claro. — Essa é uma oferta que eu não deveria fazer, mas não suporto vê-la tão oprimida por causa de um idiota como

Patrick Cassel. — Há muitas coisas que você pode fazer que não incluem usar a perna.

Ela pisca rapidamente para mim, como se pensasse que eu poderia ser algum tipo de ilusão. E, para ser franco, também não consigo acreditar.

— Ok — ela respira.

— Patrick vai pagar por aquele movimento que ele fez.

Violet revira os olhos. — Isso é o que Billie vive me dizendo. Está em análise agora. Mas quem se importa? Ele está cavalgando e eu estou aqui. Fazendo... — ela acena com a mão sobre a mesa — isso.

Minha boca se curva em resposta. O estranho sorriso parece mais natural a cada vez que o faço. Eu bato duas vezes na mesa com meus dedos enquanto me inclino para trás com minha cerveja na mão e dou de ombros. — Isso não é tão ruim.

U

Está escuro lá fora e chovendo quando saímos do Neighbor's Pub.

— Espere aqui — digo a Violet enquanto me abaixo e corro para a caminhonete.

Não adianta nós dois ficarmos encharcados. Eu pulo para dentro, viro a chave e ouço seu rugido ganhar vida enquanto

imediatamente dirijo até a porta da frente para pegar uma Violet que parece muito confusa.

Ela se encolhe desajeitadamente e enxuga uma gota de chuva da ponta do nariz. — Você não precisava fazer isso.

Eu dou de ombros, afastando-me do bar. — Eu sei. — Mas estou de bom humor e queria. Estou internamente chocado por ter me divertido muito esta noite. Até comi asas de frango naquele estabelecimento questionável. Elas podem ser a minha morte, mas devo admitir que tinham um gosto muito bom. Quase não saio mais. Quer dizer, ninguém me chama, mas também não aceito os convites.

Minha mãe me arrasta para tomar um café de vez em quando, o que sempre me parece uma forma de acalmar sua consciência culpada, em vez de passar um tempo comigo. Eu a deixei fazer isso de qualquer maneira. Vaughn foi prostituído em seus encontros dos sonhos com garotas de clubes de campo, e eu tive encontros estranhos para tomar café com a mamãe. Tanto quanto eu estou preocupado, tenho o melhor final desse negócio.

Ela perdeu os trilhos quando papai morreu, perdeu-se no fundo de uma taça de martini por um tempo – pelo menos foi o que ouvi dizer. Algo pelo qual ela não se perdoou, obviamente. Eu não estava aqui para essa parte. Assim que pude, coloquei um anel no dedo da minha namorada – porque parecia a coisa certa a fazer – e me alistei. Entrei para o exército e dei o fora da esquiva. Fiquei lá por doze anos e me mantive seguro e ileso até o último mês daquela turnê final.

Então uma existência já entorpecida ficou em branco. Estagnada. Mas esta noite, eu senti o estranho pontinho de um coração batendo, como se talvez eu não estivesse totalmente deprimido depois de tudo.

— Obrigada — diz Violet em voz baixa. — Foi divertido.

— Foi.

Seu sorriso é tímido enquanto seu foco se distancia. Eu me pergunto quem mais consegue absorver esses sorrisos quando não estou por perto, e isso me deixa com um ciúme irracional. O suficiente para que eu diga: — Boas flores você recebeu hoje.

No momento em que as palavras saem da minha boca, eu me odeio por dizê-las. Não deveria me importar se algum cara está levando flores para ela. E eu definitivamente não tenho o direito de ficar com ciúme disso. Mas eu estaria mentindo se dissesse que não tem me incomodado a noite toda.

Seus lábios rolam juntos como se ela estivesse tentando reprimir um sorriso ainda maior. — Sim. Hank é um amor.

— Hank? — Agora pareço oficialmente um psicopata. O amigo mais antigo da nossa família levou flores para ela, e estou agindo como um idiota possessivo sobre isso.

— Mhmm — é tudo o que ela diz. Mas posso ouvir o traço de humor em sua voz. Como se ela visse meu comentário exatamente pelo que é.

Meus dedos flexionam no volante e caímos em um silêncio constrangedor. Onde a conversa fluiu facilmente no pequeno pub sombrio cercado pelo zumbido dos frequentadores locais em seu

happy hour diário e pela música vibrante tocando nos alto-falantes baratos, parece mais tenso no silêncio da minha caminhonete. Como se houvesse muito não dito entre nós. É íntimo demais. Muito escuro.

Muito.

Concordo com a cabeça e me retiro para o silêncio enquanto viajamos pelas estradas secundárias escuras de volta ao rancho. Quando paramos em casa, lanço um olhar para Violet que me faz revirar os olhos. Mas ela não se mexe para pular da caminhonete sozinha.

Assim que minha porta bate, o cavalo marrom relincha alto para mim de seu portão, parecendo um rato afogado. Uma feliz ratazana afogada com as orelhas viradas para a frente.

Eu a ignoro e corro pela frente da caminhonete, abrindo a porta do lado do passageiro para tirar Violet antes que eu fique totalmente encharcado. A chuva bate constantemente em meus ombros enquanto olho para ela no carro mal iluminado. Cada gota parece uma alfinetada na minha pele enquanto ela olha para mim sem virar o corpo, ela hesita. Como se ela não quisesse me encarar. Seus olhos azuis escurecem de alguma forma na luz baixa – ficando quase índigo – e seu cabelo parece mais dourado em seu brilho. Observo enquanto sua língua sai pela costura de seus lábios bem torneados.

Ficamos no limbo, ela no calor seco da caminhonete, eu na chuva bebendo dela como se estivesse preso no deserto. Ressequido.

Meu corpo pulsa no ritmo do meu coração enquanto ela gira lentamente em minha direção, uma mão na maçaneta e a outra na beirada do assento, levantando o gesso com cuidado. Passo a mão por cima de sua perna machucada para enganchá-la atrás do joelho e puxá-la para mais perto. Ela estremece, como se estivesse com frio, então deslizo meus olhos de volta para seu rosto. — Você está...

Ela me interrompe desta vez. — Obrigada novamente por esta noite. Eu sei que você não gosta de mim. Mas ainda me diverti muito com você.

Meu peito se enche de ar pesado e autoaversão quando me aproximo e sinto meus joelhos baterem contra a caminhonete, minha cintura centrada entre suas coxas finas. Meus dedos travam na parte de trás de seu joelho enquanto pergunto: — Por que você acha que eu não gosto de você?

Violet olha para o cavalo, evitando meus olhos, gaguejando enquanto o faz. — Eu... eu... — Seu suspiro é um esvaziamento áspero de seus pulmões por aquela boca distraída em forma de coração. — Porque eu fantasiei você? Porque estou na sua casa? Sua vida? Não sou estúpida – sei que estou invadindo seu espaço. Eu sei que você gosta da sua privacidade. Eu sou uma inconveniente. Posso dizer que você não gosta de mim. E você sabe, realmente, esse é o meu problema. Não é problema meu se as pessoas não gostam de mim. Na verdade, não. Mas isso me incomoda, sabe?

Eu quase quero rir do absurdo da afirmação. Ela acha que não gosto dela? *Se ela soubesse* o que passa pela minha cabeça quando me inclino para mais perto.

12



Violet

Pretty_in_Purple: *Gatos ou cachorros?*

Essas são as perguntas que recorri a fazer para manter Golddigger engajado. Eu não consigo entendê-lo. Alguns dias ele parece falador e outros dias ele é quieto e retraído. Nesses dias, geralmente o deixo em paz e acordo com uma mensagem dele na manhã seguinte.

Mas esta noite, abri uma garrafa de vinho sozinha e quero conversar com alguém. O rancho foi lançado em turbulência e eles finalmente contrataram uma nova treinadora. E ela é incrível. Tentei ser legal perto dela, mas tenho certeza de que fiquei quieta e esquisita.

De qualquer forma, estou animada. Porque meus dias ficaram muito menos solitários.

Meu telefone toca e eu o pego.

Golddigger85: *Boceta.*

Minhas bochechas queimam. De vez em quando, ele lança algo bem sexual. Algo que me faz apertar minhas coxas e desejar que fôssemos mais do que apenas avatares um do outro. Eu me

pergunto como é a voz dele. Quais são seus maneirismos. Ele tem sotaque? Eu me pergunto de que cor são os olhos dele. Ele faz isso com outras garotas todos os dias também?

Essa última faz meu peito apertar desconfortavelmente.

Passo muito tempo imaginando os detalhes da aparência de Golddigger, tentando juntá-lo com as poucas peças do quebra-cabeça que ele ocasionalmente deixa cair. Principalmente, eu imagino seus músculos.

Todos os homens com quem estive eram magros e infantis, mas com base naquela foto dele, esse não é o caso aqui. Eu tive bons namorados. Tive um bom sexo.

Mas estou cansada de ser legal. O que eu realmente quero é que alguém me maltrate. Risque esse tipo de luxúria consumidora da minha lista de desejos.

Pretty_in_Purple: *Hã. Nunca teria imaginado. Quantos dessas você tem no momento?*

Golddigger85: *Uma. Eu sou um tipo de homem bichano solo.*

Pretty_in_Purple: *Sério? Qual é o nome dela?*

Golddigger85: *Não tenho certeza. Tudo o que sei é que ela fica bem de roxo.*

Pretty_in_Purple: *Ok. Desculpe. Insinuações à parte. Você quer me dizer que sou a única garota com quem você conversa aqui?*

Golddigger85: *Sim.*

Pretty_in_Purple: *Por quê?*

Golddigger85: *Porque falar com você consome todo o meu tempo livre.*

Eu leio essa frase uma e outra vez. Vindo de qualquer outra pessoa, não soaria doce. Mas vindo dele, bem, não posso deixar de sorrir e abafar o riso com um gole de vinho.

Golddigger gosta de mim.



Ele se inclina para mais perto e me encara, grandes e gordas gotas de chuva rolando por seu rosto masculino. Seus olhos cinzentos me perfuram por baixo dos cílios grossos e depois descem para a minha boca. Ele parece louco, como se todos os músculos de seu corpo estivessem tensos. Como um predador enrolado e pronto para atacar. Mas nunca tive medo dele antes e não vou começar agora.

Eu continuo divagando para preencher o espaço. — Não se preocupe com isso. Billie também falou comigo sobre isso. Nem todo mundo vai gostar de mim, e tudo *bem.* — Eu me inclino para a frente para me virar para que ele possa me levantar do jeito que fez no passado. Do jeito que ele exige. Mas sua mão pulsa na minha perna antes de levantá-la mais alto e me arrastar para ele. E eu não resisto. Somos como duas extremidades opostas de um imã, naturalmente atraídos um pelo outro.

Sua cintura ocupa todo o espaço entre minhas coxas. Quase perco o equilíbrio, ou desmaio, não tenho certeza, mas solto a alça

acima de mim para me segurar, minha palma pousando no meio de seu peito duro para me apoiar contra ele.

Sua mão oposta dispara para frente e captura meu queixo, a ponta de seu polegar pressionando suavemente a fenda ali. Os intensos olhos cinzentos vasculhando meu rosto me congelam no lugar. Ele está tão perto que posso sentir sua respiração descendo pela minha garganta. Sua colônia me envolve como um cobertor confortável, todo picante, canela e calor.

— Você não é um inconveniente. — Sua voz é áspera, baixa, um rosnado. — Qualquer um que não goste de você é um idiota. Você me entende?

Concordo com a cabeça, sentindo-me um pouco sem fôlego com sua proximidade. Em suas palavras. A maneira como ele me domina. A maneira como ele está segurando minha coxa.

Meus dedos agarram o tecido de sua camisa, não querendo que ele se afaste. Querendo-o mais perto. Mesmo depois de tudo.

Eu inclino meu rosto para ele, observando as sombras em suas feições. O brilho dos faróis destaca todas as saliências proeminentes e linhas nítidas. Sua mandíbula aperta enquanto ele fica congelado, olhando para mim. Mas de alguma forma o significado por trás desse brilho se transformou. Não tenho certeza do que é, mas é diferente. A centelha de desejo refletida em meus próprios olhos, talvez. Porque eu teria que ser uma idiota cega para fingir que não quero Cole Harding. Eu o queria há anos – antes de saber como ele era – quando ele era apenas um avatar sem rosto fazendo companhia a uma garota solitária. O amigo de que eu

precisava quando comecei no mundo. A mão dando um empurrão na minha bicicleta quando decolei sozinha pela primeira vez.

— Tudo bem — eu sussurro, piscando uma vez para dar um descanso aos meus olhos, mesmo que não queira parar de olhar para ele. E caramba, estou feliz por abri-los de volta a tempo, porque seu olhar de pedra vai direto para a lava derretida quando ele levanta o polegar do meu queixo e o esfrega em meu lábio inferior quase possessivo.

O estrondo que sai de seu peito é como uma injeção de eletricidade em meu núcleo. Todo o meu corpo formiga, arrepios e intensa consciência disparando por cada membro. Encorajada por seu toque, estendo minha mão sobressalente e passo pela cicatriz que corta sua testa grossa. Eu sigo o tecido levantado e ouço sua ingestão aguda de ar enquanto passo meus dedos sobre a linha, deleitando-me com a sensação de sua pele sob meus dedos, de suas mãos em meu corpo. A perna que ele quase envolveu sua cintura. A maneira como estamos *quase* alinhados perfeitamente. O tamborilar suave da chuva ao nosso redor. É como se estivéssemos congelados no tempo, nesta pequena bolha de curiosidade. Porque é isso que vejo em seu rosto agora.

E isso me dá coragem. Agarro sua camisa com força entre os dedos e o puxo para mim, querendo senti-lo contra minha calça fina. Eu suspiro quando faço isso, bem quando ele geme, bem quando ele arrasta o dedo pelo meu lábio novamente.

Jesus. Eu gosto disso.

Eu levanto minha perna boa e a envolvo em seu outro lado, querendo-o mais perto. Nossas respirações pesadas se misturam

sem palavras entre nós no ar frio e úmido. Seus olhos me devoram, confusão escrita em seu rosto agora. Eu não quero nem pensar sobre o que está escrito no meu enquanto ele levanta minha coxa mais alto e pressiona-se contra o ápice das minhas coxas, fazendo meus olhos vibrarem embriagados. Pura luxúria, imagino.

Eu deixo minha outra perna trilhar pelas costas dele, esfregando contra ele enquanto balança contra mim. Mas então ele congela e dá um passo para trás abruptamente, segurando-me no comprimento do braço, ofegante no ar da noite, sua respiração como vapor subindo entre nós.

Eu quero me lançar de volta para ele. Eu quero implorar para ele continuar. Mas sei que Cole não é o tipo de homem que se dobra. Sei que ele é complicado. Sei que ele tem regras. Regras que ele não quebra.

— Eu sinto muito. — Sua voz falha quando ele me coloca no chão suavemente e traz suas mãos trêmulas de volta para os lados.

Eu sinto muito?

Tudo que era quente, esfria. Frio de pavor. Balanço minha cabeça. Eu já estive aqui antes. Isso é tão parecido com ele, tão parecido *comigo.* Para me deixar levar no que diz respeito a ele. Pensar que algo está lá quando não está.

Eu não posso nem olhar para ele quando sinto que fico vermelha brilhante. Mando um *agradecimento silencioso* porque está escuro lá fora, enquanto olho para o paddock de Pipsqueak. E como se ela soubesse que esse momento precisa ser interrompido, ela relincha. Longo, alto e estridente, como uma campainha de alarme que nos faz pular.

— Posso pegar sua caminhonete por um minuto?

Cole balança a cabeça como se para clareá-la, tentando acompanhar. — Para quê?

— Eu preciso correr até o celeiro e pegar uma capa de chuva para ela. Ela está ficando encharcada. Sem cobertor. Ela nem tem um abrigo lá.

Ele dá um passo para trás rapidamente, colocando espaço entre nós enquanto olha para a potra. — Os cavalos sobreviveram por anos sem casacos impermeáveis.

A frustração surge em mim, alimentada por nossa interação. Alimentada pelo meu constrangimento. Eu não posso estar tão perto dele agora. — Você pode apenas me jogar um fodido osso e não me dizer o que fazer?

Agora é a vez dele de olhar para mim com os olhos arregalados. Soltar uma bomba f sempre faz isso com as pessoas. Quando você não usa muito a palavra, certamente dá um soco diferente.

Ele estende as chaves, parecendo devidamente castigado e mais do que um pouco chocado. *Bom.* Eu as pego e vou para o outro lado da caminhonete, deixando um Cole imóvel atrás de mim.

— Dirija com cuidado, por favor. — Sua voz é toda cascalho com um tom de súplica.

Eu bufo e continuo para o lado do motorista. Minhas pernas me impulsionam, embora minha cabeça esteja girando. É como aquela noite na casa da Billie. Eu só preciso ir embora. E meu novo cavalo precisa de um cobertor. Eu ligo a caminhonete e saio da

garagem, apenas olhando para Cole enquanto passo por onde ele ainda está de pé como uma estátua na chuva. Ele parece chocado, e eu não me importo.

Eu preciso de um pouco de espaço.

U

Bang. Bang. Bang.

Abro os olhos e olho para o relógio. Parece brilhante. 10 da manhã. Nunca durmo tanto. Mas então, eu me escondi no celeiro por um tempo, tentando me orientar antes de voltar para casa e conversar com Pipsqueak, que agora conhece alguns dos meus segredos mais profundos e sombrios, incluindo o fato de que Cole ainda está sob minha pele.

Assim que localizei uma capa de chuva pequena o suficiente, voltei para a casa da fazenda. Com o pé esquerdo. Foi uma viagem curta e lenta, e meu pé esquerdo funcionou bem, embora definitivamente não seja algo que pretendo fazer um hábito. Sentada em cima da cerca na chuva, fiquei com Pippy até ficar encharcada e com frio até os ossos. Ela descansou o queixo no meu colo, como o cachorro que ela obviamente pensa que é, e me deixou trançar seu topete. A melhor companhia que eu poderia pedir enquanto lutava com o que diabos aconteceu entre mim e Cole na chuva na noite passada.

Eu realmente pensei que ele não gostava de mim. E presumi que a atração era unilateral. Mas a protuberância dura como pedra

em sua calça que ele pressionou contra mim contava outra história. Eu simplesmente não conseguia conciliar o homem frio e distante que conheço com a pessoa que ele era ontem à noite. Nada disso faz sentido. Rindo, a ponta estranha e relutante dos lábios e, em seguida, a maneira como suas mãos agarraram meu corpo. O jeito que eu me derreti por ele.

Bang. Bang. Bang.

O ruído finalmente registra. Essa é a porta? Eu rolo para fora da cama e amarro o gesso na minha perna. Quase sinto que não preciso mais disso. A dor desapareceu, assim como a maior parte do inchaço, e apenas os restos amarelos do hematoma permanecem. Depois de pegar meu roupão na parte de trás da porta enquanto saio para a sala principal, movo-me em direção à porta da frente, esperando não esbarrar em Cole no meu caminho.

Quando abro um pouco, porque não me sinto apropriadamente vestida para atender a porta, eu me deparo com Billie parada na varanda da frente com as palmas das mãos cobrindo os olhos como se fossem antolhos.

— O que você está fazendo?

— Abra a porta, Pornstar Patty.

— Eca. — Eu gemo e inclino minha cabeça para trás. — Foi uma foto. Dá um tempo!

Ela empurra a porta e entra freneticamente, quase tropeçando no processo. — Puta merda. Deixe-me entrar já. E feche a porta!

— O que está acontecendo? — Estou tão confusa.

— Estou tentando não checar meu futuro cunhado. Você vai precisar colocar algum tipo de sinal de néon na entrada da garagem se ele for dançar sem camisa assim. Sinais de fumaça também seriam eficazes.

Espere. Quê? É a minha vez de quase tropeçar passando por ela, mas estou indo na direção oposta, de volta para fora da porta. E santo *inferno.* Ela não está brincando. Engulo em seco e sinto minha boca secar.

Cole está do lado de fora do paddock de Pipsqueak, descarregando madeira e montando cavaletes, e ele está gloriosamente sem camisa. Seu corpo ondula na luz do sol brilhante. Sem chuva hoje; em vez disso, parece quente, úmido e abafado. Aparentemente, Cole é o tipo de cara que ama o sol e as armas. E irritada como estou comigo mesma por ontem à noite, não vou reclamar.

— Jesus... ele não poderia simplesmente colocar um short e encerrar o dia? Um copo de água fria faz maravilhas para refrescar uma pessoa. — Olho por cima do ombro e vejo Billie encostada na porta escancarada.

— Eu pensei que você não estava olhando?

— Estou noiva do amor da minha vida. Não cega.

Eu rio. Isso é tão Billie. Afastando-me da obra-prima de dar água na boca no gramado da frente, eu a conduzo de volta para casa.

— O que você acha que ele está fazendo lá fora? — ela pergunta, agora se movendo para observar a janela da frente.

Reviro os olhos enquanto vou para a cozinha. — Você é tão pervertida, B.

— Eu sei. — Suas sobrancelhas balançam enquanto ela caminha até a ilha da cozinha e começa a fazer café como se morasse aqui também. — Vá se vestir. Vou fazer um café. Não sei que tipo de comunidade de nudismo e sexo na internet vocês dois estão começando, mas não estou aqui para isso.

Eu olho para mim mesma. — Estou vestindo um roupão.

— O que tem por baixo? — ela pergunta antes de bater no moedor de café, efetivamente me cortando.

Ok. Ela tem razão. Eu me viro e caminho para o meu quarto. Short e uma camiseta tão velha e rasgada que é quase transparente são minhas escolhas. Perfeitas para um domingo preguiçoso. Tudo o que planejei hoje é estragar Pipsqueak e praticar algumas noções básicas com ela.

Quando escovo o cabelo e os dentes e prendo o cabelo em um coque, Billie tem uma caneca de café pronta para mim no balcão.

— Ok. — Deslizo para um banquinho e envolvo minhas mãos em torno da velha caneca de barro. — Por que você está aqui batendo na minha porta e absolutamente não checando o irmão do seu noivo?

Antes que ela possa responder, a porta da frente se abre novamente. — Podemos tomar nosso café na varanda da frente? — Mira, nossa veterinária e outra integrante do esquadrão feminino, entra como se fosse dona do lugar.

— Apenas viemos visitar nossa pequena Por... favorita...

— Billie — eu aviso, arregalando meus olhos para ela e sabendo exatamente qual novo apelido ela está usando. Não que eu não fosse contar a Mira. Quero dizer, ela provavelmente teria sido uma escolha melhor para confiar de qualquer maneira. Legal e controlada, a mulher é quase impossível de ler. Levei um tempo para descobrir que ela é realmente legal. É difícil dizer com Mira. Ela mantém suas cartas fechadas. Então, sim, eu deveria ter contado a ela.

— Ah, Vi. Você deveria ver as fotos que envio a Vaughn.

Eu fecho meus olhos e deixo escapar um soluço dramático. — Billie!

Mira, toda de cabelo preto brilhante e olhos amendoados inteligentes com um sorriso no rosto, levanta uma sobrancelha bem torneada sem perguntar e se serve de uma caneca de café antes de mudar completamente de assunto. — Como está Pipsqueak, Vi?

Eu suspiro, e tenho certeza que corações aparecem em meus olhos. — Tão bem. A melhor. Exatamente o que eu precisava. — Eu atiro meu olhar para Billie e calmamente acrescento: — Obrigada.

Sua mão pousa no meu ombro e ela o aperta com firmeza. — Não mencione isso. — Billie parece estar brincando o tempo todo, mas você seria um tolo se subestimasse o tamanho do coração dela. Ela sabia exatamente o que estava fazendo quando trouxe aquela potranca para mim.

— Quando você a fizer ir, deixe-me vê-la algumas vezes. Apenas certifique-se de que ela está bem. Sem dor ou problemas respiratórios.

Concordo com a cabeça e tomo meu café, observando Mira vagar até a janela da frente novamente.

— Venha para as corridas esta noite. Você precisa sair. Saia da fazenda. Veja alguns humanos, não apenas o ciborgue com quem você vive.

— Ele não é tão ruim — eu retruco, um pouco mais defensivamente do que eu pretendia.

Billie recua um pouco, deixando os cantos de seus lábios se curvarem enquanto murmura silenciosamente: — Ok — antes de acrescentar: — Isso é bom, porque você terá que pegar uma carona com ele. Mira e eu estamos indo para lá para as primeiras corridas logo após esta pequena visita.

Eu olho para minha caneca de café, tentando esconder a mancha rosa que sinto se espalhando em minhas bochechas. Odeio a facilidade com que fico ruborizada, é tão flagrante. Eu não posso enganar ninguém porque coro como um adolescente com a queda de um chapéu.

— Eu acho que ele está... — Eu olho para a forma de Mira enquanto sua cabeça se inclina para o lado. — Construindo um abrigo para o seu cavalo?

— O quê? — eu quase grito. — Sem chance. — Mas também não quero ir olhar. Se ela estiver certa, isso vai me confundir ainda mais sobre minha posição em relação a Cole Harding.

Billie corre até a janela, espiando ao lado de Mira. Elas parecem duas velhas bisbilhoteiras observando o garoto gostoso da piscina.

— Ele está! Ele está bem no paddock. Vi, venha olhar.

Todas as minhas juntas travam enquanto tento entender o que elas estão dizendo. Não há como. Cole odeia cavalos. Ele não faria isso por Pipsqueak – ele não conseguia nem entender por que eu queria pegar um cobertor para ela ontem à noite. Por que ele iria buscar madeira e gastar seu tempo livre construindo um abrigo para ela?

— Oh. Ele nos viu.

— Como você sabe? — Mira pergunta, nenhuma delas desviando o olhar. Sem vergonha.

— Vê? — Billie aponta para fora da janela. — Ele está carrancudo para nós.

— Huh. Eu não estava olhando para o rosto dele, eu acho. — Mira acena para ele, como se isso fosse perfeitamente normal.

Eu gemo. — Vocêsss. Hora de ir. Fora! — Eu marcho até a porta da frente e a abro.

Elas não discutem; Billie gargalha e Mira pisca para mim com conhecimento de causa. *Filha da puta.* Ambas estão totalmente ligadas em mim.

— Vejo você à noite? — Billie pergunta enquanto me puxa para um abraço de urso.

— Yeah, yeah. Estarei lá — eu respondo enquanto elas saem como crianças em apuros.

Billie mantém a cabeça baixa enquanto volta para a caminhonete, mas Mira dá uma olhada longa e completa em Cole antes de sorrir para mim por cima do ombro e fazer um discreto sinal de positivo.

Reviro os olhos e coro de uma só vez.

Quando as duas saem, eu finalmente dou uma olhada para Cole de onde estou na varanda da frente e sinto meu coração gaguejar enquanto o vejo se abaixar entre os postes da cerca com uma furadeira na mão. Ele é como todos os pornôs de trabalhadores da construção que eu já assisti em um pacote perfeito. E o fato de Pipsqueak estar seguindo-o alegremente é apenas a cereja no topo. Quando ele para e olha a configuração da furadeira, a pequena potra envolve o pescoço dele e cheira a ferramenta.

Ele dá uma coçada ausente sob o queixo dela, e eu quase implodo. Cara gostoso com um cavalo? Não fica melhor. Ele caminha até as tábuas e ela o segue, observando, como se pudesse aprender a fazer um abrigo se se concentrasse.

— O que você está fazendo, garota? — ele resmunga enquanto se abaixa, e eu não posso evitar o som de desmaio que sai da minha garganta.

Não quieto o suficiente, no entanto. Porque Pipsqueak ouve.

Sua cabeça dispara para cima e ela balança a cabeça em minha direção com um relincho ensurdecedor. *Pequena traidora.* Seu olá característico me jogou bem embaixo do ônibus, porque Cole se levantou, olhou por cima do ombro musculoso e me fixou com aqueles olhos cinzentos.

— Oi! — eu grito um pouco alto demais, sem saber qual é a coisa normal a fazer aqui. Eu tive um relacionamento estranho ao longo dos anos. Mais desde que deixei meu pai autoritário e meus irmãos para trás, mas nada com a intensidade do que quer que seja. O que quer que tenha sido a noite passada. Nada onde sinta como se um mero olhar do homem pudesse me fazer explodir em chamas.

— Ei — diz ele um pouco cauteloso.

Minha tendência é correr e me esconder dentro de casa. Mas esse não é o novo eu; não é assim que os adultos lidam com esse tipo de situação. *Finja até conseguir.*

Eu me forço a andar em direção a ele e tento ainda mais evitar que meus olhos percorram seu corpo. Quero dizer, *sério.* O cara é musculoso, então é difícil não olhar. Eu acho que é isso que ele trabalha várias vezes ao dia.

Quando chego à cerca, descanso meus braços contra ela. — O que você está fazendo?

Com uma das mãos no quadril, ele ergue a furadeira para mim como se eu tivesse acabado de fazer a pergunta mais óbvia do mundo. — Construindo um abrigo.

Minha testa franze quando o ouço confirmar o que Billie e Mira adivinharam. — Eu pensei que você odiava cavalos?

— Eu não odeio cavalos. — Pippy bufa e bate os cílios para ele. Outro para baixo, aparentemente.

— Ok. Você disse que *não gosta* de cavalos.

— Sim — ele resmunga enquanto vira as costas para mim e se agacha para alinhar duas tábuas. — Mas eu gosto de você.

E então ele silenciosamente começa a trabalhar enquanto fico aqui olhando para ele. Estupefata.

13



Violet

Golddigger85: *Como uma fazenda de gado completa? Você é uma garota da fazenda?*

Estou deitada na cama, de pijama, conversando. Como sempre. Acabei de dizer a Butterface que cresci em um rancho, e ele parece horrorizado.

Pretty_in_Purple: *Cowboys, laços e rodeio, baby.*

Golddigger85: *E os chicotes?*

Pretty_in_Purple: *Mais de esporas para esse tipo de garota aqui.*

Golddigger85: *Jesus. Você deve ter cuidado ao falar assim.*

Minha bochecha se contrai. Se ele pode dizer coisas sugestivas, não vejo por que eu não posso fazer o mesmo.

Pretty_in_Purple: *Por que isso?*

Golddigger85: *Eu tenho uma imaginação fértil.*

Eu mordo meu lábio e considero meu próximo passo. Ele está de bom humor. Acho que ele está até flertando comigo. Isso faz meu peito se sentir todo agitado.

Eu rio e olho para o teto. Triste, Violet. Eu tenho esse novo interesse amoroso, sensação tonta por um estranho na internet. Estou velha demais para isso. Eu sei melhor.

Pretty_in_Purple: *Conte-me mais.*

Oh, Deus. Eu não deveria ter dito isso. Eu rolo de joelhos e olho para a tela do meu telefone como se estivesse esperando por uma grande notícia quando, na verdade, estou apenas observando aqueles pontos rolarem pela tela enquanto ele digita. Eu me pergunto se ele está deitado em sua cama fazendo a mesma coisa que eu.

Golddigger85: *Ligue sua câmera e vou contar a você em detalhes.*

Jesus. Meu dedo paira sobre aquele pequeno ícone de câmera de vídeo. Como seria simplesmente jogar a cautela ao vento e fazer isso? Eu poderia lidar com isso? Não sei mais.

Pretty_in_Purple: *Sem chance, Butterface.*

Minha resposta soa resoluta. Mas estou sentindo tudo menos isso. Estou confusa. Tentada. Tesão. Em vez de ceder, tiro meu brinquedo favorito da mesa de cabeceira e finjo que disse sim.

U

Eu olho ao redor do amplo salão do proprietário em Bell Point Park. Como uma garota de uma fazenda em Alberta que virou joqueta novinha em folha, este não é um lugar que tenha

conhecido até agora. Normalmente, fico coberta de estrume de cavalo e suor nos estábulos. E para ser honesta, acho que prefiro isso.

Coloquei meu vestido mais bonito e ainda me sinto deslocada. Uma sapatilha, um gesso ambulante e um lindo vestido floral esvoaçante que é perfeito para um dia quente e talvez nem tanto para a quantidade de ar condicionado gelado que é bombeado para esta sala.

— Aqui. — Cole vem para ficar ao meu lado perto das janelas altas e me oferece uma bebida com um guarda-chuva dentro. Eu não perco o jeito que sua bochecha se contrai quando olho para ele.

Agora estamos brincando? Cole Harding me dá uma chicotada. Frio e agitado. Quente e prático. Amigável e brincalhão. Quantas versões existem? E por que eu gosto de todas elas?

— Saúde — eu digo com uma pequena risada enquanto pego a bebida e bato em seu copo de água.

Não tenho ideia de onde estamos agora. Passei a tarde inteira cuidando de Pipsqueak ao sol. Praticando levantar os pés. Jogando escovas nas costas, para que ela se acostume a ver algo com o canto do olho quando eu finalmente balanço uma perna. Provavelmente é hora de pegar alguns arreios em casa para que possa tentar a sela e o freio nela. Porque ela é absolutamente imperturbável. Tudo é apenas um jogo divertido para ela. Nada a assusta. Mesmo Cole, perfurando e martelando em seu abrigo novo e brilhante o dia todo, não a incomodou.

Na verdade, ela ia até lá para verificar suas novas escavações e dar uma cutucada no cotovelo dele. E fingi não ver quando ele passou a palma da mão larga e gentil sobre sua testa.

Não gosta de cavalos, *minha bunda.*

Ainda não encontrei um juiz de caráter melhor do que um cavalo, e Pipsqueak não estaria por perto dele se ele exalasse essa vibração. Por mais que eu odeie admitir, ela pode até gostar mais dele do que de mim.

Ou talvez ele só precise dela mais do que eu.

Um pensamento que faz meu peito doer.

— Você costuma assistir daqui de cima? — pergunto, tentando puxar conversa e preencher o vazio constrangedor entre nós.

Eu esgueiro um olhar para ele. A protuberância de seu pomo de Adão balança em sua garganta quando ele abre a boca para me responder sem retornar o contato visual.

— Eu não...

E então vejo uma mão perfeitamente cuidada deslizar sobre o ombro de seu paletó.

— Cole — a voz leve e feminina de uma mulher vem do lado oposto dele enquanto ela aparece, ficando um pouco perto demais para ser uma conhecida passageira. Ela é pequena, como eu, mas é aí que nossas semelhanças terminam. Ela está cheia de joias caras, e seus lábios perfeitamente pintados de vermelho combinam com seu cabelo liso. — Há quanto tempo.

Cole se move em direção a ela, basicamente me bloqueando da conversa, cobrindo meu corpo protetoramente com o dele. — Hilary.

Posso dizer pela maneira como ele está se comportando – ombros caídos para trás, pescoço esticado, queixo erguido com orgulho – que todos os traços de humor de antes secaram quase instantaneamente na presença dessa mulher. Nas últimas semanas, eu estive a par de como Cole parece feliz e relaxado.

E não é isso.

Os nós de seus dedos estão brancos ao redor do copo em sua mão, e vejo o outro cerrado em um punho ao seu lado. Seus sinais podem não ser tão flagrantes quanto meu rosto flamejante ou olhos esbugalhados, mas é assim que Cole fica quando precisa ser resgatado. Posso ver que ele está lutando e, de repente, estou me sentindo muito protetora com ele. Coloco minha bebida na mesa ao nosso lado enquanto contorno seu corpo largo. Minha mão desliza sobre seu punho e empurro meus dedos entre os tensos. Ambos olham para mim, igualmente surpresos com minha aparência. Mas enquanto Hilary parece irritada, sinto a mão de Cole amolecer na minha e ouço a respiração que sai entre seus lábios em alívio.

— Oi. Eu sou Violet.

Ela estende uma mão para mim educadamente com um sorriso falso estampado em seu rosto. — Violet. Nunca ouvi falar de você antes. Mas que nome bonito. Eu sou Hilary.

Eu quase bufo, porque passei tempo suficiente com as ex-namoradas do meu irmão para saber fingir ser legal quando vejo

isso. Para saber palavras misturadas com veneno quando as ouço. Hilary não está enganando ninguém com seu ato educado, e sei que ela não está enganando Cole pela forma como sua mão pulsa ao redor da minha.

Eu devolvo sua risada falsa e risonha com uma das minhas. — Bem, isso é muito engraçado, porque ouvi *muito* sobre você! — Eu não ouvi, mas meu palpite funciona.

Seu rosto se fecha quase instantaneamente enquanto seus olhos disparam para Cole, procurando algum tipo de convite para ficar, mas não encontra nenhum. — Bem, foi bom ver você de novo. Tem sido muito tempo.

Ela descansa a mão em seu bíceps, e eu quero arrancá-la. Um ciúme ardente sobe pela minha garganta. Náusea instantânea. E autoaversão instantânea. Não tenho absolutamente *nenhum* direito sobre este homem, mas aqui estou eu, torcendo minha calcinha por causa de alguém tocando seu braço com uma familiaridade que invejo. *Patético.*

Ele acena com a cabeça, taciturno, enquanto ela se vira e caminha de volta pela sala. Nós dois a observamos partir, de mãos dadas, meu estômago revirando com uma profunda sensação de pavor.

— Preciso de um pouco de ar fresco — eu guincho enquanto olho para a porta e me afasto. Ou o mais próximo que posso com esse maldito gesso ambulante. Estou tão além de pronta para abandonar essa coisa e voltar para a minha vida. Meu trabalho. Meu foco. Esse hiato está mexendo com meu cérebro.

Eu suspiro de alívio quando as escadas do prédio esquecido por Deus aparecem. Preciso estar no chão com a sujeira, os barulhos e os jogadores que bebem cerveja. Eu não pertenço lá em cima.

Mais um conjunto de escadas aparece quando viro a esquina. Só que a saída não está clara. Longe disso.

— É um prazer encontrá-la aqui — Patrick Cassel fala lentamente com um sorriso estúpido e presunçoso no rosto. Eu recuo, mas ergo meu queixo e continuo andando, decidindo que a melhor maneira de lidar com uma criança é ignorar seu comportamento em busca de atenção.

— Que vergonha para o elenco.

— Mhmm — eu digo, mantendo meus olhos abertos na porta à frente, no sol branco brilhante derramando no patamar escuro, brilhando como um farol para onde posso ficar longe de Cole e Patrick.

Mas então seu braço dispara na minha frente enquanto ele agarra o corrimão na base da escada para bloquear meu movimento para frente.

— Tentando sair tão rápido?

— Mova seu braço, Patrick. — Eu olho de volta para suas feições bem cuidadas e lábios muito finos, especialmente feios pelo olhar sarcástico em seu rosto.

— A maioria das garotas novas em cena se curvaria para chamar minha atenção. E mais também. — Ele pisca, e minha pele se arrepia. Eu sei que esse tipo de merda acontece nos bastidores.

O sexo. As drogas. O drama. E é por isso que prefiro me esconder em Ruby Creek, no rancho. Não quero estar na pista todos os dias, pegando qualquer carona que puder com qualquer treinador que puder. Eu *gosto* da minha bolha.

— Mova. Seu. Braço.

— Você pode se divertir, e posso dar a você um pouco mais de espaço na próxima vez que eu passar por você lá fora.

Minha garganta fica quente de raiva. Uma coisa é pensar que ele me cortou de propósito. Mas ouvi-lo confirmar é algo totalmente diferente.

Mas uma voz perigosa assume minha linha de pensamento atrás de mim. — Ninguém se diverte fodendo você, Patrick. Agora mova seu braço antes que eu o remova completamente.

Viro a cabeça para olhar por cima do ombro e encontro Cole parado no topo da escada como uma espécie de anjo vingador das trevas. Muitas vezes ele parece mal-humorado, mas agora ele parece absolutamente mortal. Todos esses anos nas forças armadas marcaram cada linha dura do corpo que está sobre nós. Ele parece relaxado. Relaxado *demais.* Como se este fosse um modo padrão fácil para ele. E Patrick, idiota que é, não percebe o perigo.

Ele *ri.* — Harding Sênior. Prazer em vê-lo, amigo.

Eu nem mesmo dou uma olhada em Patrick, principalmente porque não consigo tirar os olhos de Cole. Parece que ele poderia rasgar o outro jóquei membro por membro, e estou alarmantemente excitada com a perspectiva. Eu sei que eles se

conhecem de algum negócio familiar entrelaçado, e Cole o fez montar DD em sua corrida de estreia que foi ruim. Também sei que Cole não está olhando para Patrick como se fossem amigos.

— Não somos amigos — Cole resmunga. — Você é um filho da puta nojento com quem eu adoraria nada mais do que acertar as contas. Se você acha que aquele episódio com o chicote doeu, você não tem ideia do que está acontecendo. O que fui treinado para fazer.

Patrick, que claramente está perdendo algum tipo de instinto de sobrevivência, zomba dele. — Parceiro. Você não está seriamente preocupado com essa pirralha do celeiro, está? Nossa pequena conversa é apenas parte de como as coisas funcionam por aqui. Existem brechas para subir no mundo. Violet só precisa aprendê-las.

— Toque nela e eu mato você. — A voz de Cole é absolutamente ártica.

Patrick apenas sorri diante da ameaça. Ele dá um passo até mim e desafiadoramente coloca sua mão livre no meu ombro. Como se eu fosse muito simples para entender sua implicação – como se fosse perfeitamente normal falar sobre outra pessoa como se ela não existisse. Como se tocar uma mulher sem a permissão dela fosse aceitável.

Com o canto do olho, vejo Cole entrar em movimento, mas não antes de uma fúria incontrolável passar por mim. Minha temporada está no banheiro graças a este saco desprezível, e a percepção me faz estalar. Eu faço com Patrick exatamente o que

teria feito com um dos meus irmãos idiotas quando eles me atormentavam demais.

Dou uma joelhada nele bem entre as pernas. Duro. E então me afasto para vê-lo se dobrar de dor.

— Bem feito para ele — diz Cole atrás de mim, surpresa em seu tom. Sua mão pousa no meu ombro, mas dou de ombros. Não quero que ninguém me toque agora. Sinto-me com raiva e com medo, e como se tivesse perdido por pouco o que poderia ter sido um encontro muito assustador.

— Você está bem?

Eu pressiono minha mão trêmula contra meu peito para sentir meu coração disparado ali, para sentir minhas costelas arfando enquanto luto para recuperar o fôlego.

— Deixe-me ajudá-la. — Sua voz é suave, mas não quero esse lado dele. Eu não quero ser mimada. Especialmente não por ele. Isso me faz sentir coisas que não deveria. E Patrick? Quero ficar o mais longe possível dele.

— Estou bem. — Dou o passo final para o patamar, contornando um Patrick gemendo, desesperada para sair por aquela porta e me afastar do que quer que seja.

A pior parte é que, no fundo, quero que Cole me siga.

14



Cole

Estou muito apegado a Pretty_in_Purple. Está além da minha compreensão. Um maldito amigo por correspondência na internet. E eu vivo pelas mensagens dela.

Algumas noites, digitamos de um lado para o outro até que eu adormeço com o telefone nas mãos. Acordo agarrado ao dispositivo como se fosse a porra de uma tábua de salvação. Talvez seja. Talvez ela seja.

Talvez seja por isso que checo nosso bate-papo todas as manhãs, esperando que ela tenha escrito para mim. Qualquer coisa, mesmo apenas um emoji dela, é o suficiente para começar bem o meu dia.

Achava que me masturbar com garotas na internet me tornava patético. Então, o que me apegar a uma faz de mim? Eu só tenho aquela foto dela salva. Eu deveria estar cansado de me masturbar agora.

Mas não estou.

Além disso, imagino conhecê-la na vida real. Imagino segurando-a, sussurrando meus segredos mais profundos e

obscuros em seu ouvido e, em seguida, sentindo seus braços me envolverem enquanto deslizo para dentro dela.

Foi além de querer transar com ela... o que quer que seja. Cheguei ao ponto de me perguntar se ela está com alguém na vida real. Tão coxo. Claro que ela está! Ela é doce e linda – que cara em sã consciência não iria querer isso? Mas isso não me impede de enviar uma mensagem perguntando a ela.

Golddigger85: *Algum cara de sorte em sua vida atualmente?*

Ela demora muito para responder. É meio-dia. Eu sei que ela está trabalhando. Eu deveria estar trabalhando também. Mas aqui estou eu, obcecado por uma garota qualquer da internet. A agitação cresce dentro de mim, algo que descarrego em alguns funcionários de baixo escalão como um idiota total. Como uma criança que não consegue controlar suas emoções.

Quando meu telefone finalmente toca algumas horas depois, um profundo suspiro surge de mim. Eu me jogo na cadeira de couro do escritório e me inclino para trás enquanto tiro o telefone do bolso do terno.

Pretty_in_Purple: *Apenas um.*

Minhas sobrancelhas se juntam e meus antebraços ficam tensos. Eu sabia.

Golddigger85: *Ele sabe sobre mim?*

Pretty_in_Purple: *Não sei. Ele sabe?*

Eu recuo enquanto faço uma ginástica mental para descobrir o que ela acabou de sugerir. Meu peito incha um pouco por causa de uma garota que nunca conheci e nunca conhecerei.

Ela quer dizer eu?

U

Não faço ideia para onde Violet foi. Tudo o que sei é que recebi uma mensagem dizendo que ela voltou para a fazenda. Mas ela ainda não está aqui. Então, estou apenas sentado no degrau da varanda, bebendo outro copo de uísque, com a potra marrom olhando para mim como se eu devesse algo a ela. Atenção, comida, quem sabe – está ficando enervante.

Não acredito que estou deixando a porra de um cavalo me fazer sentir mal.

Como se eu já não me sentisse mal o suficiente. Eu quis seguir Violet quando ela decolou, e comecei assim, até que vi que ela estava indo direto para a pista – não para os estábulos. Então parei.

A pista é uma dicotomia para mim. O lugar que guarda todas as minhas melhores e piores lembranças. Por um lado, eu cresci lá. Meu pai era um jóquei popular e bem-sucedido em Bell Point Park. Passamos muito tempo lá juntos. Por outro lado, eu o vi morrer naquela pista.

O estande no topo é o compromisso perfeito – ideia de Trixie. Terapia exposta. Uma visão distante, nenhum som de cascos batendo, nenhum alto-falante estalando, nenhum dos gatilhos que me levam direto para aquele dia. Não importa a guerra, *aquele* dia é o meu ponto de inflexão.

Eu sei que Violet não quer que ninguém cuide dela, mas caramba, eu queria. Eu queria moer Patrick até virar uma polpa e então levar Violet o mais longe possível dele. A visão de sua mão em seu ombro me deixa vermelho.

Eu balanço minha cabeça.

Quase entrei em combustão ali mesmo. Quase me transformei no soldado que não sou há seis anos.

E é exatamente por isso que Violet é uma fraqueza que não posso pagar. Trabalhei muito para combater minhas explosões e meus dias ruins, aqueles em que não consigo nem reunir energia para sorrir. Contra todos os meus melhores instintos, mesmo quando sei que não sou nada além de uma bagunça quente no que diz respeito a ela, eu queria estar lá para ela. Para persegui-la e consertar as coisas para ela. O que é uma péssima ideia. Colossalmente estúpida.

E exatamente o que ela não quer.

Quero ligar para Trixie, mas é tarde demais para isso. Abaixo minha cabeça em minhas mãos e murmuro para mim mesmo: — Bom trabalho, Harding.

O cavalo relincha do outro lado da entrada e balança a cabeça para mim com uma longa piscada de seus cílios grossos. Eu não posso deixar de rir. Ela é implacável. Não desiste. Deixo o copo na varanda e caminho até a cerca onde o cavalo está esperando.

Ela é meio difícil de não gostar. Suas orelhas se inclinam para a frente com a minha aproximação, e sua cabeça se ergue um

pouco mais alta de excitação. Juro que se ela tivesse o rabo certo, estaria abanando.

— Ei, garota — eu sussurro, passando minha mão em seu pescoço e sentindo o calor de sua respiração contra meu estômago enquanto ela se aninha.

Ela é o primeiro cavalo que toco desde que meu pai morreu. Eu mal me permiti admitir isso, mas é bom. Terapêutico talvez. O formigamento suave de seu pelo sob meus dedos... eu me pergunto se estou tendo a mesma experiência tátil que meu pai pode ter tido quando ainda estava vivo. Se estou sentindo a mesma coisa que ele sentiu uma vez.

Seu relincho animado toda vez que chego em casa quase me faz sorrir, e a maneira como ela me seguiu silenciosamente enquanto eu treinava aqui antes me fez sentir... não sei. Digno de atenção.

Como se talvez eu pudesse ser simpático, afinal.

Eu ando até o canto de seu paddock onde há uma pilha de fardos quadrados de feno sob uma lona azul, e ela me segue. Levantando um canto da lona, puxo um floco do fardo superior e inalo o cheiro de grama e poeira enquanto o carrego de volta para o comedouro.

O feno está em todo o meu terno, mas não me importo. A merda material não importa para mim há anos. Acho que é por isso que moro em um apartamento pequeno e antiquado em um prédio de quatro andares no bairro de West End em Vancouver. É um lugar limpo para descansar minha cabeça à noite, enquanto faço minhas tarefas do dia a dia. Meus dias alimentando o estilo

de vida de elite de minha mãe morreram junto com meu noivado com Hilary.

Estou encostado na cerca, ouvindo a mastigação satisfeita do cavalo, perdido em uma memória quando vejo as luzes na entrada da garagem. Reconheço a caminhonete de Billie, mas está muito escuro para ver lá dentro.

Violet pula e cai com um pé. Obviamente, não querendo ajuda para sair depois que me aproximei dela ontem à noite.

Eu me encolho internamente com a memória. Trinta e seis parecendo ter dezesseis, aparentemente. A próxima coisa que eu sei, estarei perguntando a ela se quer dar uns amassos.

O que é um plano terrível. Porque, como eu disse a ela, gosto dela – e não deveria. Eu gosto dela como mais do que uma amiga, e isso é tudo que podemos ser. Não toco em uma mulher há anos, muito menos tive uma me tocando. Eu não deixei ninguém chegar perto o suficiente. Parece intransponível agora. Patético como parece.

Mas depois de duas semanas na mesma casa que Violet, é só nisso que consigo pensar.

— Oi — diz ela timidamente enquanto caminha até mim. — O que você está fazendo aqui?

— Apenas alimentando o cavalo.

Sua cabeça se inclina imperceptivelmente. — Eu a alimentei antes de sairmos.

Os globos pretos do cavalo marrom se erguem momentaneamente como se ela soubesse que eu sou um otário por

dar a ela mais. Então ela volta a ranger os dentes e a espalhar o feno. Ela parece feliz, então quem se importa.

Eu apenas resmungo e continuo olhando para a pequena potra, esperando que Violet vá embora. Em vez disso, ela se aproxima da cerca, a um poste de distância de mim, e se inclina contra ela. Posso sentir seu olhar em mim, como mãos percorrendo meu corpo – suaves e perspicazes.

Eu não quero olhar para ela. Para ver aquele cabelo loiro claro brilhando ao luar, aqueles grandes olhos índigo me perfurando, tão cheios de perguntas não feitas. Não quero pensar nas mãos de Patrick sobre ela, na maneira como ele a encurralou, nas coisas que disse a ela. Ele merecia o toque extra que dei em seu braço, a ameaça que sussurrei em seu ouvido antes de voltar para cima. Ele merecia muito pior do que isso.

E Violet? Ela merece um homem melhor do que eu. Mais honesto do que eu. Muito mais disponível do que eu. Mas quanto mais tempo passo perto dela, menos me importo e mais quero.

— Tem certeza de que não gosta de cavalos? — A diversão infunde seu tom.

Eu zombo e continuo olhando para a potranca marrom.

— Nem mesmo um pouquinho? — Ela segura o polegar e o indicador com pouca distância entre eles.

Minha bochecha se contrai e eu suspiro, sentindo a tensão em meus ombros drenar para nada. — Ok. Se eu tivesse que gostar de um cavalo, seria este.

— Ah! Eu sabia.

Balanço minha cabeça. Ela parece muito satisfeita consigo mesma. Eu não deveria dar a ela mais munição para correr, então limpo minha garganta e mudo de assunto. — Você está bem? Eu não sabia para onde você foi.

O sorriso vitorioso em seu rosto desaparece, e agora é a vez dela de desviar o olhar de mim. — Sim. Só precisava de algum espaço. Não sei se você percebeu — ela ri sardonicamente —, mas eu realmente não pertenço ao camarote.

O quê? — Por que não? — pergunto, genuinamente confuso.

Seus olhos reviram enquanto ela continua a se concentrar no cavalo. — Você me viu lá dentro. Eu sou uma raça diferente, Cole. Não sou uma Hilary e não quero ser.

— Obrigado por isso — murmuro enquanto olho para baixo entre meus braços que descansam no topo da cerca. Ficamos em silêncio. Tanta coisa ainda não foi dita. — Eu estava noivo de Hilary. Quando eu era mais jovem.

O corpo de Violet fica rígido enquanto ela vira todo o seu corpo para mim lentamente. Ela não diz nada, o que entendo como ela me dando a oportunidade de continuar falando.

— Nós namoramos no colégio. Nossas famílias frequentavam os mesmos círculos. Era... fácil. Fazia sentido para mim. E então meu pai morreu e nada mais fazia sentido.

Eu arrisco um olhar para Violet, que está imóvel, como se eu fosse um animal selvagem que ela poderia assustar se ela se movesse ou dissesse qualquer coisa. E deve funcionar, porque meus lábios continuam se movendo.

— Eu propus e ela disse que sim. Todos estavam felizes. E então eu me alistei, e todos claramente *não ficaram* felizes. Mas eu não me importava. Precisava viver em outro mundo por um tempo. Então parti. Nós nos escrevíamos e nos víamos quando eu estava em casa, mas... bem, digamos que a distância não fez o coração ficar mais afeiçoado. E uma turnê se transformou em mais uma, que se transformou em mais uma. E continuei adiando o casamento. Eu sempre me pergunto se talvez soubesse inconscientemente que ela era uma má ideia. Que ela amava a imagem de mim mais do que qualquer outra coisa... — Paro pensativamente, olhando para baixo novamente. Outra ferida antiga que ainda causa dores fantasmas. Eu pressiono a palma da minha mão contra o recuo logo abaixo da minha coxa, algo que descobri que ajuda quando a sensação de queimação atinge.

— De qualquer forma, quando finalmente voltei para sempre, não era mais o marido brilhante e perfeito que ela esperava ter. Então foi isso.

— Porque você voltou com TEPT? — A voz de Violet é quebradiça, uma corrente de raiva envolvendo-a.

Eu zombo enquanto olho para ela. — Quem não? Mas não, tenho certeza de que estava lutando com isso antes mesmo de me alistar. Aparentemente, assistir a um pai morrer na adolescência pode fazer isso com você. Ou é isso que minha terapeuta vive me dizendo. Acho que estou duplamente fodido.

Ela revira os lábios, procurando as palavras, e decide se aproximar de mim e descansar os braços exatamente como os meus.

Seu antebraço é tão pequeno perto do meu. Ela me dá uma cotovelada gentilmente, sem um pingo de pena em seu tom. — Acho que somos todos um pouco fodidos à nossa própria maneira.

Eu apenas murmuro meu acordo. Ela não está errada.

— Quero dizer, você está claramente *muito* mais fodido do que eu, mas...

Minha sobrancelha se levanta para ela, o pequeno sorriso brincando em seu rosto agora me fazendo me juntar a ela com um sorriso meu.

— Ok, Pretty in Purple.

Ela geme dramaticamente e abaixa a cabeça. — Será que algum dia vou superar isso?

— Provavelmente não. — Eu rio.

— Você sabe que passei o último ano com medo de que você contasse a alguém ou me denunciasse de alguma forma? Ou me demitisse até.

Todos os vestígios de humor desaparecem do meu corpo. — Por que você pensaria isso? — pergunto, ficando em pé. — Sou eu quem deveria estar envergonhado.

Ela ainda não olha para mim. — Você parecia tão zangado quando se aproximou de mim naquele dia no Derby. — Sua língua se lança sobre o lábio inferior. — Você é como... chefe do meu chefe. Eu só não sabia o que tudo aquilo significava. Eu ainda não sei.

Irritação corre através de mim – não com ela – comigo mesmo. — Violet, olhe para mim.

Ela me espia por baixo da franja escura de seus cílios.

— Não. Levante-se e olhe para mim.

Ela faz isso quase instantaneamente, e a parte depravada de mim fica excitada com isso. Sou transportado para aquela noite em que ela fez tudo o que eu mandei. Mesmo quando isso fazia suas bochechas ficarem rosadas. Meu pau estremece e eu me repreendo internamente. *Você está realmente fodido, cara.*

Ela inclina a cabeça para cima e joga os ombros para trás com falsa bravata. Posso dizer que ela se sente vulnerável, está escrito em seu rosto.

— Sinto muito por ter feito isso. Mas você precisa entender que eu nunca, *nunca* vou contar a ninguém. Isso ficará para sempre entre nós... e, aparentemente, Billie e Vaughn. — Ela estremece visivelmente nessa parte. — Eu não estou bravo com você. Estou com raiva de mim mesmo.

— Por quê? — ela pergunta, pura confusão em seu rosto.

— Eu nem sei por onde começar com essa pergunta. Parece que estou furioso há muito tempo por nada em particular. E definitivamente não com você.

Doeu quando ela sumiu dos nossos chats? Mais do que eu jamais imaginei. Mas eu poderia culpá-la? Não. Querer-me seria como escolher um frasco de veneno para matar a sede. Uma maneira lenta e dolorosa de ser arrastado para a escuridão. E ninguém quer isso. Ninguém. Sei que sou uma mercadoria danificada, e é por isso que gosto de manter meus relacionamentos

a uma distância segura. Cercado. Algo que Violet abriu caminho ao longo de um ano.

Eu passo uma mão pelo meu cabelo e desvio o olhar, sem saber mais o que dizer a ela. O que sei é que cansei de mentir. Cansei de obscurecer a verdade. Apresentar-me como alguém que não sou. Cansado de machucar as pessoas mais próximas a mim – ou aquelas que chegam tão perto quanto eu permito. Aquelas que não fogem quando eu rosno e dou latido para elas.

Ela se aproxima de mim, inclinando a cabeça para chamar minha atenção novamente, buscando algum tipo de conexão. Uma que prefiro fingir que não temos. É menos intenso assim.

— Por que você está com raiva de si mesmo? — Sua voz é gentil, e sua pequena mão serpenteia e se agarra à minha. Seus dedos delicados envolvem meu pulso, como se ela estivesse sentindo meu pulso. O que está batendo sob as pontas dos dedos. Aquele que se revolta toda vez que se aproxima ou me toca. A única mulher que me tocou assim em... muito tempo *pra caralho*. A única que deixei chegar perto o suficiente para tentar.

E talvez seja isso. Que ela de alguma forma me cutucou e cavou o suficiente para abrir buracos em minha concha que são grandes o suficiente para ela deslizar e atingir todos os meus pontos escuros e sensíveis. Ou talvez seja apenas a porra do uísque. Mas decido aqui e agora que ela merece a verdade. Mesmo que me dê náuseas dizer isso em voz alta.

— Porque assustei o único amigo de verdade que tive em... — eu zombo. — Bem, talvez nunca.

Seu polegar faz círculos reconfortantes nas costas da minha mão. Ela é calma, como a água batendo na praia. Gentil e uniforme, contínua, e não posso deixar de querer me deitar naquela água rasa e me deixar perder no ritmo.

Violet me acalma. Mesmo que ela seja a mulher mais alheia do mundo.

— Quem? — Seus olhos estão arregalados e chocados, examinando meu rosto em busca de mais informações.

Eu rio. Faz-me bem dizê-lo em voz alta. — Você, Violet.

— Eu? — Seu polegar para de se mover e seus pulmões se esvaziam em um suspiro.

— Ouça... sinto muito. — Estendo a mão e toco uma mecha de cabelo dourado claro que caiu em sua bochecha.

— Você sente muito?

Eu gemo. — Você está tentando esfregar isso?

— Não! — Uma mão cai em seu peito em estado de choque. — Apenas... você me considerava sua amiga?

Seus olhos brilham na escuridão da noite. Com a luz da lua, tudo ao seu redor é mais azul escuro do que preto, profundo e cintilante, como o rio que ouço correndo atrás da casa da fazenda. O brilho da lua realça seus traços da maneira mais sedutora. Eu deveria dizer a ela que ela é muito mais. A coisa que me tirava da cama na maioria das manhãs. Meu ponto brilhante. Meu raio de sol.

Passo o polegar pelo ponto mais alto de sua bochecha, observando como a luz realça a aspereza da minha mão contra a

maciez da sua bochecha. Um contraste tão grande entre nós dois. Escuro e claro. Áspero e liso. Grande e pequeno.

As coisas que eu quero fazer com ela. Balanço minha cabeça, silenciosamente me repreendendo por me deixar ir até lá. Ela é jovem, motivada, brilhante – cheia de promessas.

E eu sou o oposto a esse respeito também.

Eu me inclino em direção a ela, segurando seu maxilar inferior com a mão e pressiono um beijo gentil ao lado de sua boca. — Eu ainda considero.

Eu ouço uma forte entrada de ar entre seus lábios quando paro ali. Eu quero engolir esse barulho e provar sua boca. Reivindicá-la. Eu quero que ela nunca mais beije outro homem. Mas isso não é prático. Não é realista.

Eu sou tudo sobre as realidades da vida. Eu as conheço bem. E a realidade com Violet é que, por mais que eu a deseje, não tenho certeza se algum dia serei capaz de me abrir o suficiente para arriscar. Especialmente não com o que ela faz para viver. O fato é que trabalhei demais em minha saúde mental para me submeter a esse tipo de agonia. Apaixonar-me seria ruim o suficiente. Apaixonar-me por uma joqueta seria absolutamente impossível.

U

Eu suspiro e me sento na minha cama, cobertores emaranhados em volta das minhas pernas como se eu estivesse

chutando, ou talvez correndo. Fugindo do meu passado, provavelmente.

Posso sentir o suor encharcando a parte de trás da minha camisa, posso sentir a pressão em meus pulmões e a queimação em minha perna. Eu me jogo de volta no chão e passo as mãos pelo rosto, esfregando a barba por fazer. Sentindo-me para saber que é real, onde estou, que estou seguro. Faz tanto tempo que não tenho um sonho assim, que me leva de volta ao exterior. Houve tantos dias ruins, tantos horríveis. Mas só esse se destaca.

Eu me lembro do sol. A forma como batia no meu uniforme escuro, a forma como eu suava sob o meu equipamento pesado. A maneira como você pode ofegar, tentando recuperar o fôlego, mas tudo o que consegue é calor, oxigênio sufocante e grãos de areia. Cobre sua língua, arranha sua garganta e entra em suas narinas.

Foi uma merda. Mas não tanto quanto arrastar o corpo de seu amigo para longe de uma explosão. Verificando seu pulso, gritando para ele acordar. Não, essa foi a parte que mais sugou. Essa é a parte que está fazendo minhas mãos tremerem agora.

A culpa do sobrevivente. Por que ele e não eu? *Por que ele e não eu?* Se eu ganhasse um centavo para cada vez que me fiz essa mesma pergunta, provavelmente poderia acabar com a fome no mundo.

Uma leve batida na porta me tira da memória.

— Cole? — A voz de Violet soa pequena e incerta. *O que ela está fazendo aqui?* — Você está bem?

— Sim. — Minha voz falha de forma incomum, então limpo minha garganta. Não querendo soar tão engasgado quanto estou agora. — Por quê?

— Posso entrar?

Meu coração bate forte no meu peito, tentando silenciar minha mente. Minhas regras. Está muito escuro. Muito quieto. Ela está chegando muito perto. E meu coração vence. — Sim. Sim, claro. — Puxo meus lençóis sobre mim, levantando o edredom para usar como uma camada extra de cobertura.

Vejo a forma dela quando a porta se abre, uma silhueta indistinta do corpo que me consumiu nos últimos dois anos. — Eu ouvi você gritar — diz ela baixinho.

Eu suspiro. Cedo um pouco. Odeio compartilhar essa parte de mim. Esta parte quebrada. É por isso que gosto da minha solidão. Não preciso explicar minhas merdas para ninguém quando estou sozinho. — Desculpe. Eu não queria acordar você.

— Está tudo bem — ela sussurra, dando alguns pequenos passos para dentro do quarto. — Você está bem?

Uma risada triste escapa dos meus lábios. — Provavelmente não. — Porque é verdade. Alguns dias são bons, outros não. Principalmente eles são bons agora. Solitários, mas bons... ou bons o suficiente. Mas estou bem? Eu duvido.

Ela não pressiona mais. Dúvidas e perguntas não vêm. Ela apenas diz: — Você quer que eu fique com você?

E antes mesmo de minha cabeça entender a pergunta, meu coração agarra minhas cordas vocais, forçando um rouco: — Sim — da minha garganta.

Sem hesitar, seus pés caminham silenciosamente em minha direção e ela rasteja para o colchão, deitando-se em cima das cobertas a uma curta distância. Sinto sua proximidade como um puxão em uma linha de pesca, como se ela tivesse se agarrado a mim e eu não pudesse me soltar. Eu poderia lutar, poderia lutar contra isso, mas ela é um vício. E nem tenho certeza se quero mais me livrar dela. Não tenho certeza se quero mais me esconder dela.

Não tenho mais certeza de nada.

Só que quando ela estende a mão para apertar minha mão, eu aperto de volta. E que quando acordo de manhã depois de um dos melhores períodos de sono da minha vida, fico triste por ela já ter ido embora.

15



Violet

Golddigger85: *O que você está fazendo?*

Eu sorrio enquanto subo os degraus para o meu apartamento sobre o celeiro. Foi uma semana cansativa. DD teve um ataque de cólica depois de uma corrida ruim, e agora Billie e Vaughn estão agindo de forma estranha um com o outro. Eu me sinto como a criança cujos pais estão se divorciando, como se estivesse andando na ponta dos pés com os dois. Basicamente, estou aliviada por estar sozinha no meu espaço durante a noite.

Pretty_in_Purple: *Chegando em casa agora.*

Golddigger85: *Você trabalha demais. Seu chefe deve ser um idiota.*

Eu rio enquanto entro pela porta.

Pretty_in_Purple: *Eu tenho ótimos chefes. Mas estou derrotada.*

Tiro minhas roupas suadas e cobertas de poeira. Todo mundo acha que as corridas de cavalos soam tão fascinantes. Eles pensam em chapéus enormes e mint juleps, não em aparas de madeira em seus jeans e sujeira sob suas unhas.

Golddigger85: *Quer que eu a ajude a relaxar?*

Balanço a cabeça enquanto caminho nua para o chuveiro.

Pretty_in_Purple: *Não, obrigada. Eu tenho um banho quente para isso. Volto em breve.*

A resposta sai tão rapidamente que nem tenho tempo de desligar o telefone.

Golddigger85: *Você está me dizendo que está nua agora?*

Um sorriso toca meus lábios. Pobre Butterface e sua mente obstinada.

Pretty_in_Purple: *Sim.*

Golddigger85: *Foda-se. Deixe-me ver.*

Eu ignoro a última mensagem e entro no chuveiro, minha mente de repente fixada nele e em sua oferta. Algo que vem ocupando cada vez mais espaço na minha cabeça. Algo que está se tornando cada vez mais tentador com minha total falta de vida sexual consistente escondida nesta fazenda.

Minhas mãos percorrem meu corpo, escorregadias de sabão, e me permito imaginar que são as mãos do homem com quem converso todos os dias há quase um ano. A primeira pessoa com quem falo de manhã e a última antes de dormir.

Isso conta como alguma coisa, certo? Posso não o conhecer, mas sinto que confio nele. Uma vozinha dentro da minha cabeça grita ingênua*, mas quando minha palma desliza sobre meu peito e uma trilha para baixo entre minhas pernas, sinto-me encorajada.*

E quando saio do chuveiro, pego meu telefone e tiro uma foto antes que eu mude de ideia.

U

Vou matar Cole Harding.

— Mais um — ele late para mim como se eu fosse a única no exército aqui.

Eu definitivamente vou matá-lo – assim que meus braços pararem de tremer. E assim que parar de sonhar acordada com seus lábios tão perto dos meus. O arranhão de sua barba contra minha bochecha. O poder absoluto de seu corpo quando ele se elevou sobre mim naquela noite, uma semana atrás.

Isso mesmo. Faz uma semana desde que Cole Harding me chamou de amiga e me beijou na bochecha, e eu sou uma bagunça desastrada perto do homem. Uma semana desde que rastejei para a cama dele e segurei sua mão na minha como eu tinha direito. Cada toque, cada olhar, cada palavra gentil, é como um rolo em câmera lenta que não para de passar pela minha mente. Estou tão longe, não é nem engraçado.

As coisas eram estranhas antes porque deixamos muito por dizer entre nós, e são estranhas agora porque não consigo parar de pensar em transar com o cara. Não ajuda que ele tenha sido *legal* comigo. Como... normal. Ele ainda está quieto, mas não resmunga tanto. Ele até preparou o jantar para mim na maioria das noites esta semana. Como se ele quisesse cuidar de mim. Ele

disse que estava cansado de me ver comer macarrão com queijo. Que sou uma atleta e preciso tratar meu corpo como tal.

É por isso que estou aqui, em um tatame de ioga na sala de estar, malhando com ele.

Andar a cavalo parece natural, mas *isso* não. Isso parece uma tortura. Tortura dobrada, porque obviamente é fisicamente exaustivo, mas estar tão perto dele é emocionalmente exaustivo também. Cada terminação nervosa está em atenção. Cada vez que a palma da mão quente pousa no meu corpo para me posicionar, arrepios percorrem meus braços. Minha respiração falha. Minhas bochechas estúpidas ficam rosadas.

É como se todas as partes do meu corpo estivessem em uma competição umas com as outras para me mostrar como sou um caso perdido para o soldado mal-humorado que atualmente está cutucando meu osso do quadril com as pontas dos dedos.

— Não deixe seu núcleo ceder. Sua parte inferior das costas ficará dolorida.

Eu faço o último empurrão de joelhos antes de cair no chão, sentindo-me como uma baleia encalhada que desistiu da vida. Dada a escolha entre movimento e morte, escolho a morte. Depois de uma semana inteira trabalhando com Cole Harding, o supersoldado? Eu. Escolho. A. Morte.

Eu ouço o estrondo de sua risada profunda acima de mim. — Isso não foi tão ruim, foi?

— Foi bom conhecer você — respondo enquanto ofego no chão.

Ele ri de novo e coloca a palma da mão no centro das minhas costas, esfregando para cima e para baixo, sua mão agarrando a alça do meu sutiã.

— Você está dolorida?

— Não se eu não me mexer.

— Dramática — ele resmunga enquanto sua mão se move novamente, os dedos pressionando e massageando meus músculos doloridos.

— Oh, Deus, sim — murmuro, descansando meu queixo em meus antebraços e deixando meus olhos se fecharem. Suas mãos sempre parecem bem no meu corpo, mas isso? Isso é êxtase.

Eu ouço um grunhido baixo, mas ele continua me massageando. Seus dedos se movem para os lugares certos todas as vezes. Como se ele soubesse exatamente quais pontos acertar.

— Onde você está dolorida? — Sua voz é grossa. Dá um frio na espinha.

— Em toda parte.

— Violet. — Ele segura um dos meus cotovelos e me vira de modo que fico deitada de costas e forçada a olhar para ele, onde ele se ajoelha ao lado da minha forma vulnerável. Eu fico olhando para seus ombros largos e bíceps preenchendo sua camiseta de uma forma que não é justa. Em sua garganta que balança quando ele engole e olha para mim. Em seus olhos que estão fixos em mim como se eu pudesse ser sua última refeição.

Estou imaginando a cara dele? A ascensão e queda de seu peito?

— Onde você está dolorida? — ele repete a pergunta.

Paralisada pela visão dele ajoelhado sobre mim, exalando poder masculino cru, eu lambo meus lábios. É como um tiro no meu núcleo. O que eu não daria para ver Cole Harding passar por cima de mim com *aquele* olhar no rosto.

— Meu pescoço e ombros — eu grito, tentando jogar com calma e falhando miseravelmente.

Ele se inclina sobre mim, a largura dele lançando uma sombra sobre o meu corpo enquanto suas mãos deslizam pelas minhas clavículas e esfregam meus ombros, cavando com tanta força que quase dói. Uma dor que floresce em uma queimadura, que floresce em puro calor consumidor.

Fecho meus olhos, não querendo vê-lo mais. Não querendo ver o olhar severo em seu rosto, embora eu ainda possa sentir o cheiro dele. Aquele cheiro fraco de cravo se misturando com minha transpiração e desodorante de talco de bebê. O ruído de sua expiração parece uma brisa fresca em meu esterno úmido. Meu short de ioga e regata de repente parecem pegajosos e muito apertados contra o meu corpo, como se estivessem me apertando e roubando minha respiração.

Tento não me concentrar na carícia de suas mãos em minha pele nua, na vibração de seus dedos, na pressão esmagadora de seu corpo pairando sobre o meu. Mas eu não posso. Mesmo fechando os olhos não está funcionando. Ele está *em todo lugar.* Sufocando-me, pesando-me, é como se de repente eu estivesse sendo sufocada por ele.

Não consigo respirar perto dele.

— Ok, isso é o suficiente! — Eu me apoio nos cotovelos, respirando com dificuldade. — Não posso mais fazer isso — falo enquanto olho para baixo sobre o meu corpo, notando a forma como meus mamilos endureceram através do meu sutiã esportivo sem bojo.

Seus olhos seguem os meus, íris cinzentas derretendo enquanto percorrem seu caminho para baixo e pousam em meus seios. Eles movem-se momentaneamente de volta para os meus lábios, fazendo com que minha língua saia nervosamente. Qualquer palavra que eu pudesse dizer morre em minha garganta enquanto olho para o homem com quem fantasiei por dois anos, que atualmente está olhando para mim como se ele pudesse ter a mesma fantasia.

— Violet.

— Sim? — Minha voz é fraca, ofegante.

Cole se inclina mais perto, inalando profundamente, enquanto sua boca paira perto da minha garganta. — Diga-me que você não quer que eu toque em você.

Meu coração para. Cambaleia. Congela. Eu olho em seus olhos, tão cheios de incerteza e saudade. Tão torturados. Tão *doloridos.*

Procuro seu rosto. Procurando alguma pista sobre o que ele realmente quer que eu faça aqui. Uma dica, um sinal, *alguma coisa.* Mas esse treinamento militar está brilhando, então opto pela verdade. — Eu não sou uma boa mentirosa.

Um rosnado estrangulado sai de seu peito, bem quando sua cabeça cai sobre o meu corpo. Sinto a ponta de sua língua subindo pelo centro do meu esterno, enviando uma descarga elétrica direto para o meu núcleo. Minha visão fica confusa e minha cabeça gira. Eu caio de costas no tapete. *Isso está realmente acontecendo agora?*

Cole me devora como um homem faminto, como um especialista. Seus lábios beijam a poeira sobre cada clavícula enquanto as pontas de seus dentes raspam contra minha pele, seguidas por um golpe suave de sua língua.

— Diga-me para parar. — Sua voz vibra em minha pele, espalhando arrepios em seu rastro.

Eu choramingo e passo minhas mãos por seu cabelo grosso, querendo mantê-lo perto. Querendo que ele continue e nunca pare. — Cole... — Passo uma mão trêmula por seu pescoço, agarrando sua camiseta no ombro e puxando-o para dentro.

Ele desliza a mão até a base do meu crânio enquanto seu polegar pressiona suavemente o topo da minha garganta, segurando-me como se fosse seu direito. Seu corpo paira sobre o meu, a boca subindo em direção à mão que me segura. Ele belisca suavemente logo abaixo da minha orelha, e arqueio-me para ele, minhas costas saindo do chão, meus mamilos raspando em seu peito duro, desejando que ele estivesse deitado em cima de mim para que eu pudesse esfregar em seu comprimento novamente.

— Diga-me — ele sussurra em meu ouvido.

— Não pare — é minha resposta suplicante.

Seus dentes traçam a linha da minha mandíbula, seus lábios pairando perto dos meus. Tão, tão perto. Eu não posso tirar meus olhos deles. Quero assistir a tudo isso e guardá-lo na memória.

— O que você está fazendo comigo? — Posso sentir sua respiração em meus lábios, sentir o cheiro de menta em seu hálito. Eu também quero provar.

Parece rico, ele dizendo isso, quando não houve um dia nos últimos dois anos em que eu não pensei nele. Onde meus dedos não coçam para entrar em nosso bate-papo e fazer uma pergunta inócua ou implorar para que ele me dê outro daqueles orgasmos que alteram a mente.

Senti falta de Cole e só sonhei com isso. Seus lábios em mim, suas mãos vagando livremente, enquanto eu viro massa debaixo dele. Eu quero muito mais.

— Nós precisamos parar.

Meus olhos se abrem quando sua boca paira sobre a minha, absorvendo palavras que fazem pouco sentido. Centímetros de distância. Tão perto e ao mesmo tempo tão longe. Ele para e se senta sobre os calcanhares, ofegante. Suas mãos tremem com o esforço de se segurar enquanto ele as esfrega em seu rosto.

— Ok — eu bufo. — Por quê?

— Porque eu não faço isso.

Estou respirando como se tivesse corrido uma corrida de cem metros. — Faz o quê?

— Contato físico. Relacionamentos. Nada disso.

Minhas sobrancelhas se juntam. — Como... de forma alguma? Nunca?

— Não em... muito tempo. Anos. — Ele para enquanto se levanta, e a enormidade de sua confissão me atinge como uma bola de demolição. *Anos?* — Não desde... — Ele não precisa terminar essa frase. Eu já sei que ele quer dizer desde Hilary. Minha garganta arde de ciúme. Ciúme triste e patético. Uma emoção tão inútil e sem sentido. — Sinto muito — acrescenta ele enquanto se vira para ir embora rigidamente em direção à cozinha.

Eu fico aqui no tatame, tentando me orientar e descobrir o que diabos aconteceu. Ele não parecia interessado o suficiente em Hilary para ansiar por ela a esse ponto. Na verdade, ele não parecia gostar dela. Mas... *anos?*

O que diabos estou perdendo?

U

Meu gesso finalmente saiu. As radiografias de acompanhamento estavam todas limpas, e a primeira coisa que fiz depois de seguir em frente foi marchar até a casa de Billie e subir em DD.

Eu queria galopar.

Sentir o vento contra minhas bochechas e ter minha camisa esvoaçando atrás de mim enquanto me debruço sobre o lombo de um cavalo. Para deixar o ritmo de seus cascos e pernas fortes se

moverem sob mim como a batida que fica presa em sua cabeça. A batida que eu tenho marchado desde que era uma garotinha.

Eu tenho sido boa. Cumprindo regras. Ficando longe dos cavalos, embora não quisesse. Deus sabe que há muitos jóqueis por aí que não teriam. Sem Billie e Cole na minha cara, eu provavelmente também não teria.

Então, saí para dar uma brisa na pista de treino. E agora não consigo parar de sorrir. Ou querer montar. Eu montaria em todos os cavalos daquele celeiro a noite toda, se pudesse. Quem se importa com Cole Harding lambendo meu peito quando há cavalos para montar? Quem se importa com o roçar de sua barba por fazer ou com o som de sua respiração irregular? Quem se importa com o fato de eu ter deixado minhas mãos vagarem no chuveiro enquanto me lembrava disso?

Não eu.

Agora tenho um *bom* motivo para evitá-lo. Eu posso oficialmente voltar para o meu apartamento. Posso dirigir de novo! Minha primeira corrida de volta é em alguns dias! Posso finalmente colocar minha carreira de volta nos trilhos e parar de ficar obcecada por um homem que é complicado além do que estou preparada para lidar.

Ele não é meu projeto – Pipsqueak é. E estou determinada a progredir com ela também. Eu puxo meu velho Volkswagen Golf até a casa da fazenda, sentindo-me leve pela primeira vez em semanas. Como se eu tivesse direção. Isso é o que os cavalos são para mim. Propósito. Não há linha de chegada. Nunca é bom o suficiente. Sempre há mais. Depois de cada linha que cruzo, só

quero continuar empurrando com mais força para a próxima, o próximo cavalo, a próxima vitória – o que me *consome.*

Quando eu saio do carro, Pippy – coisa doce que ela é – relincha seu alô para mim. Eu puxo minha sela favorita do banco de trás e caminho até a cerca dela, jogando-a sobre a tábua para descansar.

— Ei, doce menina — murmuro enquanto ela caminha rapidamente em minha direção, sua cabecinha delicada balançando a cada passo entusiasmado.

Uma vez que ela está perto o suficiente, deslizo minhas mãos sobre suas maçãs do rosto, uma de cada lado, e dou um grande beijo alto na ponta de seu nariz. Seus lábios macios batem perto do meu pescoço enquanto ela faz o que quer que seja. Com a maioria dos cavalos, acho que isso pode levar a uma mordida rápida. Mas não Pipsqueak. Com ela quase parece um beijo gentil.

— Você é um pouco esquisita, sabia disso? — Passo a mão pelo pescoço dela para dar um arranhão rápido na cernelha, bem na base da crina. Ela estica o pescoço e torce a cabeça, o prazer estampado nela. — Esse é o lugar, hein?

Eu rio de como ela é expressiva. E quando me afasto e a observo, não posso deixar de notar como ela está diferente em apenas algumas semanas. Ela mudou o pelo de primavera e, como suspeitava, está ganhando aquele brilho de bronze ao qual sua coloração se presta. Puxei sua crina para uma linha reta perfeita no pescoço, e ela colocou seu primeiro par de ferraduras. O ferrador a fascinou. Toda a fumaça, todos os ruídos – nada disso a atrapalhou.

Eu não posso dizer se ela é pateta ou apenas totalmente à prova de bomba. Ela pode não ter a vantagem competitiva regular que procuramos em um cavalo de corrida. Aquela vibe olho-de-tigre. Mas só o tempo dirá.

Talvez ela seja mais esperta do que eu acredito. Talvez ela seja um gênio do mal. Afinal, ela conquistou Cole. Ele acha que está sendo legal, mas eu o vi. Não sei que tipo de operador especial ele era, mas acho que está sem prática, porque percebi que ele joga alguns flocos de feno para ela todas as manhãs antes de fazer algum tipo de treino com pneus e tijolos.

Eu sei que ele mantém um saco de cenouras em sua caminhonete e dá a ela depois do trabalho todos os dias. Não é de admirar que ela praticamente corra para o portão quando ele estaciona. Eu até o espiei tarde da noite, encostado na cerca dela, segurando um comedouro de borracha cheio da ração rica em ômega que eu tenho dado a ela, acariciando seu topete enquanto ela comia.

Basicamente, o homem que jurou que não gosta de cavalos – e que disse que não queria nada com Pippy – está alimentando-a três vezes ao dia. E por mais que tente não achar isso cativante, eu acho. *Deus,* realmente acho. Faz meu peito apertar e meu núcleo pulsar. Aquela pequena potra baia o amoleceu, e eu estaria mentindo se dissesse que isso não me deixou com ciúme.

As coisas têm estado *estranhas* desde o nosso último treino. Amigáveis, mas tensas. Beirando a tristeza. A maneira como ele olha para mim, fala comigo... é diferente.

Eu balanço minha cabeça. Nunca fui louca por garotos. Louca por cavalos, sim. Mas meninos? Não. E não vou começar agora. Especialmente não com alguém tão impossível de romper.

Eu me viro para pegar a sela e olhar para ela. — O que você diz, Pippy? Está pronta para fazer sua galopada inaugural?

Juro que ela balança a cabeça em resposta, e reviro os olhos enquanto começo a prendê-la. Ela tem sido o cavalo mais fácil que já comecei, até agora. Mesmo em casa, em Chestnut Springs, quando criança, trabalhei com cavalos jovens no rancho da minha família, e nenhum cavalo *jamais* foi tão fácil quanto Pipsqueak.

Eu aperto a circunferência e ela fica feliz no lugar. Ela nem está amarrada. Muitos cavalos iriam embora, mas não ela.

Passei os últimos dias deitada nas costas com a barriga na sela para poder escorregar facilmente se as coisas corressem mal. Mas ela não vacilou. Acho que até notei que seus olhos se fecharam uma vez quando fiquei lá um pouco mais, só para ver o que ela faria.

Adormecer, aparentemente foi isso.

Então, aqui estou eu, enfiando a broca de metal em sua boca – outra coisa que não a abalou nada – pronta para pegar uma criança de dois anos intacta com uma perna recém-curada e ninguém aqui para ajudar. No fundo da minha mente, sei que não é a ideia mais inteligente, mas parece certa. Parece que é o meu momento de me deleitar com a liberdade.

O sol está se pondo, os pássaros estão cantando e a brisa mineral do rio é refrescante após um dia excepcionalmente quente.

Percebo que estou feliz. Mais feliz do que estive em muito tempo. Tenho uma distância perfeita de meu pai e meus irmãos – que amo, mas que estavam me sufocando. Tenho o emprego que sempre sonhei. Amigos. Minha independência. Meu *corpo.* Algo que nunca mais darei como certo. O simples fato de poder andar descalça é um presente, uma bênção.

Eu levanto minha bota no ferro pendurado ao lado de Pippy, pressionando duas vezes para ter certeza de que ela está preparada para mim. E então, lentamente, muito lentamente, eu me inclino sobre ela e coloco minha perna sobre suas costas, deixando-me sentar no assento de couro da sela. Suas orelhas se movem para o lado, como um burrinho, e sinto suas costas ficarem ligeiramente tensas quando me acomodo no assento.

Mas qualquer tensão nela é momentânea antes que ela vire a cabeça e o pescoço para mordiscar as pontas das minhas botas de couro. De volta à sua personalidade pateta e leve. Como se ela já tivesse estado aqui e feito isso antes.

Mesmo quando o cascalho estala na entrada da garagem, ela não se mexe ou se assusta. Sua cabeça vira para trás em direção ao barulho, e ela observa calmamente enquanto a caminhonete preta de Cole estaciona em frente à casa.

Quando ele sai, vestindo um terno com os dois primeiros botões da camisa abertos da maneira mais atraente, não posso deixar de admirá-lo. Eu gostaria de poder quebrá-lo e entendê-lo. *Eu realmente preciso voltar para o meu próprio espaço.*

Pipsqueak relincha, alto e estridente, e então caminha para o canto do cercado – nem um pouco preocupada com a minha

presença nas costas dela. Simplesmente feliz em ver o grande rabugento que agora caminha em nossa direção.

— Ei, menina bonita — ele murmura enquanto alcança a cerca e desliza uma grande palma em sua testa.

Eu sei que ele está falando com Pipsqueak, mas isso não impede meu estômago de dar uma reviravolta. Ele é como o pai que nunca quis o cachorro, mas acaba sendo o melhor amigo dele. É como se Pippy soubesse que ele não a queria e provou que ele estava errado. Ela se esforçou muito para ser querida por ele. Para romper aquele exterior resistente.

E funcionou.

Ele olha para mim agora, seus olhos brilhando e algo como admiração em seu rosto. — Isso é novo. — Seus olhos traçam meu corpo, parando momentaneamente na minha perna direita. Ele inclina o queixo para mim em questão.

— Tirei hoje.

— E você já está de volta em um cavalo. — É uma afirmação, não uma pergunta, e sua voz fica um pouco fria.

— Sim. Sem gesso significa sem fratura.

— Esta é a primeira vez que você está em cima dela?

— Sim.

Ele joga os ombros para trás. — Sozinha?

— Sim... — falo, não gostando de onde ele está indo com isso.

— Esse é o seu melhor plano?

Ele tinha que ir lá, não é? Tentando me dizer o que fazer depois de ter sido perfeitamente cuidadoso e paciente no último mês. Agora devo continuar agindo como se estivesse ferida quando não estou?

— É o *meu plano.* Não exijo sua aprovação para montar um cavalo do qual estou encarregada.

Uma das orelhas de Pip vira para mim, como se ela pudesse sentir a tensão, e então ela dá um passo mais perto de Cole, deixando cair a cabeça por cima da cerca e cutucando-o.

— Violet.

A agitação flui através de mim. A maneira como ele diz meu nome como se eu fosse uma criança. *Violet.* Como se apenas bufar meu nome com aquela carranca no rosto estivesse realmente dizendo alguma coisa.

— Não. Não. Não me chame de *Violet.* Não preciso da sua permissão para fazer isso. Tenho corridas neste fim de semana. Eu estou montando nelas também. Tenho um pai e três irmãos superprotetores. Eu não preciso de outro. Você *sabe* disso. Então, suba a bordo ou saia do meu caminho.

Cole balança a cabeça para mim enquanto se vira rigidamente para ir embora. Eu odeio que ele não diga nada.

Eu odeio não poder provocar uma reação dele quando ele não faz nada além de me fazer reagir.

16



Cole

Eu pisco para a tela do meu telefone como se isso pudesse mudar o que estou vendo.

O canto de um olho de cílios longos, olhando diretamente para a câmera. Como se ela pudesse olhar para mim se estivesse de joelhos aos meus pés. Cabelo loiro molhado, grudado em seios pequenos, redondos e perfeitos, o vale entre eles brilhando com gotas de água. Imagino uma rolando por seu corpo, sobre seu estômago, até o monte entre suas pernas. Ficando presa naquela pequena e pálida mecha de cabelo antes de pingar direto sobre seu clitóris.

Porra. O que devo fazer agora? Essa garota me colocou na zona de amizade com firmeza no ano passado e depois mostra a porra de nudez mais sexy que eu já vi. Recém-saída do banho, molhada e pronta. Ela a tirou para mim. Porque ela queria. E de alguma forma isso é diferente.

Golddigger85: *Isso é um convite?*

Pretty_in_Purple: *Sim.*

Jesus. Meu pau estremece e meu pulso troveja em meus ouvidos. Juro que olho em volta do meu apartamento só para ver se alguém vai pular e gritar sobre eu ter sido pego ou algo assim. Todo esse cenário parece inacreditável pra caralho.

Mas ela não me mandou essa foto para ser uma Violet retraída. É hora de jogar.

Golddigger85: *Ótimo. Apoie seu telefone, troque para vídeo e ajoelhe-se em sua cama.*

A conversa fica em silêncio por um minuto, e me pergunto se ela mudou de ideia enquanto eu me ajeito na calça. Talvez ela volte atrás. Tudo bem, também. O que ela quiser. Mas, foda-se. Espero que ela queira isso. Porque eu quero. Para ver a coisa real, em vez de imaginá-la enquanto estou deitado com meu pau na mão.

O rosto dela preenche a tela, e eu sinto como se alguém tivesse sugado todo o ar dos meus pulmões e me deixado no chão ofegante. Ela é incrível. Fascinante – quase etérea. Olhos um pouco grandes demais, bochechas um pouco cheias demais, queixo um pouco pontudo demais.

— Oi, Butterface. — Um pequeno sorriso toca sua boca, e suas bochechas ficam com o mais lindo tom de rosa. Eu amo isso. Ela é genuína. Ela é corajosa.

Ela é linda pra caralho. O tipo de beleza que faz você parar e olhar. O tipo de beleza que você quer estudar. Eu não desenho, mas de repente sou tomado pela necessidade de esboçar o rosto dela. Sua boca de botão de rosa. Para documentá-la. Ela é como uma boneca de porcelana.

Sim. E você vai quebrá-la, porra.

Afasto meus pensamentos intrusivos. Eu não. Eu posso ser um cavalheiro. Eu gostava dela muito antes de saber que ela faria meu coração apertar no peito. Nós éramos amigos primeiro.

Isto é bom.

Ligo o microfone, mas não aceito o pedido do app para acessar minha câmera. Isso nunca pode acontecer. Provavelmente não apenas sou muito reconhecível, mas odeio a ideia de me abrir novamente. Ser ridicularizado e me sentir inferior. Eu nunca mais farei isso. Isso me levou muito para baixo e tenho muita bagagem para mergulhar naquele espaço de cabeça novamente.

— Você é linda pra caralho — eu digo, odiando o quão grave minha voz sai. Eu pareço francamente emocional.

Ela desvia o olhar com um silencioso: — obrigada. — Suas pernas estão espremidas e ela mantém os braços sobre o tronco como um escudo.

— Você está desconfortável?

Seus olhos reviram e sua risada sai como uma risada nervosa antes de ela olhar diretamente para a câmera. Prendendo-me com seu olhar, cristalino como a água nos trópicos. — Claro que estou. Eu nunca fiz isso antes.

Isso me torna um idiota por querer bater no peito por causa disso? Provavelmente. Mas eu não me importo. Ela não fez isso com ninguém antes, mas está fazendo comigo. Meu senso de autoestima triste e esfarrapado se apega a esse conhecimento com um aperto de morte. — O que posso fazer para torná-lo melhor para você?

Vejo arrepios em seus antebraços enquanto ela esfrega os bíceps como se isso pudesse confortá-la. — Ligue sua câmera. — Ela revira os lábios, sua expressão implicando que ela já sabe que vou negar seu pedido.

Sou atingido por uma enorme sensação de vergonha por não poder fazer isso por ela. A única coisa que ela quer. Eu simplesmente não posso. Minha voz falha quando admito isso para ela. — Não posso.

Uma pequena inclinação de seu queixo depois, ela deixa cair os braços, desnudando seu corpo nu para mim. — Ok. Então fale. Você me prometeu o melhor orgasmo da minha vida.

Meu pau salta de novo enquanto observo sua boca formar o 'o' ao dizer 'orgasmo' e eu o puxo para fora da minha calça, segurando-o com força, puxando-o algumas vezes. Fingindo que é a mão macia dela ao invés da minha.

— Você tem um brinquedo que você gosta?

Sua língua se lança sobre os lábios e sua voz é ofegante quando ela responde: — Sim.

— Bom. Pegue-o, mas não o use ainda. Eu quero ver você foder seus dedos primeiro.

Minha palma raspa sobre meu comprimento de aço. Tenho certeza de que ela pode me ouvir fodendo minha mão enquanto a observo, mas não me importo.

— Jesus — ela murmura enquanto se inclina para a mesa de cabeceira, tentando não mostrar muito. Como se ela pudesse evitar isso.

— Agora deite-se em seus travesseiros e abra as pernas.

Ela cora profundamente carmesim enquanto suas pernas se abrem lentamente.

Puta merda. Eu rosno e bombeio com mais força no meu pau, sentindo minhas bolas apertarem com a visão. Nunca alguém pareceu ser tão perfeita para mim. Os dentes cavando em seu lábio, o lindo rosa que se aplica ao que está entre as pernas também. A única coisa que está faltando é meu esperma em seus peitos.

Eu gostaria de estar lá para tocá-la. Apertar seus joelhos bem abertos e então correr meus dedos por seu calor úmido. Para sentir sua boceta se contorcer e apertar e ficar escorregadia ao meu redor. Estou ofegante com o pensamento, tentando me impedir de explodir. Eu preciso desacelerar.

— De quatro. Deixe-me ver essa bunda apertada. — Eu a observo extasiado. Tão ansiosa para agradar. — Bom. Agora olhe por cima do ombro para mim.

— Foda-me. Você é incrível — falo, e quero dizer isso. Grandes olhos azuis, lábios entreabertos, cabelo colado na bochecha e aquela bunda redonda perfeita. É quase mais do que posso suportar.

Eu tenho tanto planejado. Tantas posições para colocá-la. Tanto prazer para dar a ela – tanto quanto posso sem me sacrificar. Hoje à noite, vou ver cada centímetro quadrado do corpinho firme de Pretty_in_Purple.

O que eu não percebo é... nunca vou superar isso.

5

Violet não está em casa. O carro dela não está aqui. Todas as coisas dela sumiram. Eu posso dizer, porque geralmente está tudo em todo lugar, e agora misteriosamente não está. Até enfiei a cabeça no quarto dela, e parece como no dia em que me mudei. A única coisa dela que sobrou é Pipsqueak, que ainda relincha alto o suficiente para machucar meus ouvidos toda vez que me vê.

Fiquei preocupado quando não consegui encontrá-la. Passei o dia todo no trabalho me culpando por ter sido um idiota autoritário ontem à noite. Eu não pude evitar. O pensamento dela caindo e se machucando me deixou amarrado em nós. Eu sei o quão errado isso pode dar, porque vi isso em primeira mão.

Mas agora, isso? A sensação é ainda pior. Eu não queria Violet morando no meu espaço. Eu estava irritado, e não tinha nada a ver com ela e tudo a ver com o nível de privacidade que eu gosto. Eu me acostumei a tê-la por perto no último mês, no entanto. Do cheiro do café que ela faz todas as manhãs, ao murmúrio de sua voz quando ela liga para casa todas as noites, à merda aleatória que ela deixa por todo o lugar.

Acho que realmente comecei a *gostar.* Desejá-lo. Ficar ansioso por isso. E agora eu fui tão idiota que ela fez as malas e saiu sem dizer nada. *Novamente.* Não que ela me devesse uma explicação. A perna dela está melhor – por que ela ficaria de qualquer maneira? Sou uma péssima companhia e sei disso. E quando as pessoas me conhecem, raramente ficam por perto. Por que Violet seria diferente?

Eu não fiz nada para lhe agradar. Muito pelo contrário, na verdade. Eu agi como um idiota total e a espantei algumas vezes quando não pude evitar. E então eu me virei e fui embora como a porra do covarde que me tornei. Naquele dia no chão, ela basicamente me disse que *queria* que eu a tocasse. Seus olhos azuis eram suaves e sedutores. Seus lábios macios se separaram, apenas implorando para serem beijados.

Eu a queria, e ela me queria, e de alguma forma, eu ainda não conseguia entender.

Marchar em território inimigo? Sem problemas. Enfrentar a garota em quem você não consegue parar de pensar há dois anos? Nenhuma porra de chance.

Eu sou um maricas.

Meus dedos dançam pelo telefone em meu bolso, ansiosos para ligar para Trixie e perguntar o que devo fazer. Mas eu sei o que ela vai me dizer. Ela vai me dizer para parar de ser um bebê e usar minhas palavras. Ok, talvez não tão colorido, mas ainda assim. Trixie acabou com meu ódio por mim mesmo. Sei disso, porque ela recentemente começou a me pressionar um pouco mais. Cortando meus fluxos de consciência com aquelas perguntas retóricas irritantes que me fazem refletir sobre mim mesmo.

Eu odeio aquelas malditas perguntas. Odeio o quão destruído estou agora com a saída dela. E odeio pegar minhas chaves para marchar de volta para fora da porta e confrontá-la sobre isso.

Eu paro no celeiro, estaciono ao lado de seu carro mortal – mais uma coisa para me preocupar em relação a Violet Eaton – e

saio da minha caminhonete. Subo as escadas até o apartamento dela e bato com força, provavelmente um pouco agressivo demais.

— Estou indo! — eu a ouço falar do outro lado da porta enquanto olho para o horizonte. O sol baixo lança um brilho dourado sobre a fazenda. Com todas as cercas brancas e colinas ondulantes, é bonita.

Eu balanço minha cabeça. A água daqui realmente deve estar envenenada. *Bonita.* Quase reviro os olhos, mas a porta se abre e, em vez disso, eles saem da minha cabeça enquanto olho para Violet em minúsculo short de algodão enrolado na cintura e uma regata branca canelada sem sutiã.

— Você mudou de ideia... — Ela para de falar quando percebe que sou eu e não quem ela estava esperando. — Oh. Ei. Achei que fosse Billie.

— Ei — eu respondo, como se aparecer na porta dela fosse perfeitamente normal. Exceto que não consigo desviar os olhos de seu corpo, de onde seus mamilos ficaram instantaneamente duros por baixo de sua blusa. Assim como naquela manhã no chão da sala. A visão deles cutucando seu sutiã esportivo me deixou no limite. Como se eu não tivesse lutado o suficiente para manter minha ereção instantânea sob controle toda vez que treinávamos, toda vez que eu a tocava para corrigir sua posição ou dar-lhe um pouco de apoio. Malhei com mulheres nas forças armadas. E sempre foi apenas isso – malhar. Ajudar um colega militar.

Mas Violet não é um colega militar. Não sei mais o que ela é, sei apenas que está firmemente entrincheirada em minha vida e em minha mente.

Ela deve notar meu olhar, porque ela olha para baixo rapidamente, chia, fica vermelha e depois se esconde atrás da porta antes de estreitar os olhos para mim. — O que você quer Cole?

— Você se mudou.

— Sim. Minha perna está melhor. Então...

Eu deixo escapar a parte que realmente está me incomodando. — Você não me contou.

Sua cabeça se move levemente enquanto ela segura a porta à sua frente como se fosse um escudo. — Não sabia que precisava da sua permissão.

— Você não. Apenas... — Eu gemo e passo a mão pelo meu cabelo, sem saber as palavras certas. Apenas o quê? *Eu quero que ela volte.* — Fiquei preocupado. Não sabia que você tinha saído ou onde estava. — Cruzo os braços e olho para ela. — Fiquei preocupado. E você deixou seu cavalo para trás.

Observo seu rosto suavizar enquanto seus olhos me examinam, emoldurados pelas ondas loiras pálidas que caem sobre seus ombros. A luz do sol dourada tinge seus olhos de uma cor turquesa esta noite, eles são como um anel de humor – em constante mudança.

— Ok. — Ela acena com a cabeça. — Isso é justo. Desculpe-me por não ter dito nada. Amigos não fazem isso uns com os outros.

Amigos? Depois que eu chupei seu peito e cheguei perto de perder totalmente o controle e transar com ela nua no chão da sala, ela está se referindo a nós como *amigos?*

— Quer fazer uma caminhada comigo amanhã?

— Uma caminhada?

— Sim. Estou riscando as coisas da minha lista de desejos. Hora de pegar a vida pelos chifres novamente. Sasquatch Mountain é um deles. Billie está com muito medo de ir comigo.

Eu levanto uma sobrancelha, tendo dificuldade em imaginar Billie Black temendo muito.

— Ela acha que o Sasquatch pode ser real. Você sabe, por causa de todos os 'avistamentos' — Violet esclarece, levantando uma mão para fazer aspas no ar.

Minha bochecha tenta se levantar um pouco com a ideia de finalmente ter algo para incomodar Billie.

— Eu irei. Conheço bem a montanha.

— Você conhece? — Sua voz se anima com a perspectiva.

— Sim. Conheço uma boa trilha e mirante. Eu costumava correr quando estava tentando entrar em forma para o exército. Deve levar apenas algumas horas.

— Ok! — ela diz brilhantemente, parecendo tão feliz que quase sorrio de volta para ela antes de me virar.

— Eu venho buscá-la quando voltar do trabalho. — Aceno por cima do ombro, querendo ficar perto dela e me afastar dela o mais

rápido possível. Eu também me sinto feliz, e isso está me deixando confuso.

Talvez eu não a tenha expulsado, afinal.

U

— Você está atrasada.

— Pffff. — Violet acena para mim enquanto sobe na minha caminhonete depois de me fazer esperar por quinze minutos. Ela nem tinha terminado de trabalhar quando parei na casa dela. — São apenas alguns minutos.

Eu me imagino tentando dizer isso a um superior em treinamento e me encolho. — Se você não está adiantada, você está atrasada. — E chegar atrasado no serviço militar pode custar vidas. Violet não vive com essas pressões, essas memórias.

Ela prende o cinto e bate em suas coxas nuas com entusiasmo, ignorando-me completamente. — Vamos!

Claro, ela teve que usar essa porra de short apertado de novo. Esse que não deixa absolutamente nada para a imaginação. Ele abraça cada curva, incluindo aquela bunda apertada e redonda que estou morrendo de vontade de colocar uma marca de mão. Algo que ela provavelmente não gostaria – tenho certeza de que Hilary apenas fingiu. Ela fez um monte de fingimento, no entanto. Até que ela não o fez. E suas verdades cortaram como uma faca. Ela me deixou com feridas que eu não deixaria cicatrizar. Feridas

que abro todas as manhãs quando me olho no espelho e todas as noites quando me preparo para dormir.

— Eu estou tão animada! — Violet jorra enquanto olha para mim. Vestindo um sutiã esportivo de novo também. Esta mulher é uma memória ambulante e falante. — Você parece quente.

Meus braços enrijecem no volante enquanto descemos a estrada em direção à montanha próxima. *O quê?* Meus olhos disparam do para-brisa em sua direção bem a tempo de vê-la ficar vermelha como uma beterraba e parecer toda afobada.

— Quero dizer, suas roupas! Está quente lá fora! A calça! — Ela está lutando para desfazer o fato de me dizer que pareço quente, e não posso deixar de rir de como ela está encobrindo isso sem jeito.

— Eca. — Ela deixa cair a cabeça para trás no assento e joga um braço sobre os olhos. — Toda vez que você ri, é de *mim*!

Eu rio porque é verdade. — Sim, mas eu rio com você mais do que ri em anos.

Seu braço cai e sua cabeça rola em minha direção enquanto ela olha para mim. Realmente olha para mim, como se pudesse ver através de todos os escudos que ergui. Todas as paredes, toda a proteção, tudo vai para a merda em torno de Violet, e estou pensando que pode estar tudo bem. Talvez ela não ficasse desapontada se descobrisse que eu não estava completo.

— Esse pode ser o melhor elogio que alguém já me deu — diz ela com sinceridade.

Eu apenas resmungo de volta, sem saber o que responder. Coloco-me em silêncio, e nós dirigimos o resto do caminho assim. Em um silêncio sociável.

Quando paramos e passamos pela pequena placa de madeira que diz 'CUIDADO POR AQUI' o silêncio continua. Eu levanto um braço, conduzindo-a para o caminho estreito à minha frente, algo de que me arrependo quase instantaneamente. Porque tudo o que me dá é uma visão completamente ininterrupta de sua bunda em um short apertado, a dobra inferior de cada bochecha me provocando a cada passo.

Já fiz esse caminho um milhão de vezes, mas nunca com o desafio adicional de uma ereção violenta.

— Isso é lindo — diz ela, um pouco sem fôlego com o esforço de subir a colina.

— É — eu respondo, quase sem fôlego por tentar não olhar para sua bunda, mas descobri que até seus tornozelos me excitam. Tudo nela está me levando à loucura. A maneira como os músculos da panturrilha se flexionam a cada passada longa. A maneira como seu rabo de cavalo balança enquanto ela anda. Passei muito tempo pensando em Violet. Querendo saber quem ela realmente era, o que ela estava fazendo, se ela já tinha lido aquelas mensagens, se ela encontrou alguém para conversar online – ou talvez até mesmo um namorado na vida real. Mas ficar obcecado com o corpo dela dessa maneira é novo para mim.

— Quanto falta? — Ela olha para mim por cima do ombro com alguns cabelos soltos grudados na têmpora úmida, as bochechas coradas – não de vergonha, mas de vida. Com a pressa de uma

nova experiência, um novo lugar. Violet está *viva* e, porra, fica bem nela.

Isso me faz querer viver também. Deixar de ser tão eremita. Correr riscos, fazer amigos, talvez até deixar uma garrafa de vitamina no balcão de vez em quando – porque quem se importa se tudo está em perfeita ordem o tempo todo?

A vida é confusa, algo que conheço *bem.* Mas quando decidi que a solução para isso era parar de viver?

Estamos tão perto do topo agora, e mal posso esperar para ver como ficará a cara dela quando ela conseguir ver o mirante sobre o lago.

Mas ouço um estalo alto. E eu desmorono.

17



Violet

Ele não estava brincando sobre o melhor orgasmo da minha vida. A única vez em que me senti tão fora do corpo foi quando estive montada em um cavalo com o vento batendo em meu rosto com tanta força que quase doía. Quando tudo o que você pode ouvir é aquele som sibilante em seus ouvidos e os cascos que reverberam através de seus ossos.

Exceto que desta vez, era meu coração batendo e meu sangue correndo. Correndo para todos os lugares deliciosos. Respondendo a todas as instruções que ele me deu – ganhando vida por suas palavras. Por sua atenção.

Você pode se apaixonar por alguém que você nunca conheceu? Nunca viu? Passei o dia refletindo sobre essa questão. Porque esta manhã, eu não passava de um grande amontoado de sentimentos complicados.

Adormecemos conversando. Na verdade, falando. E sua voz. Sua. Voz. É tão profunda e dominante. Eu não sei como alguém poderia negar algo a ele se falasse com eles assim.

Esqueça o som de sua respiração pesada, o raspar de sua palma contra a pele sedosa de seu pênis. O estranho gemido

torturado que escapou quando eu sabia que ele estava tentando tanto mantê-los dentro. Eu podia ouvi-lo dando prazer a si mesmo, mas não podia vê-lo. E foi tão sexy.

Nós nem estávamos no mesmo ambiente. Eu não conseguia nem vê-lo. E, no entanto, a noite passada se catapultou firmemente para a experiência sexual mais quente e inesquecível da minha vida.

Eu quero mais. Eu o quero.

Subo as escadas correndo para meu apartamento, com tanta certeza de que posso convencê-lo a se juntar a mim no chat de vídeo. Eu quero fazer mais do que ouvir seu prazer. Eu quero vê-lo.

Pretty_in_Purple: *Eu quero comemorar!*

Golddigger85: *Ahn?*

Pretty_in_Purple: *Acabei de receber uma GRANDE promoção no trabalho. Enorme, enorme. Como... PORRA ENORME!*

Billie me puxou de lado e disse que eu era a nova joqueta do melhor cavalo de corrida que já vi. Ainda não consigo acreditar. Achei que ela estava brincando quando me contou. De cavalariço para jóquei é um salto gigantesco. Um salto inédito. Vamos comemorar hoje à noite, mas pensei que poderia brincar um pouco com Golddigger primeiro.

Golddigger85: *Ha! Parabéns... eu tenho algo enorme para você também. ;)*

Eu sorrio. Aposto que tem. Ele parecia um homem grande naquela foto que ele enviou.

Pretty_in_Purple: *Butterfaces geralmente fazem. ;)*

Golddigger85: *Você é tão má comigo.*

Eu não posso evitar meu sorriso. Ele está tão brincalhão hoje. Talvez tenhamos virado uma esquina?

Pretty_in_Purple: *Eu quero ser muito, muito legal com você.*

Golddigger85: *Ah?*

Pretty_in_Purple: *Vamos conversar por vídeo novamente.*

Golddigger85: *Garota gananciosa.*

Eu juro que é como se eu pudesse ouvi-lo rir. O som disso na minha cabeça faz meu peito encher com a memória da noite passada.

Pretty_in_Purple: *Sou. Eu quero você ali também.*

O chat fica quieto. Ele vai de responder quase instantaneamente ao silêncio. A ansiedade ferve em meu estômago. Talvez eu o tenha empurrado longe demais?

Pretty_in_Purple: *Por favor?*

Golddigger85: *Achei que tínhamos esclarecido isso.*

Ok. Essa não é a resposta que eu esperava.

Pretty_in_Purple: *Achei que você poderia... não sei. Mudar sua mente. Achei que você poderia confiar em mim o suficiente para tentar.*

Uma espera de vários minutos novamente. Eu ando. Escovo os dentes só para fazer alguma coisa.

Golddigger85: *Bem, eu não. Eu não confio em ninguém. Isso nunca vai acontecer. Nunca. Eu tenho sido muito franco sobre isso desde o início do que quer que seja.*

Não preciso dele no mesmo cômodo que eu para sentir aquele soco no estômago.

Pretty_in_Purple: *O que quer que seja? Há um ano que nos falamos todos os dias. Quantos anos mais eu precisaria para ceder? Eu sempre disse não para isso também.*

Golddigger85: *Todos nós fazemos escolhas.*

De repente, eu me sinto envergonhada. Profundamente envergonhada. Ele foi inflexível desde o primeiro dia de que nunca me mostraria mais do que aquela foto. E, no entanto, de alguma forma eu me convenci de que seria eu quem o mudaria – que seria a exceção à regra.

A percepção de que tinha me colocado totalmente vulnerável com um homem que nunca retribuiria, mesmo que eu tenha sido ingênua o suficiente para me convencer de que ele poderia, atinge-me como uma avalanche. Isso me deixa no limite. Comprometi meus valores, minha moral – porra, possivelmente minha carreira – tudo porque estava com tesão e desesperadamente obcecada por um estranho que conheci na internet. O leve gosto de bile queima minha garganta e azeda minha boca.

Eu preciso de uma bebida. Ou duas.

Ou dez.

U

Vejo o cume da montanha à frente quando ouço um baque e um doloroso: — Foda-se!

Eu me viro para ver Cole de joelhos, a cabeça baixa com as mãos fortes espalhadas no caminho de terra abaixo dele.

— Você está bem? — Volto apressada, instantaneamente preocupada com o que poderia derrubar um homem como Cole Harding.

— Sim — ele morde asperamente, fazendo-me puxar para trás a mão que estava prestes a descansar em seu ombro. — Basta ir ao mirante. Estarei lá em um segundo.

Eu olho para trás até a colina antes de me lembrar de como Pipsqueak o abrandou por apenas ser implacável em seu afeto. Uma estratégia que decidi adotar, porque, pelo pouco que sei sobre Cole Harding, *sei* que ele está faminto por atenção. Sei que ele tem seus escudos levantados. Sei que ele está ferido. E eu sei que ninguém ficou por perto tempo suficiente para provar a ele que valia a pena ficar. Pippy me ensinou muito.

Foi por isso que me mudei. Eu sabia que ele precisava de seu espaço, e ele precisava ver que, mesmo sem ser forçada a viver sob o mesmo teto, eu continuaria voltando para ele. Por nenhuma outra razão além de querer passar um tempo com ele. Eu tinha planejado convidá-lo para esta caminhada. Ele apenas tornou tudo mais fácil ao invadir meus degraus ontem à noite.

— Não. Não vou deixar você para trás — eu digo simplesmente. Porque não vou.

— Violet — ele ainda não olha para mim — por favor, vá embora.

Meu coração dispara. Isso é estranho. — Você está machucado?

— Não.

— Ok. Bem, eu não vou. — E então ele olha para mim com tanta dor em seus olhos cinzentos gelados que caio de joelhos na frente dele, sentindo as pedrinhas e a areia cavando em meus joelhos nus enquanto fico cara a cara com ele. Observo seu pomo de adão balançar e seu lábio inferior tremer levemente em uma expiração pesada.

— Cole, você está me assustando. O que está errado?

Ele aperta os lábios novamente e rola para se sentar, bem no meio do caminho. — É a minha perna.

— Ok. Então, você está ferido. Que parte? — Eu rastejo ao lado dele para que ele não possa ficar de costas para mim e, em seguida, sento-me nos meus calcanhares. — Quer que eu verifique?

— Não, não. — Seu braço atravessa meu peito para me impedir de ficar de pé. E então ele suspira. Um suspiro exausto que sai de algum lugar dentro dele. Um suspiro que toma seus ombros altos e largos e o faz cair para frente em derrota.

Um suspiro que o leva a levantar bruscamente a perna da calça, com raiva, para me mostrar a prótese preta escondida sob a calça. Uma meia cobre seu joelho e desaparece na perna de plástico.

Ele aponta bruscamente para o apêndice de aparência de alta tecnologia e reitera: — É a minha perna.

Concordo com a cabeça uma vez, pensando em como eu poderia ter perdido isso. Moramos juntos por um mês e nunca percebi que ele é amputado? Que porra há de errado comigo? E o quanto ele tem tentado esconder isso? Isso tinha que ser quase impossível. — Ok, então como podemos consertar isso?

Ele bufa com desdém. — Nós não. Provavelmente é algo no bloqueio do pino. Eu senti isso ir.

Não sei o que isso significa, mas presumo que alguém mais próximo a ele saberá. — Ok... quer que eu ligue para Vaughn?

— Não — ele quase grita. — Ele não sabe.

Eu arregalo meus olhos enquanto olho de volta para a prótese. *Seu próprio irmão não sabe?* — Quem sabe?

— Minha mãe. Mas não há sinal aqui em cima. — Ele desvia o olhar de mim, evitando meus olhos enquanto balança a cabeça. A dor em seu corpo agora, a vergonha, quase me mata.

Eu descanso minha mão em suas costas largas, sentindo seus músculos ondularem e ficarem tensos sob minha palma enquanto esfrego pequenos círculos ali. — Diga-me o que você precisa que eu faça.

Ele range os dentes, fazendo sua mandíbula estalar enquanto olha para frente, evitando meu olhar. — Você terá que caminhar de volta e pegar a sobressalente em casa.

Eu olho em volta para a luz fraca sobre o pico. — Mas vai estar escuro quando eu voltar.

Ele apenas resmunga e dobra o joelho, fazendo a prótese cair na terra batida com um baque surdo. — Isso é bom. Você pode voltar para mim de manhã.

— O quê? Não vou deixar você aqui durante a noite.

— Eu me saí bem sem a sua ajuda até agora. Não preciso que você fique toda sentimental agora. Não será minha primeira vez dormindo ao ar livre, e a montanha Sasquatch é muito mais segura do que o Iraque.

Ele só pode estar brincando. De jeito nenhum eu vou voltar sem ele. Eu não dormiria sabendo que o deixei sozinho em uma montanha. — Eu sei que você pode cuidar de si mesmo. Não estou preocupada com isso. Eu não deixaria *ninguém* de quem gosto para trás. Vou caminhar pela manhã e trarei a sobressalente eu mesma.

— Não. — Ele me olha ferozmente, mas não me assusta.

Muitas das minhas peças do quebra-cabeça que faltam sobre Cole Harding se encaixam. Além disso, eu já prometi a mim mesma que ficaria com ele.

— Bem, isso é muito ruim para você — falo, levantando-me e espanando minhas mãos enquanto olho ao redor do caminho densamente arborizado — porque estou dormindo com você.

— Violet.

Lá vem ele com isso de novo. Sei que o estou irritando, mas, francamente, não me importo. Talvez ficar com raiva seja bom para ele. Aquele tipo de explosão que consome você, mas também deixa você com uma clareza surpreendente. Sim, é disso que Cole Harding precisa. Alguma clareza.

— Vamos. — Estendo minha mão para baixo para ele. — Sou uma garota de fazenda, lembra? Não será minha primeira vez dormindo ao ar livre.

U

Depois de ajudar Cole a sair do caminho, ele se senta em um tronco e me diz como construir um abrigo. Eu sei como construir um, mas sinto que deixá-lo ditar como eu monto um vai dar a ele alguma aparência de controle nesta situação. Algo que não me importo de ceder, considerando que ele ainda não olha para mim.

Procuro galhos, galhos de pinheiro, tudo que encontro para construir um local seguro para passarmos a noite. Sim, o dia estava quente, mas ainda é maio no Canadá. Vai fazer frio esta noite. Algo que Cole obviamente sabe com base na maneira como ele me fez cobrir tanto do espaço e deixar apenas uma pequena abertura para nós passarmos.

Eu fico para trás, com as mãos nos quadris enquanto tiro uma mecha solta de cabelo do meu rosto e admiro minha obra-prima. O crepúsculo está se pondo agora, e está esfriando. Eu tremo com a perspectiva de quão frio provavelmente estará esta noite.

— Ok, acho que isso é o melhor que vai acontecer — eu digo, lançando um olhar curioso para Cole. Ele ainda está pensando no tronco, a versão mais leve dele não foi encontrada em nenhum lugar. Está claro que ele não queria que eu – ou qualquer outra pessoa – descobrisse sobre sua perna. Como se eu me importasse.

Isso porque você está mais interessada no que está entre as pernas dele.

— Por que está corando?

Filho da puta.

Esfrego minhas bochechas. — Eu não estou.

Ele me encara com um olhar que suponho que significa que ele não está engolindo minha negação.

— Ok. Bem, estou indo para a *Casa del Violet.* Você sabe onde me encontrar quando estiver pronto.

Eu me viro para o abrigo quando ele ataca: — O quê? Você não vai se oferecer para me ajudar a chegar lá?

Parando meu movimento, eu me viro para olhar para ele, ele está sentado alto e rígido agora. Ele está tentando parecer forte e orgulhoso, mas suas palavras são inseguras e mesquinhas. Poderia levar sua atitude para o lado pessoal, mas eu o conheço bem o suficiente para saber que esse tom não significa nada para ele. Na verdade, geralmente acho que significa que ele está com raiva de si mesmo, não de mim. E agora, ele não precisa da minha pena. Ele já está se afogando na sua.

— Você precisa de ajuda? — Eu apoio minhas mãos em meus quadris e inclino minha cabeça em questão. — Porque me parece que você é um dos homens mais fortes que conheço. Presumivelmente, você está se virando bem há anos sem a ajuda de ninguém. Estou certa?

Ele pisca para mim, o rosto em branco. Acho que ele pode estar chocado. Mas eu tenho irmãos e sei quando um menino precisa de mimos – e não é isso.

— Pule quando estiver pronto. — E então eu o deixo. O grande e durão Sr. Eu-Durmo-Fora precisa da minha ajuda? Zombo de mim mesma enquanto rastejo para o alpendre escuro, as folhas esmagando debaixo de mim quando eu me sento.

Apenas alguns minutos depois, ouço Cole se aproximando. Ele se ajoelha na frente da entrada e rasteja ao meu lado. O que parecia espaçoso antes de sua chegada parece totalmente claustrofóbico com seu volume ocupando espaço ao meu lado. Ocupando *muito espaço.* Sinto meu coração disparar com a proximidade dele, com a ideia de que não tenho para onde me refugiar. Nenhum lugar para me esconder dele e dos sentimentos intensamente confusos que ele desperta dentro de mim.

— Você realmente acabou de me dizer para *pular?* — A luz é fraca no abrigo, mas posso ver a inclinação divertida em seus lábios bem torneados.

— Eu... — Deus, isso soa meio ruim, não é? — Eu disse. — Podia muito bem admitir. — Parecia preferível a 'rastejar'.

A risada que ele solta é tão alta que me assusta. Como se saltasse do nada e nos surpreendesse com seu poder. Eu rio incerta e olho para ele com ceticismo. Como... tudo bem? Posso rir disso? Mas Cole não parece ter tais escrúpulos. Seus ombros tremem e seu corpo se curva, suas mãos descansando sobre o que eu sei que são abdominais duros. Ele ri tanto que, quando ergue

os olhos novamente, vejo suas pontas dos dedos enxugarem uma lágrima perdida.

— Que porra é essa, Violet? — ele engasga, ainda tentando recuperar o fôlego. — Nunca imaginei que as piadas sobre amputados atingiriam tanto.

— Sinto muito! — Minha mão voa até minha boca.

— Não sinta. — Ele balança a cabeça com um sorriso estampado no rosto. É estranho. Ele nunca sorri para mim assim, com verdadeira diversão. Talvez um estranho toque de contentamento ou cuidado. Mas não assim – isso é enervante. Isso é... ele parece absolutamente comestível assim. Todo cabelo escuro e olhos brilhantes.

— Você está bem? — Eu me arrisco, porque sinceramente estou um pouco perturbada.

Ele se apoia nas mãos e olha para o teto do abrigo. — Estou bem? Essa é uma pergunta carregada. Eu estou... — Ele para, e observo seu peito subir e descer, sua garganta se move quando ele engole, sua bochecha se contrai momentaneamente, e eu sinto meu núcleo vibrar.

As menores coisas que ele faz me incendeiam – aquela contração na bochecha e a covinha que aparece quando ele faz isso? Gah! Delicioso. Tudo sobre o homem é delicioso. Escuro e frio por fora, macio e pegajoso por dentro. Muito experiente para uma garota como eu, mas tão tentador.

Eu lambo meus lábios enquanto o absorvo. Olhando para ele e de repente não me importando se eu for pega.

— Estou aliviado — ele finalmente diz.

— Aliviado?

— Sim. — Ele levanta seu toco e o deixa cair de volta em explicação. — É como tirar um peso do meu peito que alguém saiba disso. Manter isso em segredo é cansativo.

Quero dizer, sem merda.

— Como isso aconteceu?

Ele suspira profundamente e cruza os braços sobre o peito do jeito que sempre faz quando está tentando não parecer vulnerável. — Eu estava tão perto de terminar minha terceira turnê. Tão perto. Não é nem uma boa história. Estávamos fora da cerca, sem fogo vivo nem nada. Passamos por cima de um IED. Junior, que estava comigo, não resistiu. E minha perna levou o peso do estilhaço. Havia pregos dentro dela. Eu nem percebi o quão ruim era. Peguei Junior e o carreguei para um local seguro antes que ele desistisse completamente de mim.

Eu engulo. Isso é mais detalhado do que esperava. — Então, por que manter isso em segredo? Ninguém se importaria.

— Hum. Trixie também me pergunta isso. Eu digo a ela que é por causa de Hilary. Ela se importava.

— Desculpe, o quê?

— Não fui fácil de lidar quando voltei. Eu tinha muita merda para resolver, mesmo além da amputação. Mas encontrar a prótese certa não é um processo rápido. A forma do seu coto, tudo afeta o seu conforto e o ajuste. Sem mencionar a mudança de equilíbrio que vem com ela. As dores fantasmas. Nós já tínhamos nos

afastado, e eu era um filho da puta cada vez maior. Mas, aparentemente, o aspecto físico da minha recuperação realmente não estava funcionando para ela.

Sinto um arrepio na espinha, como quando meu irmão jogava aquela neve macia e seca de Alberta nas costas da minha camisa. Eu provavelmente não deveria pressionar, mas ele já sabe que sou bisbilhoteira. — O que isso significa?

— Você e suas perguntas. — Ele bufa e, em seguida, olha para mim como se para confirmar que não estou recuando. — Ok. Bem. Quando finalmente consegui organizar meu corpo e minha mente o suficiente para transar com ela, simplesmente não era mais o que era antes. Ela gostava quando eu era agressivo e dominador. Mas eu não podia mais ser isso. Especialmente porque meu coração simplesmente não estava nisso. De qualquer forma, perdi o equilíbrio, tudo parecia diferente e caí no meio do caminho. — Ele balança a cabeça, perdido na memória. — Bem na porra do chão. É onde eu queria ficar também. Então, decidi que tinha terminado o dia. Isso me envergonhou, sabe? Isso mais do que me envergonhou. Isso me *arruinou.* Eu mal a conhecia mais. E ela ficou frustrada. Ouvi algumas palavras bem escolhidas sobre eu ser *meio homem* que resultaram no fim do nosso noivado. Eu não era o bebê brilhante, inteiro e fiduciário que ela agarrou uma década antes. Então foi isso. O fim.

Imagino Cole, orgulhoso e dominador e tão quebrado, caído no chão. E então imagino uma mulher que professa amá-lo fazendo com que ele se sinta nada menos do que amado naquele momento. E então eu sinto fúria. Fúria que sai de dentro de mim.

— Ok, então Hilary precisa morrer. — Eu coloco minha mão sobre minha boca. Não queria dizer essa parte em voz alta. Mas eu me sinto feroz. Eu me sinto protetora. Como se quisesse rastejar para o colo dele e usar meu corpo como um escudo para ele de qualquer um que falasse com ele desse jeito – ou o ferisse desse jeito.

Cole dá uma risada triste, mas não olha para mim.

— Então é isso que você diz a Trixie. Mas qual é o verdadeiro motivo para você não contar a ninguém?

— Parou nisso, não é?

Não consigo parar de olhar para ele. Eu quero tocá-lo tanto que me conter é uma tortura total. Minhas mãos doem só de segurar seu antebraço, de sentir a pulsação de suas veias sob meus dedos.

— Acho que não quero a pena de ninguém. Não quero ser tratado como se fosse incapaz, como se fosse mais fraco de alguma forma. Não quero essas palavras, esses olhares. Deve ser por isso que gostei da sua piada sobre rastejar.

Eu viro meu corpo, querendo que ele olhe para mim, ou pelo menos saiba que estou olhando para ele. — Você não é fraco, Cole. Eu disse que você era um dos homens mais fortes que conheço, e quis dizer isso. Sua perna não importa para mim, e se importa para qualquer outra pessoa, foda-se. Eles são péssimos.

Seus olhos percorrem meu rosto como se ele não conseguisse decidir onde focar, e eu desejo – não pela primeira vez – que pudesse descobrir o que está passando por aquela linda cabeça

dele. Eu gostaria de poder abri-lo e vasculhar lá dentro. Cole é um livro tão fechado. E mesmo que ele tenha falado mais comigo esta noite do que nunca, sou gananciosa. Eu quero mais.

É por isso que sou pega de surpresa pelo rosnado frustrado que sai de seu peito e a mão que se lança para agarrar minha cabeça e me puxar para ele. Sua outra mão se move para o meu queixo, segurando meu rosto com reverência enquanto ele olha para os meus lábios. Como se ele fosse torturado por eles, fascinado por eles.

Eu não me mexo. Eu não quero quebrar qualquer domínio tênue que tenho sobre ele agora, compartilhando verdades sussurradas no escuro. Eu quero que ele faça isso. Que me devore. Pegue um pedaço de mim e fique com ele.

Quero que ele me queira tanto quanto eu o quero.

O cheiro dele se mistura com os galhos de pinheiro ao nosso redor e me envolve enquanto seu peito arfa e sua respiração pesada aquece minhas bochechas.

— Faça isso — eu sussurro, provocando-o. — Por favor — acrescento, implorando a ele.

E desta vez ele não me nega. — Foda-se — ele fala com a voz rouca enquanto seus lábios descem nos meus. Duro e rápido, forte e implacável, assim como ele.

Minhas mãos deslizam sobre seu peito e vibram sobre sua garganta nervosamente enquanto ele me beija sem sentido. Não sei nem o que fazer com as mãos. Elas tremem quando as deixo trilhar

por seu cabelo enquanto o resto de mim vira massa de vidraceiro em seu colo.

Tudo sobre Cole é masculino. Tão poderoso. Eu me sinto pequena e inexperiente, e tão gostosa. Passo uma perna sobre sua cintura, querendo estar mais perto dele, e ele geme em minha boca quando eu me acomodo nele, sentindo seu comprimento de aço crescer sob minha bunda quando faço isso.

Sua língua encontra a costura da minha boca enquanto ele me prova, os lábios se movendo com firmeza, como um comando para abrir para ele. Balanço meus quadris em resposta, com certeza minha calcinha já está arruinada apenas com o roçar de sua mão calejada sobre meu pescoço. A maneira como ele me segura ali, está consumindo, é... libertador.

Ele me quer. Ele me trouxe até ele. Posso sentir a prova disso pressionando contra o meu núcleo dolorido. Eu me movo para baixo novamente, descaradamente montando nele e amando a sensação de suas mãos contraindo meu corpo enquanto ele provoca minha boca com tanta habilidade. Suas mãos deslizam por baixo da minha camiseta, traçando o entalhe ao longo da minha coluna e queimando minha pele.

Nós nos beijamos. Um emaranhado de línguas, mãos e gemidos. Não temos pressa; nós exploramos. E suspiro para ele, um pouco sobrecarregada com a sensação de estar aqui com ele. Por quão pouco todo o resto importa quando ele me pega no colo e me reclama assim.

Eu rolo meus quadris novamente, minha mente vagando por um caminho onde estamos fazendo exatamente isso, mas sem roupas entre nós.

— Jesus Cristo, Violet. Vou explodir na calça se você continuar me montando assim.

Sua voz está trêmula, e eu me afasto – apenas ligeiramente – para encontrar seu olhar selvagem e cheio de luxúria com o meu. — Desculpe.

— Não se desculpe. Pare de se desculpar. — Seus olhos assumem um olhar distante, e ele hesita, os dedos tremulando sobre meu corpo de repente incertos. — Isso é, bem, é só que isso...

Eu quero me levantar e cortá-lo. Quero fazê-lo parar o que está prestes a dizer, porque, no fundo, estou com medo de que ele me diga para parar de novo. Algo que não tenho certeza se meu corpo pode suportar, muito menos meu coração. — Não. Apenas... você pode simplesmente não o arruinar? Guarde isso para amanhã. Deixe-me apenas me deleitar com o quão gostoso isso foi.

Não quero ouvi-lo dizer que isso é uma má ideia. Que não devemos fazer isso. Ele já colocou a boca no meu corpo e foi embora uma vez. Acho que não vou aguentar de novo. Quantas vezes eu preciso ser rejeitada por este homem antes de aprender minha maldita lição?

Desta vez, vou vencê-lo no soco. Eu o beijo mais uma vez, com força, e então paro ali, sabendo que agora não é a hora nem o lugar para empurrá-lo. — Está bem. Vamos dormir.

Ele me olha em silêncio, uma ruga profunda em sua testa enquanto rastejo de seu colo e olho para o chão, tentando não pensar em quantos insetos estarão aqui comigo esta noite antes de balançar a cabeça para mim mesma. Eu sou uma garota da fazenda. Insetos não me assustam. Eu me jogo no chão, sentindo a sujeira e as agulhas de pinheiro contra minha pele nua e ouvindo a respiração pesada de Cole em algum lugar perto dos meus pés.

Ele finalmente se deita ao meu lado. Não estamos nos tocando, mas podíamos muito bem estar. Posso sentir seu calor nas minhas costas e sentir aquele aroma picante de canela e cravo que sempre sinto nele, mas não consigo mais ouvi-lo. Sua respiração ficou suave e silenciosa. Estou hiper consciente de tudo sobre ele, sua proximidade. Eu poderia me dobrar em seu corpo grande e quente e me encaixar perfeitamente.

Eu me perco em minha cabeça, lembrando de todas aquelas mensagens que trocamos. Todas aquelas noites em que fiquei acordada até tarde conversando com ele. Dizendo bom dia para ele assim que pegava meu telefone no dia seguinte. As piadas sem graça que contávamos um para o outro. Como tínhamos sido tão compatíveis por tanto tempo apenas para sermos tão confusos agora? Eu sei que ele não é um livro aberto, não é um comunicador claro, mas isso de não dizer nada está me deixando louca. Não consigo distinguir de cima para baixo no que diz respeito a Cole Harding. Eu não correspondo às expectativas dele na vida real? Seu pau parecia estar atraído por mim, mas talvez essa seja a reação que ele teria com qualquer mulher? Se ele não tem contato físico há anos, isso é perfeitamente viável. Ele é realmente tão

inseguro sobre sua perna que me manteria à distância mesmo agora?

Estremeço, pensando na sensação de suas palmas calejadas arranhando minhas costas nuas, em como eu gostaria que ele me pressionasse com força com aquela palma e...

— Está com frio?

Olho para baixo e percebo que estou me abraçando e com os joelhos bem dobrados, e sim, estou com frio. — Um pouco — confesso baixinho.

Sem aviso, seu braço vem sobre mim e me puxa de volta para seu corpo, colocando-me contra ele com segurança. Ainda posso sentir sua ereção contra minha bunda, mas me forço a ignorá-la, aliviada por sentir seu calor ao meu redor.

Ele me cerca, queixo na minha cabeça, braço sobre minhas costelas possessivamente e pernas dobradas debaixo das minhas. O ajuste perfeito.

— Cole?

Ele suspira audivelmente. — Sim, Violet?

— Você acha que o Sasquatch é real?

Ele não responde. Em vez disso, ele me puxa para mais perto e me segura com mais força. A sensação dele em volta do meu corpo me acalma e me embala em um sono leve onde estou descansando, mas ainda intimamente consciente de cada parte dele. Cada ponto de contato vibra com possibilidades, algo em que não consigo parar de pensar. Algo que não vai me deixar cair

completamente. Provavelmente é por isso que não perco seu sussurro vários minutos depois.

— O que eu ia dizer é que isso é perfeito.

18



Cole

Todos nós fazemos escolhas.

A mensagem que me assombra. Que coisa idiota de se dizer para uma garota de quem você gosta. Uma garota que colocou tudo em risco para você, o quê? Bater uma?

Eu balanço minha cabeça.

Todos nós fazemos escolhas.

Eu não sei disso. Eu deveria seguir meu próprio conselho implícito.

Ela não me respondeu, mas viu a mensagem. Isso foi ontem à noite, e ainda não há mensagem esta manhã. Isso provavelmente não é um bom sinal. Porra. Deixe-me arruinar a única coisa boa que eu tinha na minha vida. A única coisa que eu realmente esperava em um dia monótono e solitário. Porque ela estava certa meses atrás.

Eu estou sozinho. Na verdade, nem sei se solidão cobre isso.

Estou entorpecido. Por escolha. E falar com Pretty_in_Purple foi como uma alfinetada que estava passando, fazendo-me sentir algo. E eu não conseguia nem confessar sobre minha perna, apenas

colocá-la lá fora. Eu estava muito obcecado em manter isso em segredo. Algo que nem faz sentido para mim e, no entanto, não consigo mudar. Talvez se ela soubesse, teria aceitado melhor o fato de eu não querer ir para o vídeo. Talvez se ela soubesse que eu dirigia uma empresa multinacional e não podia ser reconhecido como o cara que se masturba na internet, faria diferença.

Talvez ela entendesse. Talvez revelar meu segredo a alguém seja um bom começo? Alguém cujo rosto eu não poderia ver quando contasse a ela. A pena. O desgosto.

Esse jogo de capa e adaga que jogo com a minha perna é uma merda, e eu sei disso. Nunca pretendi deixar isso chegar tão longe. Começou como algo que eu só queria processar sozinho. Afinal, quando voltei do Iraque, tinha muito o que processar. Aparentemente, ver seus amigos serem despedaçados vai acabar com você. Não se preocupe em perder um membro depois de passar toda a sua vida adulta definindo-se por quão fisicamente capaz você é. Mas quanto mais eu ficava sem compartilhar com ninguém, mais me deixava ir. Quanto mais eu me concentrava em Hilary e em suas palavras cruéis, mais isso se tornava algo que nunca quis que ninguém soubesse. Quanto mais eu acreditava nelas.

Ocultá-lo tornou-se integral. Como respirar. E agora, quando penso nisso, nem sei por que faço isso – não consigo parar. Estou estagnado como um pântano.

Pego meu telefone e mando uma mensagem para ela, determinado a consertar isso.

Golddigger85: *Como você está?*

Suave, Cole. Você realmente tem jeito com as palavras, amigo.

Depois de algumas horas, ela ainda não respondeu. Ela nem viu. Digo a mim mesmo que ela provavelmente está ocupada. Parece que seu trabalho se presta a longas horas sem fins de semana definidos. Mas à medida que o dia passa sem resposta, fico preocupado. Em um ano, não passamos um único dia sem pelo menos aparecer para dizer oi ou mencionar que as coisas estão ocupadas. Não porque devemos uma explicação um ao outro, mas porque gostamos um do outro o suficiente para fazê-lo.

Golddigger85: *Está tudo bem?*

Nada ainda. Passo a noite fechando o aplicativo e reiniciando-o. Desinstalei e reinstalei. Esperando que seja um erro técnico. A tecnologia fode com tudo o tempo todo. Provavelmente é isso.

Mas quando acordo na manhã seguinte com meu telefone na mão e ainda nada de Pretty_in_Purple, o pavor passa a residir em meu peito. Eu estraguei tudo e não há uma maneira clara de consertar isso. Ou algo terrível aconteceu com ela, o que é um pensamento que nem consigo lidar. Prefiro me sentir o idiota que sou do que imaginá-la ferida ou pior.

Eu não posso nem me deixar ir lá.

Tudo que eu quero fazer é consertar isso.

Golddigger85: *Ouça, acho que você provavelmente está com raiva de mim. Desculpe-me se machuquei você. Essa nunca foi minha intenção. Eu acabei de... sou complicado. É uma longa história. Uma que eu gostaria de contar se você voltar.*

Minha miséria cresce a cada dia que passa que ela não responde. Eu me sinto patético continuando a enviar mensagens

para ela. Mas não posso parar. Falar com Pretty_in_Purple tornou-se parte de quem eu sou, um fio que me leva de volta ao homem que quero ser. Um fio que decido não largar. Vou continuar mesmo que ela não esteja aqui para participar.

Golddigger85: *Acho que vou continuar escrevendo para você, mesmo que você nunca mais volte. Eu preciso disso.*

Afinal, sou excepcional em evitar a realidade.

U

Eu segurei Violet em meus braços a noite toda. Não é preciso ser um cientista de foguetes para saber que ela me dizendo que está *tudo bem* significa que não está nada bem. Mas eu continuo segurando-a de qualquer maneira.

Eu mal dormi. Estou exausto, mas também agitado. Beijar Violet na noite passada foi foder *tudo.* Realmente foi perfeito. Até que ela surtou e desligou. A maneira como ela me pediu para não estragar tudo. É como se ela já soubesse que eu estrago tudo.

E então segurá-la? Seu corpo quente pressionado contra o meu? Era como me agarrar a um ursinho de pelúcia para me confortar. Mas nunca quis foder um ursinho de pelúcia.

Eu também estou congelando, mas não dou a mínima, contanto que ela esteja quentinha. Ela adormeceu rapidamente, silenciosamente, embalada em um mundo de sonhos onde pequenos suspiros suaves escaparam de seus lábios, onde ela se aninhou mais perto e se virou em meu peito.

Foi o céu. Apenas segurando alguém – alguém que sabe *tudo* e não me olha com nojo. Não sinto esse nível de relaxamento há anos. No meio de uma floresta, em um pequeno abrigo de merda, estou mais relaxado do que nunca. Tudo porque Violet está aqui em meus braços.

Sim, estou completamente fodido. Porque não só quero arrancar todas as roupas dela e usar seu corpo de todas as maneiras imagináveis, mas também preparar o café da manhã para ela depois, garantir que ela tome suas vitaminas e se exercite. Quero cuidar do corpo dela assim que terminar de profaná-lo.

O que é pior, eu quero falar com ela. No escuro, no silêncio, quero deixar tudo sair. Meu pai, minha mãe, meu tempo no exterior. Todas essas histórias borbulham mal controladas sob a superfície. Quando aquele alfinete na minha perna quebrou, o mesmo aconteceu com o reservatório de tudo que guardei por tanto tempo. Ele surgiu como água de uma represa, e agora estou lutando para mantê-lo dentro.

Trixie vai ficar extremamente satisfeita.

Olho para ela agora, roncando baixinho, aconchegada em meu peito com uma perna sobre a minha. As gotas quentes da luz da manhã filtram-se pelo teto poroso do abrigo, salpicando suas bochechas e cabelos. Seus longos cílios lançam uma sombra e seus lábios são de um tom pálido de rosa, a mesma cor de seus mamilos empinados. Algo que nunca vou esquecer. Violet tem seios *perfeitos.*

Ela parece pequena e fraca, mas se aprendi alguma coisa sobre Violet no último mês, é que ela é forte. Tão forte.

Eu sabia que ela havia arrancado sua independência da família e partido sozinha, determinada a ser dona de si. Eu só não percebi o quão completamente ela conseguiu. Quão intensamente ela mesma ela se tornou. Sua confiança não é alta ou descarada, é sutil e natural. Intrínseca quase em quão bem combina com ela. Ela não é dura ou grosseira; ela é apenas firme.

Quando nossa conversa online não estava mais servindo a ela, ela terminou. Passei um ano esperando desesperadamente que ela entrasse e visse minhas últimas mensagens. Inferno, ainda tenho nosso bate-papo aberto no meu computador e o verifico diariamente. Se ela apenas fizesse login novamente, saberia que não terminei com ela. Ela saberia o que não fui capaz de dizer em voz alta.

Eu admirava isso nela. Invejava. Quando a vida não foi do meu jeito, eu recuei, mas Violet? Ela continuou caminhando. Com um sorriso. Eterno raio de sol.

Seus cílios tremulam antes de suas pálpebras se abrirem. Ela olha ao redor do abrigo. Na maioria das vezes, ela dá uma olhada no meu peito enquanto as engrenagens em sua cabeça giram. Quando seu queixo se vira para olhar para o meu rosto, ela se assusta. Obviamente, ela não tinha planejado que eu estivesse acordado.

— Há quanto tempo você está acordado?

— Um tempo — eu minto. — Difícil dormir com seu ronco.

Seu rosto fica rosa quando ela se afasta do meu peito. Quero puxá-la para perto de novo, mas não o faço. Não tenho certeza de como devo agir esta manhã.

— Eu não estava. — Ela parece horrorizada.

— Você estava.

Ela esfrega o rosto com as mãos como se isso fosse fazer com que suas bochechas ficassem menos vermelhas.

— Foi mais como... ronronando. Como um gatinho — eu continuo.

— Oh, Deus.

— Ei. Estou sem uma perna e você ronca como um gatinho. É tudo de bom.

Suas mãos disparam para baixo de seu rosto tão rápido que não consigo nem reagir ao seu dedo mindinho pontudo cutucando meu peito. — Perder uma perna não é embaraçoso! — Ela passou de envergonhada a toda animada em menos de um segundo.

Eu levanto minhas mãos em derrota e rolo para longe dela. — Você está certa. A única coisa embaraçosa aqui agora é a sua respiração.

Sua boquinha achata enquanto seus olhos já grandes se arregalam para mim. Ela se senta lentamente, protegendo a boca com uma das mãos, murmurando: — Cole Harding, você é um idiota.

Uma vez que ela se limpa, ela olha para mim. — Ok. Diga-me onde está a perna e eu vou buscá-la. Estou faminta.

— Gaveta inferior esquerda da cômoda no meu quarto.

Ela acena com a cabeça antes de se virar, e minha mão abaixa rapidamente para ajustar meu pau. O pensamento dela no meu

quarto não está ajudando com minha ereção matinal. E nem a visão de sua bunda naquele maldito short rastejando para fora do abrigo.

— Certifique-se de cantar ou algo assim em seu caminho. Fazer barulho. Mantenha os olhos abertos para a vida selvagem. Há ursos aqui.

— Bom Deus, Cole. O que você pensa que eu sou? Uma garota da cidade?

Ela sacode a bunda, balançando-a um pouco enquanto faz isso, e em poucos minutos, posso ouvi-la cantando alguma música country horrível sobre montar um cowboy – completamente fora do tom.

U

Voltei para o tronco em que me sentei ontem. É um bom tronco, na posição perfeita para ver o caminho. O mato atrás de mim é tão espesso que seria impossível alguém se esgueirar. Sinto-me tão relaxado como nunca, sentado no meio do nada, sem minha perna logo abaixo do joelho.

Estou tentando não me preocupar com Violet, mas não está funcionando. Sei que ela é perfeitamente capaz de descer a montanha, mas não consigo evitar que minha mente se desvie dela. Da mesma forma que tem feito por dois anos.

Por mais distraído que eu esteja, Violet claramente não tem treinamento militar. Posso ouvi-la vindo a uma milha de distância.

Como alguém tão pequeno pode ser tão pesado em seus pés está além de mim.

— Consegui! — Violet balança a prótese como se fosse uma bandeira, mas seus movimentos são espasmódicos. Seu rosto está contraído. Claro, eu a importunei sobre a coisa do ronco e a beijei sem sentido ontem à noite, mas ela não saiu com uma linguagem corporal assim.

— O que está errado? — pergunto quando ela se aproxima de mim.

Ela quase se encolhe quando seus olhos disparam para os meus antes de abaixar novamente. — Nada. — Ela se ajoelha, tira a mochila do ombro e a abre.

— Como está a potra marrom? Você a alimentou? Ela provavelmente estava morrendo de fome.

— Pelo amor de Deus, Cole. Ela tem um nome. Você pode parar de fingir que não gosta dela perto de mim. — Ela empurra uma jaqueta de lã preta para mim, a agitação marcando cada movimento dela. — E, claro, eu a alimentei. Difícil de esquecer com aquele relincho alto toda vez que um de nós estaciona.

Eu não posso deixar de sorrir. É realmente meio irritante, e ainda assim aguardo ansiosamente sua saudação todos os dias. O roçar suave de seus lábios na palma da minha mão quando lhe ofereço uma cenoura. A maneira como ela acaricia seu rostinho empoeirado contra a minha camisa, como se estivesse me abraçando. Não estou acostumado com alguém ficar tão feliz em me ver o tempo todo.

— Ok, bom. Obrigado pelo casaco.

— Achei que você provavelmente estava com frio. — Violet está vestida com uma jaqueta do Gold Rush Ranch levemente acolchoada agora e parece... desconfortável. Nada como o jeito que ela parecia esta manhã, ou ontem à noite, quando ela montou no meu colo e se afundou em mim. O que diabos está acontecendo?

— Obrigado. — Eu a olho especulativamente. — Tem certeza de que está tudo bem?

— Yep! — ela diz um pouco animada demais, estalando o *p.*

Não estou comprando, mas também odeio quando as pessoas se intrometem – então não vou.

Em vez disso, concentro-me em prender minha prótese sobressalente. Não é tão confortável quanto a minha normal. Não é personalizada da mesma forma e sei que provavelmente vai esfregar meu coto. Definitivamente não é feita para caminhadas.

Eu olho para baixo, e minha perna dói. Minha perna que não está nem aí. Dores fantasmas. Elas não são tão ruins quanto antes, mas às vezes a realidade de que minha perna *realmente* se foi é diferente. É como se eu pudesse sentir isso lá. A dor do dia que foi eliminada. A dor da minha recuperação. A dor da minha perda.

Raramente me incomoda, mas enfiar minha perna em uma prótese que sei que vai ser desconfortável me faz pensar.

Eu balanço minha cabeça e empurro de qualquer maneira. Não adianta chorar por isso. Tenho que descer esta colina de alguma forma. Com minhas meias puxadas para cima

confortavelmente, eu amarro meu sapato antes de olhar para Violet, que está olhando para o meu pé com a testa franzida.

— Você tem outra pergunta? — indago, meio brincando.

Ela suspira, seus ombros se erguendo e depois caindo ao fazê-lo. — Não. É incrível. Eu não fazia ideia. Eu não poderia dizer nada – o jeito que você anda, o jeito que você se exercita, o jeito que você... — ela acena com a mão sobre o meu corpo — parece.

Eu mordo de volta um sorriso. Não tenho muita certeza no que diz respeito a Violet, mas sei que ela gosta do meu corpo. Eu a pego me olhando o tempo todo quando ela pensa que está sendo discreta, e o alívio me atinge como uma explosão de ar condicionado em um dia quente, porque ela ainda está me olhando agora *que* sabe o que estou escondendo em minha calça. Ou, bem, uma das coisas que estou escondendo na calça. Quase me sinto mal por ter pensado que ela me olharia de maneira diferente, mas essa é a minha experiência, não é? Tenho pouco mais para continuar, porque tenho estado muito ocupado escondendo isso de todos.

— Ok, vamos dar o fora desta montanha. — Levanto-me e pressiono um pouco de peso sobre a prótese, sentindo-a. É uma merda. Mas vai ter que servir por enquanto.

Violet se vira e começa a caminhar de volta pelo caminho. Eu sigo, com certeza meu andar não é igual com esta prótese. As pessoas perceberiam agora, mas enquanto Violet desacelera para acompanhar meu ritmo, ela não diz nada.

O silêncio está bom para mim.

Só quando chegamos ao celeiro ela fala. — Obrigada. Vejo você na pista hoje à noite?

Eu torço meu nariz. — Essa noite?

— Sim. Eu estou montando hoje à noite. É por isso que tenho que ir.

Talvez seja por isso que ela parecia tão desligada? Focada em esta noite?

— Isso é seguro? — pergunto antes que eu possa me impedir. Mas, na verdade, ela passou a noite dormindo mal e subindo e descendo uma montanha para ajudar minha bunda aleijada. Correr a uma velocidade vertiginosa em um animal de quatrocentos e cinquenta quilos estando algo menos do que perfeitamente alerta parece perigoso para mim.

Uma sobrancelha bem torneada se ergue quando ela cruza os braços para mim. Sinto como se estivesse olhando para uma versão pequena, loira e élfica de mim mesmo com aquela pose e expressão facial.

— Amigos cuidam uns dos outros, Violet — resmungo para ela. Eu sei que ela não quer que as pessoas lhe digam o que fazer, mas isso é sério.

E ela apenas zomba: — Sim. *Amigos*. — E abre a porta da caminhonete antes de batê-la com nada mais do que um aceno por cima do ombro enquanto ela sobe as escadas para seu apartamento.

19



Violet

Minha cabeça dói e sinto como se a morte tivesse se aquecido. Eu mal posso me mover. Não tenho certeza se é o grande número de bebidas que bebi na frente de Billie no Neighbor's Pub ontem à noite ou se me senti mal por causa de um maldito amigo por correspondência na Internet.

Meu estômago revira e, novamente, não consigo diferenciar a causa.

Estou tão brava. Comigo. Nem mesmo com ele. Porque ele está certo. Ele não foi nada além de franco comigo sobre suas limitações. Sobre suas regras. No entanto, eu segui em frente pensando que seria por mim que ele mudaria. Balanço a cabeça e pressiono as palmas das mãos nas órbitas, tentando diminuir o latejar na minha cabeça. Posso ouvir meu irmão mais velho, Cade, dando conselhos sobre namoro – e foram muitos –, mas esse trecho se destaca como excepcionalmente pertinente agora.

Não escolha um homem que precise de conserto – ou mudança – para atender às suas necessidades. Ele quer, ou não quer. E se você precisa convencê-lo, ele não ama você do jeito que merece.

Eu odiava a maneira como meus irmãos se intrometiam em minha vida amorosa. Os três praticamente me colocaram em uma torre de marfim, mas acho que eles conheciam mamãe melhor do que eu. Eles perderam nossa mãe e não queriam me perder também. Então, em vez disso, eles me sufocaram e me expulsaram. Porque eu não podia ficar lá. Mas agora, estou ansiosa para voltar. Um abraço do meu pai, um tapinha de Rhett, um sorriso fácil de Beau e alguns conselhos profundos e poéticos de Cade. Bons homens, todos os quatro.

E não tenho certeza se realmente percebi isso até agora.

Sei o que eles me contariam esta manhã e sei o que Billie me disse ontem à noite.

É hora de seguir em frente. Eu mereço mais. Eu mereço melhor.

Eu apago o aplicativo do meu telefone e vou me deitar no fundo da minha banheira, onde minhas lágrimas silenciosas se misturam e lavam com o jato de água morna acima de mim.

U

Os sons da pista se filtram ao meu redor enquanto cuido de Brite Lite. É o meu segundo ano montando nela, e ela é um cavalo de corrida sólido com uma boa cabeça nos ombros e um bom número de vitórias em seu currículo. Mas hoje, a linda égua cinza está impaciente. Apenas como eu. Ansiosa para ir, de volta onde eu estava há um mês. Enfio meus fones de ouvido e começo a trabalhar no zoneamento, cantarolando para tentar acalmar os

nervos dela, assim como os meus. Exceto onde costumo jogar a corrida em minha mente, estou repassando as últimas vinte e quatro horas.

A descida da montanha e a subsequente volta para casa foram tranquilas. Desajeitadas. Eu não sabia o que dizer a Cole, e minha mente estava tão ocupada juntando as peças que eu não poderia ter inventado uma conversa fiada para preencher o espaço de qualquer maneira.

Quando entrei em seu quarto para pegar sua perna, tentei não perder tempo olhando em volta, mas fiz um pouco. Eu sou apenas humana, ok? E isso não importa. O lugar é militarmente limpo. Tudo organizado exatamente assim, tudo impecável e limpo. Eu me perguntei se ele polia o chão com uma escova de dentes como você vê nos filmes, mas não consegui nem perguntar isso a ele.

Porque quando fechei a gaveta pegajosa da cômoda que abrigava sua prótese sobressalente, ela moveu o mouse ao lado do laptop conectado em cima. Aquele que ainda estava aberto. Aquele que estava aberto em nosso bate-papo. Nossas mensagens de mais de um ano atrás estavam bem ali, olhando nos meus olhos.

E eu era muito, muito humana naquele momento. Porque não consegui desviar o olhar e definitivamente não consegui me impedir de rolar a página. Eu me perguntei por que diabos ele teria nosso chat aberto em seu laptop quando eu não tinha respondido a ele em um ano. Até que fiquei cara a cara com a minha resposta.

... Como você está?

... Está tudo bem?

... Ouça, acho que você provavelmente está com raiva de mim. Desculpe-me se machuquei você. Essa nunca foi minha intenção. Eu acabei de... sou complicado. É uma longa história. Uma que eu gostaria de contar se você voltar.

... Acho que vou continuar escrevendo para você, mesmo que você nunca mais volte. Eu preciso disso.

... Falar com você foi a coisa mais curativa que aconteceu comigo em anos. Por favor, responda. Eu vou retribuir. Compartilhar muito sobre mim me apavora. Mas eu tentarei.

... Acho que você não vai voltar. Mas se o fizer, minha oferta permanece. Eu quero nós, ou o que quer que seja, de volta.

... Às vezes, eu sonho em conhecê-la na vida real. As coisas que eu faria com você.

... Eu sinto sua falta.

Ele tem me enviado mensagens desde que eu o excluí. Mesmo desde que fui morar com ele. Como um diário dedicado a mim. Minha respiração deixou meu corpo com um suspiro oco. Meu coração martelava em meus ouvidos.

... Esta noite, carreguei seu corpo flácido para minha casa. Eu sei que você acabou de ser nocauteada por causa dos analgésicos, mas eu me senti mal do mesmo jeito. Já carreguei corpos flácidos antes e a ideia de um ser seu é quase mais do que posso suportar. Adormeci no corredor ouvindo você respirar.

... Hoje você me convenceu a sair para beber em algum barzinho de merda. Eu me diverti mais do que em anos.

... Hoje você se mudou. Eu não esperava que fosse doer tanto.

Lágrimas brotam em meus olhos só de ler todas elas. Cada uma como um alfinete no meu coração. O homem mais distante e fechado do mundo transformou meu coração em uma almofada de alfinetes com suas palavras, e eu nem sei como dizer a ele.

Estou bem e verdadeiramente sem palavras. Passei um mês perto deste homem. Um homem que eu achava que nem *gostava* de mim, quando o tempo todo ele estava me escrevendo mensagens. Eu tenho me punido por querer Cole Harding, por ir contra cada fibra da lógica do meu corpo que me diz que ele vai me decepcionar de novo. Envergonhar-me novamente. E todo esse maldito tempo, ele tem me escrito mensagens de amor que sabe que nunca verei enquanto tento ser sua *amiga.*

Algumas garotas poderiam desmaiar. As mensagens *são* doces. Tão doces que meus dentes doem. Mas me sinto agitada. Ele poderia ter apenas me contado. Não é como se não tivéssemos falado sobre nosso passado. Agora eu me sinto como uma tola juvenil por ter uma queda por ele secretamente o tempo todo, andando na ponta dos pés em torno de seu humor.

Se eu soubesse que ele sentia minha falta e me queria, eu teria rastejado em seu colo e o beijado mais cedo.

Eu desabotoo o cabresto de Brite Lite, e ela instantaneamente enfia a cabeça no freio enquanto deslizava facilmente o freio em sua boca. Ela geralmente é tão educada, mas hoje é como se ela mordesse o freio. Segura isso. Domina, assim como vamos fazer nesta corrida.

É hora de tirar o grande soldado taciturno da cabeça e me concentrar em chutar a bunda de Patrick Cassel no segundo

round. Brite Lite também está pronta. Juro que ela sabe que esta é uma rodada de vingança. Uma revanche. Nós, garotas, temos um senso aguçado para isso – especialmente com idiotas como Patrick.

Saímos para o sol brilhante, muito diferente daquele dia encharcado há pouco mais de um mês. As condições são perfeitas.

Billie surge sabe-se lá de onde com Mira a reboque.

— Tudo certo? Como está Brighty? — ela pergunta, olhos dourados astutos me avaliando como se ela apenas *soubesse* que algo está acontecendo. Ninguém lê uma pessoa melhor do que Billie.

Ninguém.

— Sim. Vamos fazer isso. — Concordo com a cabeça, puxando para cima aquele espírito competitivo que vem com o território de ser a única menina e a irmã mais nova de quatro filhos.

Billie me dá uma olhada bem treinada antes de beliscar o lado da minha bunda de brincadeira. — Quebre uma perna lá fora.

— Billie. — Mira a encara, sem se impressionar. O que, para ser justa, é sua expressão preferida. — Mesmo?

Billie cacareja e caminha na frente, mas congela quando ouvimos uma voz suave e com um leve sotaque dizer: — Boa sorte hoje, Srta. Eaton.

Stefan Dalca. O outro grande jogador na cena das corridas de cavalos perto de Ruby Creek. Todo mundo acha que ele é superficial, e Billie o odeia depois que ele tentou subornar Vaughn para vender DD. O que teria sido um grande erro. Não apenas

porque o rancho ficaria sem nosso garanhão campeão, mas Vaughn ficaria sem Billie.

— Dalca, seu pedaço de...

Sento-me ereta, um pouco preocupada que Billie possa explodir. Ela é meio que um fio elétrico nesse sentido, mas Mira dá um passo à nossa frente e vira sua expressão nada impressionada para o homem de terno em questão.

— Stefan, caminhe comigo. — Ela entorta um dedo e segue na direção oposta sem sequer olhar para trás. Como se ela apenas soubesse que ele a seguiria. Para seu crédito, o homem geralmente bem sério parece um pouco abalado. Ele puxa as lapelas do paletó e pigarreia antes de girar nos calcanhares e se afastar.

Billie faz um barulho de engasgo e eu rio. Sei o quanto ela detesta o homem. Mas acho que ele deveria ter um pouco mais de medo de Mira neste momento atual. Billie pode ser a bombinha imprevisível de nós três, mas Mira é inteligente, astuta e uma cobra. Billie você verá chegando, porque ela vai queimar tudo ao seu redor para acabar com você. Mas Mira? Acho que você cairia na contagem antes mesmo de saber que ela esteve lá.

Esta noite, vou canalizar minha Mira interior. A doce e quieta Violet não está aqui agora. Patrick Cassel está caindo da única maneira que posso derrubá-lo.

Na pista.

Entro na garagem e estaciono bem na frente do paddock de Pipsqueak. Eu não consegui dormir, porque estava muito animada com a minha vitória. Muita adrenalina. Então, escapei do apartamento do celeiro, deslizei meus pés em um par de sandálias e joguei um longo cardigã sobre meu short de dormir floral e regata combinando para me proteger do frio. Está escuro agora, depois da minha hora normal de dormir, e esperava manter minha chegada em silêncio, mas ela é praticamente um cavalo de guarda neste momento, soando o alarme assim que eu estaciono.

Pequena traidora.

— Ei, doce menina. — Salto do meu carro com o bolso cheio de balas de menta e sigo em sua direção. — Ganhamos esta noite. Deixei todo mundo comendo poeira. Foi tão bom. — Ela relincha e esfrega os lábios no meu bolso, sentindo o cheiro de menta. Puxo uma para fora e a deixo mastigar. Espuma branca se forma em seus lábios por causa do doce de giz. — Eu estava indo para a cama. Mas eu não conseguia dormir. Pensei em vir comemorar com você.

Eu espio a casa da fazenda escura antes de balançar a cabeça para mim mesma. *Lindo, Violet. Fingindo que não está aqui para espionar Cole. Fingir pensar nele e se perguntar onde ele está não é o que mantém você acordada.*

Ainda não sei o que fazer com o que li em seu laptop. Tenho ainda menos ideia do que dizer a ele. Estou meio apaixonada pelo homem – e a outra metade quer colocar algum juízo nele. Ele está tão quebrado, tão cheio de falsas bravatas.

Todo mundo o vê legal, calmo e controlado. Sem emoção. Eu acho que poderia ter em um ponto também. Mas agora tudo o que vejo é triste. Fechado. Sozinho. Estou com medo de que ele me quebre, mas de repente estou com mais medo de quebrá-lo. Amá-lo parece uma grande responsabilidade.

— Violet?

O som de sua voz envia um arrepio pela minha espinha. Profunda e grave, soando um pouco sonolento.

Eu me viro lentamente para observar sua forma escura na varanda da frente da casa azul. — Oi. — Deixo meu olhar percorrer aquela parte superior triangular perfeita do corpo, coxas fortes. — Você viu minha corrida?

— Não, desculpe. Eu não desci.

A decepção toma conta do meu peito. Eu queria que ele estivesse lá. — Acordei você?

— Sim, mas já era hora.

Huh? Eu me aproximo da varanda e percebo que ele está vestindo apenas uma cueca justa e uma camiseta. — Você dormiu o dia todo?

Ele passa a mão pelo cabelo. — Sim. Eu estava bem cansado.

Eu me aproximo, segurando a grade da varanda. — Eu pensei que você estava brincando sobre o meu ronco mantendo você acordado.

Ele ri. Profundo e suave. Como mel. E eu quero que ele regue tudo em cima de mim e depois lamba.

— Não teria sido seguro para nós dois dormirmos. Eu fiquei de vigia.

— Poderíamos ter nos revezado! — Odeio me sentir impotente, odeio que ele nem se incomodou em me incluir nessa decisão. — Eu não preciso que você me mime. Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma.

Ele me prende agora, seus olhos cinzentos brilhando com luta. — Isso é o que você vive me dizendo. Mas Violet, deixar-me ajudar não torna você fraca. Significa apenas que eu me importo. Eu sei que você não *precisa* de mim. Mas eu quero estar lá para você. Deixe-me cuidar de você da única maneira que posso.

— É aqui que você me diz que é isso que os amigos fazem?

Ele engole. Observo sua garganta balançar enquanto seus olhos inteligentes me observam com atenção. — Não.

Essa palavra. Ele não diz mais nada, mas não precisa. É a confissão dele.

Minha língua sai para molhar meu lábio inferior enquanto olho para ele, seu corpo elevando-se acima de mim, a apenas alguns passos de distância. Juro que o ar entre nós esquenta a cada segundo, como se eu pudesse sentir sua energia a vários metros de distância.

— Vi as mensagens — eu deixo escapar. — No seu laptop.

Ele pisca algumas vezes, mas seu rosto permanece previsivelmente em branco. Ele mostra tão pouca emoção às vezes. É quase impossível fazer uma leitura dele. Mas quando ele se

afasta de mim e volta mancando para dentro da casa, sinto emoção suficiente por nós dois. Afastando-se, *novamente.*

Eu fervo. Muito quente. Rejeitada, frustrada, *cansada.* Entro furiosamente na casa que chamei de lar por um mês, logo atrás dele enquanto ele atravessa a sala de estar.

— Você poderia apenas falar comigo! — eu grito. Isso sai mais alto e mais forte do que acho que já falei com alguém na minha vida. Minhas bochechas esquentam e inicialmente me sinto um pouco mal. É fora do personagem, mas estou farta de não dizermos nada um ao outro. Eu gosto de silêncio, mas isso está além. Cole é totalmente pouco comunicativo.

Ele se vira, mandíbula estalando e veias em seus braços pulsando com a tensão, tudo iluminado pela sombra com apenas uma luminária de chão lançando uma luz fraca no canto. Suas mãos se fecham e depois se soltam enquanto ele levanta a voz de volta, gritando: — O que você quer que eu diga? Nunca me abro com ninguém. Você acha que tudo entre nós começou e terminou com uma foto para mim? Como se fosse fácil perder você? Não saber se você estava bem? Sentir tanto a sua falta a ponto de doer fisicamente? Você me quebrou!

Suas palavras me enrolam. Meu peito se esvazia, oco e latejante com o peso de sua confissão. Ambas as minhas mãos rastejam sobre o meu peito, meus dedos envolvendo a base da minha garganta para conter o crescente fluxo de náusea. *Ele sentiu minha falta. Eu o quebrei.*

— Você me quebrou primeiro — eu sussurro. Mas a admissão parece alta na sala silenciosa. Como se tivesse gritado para ele.

Seu sorriso é doloroso quando ele olha para o teto. — Você não está quebrada. Você é perfeita. E eu sou uma merda de colcha de retalhos. Passei anos juntando os pedaços esfarrapados de mim mesmo, cada evento da vida, cada desgosto, e lentamente costurei tudo de volta. Mas não sou bom em costura, Violet. — Seus olhos encontram os meus do outro lado da sala. Cru e angustiado. Tudo o que quero fazer é envolver meus braços em torno dele, mas estou atordoada e imóvel com suas próximas palavras. — E agora as bordas estão começando a se desgastar. Estou desmoronando nas malditas costuras, e é você quem está segurando o fio que pode desfazer tudo.

Cole geme e passa a mão pelo cabelo já despenteado, agitação e desgosto marcando cada membro. — Você não entendeu? — Seus olhos estão arregalados e suplicantes agora enquanto ele balança a cabeça. — Você tem o poder de me desvendar completamente, e *odeio* me sentir assim.

Posso sentir meu pulso pulando na minha garganta enquanto olho para ele, engolindo audivelmente sob o peso da responsabilidade que estou sentindo. — Eu prometo não desvendar você, Cole. Também não foi fácil para mim. Você me machucou. Sendo tão vulnerável... preciso saber o que há entre nós, de uma vez por todas.

Seu peito ruge, mas o tom é diferente. E quando seus olhos me fixam no lugar, ele diz: — Eu não sou bom em falar. Acho que devo apenas mostrar a você.

E com isso, ele agarra a parte de trás de sua camisa e a tira sobre sua cabeça, seus olhos cinza esfumaçados não deixando os

meus por uma única batida. Seus polegares se encaixam no cós de sua cueca, seus olhos ainda fixos nos meus.

— O que você está fazendo? — ofego, de repente me sentindo sem fôlego e completamente imóvel. Totalmente incapaz de desviar o olhar de seu corpo no brilho quente do ambiente escuro.

— Noite no campo de jogo. Você precisa saber o que é isso entre nós? É a porra de tudo.

Minha respiração fica presa no meu peito quando ele puxa sua boxer para baixo. Meus lábios se abrem em um suspiro, e eu o encaro como uma total voyeur. Estupefata. *Isso está realmente acontecendo?* Observando-o se despir diante de mim. Minha mente está em branco. Sinto como se estivesse tendo uma experiência fora do corpo.

Ele chuta a boxer, e eu observo seu pau inchar sob o meu olhar. Grosso, longo, cheio de veias e ficando mais duro a cada segundo que passo olhando para ele.

— Ficar olhando é rude, Violet.

Minha cabeça se levanta para seu rosto e mordo meu lábio inferior, sentindo meu corpo pulsar e minha boceta ficar escorregadia. — Sinto muito.

Um sorriso predatório surge em sua boca. — Não, você não sente.

Ele está certo, claro. Nunca estive menos arrependida na minha vida.

— Diga-me o que fazer a seguir.

— O quê? — Meu coração bate em cada membro, até a ponta dos meus dedos. Eles coçam para tocá-lo.

— Você leu as mensagens. — Sua voz é como cascalho. — Eu disse a você que retribuiria. Diga-me.

Eu sinto que minha garganta pode fechar em mim. Como se pudesse me engasgar com todas as coisas que quero dizer a ele. Como diabos eu deveria fazer isso? Este homem – este Adonis – nu diante de mim. Seu comprimento é duro como pedra e projetando-se em minha direção agora.

Saber o que sei, vê-lo se despir na minha frente, é o máximo em vulnerabilidade. O máximo em confiança.

Eu dou um passo mais perto, a língua saindo para molhar meus lábios. — Segure.

Sua mão envolve a base grossa de seu eixo enquanto ele diz: — Segure o quê?

Eu tenho dificuldade em arrastar meus olhos até seu rosto. — Seu pau. — A excitação se acumula na base da minha espinha com a minha ousadia. Pensei um monte de coisas sujas sobre Cole nos últimos dois anos, mas dizê-las em voz alta parece estranho.

Dou mais um passo, querendo dar uma olhada mais de perto. Ele é tão bem-dotado. Combina com tudo o mais sobre seu corpo. Forte e grosso e tentador. Minha voz sai como um sussurro rouco: — Agora acaricie. Quero ver você acariciar seu pau.

Sua mão desliza lentamente sobre a pele sedosa de seu pau, e ele olha para baixo brevemente, fazendo com que uma mecha de cabelo escuro caia sobre sua testa. Ele parece desgrenhado e

completamente à minha mercê. Totalmente delicioso. Meu coração dói em perfeita harmonia com aquele ponto entre minhas pernas.

Quando ele olha para cima, olhos encontrando os meus, sei que estou perdida. Suas bochechas estão rosadas, seus olhos estão selvagens, seu corpo está tenso e tudo que eu quero fazer é tocá-lo. Para fazê-lo se sentir bem.

— Cole — seu nome sai dos meus lábios como uma oração.

E então eu tiro meu cardigã e o deixo cair no chão em volta dos meus pés junto com o resto das minhas inibições.

20



Cole

Meu peito aperta quando seu suéter cai no chão. Seu pijama florido deixa pouco para a imaginação. Eu quero arrancá-lo dela, desnudá-la junto comigo.

Eu me sinto tão vulnerável. Tão longe do meu elemento. Ela sabe sobre mim, sobre tudo – que sou uma bagunça – e ela não está fugindo.

Ela está se aproximando. Cada passo nervoso que ela dá é como um tiro no coração. Ela não está olhando para mim como se eu fosse patético. Ela está olhando para mim como se não pudesse ter o suficiente. Não consigo me lembrar da última vez que uma mulher olhou para mim assim, e isso está despertando um lado meu que não vinha à tona há muito tempo.

Eu mantenho minha mão em movimento, acariciando-me enquanto ela se aproxima de mim lentamente, como se ela pudesse me assustar. Ela não tem ideia do que vai acontecer se ela chegar perto o suficiente para eu tocá-la, no entanto.

Eu estou farto de acabar com essa coisa entre nós.

— Violet. Se você não quer que eu perca completamente o controle, pare exatamente onde você está.

Sua voz é baixa e suas bochechas estão rosadas. — E se eu quiser que você o perca?

É difícil recuperar o fôlego quando ela fala assim. Tão sexy sem esforço. Tão inocente. — Você não sabe no que está se metendo.

— Não, é? — ela reflete com a cabeça curvada. — É como se ser pequena e quieta desse às pessoas a impressão de que sou uma puritana. — Ela mordisca o lábio, os olhos percorrendo meu corpo como se eu fosse seu lanche favorito. — Ficaria chocado ao saber que fechei os olhos e imaginei ser fodida por você por dois anos inteiros? Você é minha fantasia preferida, Cole.

— Violet.

Ela não é dissuadida. Outro passo adiante. — Com minhas mãos. Com meu brinquedo. Com outros...

— Violet — eu mordo. — Eu não quero ouvir sobre isso.

— Ciúme?

Eu aceno, porque estou. O pensamento dela com qualquer homem que não seja eu, tinge minha visão de vermelho. Aponto meu pau em sua direção. Ela está tão perto agora.

Um pequeno sorriso satisfeito toca seus lábios. — Bom.

— Pequena atrevida, é um jogo justo se você vai me provocar assim. — E então minha mão sobressalente dispara, enganchando no cós elástico de seu short minúsculo, puxando-a para mim facilmente.

Seus olhos arregalados e assustados olham para mim enquanto ela estica o pescoço para trás e meu pau duro se projeta em seu estômago. Ela repete a si mesma: — Bom.

Meu coração dispara. Eu nem sei por onde começar. Eu quero tudo dela. Cada centímetro quadrado. Quero beijar as mágoas do passado. Quero dobrá-la e dar-lhe deliciosos novos. Eu quero vê-la gozar uma e outra vez.

Meus dedos encontram a alça fina de sua blusa e gentilmente a escovo de seu ombro antes de fazer o mesmo com o lado oposto. A respiração de Violet sai pesada e irregular quando me inclino e pressiono um beijo em sua bochecha.

Eu os apimento ao longo da linha de sua mandíbula, até a concha de sua orelha, beliscando seu lóbulo e, em seguida, alisando o entalhe com uma sucção suave antes de sussurrar: — Fique de joelhos.

Ela vira a cabeça e me beija nos lábios. Duro. Ambas as mãos delicadas envolvem minha cabeça e sua língua empurra entre meus lábios. Ela tem gosto de pasta de dente de menta e protetor labial de cereja. Ela é deliciosa, e mal posso esperar para provar o que está entre suas coxas.

Ela se afasta, passando as mãos pelo meu peito e abdômen enquanto cai de joelhos diante de mim. A visão dela olhando para mim com aqueles grandes olhos azuis. *Porra.* É tudo que eu sonhei. Meu pau se contrai, e não posso evitar. Eu me abaixo e puxo seus seios por cima de sua blusa, gostando da aparência dela desgrenhada e exposta no chão no meio da minha sala de estar.

— Tão bonita — murmuro.

Seu olhar muda para o meu pau latejante, seus lábios se separam enquanto ela se inclina e lambe a gota de pré-sêmen da cabeça. E então ela cantarola. Como se fosse um pirulito. Como se fosse a melhor coisa que ela já provou, e juro que quase explodo aqui e agora.

Com uma mão na minha coxa e a outra segurando a parte de trás do meu joelho logo acima da minha prótese, ela desliza meu pau em sua boca, não desviando o olhar do meu rosto.

Não tenho certeza do que fiz para merecer isso. Eu nem tenho certeza se sim. Mas a visão de Violet de joelhos por mim viverá em minha mente até o fim dos meus dias.

Sua língua gira e suas bochechas se contraem enquanto ela chupa.

— Jesus, Violet. — Uma das minhas mãos encontra seu cabelo prateado, juntando-o para que não impeça minha visão, e a outra segura seu queixo enquanto meu polegar roça sua bochecha. Sua cabeça balança ansiosamente, deslizando sobre o meu comprimento. Levando-me tão fundo que seu nariz bate em meu estômago. *Que. Porra?* — Você é tão boa nisso.

Ela cantarola novamente antes de pressionar um beijo casto na ponta do meu pau. E eu pará-lo. Este pode ser o melhor boquete da minha vida, mas preciso de mais antes de terminar.

Eu dou um puxão suave em seu cabelo. — Para cima. Naquela poltrona. — Aceno em direção à grande poltrona ao nosso lado e gentilmente a direciono pelo cotovelo.

Ela se move rapidamente e se senta antes de olhar para mim como uma garotinha em apuros, as mãos pressionadas entre os joelhos, os seios espremidos entre os braços.

— Você vai ficar com vergonha de mim agora? — Dou um passo, estremecendo com a dor no meu coto. Mas não me importando.

— Não — ela sussurra de volta. — Vou tirar meu short se você tirar a prótese. Posso dizer que está machucando você.

Eu gemo. Esse é um nível de honestidade para o qual não tenho certeza se estou pronto. Mas quando ela acrescenta: — Não estou usando calcinha. — Eu me curvo e começo a tirar a meia para poder removê-la. Logo que ela se solta, minha perna parece melhor, mas meu cérebro não.

Eu me sinto exposto. Completamente nu, bem na frente da mulher mais linda que já vi. Jovem. Vivaz. Inteira.

— Você é tão gostoso. — As palavras saem dela enquanto ela lambe os lábios, e percebo que ela nem está olhando para o meu toco. Seus olhos estão saltando ao redor do meu corpo com fome, como se ela não pudesse decidir qual parte ela gosta mais. Pura luxúria. Puro desejo. E, de repente, não dou a mínima para a minha perna. Se Hilary era o veneno, Violet é o antídoto.

Eu me inclino, descansando minhas mãos nos braços da poltrona fofa, enquanto me ajoelho diante dela. Ela se inclina para trás e puxa seu short para baixo, e quando ele fica preso em suas coxas, eu lhe dou uma ajuda. Saboreando a sensação dele deslizando sobre sua pele, da flexão de suas panturrilhas

enquanto eu o tiro de seus pés. E então, com uma mão cobrindo cada um de seus joelhos minúsculos, abro suas pernas.

Muito melhor na vida real.

Eu deslizo minhas palmas até a parte interna de suas coxas, dando-lhe um aperto forte ali, antes de deixar uma mão continuar sobre seu monte.

— Oh, Deus — ela bufa, olhando para mim, para minhas mãos, os olhos azuis escurecendo com desejo.

— É com isso que você está sonhando, pequena Violet? — pergunto enquanto a seguro aberta para mim.

— Isso... isso está além.

Eu não posso deixar de rir. — Eu nem toquei em você ainda.

Seus quadris balançam em resposta, e bato no meu peito internamente. Ela está tão ansiosa. Para *mim.*

Eu arrasto um polegar sobre sua costura, e ela choraminga. Então, faço de novo. Com mais firmeza desta vez. Separando os lábios. — Violet. Você está tão molhada para mim.

— Sempre — ela sussurra, e eu gemo com sua confissão.

Por que demorei tanto para chegar aqui?

Eu deslizo meu polegar para dentro dela até o primeiro nó, e ela suspira, seus olhos se fechando. Ela parece tão boa que, desta vez, afundo dois dedos em seu calor úmido, sentindo-a se esticar ao meu redor.

Eu olho para ela, observando aqueles mamilos rosados perfeitos se transformando em pontas duras, observando arrepios

em seus braços. — Eu me pergunto como é o gosto de uma boceta tão bonita.

Seus olhos se abrem bem a tempo de me ver deslizar aqueles mesmos dois dedos em minha boca.

— Jesus Cristo — ela murmura, observando-me com fascinação extasiada enquanto eu a saboreio.

E então eu a puxo para mim e mergulho.

21



Violet

Estou tendo uma experiência fora do corpo. Estou rebatendo tão longe da minha liga. Cole Harding é tão gostoso. Pensei que ele era desde o primeiro dia que ele foi em minha direção no círculo do vencedor. Mais velho. Mais rico. Mais bonito. Mas a visão de seu cabelo escuro e desgrenhado entre minhas pernas é outra coisa.

É primitivo. É uma deliciosa tortura.

A maneira como ele envolve seus braços em volta das minhas pernas. A raspagem de sua barba por fazer contra a parte interna das minhas coxas. Essa maldita língua.

Eu me sinto tão pequena com ele me segurando aberta. Tão exposta. Mas não como da última vez. Desta vez ele está *aqui,* e o jeito que ele olha para mim – sombrio e possessivo – faz meu estômago revirar.

Eu gemo, fazendo um som que tenho certeza que nunca fiz antes deste momento. Um som que normalmente me faria corar. Mas estou além de corar. Meu corpo inteiro está em chamas. Eu sou um grande rubor.

Eu rolo meus quadris em direção ao seu rosto, e ele empurra de volta com mais força, devorando-me, impulsionando-me mais alto. Língua, lábios, dentes, tudo em perfeita proporção. O homem é um mestre.

— Cole... — Emaranho meus dedos em seu cabelo escuro e dou-lhe um puxão suave.

Ele faz uma pausa apenas o suficiente para apimentar alguns beijos doces ao longo da minha coxa.

— Não pare.

Ele ri, e isso rola pela minha pele como eletricidade. Tão profundo e tão privado. Cada vez que ele ri comigo, compartilha desse prazer, parece mais. Ele não apenas dá risadas como se não significassem nada. Com ele é um verdadeiro sinal de carinho. E eu absorvo tudo.

Quando ele desliza dois dedos dentro de mim novamente e os enrola *da maneira certa*, eu desmorono.

— Cole! — Minhas pernas tremem quando as seguro em torno de sua cabeça, e meus dedos se entrelaçam em seu cabelo, apertando no ritmo da pulsação do meu corpo. Puro calor surge através de mim quando meu orgasmo me ultrapassa, fazendo minhas costas arquearem até o limite.

Eu juro que vejo estrelas.

Mas quando desço, não me sinto sem ossos. Eu me sinto voraz. Eu quero mais. Quero ver Cole bater tão alto. Quero vê-lo desmoronar para mim.

Eu o quero dentro de mim.

Meus dedos cavam em seus ombros tonificados, tentando obter apoio, mas eles estão úmidos e acabam deslizando sobre cada músculo. — Suba aqui. Eu preciso de você.

Ele olha para mim por entre minhas pernas, os lábios brilhando, os olhos arregalados e escuros como carvão. — Violet, está tudo bem. Podemos ir devagar. — Ele desembrulha os braços e desliza as mãos até o topo das minhas coxas, olhando para a minha boceta novamente.

Eu agarro seu pulso e o puxo para mim enquanto me inclino e capturo sua boca. Ele geme quando minhas mãos percorrem seus ombros. Eu não me canso de seus ombros. Grandes, redondos e largos.

Segurando-o perto, eu sussurro contra sua bochecha: — Acho que cansei de ir devagar. Quero você por tempo suficiente.

Com um grunhido profundo, ele me agarra enquanto se empurra para cima da cadeira e inverte nossas posições. Agora estou montando nele como ontem à noite no abrigo da floresta. Exceto que desta vez, não há nada entre nós, e o comprimento dele está pressionando diretamente contra mim. Não posso deixar de girar meus quadris, para deslizar sobre ele, para finalmente sentir sua pele na minha.

Ele olha para suas mãos em volta da minha cintura e deixa seu olhar percorrer meu corpo. — Tire a regata. — Sua voz é toda quente agora. Qualquer indício de incerteza fugiu de seu tom.

Eu a tiro instantaneamente, não me sentindo tímida por estar completamente nua na frente de Cole. De jeito nenhum. Já estive aqui antes. Eu sabia menos sobre ele então – menos sobre o tipo

de homem que ele é. Porque se aprendi alguma coisa no último mês, é que Cole Harding é um *bom* homem. Quebrado, e sensível, e bom *pra* caralho.

Eu também não tive o benefício de ver o jeito que ele está olhando para mim agora, que é puro espanto. Luxúria não adulterada. Fome intensa.

— Eu não tenho camisinha. — Ele nem mesmo olha para mim enquanto diz isso.

Eu fico de joelhos, pairando sobre seu colo, sentindo a cabeça de seu pênis balançando contra a parte interna da minha coxa.

— Estou no controle de natalidade. Não me importo. Eu quero sentir você dentro de mim.

— Jesus Cristo, Violet. — As pontas de seus dedos pulsam na minha cintura enquanto ele me levanta para nos alinhar perfeitamente. — Eu vou assistir você tomar cada centímetro — ele murmura enquanto me abaixa de volta para ele. Eu sinto o alongamento, a plenitude avassaladora, enquanto deslizo ao longo de seu pau lentamente, seus dedos cavando em mim com força. Eu suspiro com o sentimento. Com o conhecimento de que ele está realmente dentro de mim. — Boa menina. Cada maldito centímetro. — Com a ousadia de suas palavras.

Sua voz é crua e meus nervos estão em frangalhos. Eu quero que ele me desfaça e nunca mais me recomponha. Nós dois olhamos para onde estamos unidos. Nada entre nós. Apenas nós dois. Juntos.

Finalmente.

Seu aperto encontra meu queixo e ele me beija rudemente, com tanta paixão que me deixa sem fôlego. Eu me provo em sua língua enquanto ela desliza em minha boca, e movo meus quadris no ritmo que ele estabelece.

Cada passagem de sua língua corresponde ao giro da minha pélvis. Sua mão percorre meu corpo, deixando um rastro de calor abrasador. Eu sinto cada cume dele, cada centímetro de espessura, enquanto seus quadris empurram e me encontram, empurrando seu comprimento em mim com abandono crescente.

Nós duelamos. Nós derretemos. Nós curamos.

Não preciso de palavras poéticas ou grandes desculpas de Cole. Esse não é o homem que ele é. Só isso. Abrindo-se para mim assim, amando-me assim, é como ele me mostra. A frase *ações falam mais alto que palavras* nunca se aplicou a outro ser humano de forma mais adequada.

Cole Harding não estaria me fodendo assim se não se importasse comigo, e sei disso. Eu me sinto como uma rainha se contorcendo em seu colo enquanto ele puxa sua boca da minha e a arrasta para baixo em minha garganta e sobre minhas clavículas.

— Você é linda pra caralho — ele sussurra enquanto captura meu mamilo em sua boca pecaminosa. Seus dentes roçam, e eu assobio. — E tão preciosa. — A língua achatada alivia a dor. E então ele olha para mim, parecendo completamente e totalmente deslumbrado. Parece que ele está adorando no meu altar nesta sala escura. Suas mãos pairam trêmulas sobre minhas costelas. — Você é tão preciosa para mim.

Não consigo evitar que minhas mãos passem por seu rosto, meus dedos traçando aquela cicatriz que corta sua testa, enquanto olho para ele, sabendo que nunca mais vou querer deixá-lo ir depois disso. — Não me deixe ir desta vez.

Sua garganta balança, e acho que seus olhos podem arder, assim como os meus, quando ele acena para mim. — Eu não vou.

— Bom. Agora me faça gozar de novo.

Ele se move forte e rápido em mim, segurando meus quadris e manipulando meu corpo da maneira mais dominante. Minhas coxas batem contra as dele enquanto ele me levanta e me bate em seu comprimento uma e outra vez.

A transpiração umedece seu peito, e suas bochechas estão coradas quando ele bufa: — Deixe-me ver você esfregando esse clitóris, Violet. Goze no meu pau.

Minha mão sai de seu ombro enquanto me inclino um pouco para trás. Acho que suas palavras podem ser suficientes para me levar ao limite, e bastam alguns golpes lisos com meus dedos para que eu atinja aquele crescendo novamente. O calor se acumula na base da minha espinha enquanto meu orgasmo ruge para a vida.

— Cole! — grito assim que aquele ponto abaixo dos meus quadris dói e os arcos dos meus pés se contraem.

Eu caio para a frente em seu peito, úmida e gasta, e completamente à sua mercê enquanto ele bombeia em mim algumas vezes, atingindo cada ponto sensível enquanto ele faz.

E com um impulso poderoso, ele congela.

Ele aperta os braços em volta de mim, prendendo-me enquanto ele se agarra a sua preciosa vida e se derrama em mim.

Peito a peito.

De coração para coração.

U

Um banho quente nunca foi tão bom. Em parte, porque meu corpo está gloriosamente dolorido do melhor sexo da minha vida, e em parte porque estou sentada em frente ao homem mais deliciosamente sexy que já conheci.

Depois de nosso tempo na sala de estar, nós dois estávamos uma bagunça pegajosa. Bagunça desossada, ofegante e pegajosa. Eu não sabia o que dizer depois de um sexo assim, mas sabia que seu coto estava machucado e dolorido por causa da prótese sobressalente, então me levantei e preparei um banho para nós.

Este banheiro tem a melhor banheira com pés de garra. Eu achava que era grande antes, mas olhando para Cole sentado do outro lado, não parece mais tão espaçosa.

O vapor sobe entre nós. Cheira a eucalipto dos sais de Epsom, que tem o benefício adicional de ser bom para dores – e para água de banho perfeitamente limpa.

E sim, não consigo parar de espiar o monstro entre suas pernas.

As mãos de Cole estão em volta das minhas panturrilhas enquanto descansam em suas coxas, e sua cabeça está inclinada para trás contra a banheira, os olhos fechados. Estou positivamente explodindo de perguntas, mas também não consigo parar de admirar seu corpo. É como uma obra de arte. Um testemunho de longas horas gastas curando, adaptando e sobrevivendo. Prova viva de sua força e resiliência.

Um maldito deleite.

Meus olhos vagam por sua perna, aquela que termina logo abaixo do joelho. A cicatriz vermelha no final do toco, a pele enrugada toda puxada para fechar a perna que eles não conseguiram salvar. Mas principalmente eu fico olhando para seu pau enorme. Na verdade, tenho dificuldade em desviar o olhar.

Sim, estou olhando muito e nem me sinto mal. O homem parece um boneco Ken bem-dotado e de alguma forma ele está magicamente interessado em *mim*. Um rato de rancho de uma pequena cidade de cowboys. A esquelética pequena Violet Eaton.

— Tem certeza de que não faz sexo há anos? — eu deixo escapar, porque não consigo conciliar este homem mais velho gostoso, rico e bem-sucedido, interessado em mim ou mantendo isso em sua calça por *anos*.

Ele não olha para cima, mas vejo uma curva de bochecha e sinto seu polegar esfregar em um círculo na minha panturrilha.

— Eu sabia que você tinha perguntas. É como se eu pudesse ouvir as engrenagens girando em sua cabeça.

— Quero dizer, *vamos lá.* Olhe para você. Você realmente quer me dizer que não faz sexo desde... ugh. Não quero nem dizer o nome dela. Estou com ciúme, e é tão ridículo. — Desde que a cara dela decolou?

Seus ombros tremem com uma risada silenciosa, mas ele ainda não abre os olhos. — Havia alguns no início. Encontros aleatórios com uma estranha onde eu não teria que tirar toda a roupa. Tipo, apenas a curvei e...

— Ok. Eu tenho a essência.

Ele ri de novo e espia um olho aberto para mim e me pega mordendo meu lábio nervosamente. Ele sabe que estou com ciúme, mas não me questiona; ele apenas diz: — Tudo o que me ensinou é que não gosto de sexo casual.

— Ok..., mas anos? Você pode ter quem quiser.

Ele grunhe. Como se ele não concordasse com a minha avaliação. — Talvez eu não queira qualquer uma. Acho que gosto de estar em um relacionamento. Provavelmente é por isso que me apressei em um noivado antes. Mas ela não me queria; ela queria a ideia de mim. O status. — Ele suspira e se senta mais reto. — Você...

Meu coração dá uma guinada no meu peito. *Eu o quê?*

— Você ficou por aqui quando não sabia nada sobre mim. Como se você gostasse da minha companhia ou algo assim – e ninguém gosta da minha companhia. Não mais. Mas você era como uma mariposa que sabia que iria queimá-la, eventualmente. Linda e inocente. E forte. E eu estava com tanto medo de deixar você

chegar muito perto, de me abrir. Mas você nunca forçou minha mão. Você apenas silenciosamente me fez precisar de você... — Ele esfrega a barba por fazer com uma mão. — E então você foi embora, e eu disse a mim mesmo que estava certo o tempo todo – que todo mundo me deixa. Até que o universo riu na minha cara e empurrou você de volta para a minha vida.

Solto uma risada ofegante e pisco rapidamente, revirando suas palavras em minha mente. — Meio que sim, não é?

— E então você era apenas você mesma. Você não perdeu o ritmo. Você voltou para mais. Forçou-me a sair da minha concha. Tão implacável. Totalmente me consumindo. É como se você tivesse visto todos os meus cantos mais sombrios e não desse a mínima para eles. Você não está com medo. Você não olha para mim como se eu fosse trágico. Você me olha como se fôssemos inevitáveis.

Minha garganta dói e meus olhos ficam vidrados. Eu olho para ele com um sorriso aguado, porque não confio em mim para falar. O que eu não digo é... é *isso* que me assusta.

Somos completamente inevitáveis.

22



Cole

Pela segunda manhã consecutiva, acordo com Violet aninhada em meu peito. Ela está enrolada em mim como se não pudesse chegar perto o suficiente. Mãozinhas agarrando a camiseta branca que estou usando, apertando-a para me manter perto.

Eu sorrio, gostando da aparência. Gostando do pensamento de que ela me quer por perto. Gosto de acordar ao lado dela, sentir o cheiro dela em meus lençóis. Mesmo o ronronar não me incomoda. Alguém tão pequena e delicada fazendo esse barulho é simplesmente encantador.

O sol entra pelas janelas do quarto, lançando um brilho cintilante sobre seus cabelos claros. Ela parece absolutamente angelical. Com os lábios carnudos de pétalas de rosa ligeiramente separados, não posso deixar de pensar em deslizar meu pau entre eles, o jeito que ela se ajoelhou diante de mim e olhou nos meus olhos.

Eu me sinto inchar. *Porra.* Aquilo foi algo que nunca vou esquecer. Ela pode ter sido a de joelhos, mas parecia mais que eu era o único implorando. Mesmo esta manhã, sinto que deveria me

beliscar. Uma mulher como Violet me quer. E eu não posso envolver minha cabeça em torno disso.

Ela perguntou por que ela quando eu poderia ter quem eu quisesse. Um comentário que ainda me faz balançar a cabeça. Sou um homem de 36 anos sem nada para mostrar pelos meus anos na terra, exceto uma empresa que me foi passada e uma boa dose persistente de TEPT de um pai morto e uma perna estourada. Nenhuma casa. Sem amigos. Sem filhos. Sempre quis filhos, mas aqui estou sem nenhuma dessas coisas no horizonte.

E entra Violet, com todas essas coisas prontamente disponíveis para ela, e ela quer o quê? *A mim?* Simplesmente não consigo conciliar. Eu nem tentei fingir que sou outra coisa. Tenho sido grosseiro, inacessível, e o estranho tempo que dei em seu fascínio, acabei empurrando-a para longe como se ela não fosse nada.

Eu percebo que ela pode ser tudo.

A luz no fim do túnel escuro. A luz do sol de que minha existência sombria tanto precisa. Eu não posso me impedir de roçar meus lábios em sua têmpora. Ela parece tão preciosa em meus braços agora.

— Oi — ela murmura baixinho, aninhando-se contra o meu peito.

— Desculpe. Eu não queria acordar você.

— Estou feliz que você fez. Essa é uma ótima maneira de começar o dia.

Meu coração troveja contra minhas costelas. *Ela está falando sério?*

Desta vez, pressiono um beijo em seu cabelo e seguro a parte de trás de sua cabeça, ainda surpreso por ela estar me deixando tocá-la. Ela é tão preciosa.

— Que horas são? — Ela nem põe a cabeça para fora do nosso pequeno casulo.

Eu olho para a mesa de cabeceira. — Oito.

Ela geme. — Eu preciso ir.

— Por quê?

— Para a cidade. Eu tenho cavalgadas hoje em alguns dos cavalos mais jovens desde o início. E então DD está em jogo esta noite. Você vai assistir?

Sua voz soa tão esperançosa. Engulo em seco. Não gosto de assistir às corridas nos melhores momentos. Mas agora? Depois disto? Ter que assistir Violet em um cavalo, correndo a uma velocidade vertiginosa, sobre o terreno onde vi meu pai morrer? Parece impossível. Aterrorizante.

Parece que preciso ligar para Trixie e confessar alguma merda.

— Claro — eu digo rigidamente enquanto passo a mão por suas costas esguias, sentindo-a subir e descer a cada respiração. Algo que parece reconfortante enquanto tento não me fixar na ideia de ela se machucar lá fora. Ou pior.

Ela desliza a mão sobre minhas costelas e aperta. — Eu vou ficar bem.

— Eu sei — murmuro de volta.

A mentira tem um gosto amargo na minha língua. Não sei se ela vai ficar bem. Não posso prever esse tipo de coisa. As palavras parecem baratas, mas eu as digo porque sei que são o que ela quer ouvir.



O tráfego que entra na cidade é desagradável. Acho que depois de mais de um mês morando em Ruby Creek, eu me acostumei a chegar a qualquer lugar que preciso em poucos minutos e sem encontrar ninguém.

Algo que aprecio. Não ter pessoas em todos os lugares o tempo todo é preferível ao barulho, à bagunça e à sensação de colônia de formigas do centro de Vancouver. Apenas um bando de formiguinhas trabalhadoras irracionais correndo para o trabalho para pagar o aluguel a mais – ou Deus me livre, uma hipoteca. O mercado imobiliário nesta cidade é absolutamente criminoso.

Eu poderia pagar por um se quisesse, mas é o princípio. Um bangalô decadente em um terreno pequeno não deveria custar a uma pessoa mais de um milhão de dólares. Eu vi como as pessoas vivem em outras partes do mundo, e o excesso desta cidade me irrita. É um desperdício.

Talvez isso seja algo que passei a apreciar na vida no campo e nos residentes de cidades pequenas. Eles vivem bem dentro de seus meios. Pessoas trabalhadoras que não estão tentando

acompanhar os Jones. É como outro mundo. Um mundo menor, mais silencioso e mais real, onde as pessoas trabalham para aproveitar o que têm, em vez de trabalhar para comprar algo que possa impressionar seus amigos.

Apenas uma mentalidade completamente diferente. Uma que eu gosto – com a qual posso me alinhar mais do que pensei inicialmente.

Já que o tráfego não parece estar indo a lugar nenhum – em uma maldita tarde de domingo – eu decido que posso morder a bala e ligar para Trixie. Algo que tenho evitado fazer, porque, sinceramente, não sei como ela vai reagir a tudo o que está acontecendo.

Eu fui ao fundo do poço? Isso está acontecendo muito rápido? Parece rápido. Nós nem conversamos sobre o que estamos fazendo. Violet me beijou docemente, profundamente, quando saiu de casa esta manhã e depois entrou no carro e foi embora.

Tudo o que ela disse foi: — Até logo. — E estou tão sem prática com mulheres que nem sei o que isso significa.

Eu deixei escapar mais coisas para ela ontem à noite naquela banheira do que já disse a qualquer um, além de Trixie, e ela não saiu correndo gritando pelas colinas. Então, onde isso nos deixa? Eu me sinto como um adolescente novamente. Posso apenas deixar um bilhete para ela como eu teria feito naquela época?

Quer ser minha namorada? Marque sim ou não.

Eu zombo quando coloco meu dedo na tela do meu telefone e ouço o filtro de toque através do meu sistema Bluetooth.

A voz de Trixie ecoa pela cabine da minha caminhonete, fazendo-me estremecer e ajustar o volume. — Cole. É um domingo.

— Eu fiz sexo. — Isso deve mudar a atitude dela.

Os alto-falantes ficam quietos por algumas batidas. — Sexo de verdade? Ou sexo na internet?

Por que todo mundo continua chamando assim? — Sexo de verdade.

Ela solta um longo assobio. — Como foi?

— Jesus Cristo, Trixie. Isso é algo que os terapeutas perguntam a seus pacientes?

— Ah! Não vejo por que não. Se você vai me ligar em um domingo como se eu fosse um amigo, é melhor eu fazer as mesmas perguntas que alguém assim faria.

Eu gemo. Trixie é tudo menos uma terapeuta comum. Claro, isso é realmente o que eu gosto nela. Por mais triste que pareça, ela também é uma das coisas mais próximas que tenho de uma amiga genuína. E eu pago a ela.

— Foi... muito pesado.

— Esmagadoramente... bom?

— Sim — eu mordo, sentindo-me desconfortável, embora eu seja a pessoa que ligou para ela.

— Ok. E onde você conheceu essa pessoa?

— Foi com Violet.

Juro que posso sentir o sorriso de Trixie pelo telefone. Ela passou o último ano me dizendo que eu precisava morder a bala e

estender a mão para Violet. Dizer algo. *Qualquer coisa.* Em vez de fingir que ela não existia. Que mesmo que não fosse a lugar nenhum, eu poderia me sentir melhor apenas tirando tudo do meu peito.

Mas continuei adiando, dizendo a mim mesmo que acabaria fazendo. Tudo o que tinha a fazer era dirigir até a fazenda e falar com ela. Mas não, em vez disso, eu me escondi na sala do proprietário e fiz uma careta para ela durante todas as corridas que ela correu. Eu não tinha perdido muitas desde que descobri quem ela era. Aquela em que Cassel a levou para baixo, porque eu estava ocupado me mudando para Ruby Creek, e ontem, quando eu estava muito cansado e muito dolorido de nossa aventura na montanha para fazer isso. Parecia errado não estar lá. Como se eu tivesse mantido um relacionamento secreto com ela no último ano, do qual ela não fazia ideia.

Porque eu tinha. Escrever para ela no chat, observá-la do camarote, receber atualizações de Vaughn, que sempre me olhou com desconfiança como fazia. *Você é tão idiota, Harding.*

— Estou feliz por você, Cole — diz Trixie. Como se ela não achasse que eu estraguei tudo.

— É isso? Sem palavras de sabedoria? Nenhum conselho? Sem repreensão?

Ela cantarola. — O que você gostaria que eu lhe dissesse?

— Não sei. Algo. Nada? Ela é jovem. Talvez eu seja um idiota.

— Ela é maior de idade? Ela consentiu?

Quero sentir você dentro de mim, foi o que ela disse, e Trixie sabe que Violet já está na casa dos vinte. Ela só está pedindo para provar um ponto.

— Sim.

— Então não vejo o problema — ela diz simplesmente.

— Ela é tão vivaz. Realmente indo a algum lugar, sabe?

— E você não é?

Eu gemo. Ela sempre faz isso. Gira de volta em mim.

— Não sinto que sou.

— Ok. E você já perguntou a ela como ela se sente? Você acha que uma mulher que você descreveu para mim como inteligente e indo para algum lugar se envolveria com alguém que ela considera um peso morto? O que isso diria sobre ela?

Meu cérebro retrocede para seguir sua lógica. Mas eu vejo o que ela está dizendo. Se Violet é quem eu disse que ela é, então ela deve ver algo em mim que não consigo ver em mim mesmo.

Ela toma meu silêncio como resposta. — Presumivelmente, ela sabe sobre sua perna agora?

— Sim. — Esfrego meu rosto, lembrando como senti como se meu mundo estivesse desmoronando naquele dia na montanha. Como senti que queria me dissolver no caminho de terra para evitar que ela soubesse disso. — Minha prótese apresentou defeito em nossa caminhada. Ela sabe sobre isso em detalhes gráficos — eu cuspo a última parte, ainda odiando o quão incapaz isso me faz sentir.

— E qual foi a resposta dela?

Eu penso nas piadas de pular e rastejar que ela fez e suspiro. — Ela não parecia se importar nem um pouco.

— Há dois anos venho lhe dizendo que ninguém se preocupa com sua perna, exceto você.

Não posso deixar de rir ao me lembrar das poucas vezes que Trixie me disse isso. *Você não é um floco de neve especial. Pare de agir como um.*

— Acho que precisava de provas. O universo forçou minha mão com isto.

— Tem um jeito engraçado de fazer isso, não é?

O tráfego rasteja em direção ao Bell Point Park enquanto reflito sobre essas palavras. Todas as maneiras que eu teci Violet no tecido da minha realidade. Quão inevitável ela se tornou.

— Acho que sim — eu medito. — Eu só não quero segurá-la.

— Mas você quer ficar com ela? — Trixie parece muito esperançosa. Eu quase odeio confessar isso a ela.

— Sim — respondo, porque eu quero. Tenho evitado admitir isso para mim mesmo, mas é verdade. Eu quero Violet como muito mais do que uma amiga ou namorada, e definitivamente mais do que uma coisa única.

— Então não a segure. Fortaleça-a. Seja o maior fã dela.

Toda aquela esperança brotando no deserto empoeirado que é meu coração, murcha. Posso me obrigar a apoiá-la quando mal consigo pensar nela na pista? E por que diabos o universo a

colocaria no meu caminho quando mal posso suportar a ideia de dar um beijo de despedida nela para fazer exatamente o que matou meu pai?

— E Cole — ela acrescenta — fale com ela.

Certo. Fale com ela.

U

Eu estou na sala do proprietário ao lado do meu irmão, olhando para a pista. Está quase na hora da corrida das apostas e sinto que vou vomitar. Cruzo os braços sobre o peito e aperto, tentando empurrar para baixo o pânico que está subindo dentro de mim.

— Parece que você vai matar alguém. — Vaughn toma um gole de seu uísque e me lança um olhar brincalhão. Sempre brincando. Como deve ser se sentir tão despreocupado? Eu gostaria de saber.

Eu apenas resmungo. Estou bem em parecer que posso matar alguém. Isso significa que minha cara de pôquer ainda está intacta, porque definitivamente não quero parecer que vou ter um colapso. Ou pior, como um idiota apaixonado. E mais ainda, não quero falar sobre meu passado com Violet agora que ele sabe disso. Na verdade, estou um pouco surpreso por ele ainda não ter contado uma piada sobre isso.

— Cavalheiros — ouço atrás de mim e me viro, ficando cara a cara com um homem que nunca vi antes. Cabelo loiro escuro, nariz torto, terno caro. Ele parece um idiota total.

— Dalca — Vaughn diz, sua voz ficando fria depois de me provocar alguns momentos atrás. — Com o que posso ajudar?

Ah, este é Stefan Dalca. O homem que quase levou meu irmãozinho para passear. O homem que emprega Patrick Cassel, o idiota que fez Violet cair. Eu quero matar os dois.

— Eu só queria me desculpar pelo comportamento de Patrick Cassel. Ele não é mais empregado por mim.

Ok, eu quero matá-lo um pouco menos agora. Talvez apenas o mutilasse. Quebrar esse nariz de novo. — A pessoa a quem você deve um pedido de desculpas é a Srta. Eaton.

O homem vira seus olhos de falcão em minha direção. Eles são inteligentes, escaneando – totalmente confiantes demais. Eu não confio nesse cara tanto quanto posso jogá-lo.

— Eu vou rastreá-la. — Seus lábios se abrem em um sorriso malicioso que eu não quero nada mais do que apagar seu rosto. Mas em vez disso, aceno. Meus dias de perder o controle estão para trás. Eu tenho problemas diferentes agora. — Boa sorte hoje. — Ele estende a mão como se eu fosse cumprimentá-lo.

Eu olho para ele e, em seguida, mudo meu olhar para o rosto dele. Não estou apertando a mão desse cara. Tudo o que estou dando a ele é um olhar indiferente. Vaughn faz o mesmo.

— Ok. Clientes difíceis — ele diz com uma risada antes de se afastar. Eu posso ver por que Billie odeia o cara. Ela não é nada senão uma excelente juíza de caráter.

— Legal. Adoro quando você fica todo glacial assim. É aterrorizante *pra* caralho. — Ele bebe novamente com um grande

sorriso pateta no rosto. — Violet é uma mulher mais corajosa do que eu.

Aí está. Eu mudo meus olhos para Vaughn, que parece uma criança na manhã de Natal, muito animado para ver minha reação a esse comentário.

— E Billie é uma mulher mais paciente do que eu.

Vaughn dá uma gargalhada alta que faz as pessoas olharem em nossa direção enquanto seus ombros tremem. — Obrigado por isso — diz ele, olhando para trás ao longo da pista. — Ali estão elas!

Ele aponta para Violet, sentada em cima de um cavalo escuro brilhante em sedas pretas e douradas combinando, seu cabelo champanhe trançado nas costas. Sinto instantaneamente náuseas ao vê-la lá fora, mas engulo.

Eu não quero ser aquele cara. E não quero que meu irmão bisbilhoteiro saiba que me sinto como aquele cara.

DD saltita ao lado do cavaleiro do pônei que os conduz ao longo da trilha, e fico feliz que alguém esteja lá para acompanhá-los com segurança. Alguns cavalos estão realmente irritados, pulando, mas não o pequeno garanhão. Ele saltita lentamente, como se soubesse que é chique – perfeitamente confiante. Violet também parece assim. Parada e quieta, uma mão acariciando para cima e para baixo o pescoço musculoso do cavalo.

Eu não deveria estar nervoso com esta corrida. Não é um grande negócio. É um qualificador. Mas estou. Meu peito está

apertado e sinto que minha garganta está tentando rastejar para fora da minha boca.

Eu cruzo meus braços sobre o peito novamente enquanto eles carregam os portões. Sei que DD fica nervoso lá, porque ouvi Violet falar sobre isso. Também sei que os jóqueis podem se machucar lá se as coisas correrem mal. Meus dedos envolvem meus polegares debaixo do meu bíceps e apertam com força. Talvez se algo doer, eu consiga controlar minha ansiedade e me concentrar em outra coisa.

O sino toca, os portões se abrem e a linha de cavalos surge em uma massa de cascos batendo e terra voando. Violet e DD ficam previsivelmente para trás. Este é o jogo deles, o movimento deles.

Meus dentes rangem enquanto a observo afundar na amura. Então, em sincronia, movendo-se no mesmo ritmo do cavalo enquanto ele se estica embaixo dela. Ele é um garanhão meticuloso, mas Violet não se importa. Ela o deixa ser peculiar e usa isso a seu favor, tornando-o uma característica vencedora em vez de forçá-lo a ser um tipo de cavalo que não é.

Eles ficam atrás – não muito atrás – no primeiro trecho. Mas quando eles se movem para a primeira curva, seu foco muda. Violet se move mais para baixo, empurra as mãos mais para cima no pescoço dele, e ele sobe pelo meio, abrindo caminho para o bando.

Exatamente onde *aconteceu.* O deslizamento. A queda. Os cascos. E uma forma imóvel na terra enquanto o pelotão continuava a se dirigir para a linha de chegada. Como se um homem na terra não fosse nada.

Já se passaram *anos* e essa imagem ainda está gravada em minha mente. Ninguém parou. Ninguém voltou. No exército, *sempre* voltávamos. Mesmo que fosse apenas por pedaços.

Um cavalo cinza se move na frente de Violet, e eu respiro fundo. Vaughn percebe, mas não diz nada. Ele apenas me espia com o canto do olho. Violet recua, jogando pelo seguro, procurando uma abertura. E quando ela não vê uma saindo daquela curva final, ela o leva para longe. Isso significa que eles serão forçados a cobrir mais terreno.

Mas se alguém pode fazer o movimento, é esta dupla. Até eu sei disso. Murmúrios rolam pelo camarote enquanto ela se achata e empurra os braços para DD enquanto seu passo devora o chão. Eu sei que ele não é um cavalo grande, nem mesmo especialmente pernalta para os padrões dos cavalos de corrida, mas o pequeno spitfire não deixa que isso o detenha.

É realmente um espetáculo para ser visto.

Conforme eles se aproximam da linha de chegada com uma pista totalmente aberta, sinto meu pavor gelado se transformar em algo mais quente. Excitação. Ela está prestes a fazer isso de novo. E eu estou tão orgulhoso.

Trabalho duro, suor e sua determinação feroz estão valendo a pena. Uma pequena caipira com uma perspectiva inabalável e uma positividade infalível está realizando seus sonhos. E eu a admiro muito por isso.

Eles voam pela linha de chegada, e é apertado com DD e o outro cavalo praticamente cara a cara. Para ser honesto, não sei dizer quem ganhou. Mas não me importo. Tudo que eu quero fazer

é ver Violet. Percebo neste momento o quanto eu preciso dela – desejo. Eu quero correr minhas mãos por todo o corpo dela. Preciso senti-la. Saber que ela está bem. Não sentia esse nível de ansiedade desde logo após minha alta, quando não conseguia nem ouvir a porta de um carro bater sem pular. *Você está perdendo a cabeça, cara.*

— *A photo finish*[2] — Vaughn murmura enquanto balança a cabeça e balança as chaves no bolso.

Parece que não sou o único com os nervos em frangalhos, mas ele fica aqui, porque Billie fica ansiosa. Ela não gosta dele em seu espaço quando está trabalhando, algo que posso apreciar. De repente, percebo que não sei do que Violet gosta. Será que ela me quer lá embaixo? Seremos uma coisa em que isso é uma opção? Não tenho certeza se poderia lidar com isso. E agora? Depois da corrida? Espero até hoje à noite, de volta ao rancho? Amanhã? Sigo-a como um cachorrinho triste? *Tão idiota, Cole.*

Eu gemo, odiando o quão incerto eu me sinto sobre essa coisa toda. Odeio me sentir fora de controle. É nessa hora que acontecem os acidentes. As missões dão errado. As pessoas se machucam.

Corações ficam partidos.

— Tenho que ir — digo a Vaughn enquanto me viro para sair antes que ele possa ver meu rosto. Porque, por melhor que eu seja em esconder minhas emoções, sinto que elas provavelmente estão escritas em mim agora. Não me importo com os resultados da foto na linha de chegada; só preciso de Violet.

---

[2] *Photo finish* é uma tecnologia empregada em desportos, que reproduz a imagem da linha de chegada, ajudando assim a saber quem foi o vencedor.

Atravesso a multidão no camarote, indo para a saída, desço as escadas, saio pela porta e entro no calor abafado. Em vez de virar para a pista, sigo na direção dos celeiros.

Vou ver Violet, porque parece certo. E se eu pensar muito nisso, deixarei que minha incerteza me dissuada. Deus sabe que a mulher já se expôs várias vezes para mim, para me conhecer. E eu tenho sido um idiota fechado sobre isso, pegando muito mais do que dou.

Qual é o pior que poderia acontecer? Ela me dizer que agora não é um bom momento? Ela estar ocupada? Parece-me que já enfrentei desastres maiores por menos recompensa.

Entro no celeiro e viro para a fileira de baias com a placa do Gold Rush Ranch na entrada. Mira, a veterinária, está em uma baia mexendo no que parece ser uma grande caixa de ferramentas.

— Onde está Violet?

Ela se vira e olha para mim lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo. — Desculpe?

— Eu disse...

— Não — ela me interrompe — eu sei o que você disse. Mas você deixou de dizer isso educadamente.

Minha mandíbula aperta. O que há com todas as mulheres insanamente libidinosas do Gold Rush Ranch? Vaughn tornou isso um requisito de trabalho? Até Violet não é tão educada como costumava ser, o que é bom. Billie e Mira são boas para ela. Mas cara, ser criticado o tempo todo é cansativo. É como se eu estivesse vivendo entre um bando de jovens Trixies.

Suspiro dramaticamente enquanto tento novamente. — Desculpe. Você viu Violet?

— Eu sabia que você não era tão ruim quanto Billie faz parecer — canta a mulher de cabelo preto. *Maldita Billie.* — E não. Imagino que ela esteja pesando. Siga por ali e você provavelmente vai se deparar com ela. — Ela aponta para o lado oposto do beco escuro.

— Obrigado. — Eu aceno enquanto sigo nessa direção.

Ela apenas pisca para mim. Como se ela soubesse que eu sou um caso perdido. Mas quando viro a esquina, tudo em que consigo pensar é em Violet. De joelhos. No meu colo. Na minha cama.

É como se ela tivesse derrubado todas as paredes ao meu redor, e agora eu não consigo me impedir de derramar em todos os lugares. Estou escorrendo por toda a porra do lugar. Quando saio para o caminho ensolarado, vejo Violet vindo em minha direção, usando um vestido simples azul que combina perfeitamente com seus olhos. Seu cabelo está preso em um coque apertado, e seu sorriso é ofuscante quando ela me vê.

— Ei, você! — ela chama com um pequeno aceno e um pequeno salto em seu passo. — Estou tão feliz que você está aqui! Nós ganhamos!

E então eu vou completo homem das cavernas.

23



Violet

Quando vejo Cole saindo do celeiro, não posso deixar de sorrir. Quando chego perto o suficiente dele, desvio o olhar. Ele é tão bonito que dói. Ele parece uma nuvem de tempestade, escuro e ameaçador, e problemático para minha calcinha. Mas eu sei melhor, ele é um cachorrinho grande...

Eu perco minha linha de pensamento quando ele envolve sua mão em volta do meu pulso e me arrasta de volta para o celeiro.

— O que está errado?

Ele nos puxa para o galpão escuro e depois direto para uma baia vazia. Quando ele me vira para encará-lo, ele é todo olhos de aço e linhas duras. Ele avança e eu me afasto. Não porque estou com medo. Mais porque não confio em mim mesma para não entrar em combustão sob um olhar desses. Não acredito que estava prestes a chamar o homem de cachorrinho. Meus mamilos raspam contra meu sutiã e pressiono minhas coxas juntas enquanto bato na parede.

Eu levanto uma mão para detê-lo. — Cole. O que está errado?

— O que está errado? — Sua voz é baixa. — O que há de errado é que não consigo parar de pensar em você. E esses seios perfeitos. E essa boceta apertada. E esses lindos lábios.

Eu gemo e sinto meu rosto ficar rosa. Ele pode ter estado vulnerável ontem à noite, mas *este* é o Cole de que me lembro. Rude e imundo, e tão sexy. O homem que poderia me levar aos meus limites – exatamente para onde quero ir.

Tento dizer alguma coisa, mas meus lábios simplesmente abrem e fecham como um peixe fora d'água. Como uma garota fora de seu alcance.

— Você está de calcinha desta vez? — Seus olhos intensos me examinam, deixando um rastro de faíscas com seu olhar.

Eu fico vermelho puro, da cabeça aos pés, e olho ao nosso redor. A baia é mais baixa do que o beco com apenas tapetes de borracha, e estamos no canto atrás da parede da frente. Ninguém nos veria, a menos que entrasse especificamente na baia.

Eu rolo meus ombros para trás e o olho bem nos olhos, recusando-me a ser tímida como Violet. Eu troquei essa pele há muito tempo – pelo menos, na minha cabeça eu fiz. — Sim.

— Vire-se.

— O quê? — Sinto meus olhos saírem das órbitas.

— Eu disse para se virar. — Meu sangue corre em minhas veias enquanto respiro fundo e me viro para a parede de madeira da baia. — Você me deixa louco. Você sabe disso? — Ele se aproxima, e sinto seu calor ao longo de toda a extensão das minhas costas, sua respiração na minha nuca.

— Bom — eu respondo honestamente. — Serve bem para você.

Sua respiração sibila, e ele finalmente coloca as mãos em mim, bem onde minha cintura aperta. E então ele está pegando punhados do meu vestido, puxando-o para cima, a bainha fazendo cócegas na parte de trás das minhas coxas nuas enquanto ele sobe. — Eu deveria bater em você por falar assim.

Eu gemo e balanço minha bunda, roçando-a contra a protuberância dura na frente de sua calça.

— Você gostaria disso, não é?

— Sim — eu expiro.

Em um minuto, estou no meu elemento: galopando em direção à linha de chegada, vencendo uma corrida, esperando os resultados e pesando; no próximo, estou curvada e me esfregando no homem em quem não consigo parar de pensar. Sendo espancada por ser tagarela. Sua palma pousa rápida e segura contra a bochecha nua da minha bunda, e eu não posso evitar o gemido necessitado que se derrama sobre meus lábios. A picada se transforma em calor, e eu amo a sensação disso.

Hoje é um bom dia.

Uma de suas mãos pressiona entre meus ombros, e ele chuta meus pés com autoridade perfeita, controle total. Sobre si mesmo e sobre mim.

Um arrepio percorre minha espinha e me submeto ao seu toque, permitindo que ele me incline para a frente. Está tudo bem eu ser ferozmente independente em todos os lugares, exceto quando as mãos dele estão em mim? Porque agora tudo que eu

quero fazer é exatamente o que ele me diz e apenas deixar ir por um tempo, não tentar tanto por alguns minutos. É viciante. Libertador.

Minha respiração vem em jorros irregulares enquanto ele coloca minha saia na parte inferior das minhas costas e engancha os dedos em minha calcinha rendada, arrastando-a para baixo, deixando-a esticada entre minhas coxas. Ele passa as mãos pela minha bunda, dando um aperto apreciativo. — Você parece absolutamente comestível com um pouco de rosa nessa bunda, Violet. — Sua voz é baixa, mas sinto isso em meus ossos. Como se seu corpo estivesse falando diretamente com o meu. — Mas vou guardar essa parte para quando chegar em casa. De volta à minha cama, onde você pertence.

— Porra. Sim — é tudo o que consigo dizer antes de ficar completamente sem sentido enquanto ele desliza alguns dedos entre minhas pernas. Normalmente me sinto magricela quando estou nua, nada feminina, mas com as mãos de Cole em mim, eu me sinto uma mulher diferente.

Ele geme e eu estremeço quando ele desliza um dedo dentro de mim. — Você já está molhada. Garota suja. Você gosta disso, não é?

— Você tem esse efeito em mim — resmungo enquanto olho por cima do meu ombro.

Seus olhos seguram os meus, escuros e frenéticos. — Diga-me o que você quer.

Eu nem preciso pensar na minha resposta. — Mais. Sempre mais.

Uma mão dispara para agarrar meu queixo com força. Seus lábios colidem com os meus enquanto ele se atrapalha com o cinto e o zíper. Ele enfia a língua na minha boca. Ele não está procurando ou pedindo – ele está pegando.

E eu estou dando.

Eu sinto a extremidade do seu pau deslizar contra minha costura e gemo em sua boca. De repente, estou faminta. Tudo está demorando muito. O tempo está passando muito devagar. Eu sou gananciosa.

Eu arqueio minhas costas e me empurro para ele, sentindo-o deslizar para dentro de mim. Difícil e rápido. Assim como o beijo. Implacáveis, é isso que somos neste momento. Dois corpos unidos. Duas pessoas correndo uma para a outra sem o bom senso de parar antes de bater.

Nossas bocas se abrem e eu me viro para a parede, deixando cair minha cabeça quando ele bate em mim. Uma de suas mãos agarra meu quadril e a outra desliza firmemente pelas minhas costas. Seus dedos calejados pairam sobre meu pescoço, até a base do meu crânio, antes de seu aperto envolver suavemente minha garganta, essencialmente me segurando no lugar.

Como se eu pudesse deixá-lo.

Eu quero dizer a ele que não há outro lugar que prefira estar do que aqui. Mas minha mente está confusa e meu corpo está queimando. As palavras não vêm.

Quando sua mão desliza pelo meu quadril e sobre meu estômago, ele me puxa com força para ele, empurrando-me contra

a parede antes que seus dedos se movam para baixo e pressionem o local perfeito. Balanço em seus braços enquanto seus dedos circulam, levando-me cada vez mais alto. Bem em direção a um penhasco. Eu deveria saber melhor do que pular de tais alturas, mas estou além do ponto de me importar.

Eu salto e mergulho direto para a borda com ele dentro de mim. E ele segue. Eu o sinto se contorcer e ficar imóvel enquanto cobre meu corpo com o dele. Eu suspiro quando ele relaxa sobre mim, seus lábios substituindo sua mão na minha nuca enquanto ele espalha beijos pela minha espinha. Sua respiração é pesada em meu ouvido.

— Isso foi... — Eu não posso colocar isso em palavras. Inapropriado? Não profissional? Muito gostoso?

— Sim — ele responde, soando tão ofegante quanto eu, enquanto se inclina para puxar minha calcinha para cima e alisa meu vestido de volta sobre minhas pernas nuas. Seu toque é caloroso e reverente enquanto ele me põe em ordem. E quando ele me vira para encará-lo, ele me beija docemente, com saudade.

Cole é um homem de dicotomias. Quente e frio. Áspero e macio. Intenso e descontraído. Confiante e incerto. Ele é multifacetado. E nas semanas que passei perto dele, percebi que amo de cada faceta. Amor? Pode ser. Mas isso soa como as divagações de uma garota apaixonada arrebatada por um homem mais velho e rico que ela deseja há anos. E eu não quero ser aquela garota. Então, eu não me deixo ir para lá.

Em vez disso, eu o beijo de volta com todo o sentimento que posso reunir. Todo o desejo, o carinho, a aceitação – quero que ele sinta tudo. Que estou aqui para *ele*. Do jeito que ele é.

Quando ele sorri contra meus lábios, pergunto-me se consegui.

— Posso ir à sua casa hoje à noite? Assim que terminar aqui? — pergunto baixinho.

Ele me oferece um daqueles raros sorrisos suaves de derreter calcinhas enquanto segura minha cabeça com as palmas das mãos e me dá uma de suas respostas de uma palavra por excelência. — Sim.

Solto uma risadinha quando ele me puxa para seu abraço, envolvendo-me em seus braços de aço, e pressiona um beijo suave no topo da minha cabeça.

Cole Harding é muito mais romântico do que deixa transparecer.

U

— Abra o portão.

Cole olha para mim, bíceps protuberantes torcidos juntos em seu peito, pernas abertas. Eu rio internamente. Quando Billie o chama de GI Joe, é isso que imagino. Calça de corrida verde militar e uma camiseta preta que está sendo totalmente abusada por seus músculos.

Assim como tenho feito nas últimas semanas. Toda vez que não estamos trabalhando ou em público, estamos nus. Juntos. Gosto de pensar nisso como uma recuperação do tempo perdido.

— Tem certeza? — Eu sei que ele quer me dizer não. Sei que ele se preocupa comigo cavalgando. E que a morte de seu pai o assombra. Ele não precisava ter me contado explicitamente para que eu pudesse juntar as peças. Você não pode viver com medo dessas tragédias inesperadas, no entanto. E a única maneira de provar isso a ele é deixá-lo sair comigo e com *o único cavalo* de que gosta. Quero que ele veja a diversão – a alegria – que andar a cavalo pode trazer à sua vida.

Estou sentada nas costas de Pipsqueak, e ele está sendo literalmente um porteiro. Ele não quer que eu a leve para os campos, embora eu tenha passado as últimas semanas fazendo-a começar na arena. Ela está andando, trotando e galopando sob a sela agora. O galope ainda deixa a desejar, mas isso virá.

Além disso, o galope não importa muito em um grande campo aberto.

— Muita certeza. — Eu dou a ele o meu melhor olhar sério, tentando incutir confiança, embora tenha certeza de que pareço apenas uma criança travessa tentando fazer uma brincadeira rápida. O fato é que não tenho *muita certeza.* Você não pode ter certeza de nada na vida. Que você não vai morrer tendo o bebê número quatro. Ou a cavalo. Ou em uma explosão de IED. Não há garantias. Quer dizer, inferno, se alguém me dissesse há dois anos que eu seria a joqueta do cavalo de corrida mais popular do mundo, eu também não teria acreditado que isso seria possível.

Mas aqui estou. Vivendo. Pegando a vida pelos chifres. Exatamente como prometi a mim mesma que faria. Meu pai não poderia me impedir, ou meus irmãos, e definitivamente não Cole. Eu o quero perto de mim por muito tempo. E preciso dele a bordo se isso vai acontecer.

Ele ainda não parece ter certeza, mas destranca o portão e o mantém aberto para que eu possa conduzir Pippy até a entrada. As colinas perto do celeiro parecem tão exuberantes e verdes nesta época do ano. Adoro correr na pista, mas galopar em campo aberto me leva de volta às minhas raízes. De volta ao sopé das colinas de Alberta, onde cresci com pôneis vaqueiros pela cordilheira. A Colúmbia Britânica é linda, mas às vezes sinto falta daquela sensação de pradaria. Menos polido, mais campestre, planície sem fim.

Eu passo por ele enquanto as orelhas de Pippy se agitam. Seu pescoço fica mais alto agora enquanto ela olha ao seu redor. Ela é doce e calma, mas até ela pode sentir que algo mais está acontecendo agora. Esse é o maior ponto de interrogação com esta potranca. Ela é muito suave para correr?

— Boa sorte — Cole morde, cada parte dele tensa enquanto ele me observa ir.

Olho por cima do ombro, pisco e mando um beijo para ele, tentando não me demorar em seu rosto pálido, do jeito que combina com seus olhos cinzentos. Ele parece doente, e se eu me deixar olhar para ele por muito tempo, vou pular e segurá-lo. Então viro meu rosto de jogo para o campo à minha frente. Hora de descobrir o que esta pequena potra tem sob o capô.

Assim que chego à beira da grama, dou um aperto suave em suas costelas, incitando-a a trotar. Sua cabeça ainda está girando e quando ela sente que estamos saindo de sua bolha, ela solta um relincho animado.

Eu estremeço. Um cavalo tão bonito. Um som tão terrível. Descemos uma encosta suave e tudo o que temos diante de nós é o campo de feno recém-cortado com uma grande colina no final – a mesma em que Billie condicionou DD. Caso meus freios falhem, meu plano é usar isso para diminuir a velocidade, se necessário, como uma daquelas faixas descontroladas para caminhões na rodovia.

Passo as rédeas de couro entre os dedos, encurtando-as, e ajusto os pés nos grilhões, querendo estar o mais estável possível antes de deixar Pippy galopar pela primeira vez. Com minha mudança de posição, suas costas se erguem e sinto seus quadris ficarem rígidos. Como se ela soubesse o que está por vir.

Quando deslizo uma perna para trás e dou um pequeno empurrão nela, ela começa a um galope confortável, ainda se sentindo um pouco insegura. Como se ela não soubesse o que eu quero dela. Ela é do tipo que agrada. Não me surpreende nada. É como se ela não quisesse colocar um casco fora do lugar.

Eu subo na amura, saindo de suas costas, e afrouxo meus cotovelos, deixando minhas mãos flutuarem mais alto em seu pescoço. Suas orelhas movem-se para trás em questão, então dou-lhe um aperto com minhas pernas e um cacarejar firme. Ela avança quase instantaneamente. E então eu sorrio.

Porque tenho um cavalo de corrida nas mãos.

24



Cole

Violet se mexe em meus braços, esfregando-se contra mim, e meu pau instantaneamente fica em posição de sentido. Mas fecho os olhos com mais força, querendo ficar exatamente onde estou e saboreá-la um pouco mais.

Minha mente vagueia para o dia na pista quando eu me assumi para ela como *Golddiger85*. Eu poderia não ter dito nada. E ela nunca saberia quem eu sou. Quem eu *era*. Nós não estaríamos aqui. *Juntos*. Minha decisão precipitada naquele momento alterou completamente o curso da minha vida e, pela primeira vez, não estou me culpando por isso.

Já se passaram várias semanas de festas do pijama. Nós não passamos nenhuma noite separados, e eu não gostaria disso de qualquer maneira. Quando Violet está comigo, sei que ela está segura e, por mais que odeie admitir, ela também me faz sentir seguro. Alguém que sabe tudo o que eu tenho escondido por tanto tempo e ainda me quer. Alguém que apenas olhou para mim como, *Sim? E? Quem se importa?*

Minha perna, meu TEPT, minha ansiedade em torno de cavalos, ela simplesmente deixa tudo acontecer. Como se fosse

minha merda para lidar. Merda que ela está feliz em tolerar por algum motivo esquecido por Deus. Uma razão que não consigo explicar – ou talvez não queira.

Ultimamente tem dado voltas na minha cabeça. Essa palavra de quatro letras. Muitas vezes me perguntei se estava apaixonado por essa mulher linda, doce e engraçada que ficou falando comigo por um ano inteiro. Como se eu tivesse algo a oferecer a ela, como se ela gostasse da minha companhia. Mas agora, passando quase todas as noites com ela, dentro dela, é um pensamento do qual não consigo me livrar.

Estou definitivamente apaixonado por Violet Eaton.

O problema é que admitir que estou apaixonado por Violet significa que minha existência cuidadosamente planejada está prestes a ruir. Passei tantos anos me sentindo indigno de amor, escondendo-me da mera possibilidade disso, que é bizarro pensar que posso tê-lo encontrado agora. Com Violet, nada menos.

Meus quadris empurram em direção a sua bunda por vontade própria. Eu não consigo o suficiente. Sinto que estou na casa dos vinte anos novamente com ela por perto. Insaciável.

— Bom dia. — Sua voz é quente e suave enquanto ela se empurra de volta para mim, sempre igualmente ansiosa. *Porque ela* está *na casa dos vinte anos.* Sempre me sinto estranho com nossa diferença de idade, um sentimento que Violet não compartilha. Principalmente por ela olhar para mim como se eu tivesse pendurado a lua. Um olhar que aperta meu coração, mesmo que me deixe desconfortável. Eu passei tanto tempo me

escondendo da vista. Ter alguém me admirando tão abertamente quanto Violet faz é um pouco enervante.

— Bom dia, linda — murmuro enquanto arrasto meus dentes para o lado de seu pescoço sugestivamente, observando um lento sorriso se espalhar na parte superior de seu rosto. Ela está praticamente brilhando na luz dourada da manhã. Ela parece um anjo – meu anjo.

— Eu topo, se você for preparar o café.

Sim. Agora eu estoco café. Não sei o que há com a confiança das mulheres nessas coisas, mas parece deixar Violet feliz. E eu sou a favor disso.

Sento-me e deslizo meu toco em minha nova prótese, feliz por ter aquele ajuste personalizado de volta. E tão sortudo que posso pagar pelo de última geração que tenho. Eu gosto que Violet não pule da cama para fazer seu próprio café por causa da minha perna. Ela não me mima, porque sabe que sou perfeitamente capaz. Eu sorrio por cima do ombro para ela, observando-a se esticar como um gato em um raio de sol, toda satisfeita consigo mesma.

Cantarolando para mim mesmo enquanto desço correndo as escadas para a cozinha, sentindo-me mais leve do que nunca. Aperto o botão da cafeteira e calço os sapatos na porta da frente, saindo para alimentar Pippy. A outra garota da minha vida.

Uma risada ressoa em meu peito quando abro a porta. Ela está esperando no canto mais próximo de sua cerca, com as orelhas muito compridas erguidas em minha direção e as narinas vibrando com o estridente alô-relincho pelo qual ela é conhecida.

Eu nunca teria imaginado, mas essa pequena potra me faz sorrir todos os dias. Outra coisa que não acontecia comigo há anos. Puxo alguns flocos de feno do fardo e os jogo por cima da cerca para ela, algo que ela ignora completamente até que eu lhe dê alguns bons arranhões atrás da orelha.

— Mais preocupada em amar do que em comer, né?

Sua cabeça vira para mim, e admiro como ela cresceu em si mesma. Aos dois anos, suas ancas ainda estão um pouco mais altas do que a cernelha, mas ela está cheia de músculos e uma pelagem bronze brilhante. Entre seu regime de alimentação e esforço de Violet, ela não parece a mesma potranca que apareceu na minha casa alguns meses atrás.

— Acho que nós dois passamos por um pouco de transformação, não é, menina bonita?

Ela bufa e pisca seus longos cílios para mim, seus olhos como piscinas profundas e negras. Juro que ela me dá um olhar compreensivo. Tipo, *Sim, seu idiota de merda. Nós dois precisávamos de um novo começo.*

Balanço a cabeça e volto para dentro, deixando-a para comer, mas principalmente ansioso para voltar para Violet. E quando subo as escadas para o quarto principal e anuncio minha chegada: — Estou de volta... — Paro quando vejo Violet ajoelhada na ponta da cama, cabelos dourados caindo sobre seus seios atrevidos. Como naquele dia no chat de vídeo. Exceto hoje, ela está me dando aquele olhar tímido, mas disposto, de partir o coração, que ela lança tão facilmente.

— Vamos tentar isso de novo, Butterface. — Seus dedos pulsam, apertando a colcha sob ela. — Mas desta vez, não desistimos um do outro.

Minha boca fica seca instantaneamente. — Violet. Não precisamos fazer isso.

— Não. — Ela molha os lábios. — Eu preciso que você faça isso. Reescreva a memória para mim. Não me deixe desta vez.

— Eu não acho que poderia deixar você, mesmo que quisesse. Estou tão arrependido...

— Não. Apenas me diga o que fazer.

Cada músculo do meu corpo fica tenso. Isso é tão gostoso. Ela é tão misericordiosa. Eu não a mereço, porra. Mas vou passar todos os malditos dias tentando. O pensamento me revigora.

Começo como fiz há um ano: — Deite-se nos travesseiros e abra as pernas.

E, assim como da vez anterior, ela fica rosa. Um blush de corpo inteiro.

— Você fica tão bonita de rosa — falo enquanto caminho para a cama, sentindo meus joelhos baterem contra o estribo de latão. E quando ela abre as pernas, eu gemo. — Você vai ser a minha morte.

— Bom — diz ela com um leve sorriso. Um pequeno sinal de sua força.

Ela pode ser gentil e de fala mansa, mas Violet não é fraca. Ela não pode ser se vai resistir a um homem como eu.

Ela se recosta nos travesseiros e admiro seu corpo esparramado diante de mim como um bufê livre. Pretendo provar cada centímetro. Deixo meu olhar demorar entre suas pernas, já brilhando. Eu posso ver, mas quero ouvi-la dizer isso. — Você já está molhada?

Seu peito sobe em um pequeno suspiro quando ela olha para baixo sobre seu corpo e confessa com um pequeno silvo: — Sim.

— Claro que você está. — Minha prótese ressoa contra a estrutura da cama e meu pau lateja. Não sei quem estou torturando mais aqui – ela ou a mim mesmo. — Você ama isso, não é?

Ela apenas acena com a cabeça desta vez, os olhos cerúleos arregalados como piscinas de águas profundas. Como o rio que posso ouvir correndo atrás da casa. — Por que você não se toca e me mostra?

Sua mão encontra sua boceta quase instantaneamente enquanto a outra se enrosca nos lençóis abaixo dela. Como se ela estivesse segurando sua preciosa vida. Estou paralisado enquanto seus dedos percorrem suas dobras, seus olhos se fechando e a cabeça inclinada para trás em um gemido. A maioria dos homens provavelmente ficaria absorto com o que está acontecendo entre as pernas dela agora, mas estou olhando para a maneira como seu pescoço elegante se estende, sua garganta exposta e a maneira como ela se move enquanto ela engole.

— Dois dedos para dentro, baby.

Ela choraminga, mas segue minhas instruções. Não perco o jeito que suas coxas tremem enquanto ela faz isso, o jeito que seus

dedos dos pés se curvam e apertam. Ela bombeia algumas vezes, fazendo os barulhos mais gostosos do caralho.

— Agora me mostre como você está molhada.

Seus olhos se abrem e seu queixo cai. Ainda tão chocada às vezes. Oh, querida...

Assim que ela levanta os dedos para me mostrar como está molhada, eu digo: — Agora chupe-os.

— Jesus... — ela murmura, desviando o olhar momentaneamente com um pequeno sorriso na boca. Como se ela adorasse, mas não acreditasse que sim. Isso me faz sorrir também. Até que ela os coloca na boca e geme entre os dedos.

Foda-me.

Ela dá uma risadinha, o que faz meu pau pular dolorosamente dentro da cueca. — Nenhum brinquedo desta vez.

— Estou olhando para ele. — Ela parece sem fôlego agora. Molhada, sem fôlego e corando. Eu vivo para esta versão de Violet Eaton, e mal posso esperar mais um minuto para mergulhar. Estou na ponta da cama e rastejo em direção a ela, puxando minha cueca para baixo e me movendo direto entre suas pernas abertas antes que ela possa pronuncie outra palavra.

— Não me lembro dessa parte da última vez. — Ela ri, e é a porra da música para os meus ouvidos. Eu nunca vou me cansar de fazer as pazes com ela.

Estou pronto para rastejar de volta para a cama e dormir depois de uma maratona de sexo matinal com Violet. Eu não fazia tanto sexo há, bem, provavelmente nunca. Infelizmente, ambos temos empregos remunerados e temos trabalhos que precisamos fazer hoje.

— Vejo você à noite? — ela pergunta, vestindo uma calça de montaria justa que faz minha mente vagar por lugares que já deveria estar cansada de ir. Estamos meio que nos esgueirando por algumas semanas. Nós não saímos. Trabalhamos e fodemos e depois conversamos até adormecer nos braços um do outro. Ela se encontra com Billie e Mira algumas vezes, mas nunca me convida para ir, embora eu saiba que Vaughn costuma estar com elas.

Às vezes, eu me pego pensando se ela quer mais. Eu deveria apenas perguntar a ela. Deveria seguir o conselho de Trixie e falar com ela sobre minha ansiedade em relação ao meu pai, a profundidade dela. Em torno de cavalos. E o fato de que ela os monta para viver. Mas é tão pateticamente inseguro que não me convenci disso.

Pelo menos eu sou consistente.

— É claro. — Tiro seu cabelo molhado de sua bochecha e seguro sua cabeça logo abaixo da orelha enquanto pressiono um beijo em sua bochecha. Eu amo o quão delicada ela parece em minhas mãos. Preciosa.

Nós nos arrumamos rápido, silenciosamente, apressados depois que tivemos que ir mais uma vez ao chuveiro. E quando fecho a porta atrás de nós, ela para e se vira, lançando-se para mim, envolvendo os braços em volta do meu pescoço e me dando

um grande beijo. Estou um pouco surpreso, mas eu a alcanço, puxando-a para perto com um braço em volta de sua cintura e deixando o outro dar um belo aperto nessa bunda na calça apertada. Este é o adeus matinal com que sempre sonhei.

E então uma garganta limpa ruidosamente. — É estranho eu dizer que foi muito sexy?

Billie.

Violet ri, seus ombros tremendo enquanto ela enterra a cabeça na minha axila e sussurra: — Sinto muito.

Quê? — Você sabia que ela estava lá?

Ela balança a cabeça, sua testa contra mim, seu corpo ainda tremendo.

Eu rio também. É sempre contagiante com ela. Também estou aliviado por ela não parecer horrorizada por ter sido pega me beijando, e não posso deixar de mostrar minha diversão. — Você acha que se a ignorarmos, ela vai embora?

Sua risada se transforma em um ronco alto quando ela suspira: — Não. Definitivamente não.

— Eu ouvi isso — Billie grita. — Realmente fofo. Vim trazer-lhe as finanças da fazenda. — Eu olho para cima quando ela balança uma pasta sobre sua cabeça e, em seguida, coloca-a no caminho de cascalho. — Mas eu não estou chegando mais perto dessa casa. Deus sabe que tipo de merda imunda está acontecendo aí.

— Billie — eu aviso, sabendo que não fará diferença. A mulher não tem filtro.

Violet dá uma gargalhada da maneira mais imprópria para uma dama, apertando-se mais como se ela chegasse perto o suficiente, ela poderia se esconder dentro de mim inteiramente.

— Vou deixar isso bem aqui. — Ela aponta para baixo antes de colocar as mãos sobre a cabeça e se afastar lentamente, como se fosse algum tipo de situação de refém. — Para constar, estou feliz que as pessoas vão parar de falar sobre *minha* cabana ser a cabana do amor agora. Vejo você no celeiro, Pornstar Patty!

Ela sorri e pisca para mim enquanto Violet se derrete em meus braços. Billie parece muito satisfeita consigo mesma e, para minha surpresa, nem um pouco chateada. Eu não sei por que..., mas eu esperava que ela fosse estranha ou protetora ou algo assim. Eu esperava uma bronca por pegar alguém tão jovem e normal. Eu esperava que Billie, de todas as pessoas, visse como eu não mereço a mulher em meus braços.

Mas ela apenas parece divertida.

Quando ela finalmente sai da garagem, Violet engasga: — Eu estou... sinto muito. — Ela olha para mim com lágrimas de riso escorrendo pelo rosto. E eu sinto que estou em algum tipo de mundo de cabeça para baixo. Por que ninguém está bravo com isso? — Eu não deveria ter feito isso com você.

— Deixe-me ver se entendi. — Eu me inclino para trás para olhar para ela com uma sobrancelha franzida. — Você me beijou de propósito. Porque você sabia que Billie estava lá?

Ela limpa o rosto, tentando recuperar o fôlego. — Sim. Eu... desculpe. Eu queria que as pessoas soubessem sobre nós, mas não sabia como trazer isso à tona, ou perguntar a você, ou contar

a eles. Eu vi a caminhonete dela com o canto do olho e parecia a solução mais simples. Nós somos um *nós,* certo? — Quando ela diz *nós,* ela olha para mim por baixo dos cílios grossos, timidamente.

Eu pisco para ela, examinando seu rosto em busca de algum sinal de que ela possa estar brincando. Porque em que universo *essa mulher* quer que *eu* seja um *nós* com *ela.* Eu literalmente balanço minha cabeça e conto minhas malditas estrelas da sorte. E então eu a beijo com força, a abraço forte e mostro a ela o quanto eu quero ser um nós.

— Somos definitivamente um nós.

U

Eu paro na casa da fazenda e fecho meus olhos, deixando cair minha cabeça contra o assento. O trabalho estava uma merda, e isso quer dizer algo, considerando o humor em que cheguei. Entre o sexo quente da manhã e Violet me reivindicando na frente de sua amiga, eu estava de ótimo humor.

Não sinto que estou chegando a lugar nenhum com a nova aquisição. O que significa que ficarei preso em Ruby Creek por mais tempo, organizando as coisas e funcionando sem problemas antes de encontrar alguém para assumir o controle. Eu não deveria gostar de Ruby Creek. Eu deveria odiar isso. Mas não estou odiando nada.

Não quero ir embora, porque sei que Violet não vai embora. E isso mexe comigo. Passei o dia todo pensando em como nos

veríamos quando eu voltasse para a cidade. Ela pode ficar comigo nos dias em que corre em Bell Point Park, e talvez eu possa ir ao rancho nos fins de semana.

Mas não gosto dessa opção. Quero Violet na minha cama todas as noites. Onde posso vê-la. Segurá-la. Mantê-la segura. Não uma hora e meia em uma grande rodovia fazendo um trabalho perigoso e morando sozinha.

Não. Eu não gosto nada disso. E o que eu gosto menos ainda é a possibilidade de estar inconscientemente tornando o novo negócio pior do que realmente é, tudo para que eu possa ficar aqui. *Eu sou um maldito caso de cabeça.*

Quando saio da caminhonete, espero ouvir Pippy relinchar. Algo que geralmente me faz sorrir. Mas hoje sorrir parece trabalhoso. Meus músculos não disparam direito. Sinto uma contração na bochecha, mas meu corpo não obedece. O sorriso parece indiferente. Até este cavalo merece melhor.

E, de qualquer maneira, um relincho não vem.

Eu olho para o paddock dela, sentindo-me cansado até os ossos, desejando poder tirar uma soneca. Às vezes, esses humores me atingem por um ou dois dias. Tudo parece pesado e eu me sinto para baixo – oprimido. Sei que não mantive contato com Trixie o suficiente para meu próprio bem-estar. Mais uma coisa pela qual posso me culpar.

Estive tão chapado com Violet nas últimas semanas que não tive tempo de chafurdar. Ela não está aqui. Não vejo o carro dela, o que significa que ela provavelmente está com Pippy no celeiro. Eu normalmente esperaria por ela, mas hoje preciso vê-la. Eu

enfrentaria a zombaria de Billie, o sorriso malicioso de Vaughn e o brilho de conhecimento de Hank se isso significasse ver Violet.

Volto para a caminhonete e pego a estrada até o celeiro. Quando entro no estacionamento, posso marcar quem está aqui olhando os carros. Todo mundo está aqui. Algo que já estou temendo. Há uma razão pela qual Vaughn assumiu o posto como o rosto do Gold Rush Resources. Em parte, porque ele é bonito e, em parte, porque odeio essa merda. Muitas pessoas e muita atenção me fazem sentir como se eu fosse um ator no palco. Falso. Com um holofote grande e brilhante em mim, destacando cada falha enquanto todos olham, boquiabertos e horrorizados. Um homem que matou pessoas, que viu pessoas morrerem e que foi entregue a uma empresa multinacional sem experiência. Isso é o que eu tenho certeza de que eles devem ver.

Eu passo pelos escritórios, não querendo falar com Vaughn, e sigo para o beco abobadado do celeiro. Esta instalação é tão ridícula. *Rancho.* Eu bufo.

Um jovem com um carrinho de mão cheio de aparas sujas me dá um aceno amigável.

— Você sabe onde Violet está? — pergunto.

— Meu palpite é na pista. Eu a vi com Billie indo para lá não faz muito tempo.

— Obrigado — falo, não querendo realmente ir para a pista, mas querendo encontrar Violet.

De volta ao ar fresco, sob a cobertura opressiva de nuvens pesadas, desço o caminho pavimentado em direção ao oval de

terra, passando a ponta do polegar sobre os dentes da chave em minha mão, pressionando-a na pele macia até que ela morda.

Quando o caminho se inclina para baixo e deixo o grupo de árvores que dá à pista uma sensação de privacidade, vejo Violet em Pippy e Billie em seu garanhão preto. Elas estão conversando amigavelmente, trotando em direção aos portões no final da trilha. Vaughn e Hank estão na cabine de exibição coberta, e sigo nessa direção.

Dou alguns pequenos passos até a plataforma, e Hank se vira para me cumprimentar, cronômetro na mão. — Cole! Bom ver você, filho. Como você está?

— Bem. — Tento esboçar um sorriso, mas sei que é uma tentativa triste. Hank merece melhor. Ele tem sido um esteio nesta cidade há anos. Meu avô, Dermot, o contratou e o colocou nos cavalos. Eu não o conheço tão bem quanto Vaughn, mas ele sempre transmite aquela vibração calorosa e paternal – aquela que me faz contorcer de desconforto. Por que eu sinto falta do meu próprio pai.

— Ei. — Vaughn me olha do jeito que ele sempre faz. Um pouco desconfortável, como se ele estivesse tentando avaliar que tipo de humor eu estou, e me odeio por fazer meu irmãozinho se sentir assim. Como se ele precisasse pisar em ovos perto de mim.

Sinto que já matei qualquer boa vibração que eles tivessem aqui e empurro meu queixo em direção à pista. — O que está acontecendo?

— Elas vão testar a potranca contra outro cavalo, ver como ela lida com a competição.

— Um garanhão é a melhor escolha? — Minha voz sai dura, e Vaughn levanta uma sobrancelha para mim, embora desta vez ele me poupe da provocação sobre a minha voz militar.

Hank intervém. — DD é um garanhão maduro e muito experiente. Com Billie nele, é a melhor escolha com certeza. Se ela precisar puxá-lo para cima, ela conseguirá. Ele tem a cabeça no lugar assim.

Tento ignorar a ansiedade que toma conta de mim. Eu deveria voltar para casa, poupar-me do estresse de estar aqui. Mas sempre fui um glutão por punição, então eu fico – forçando-me a enfrentá-lo. Querendo não ser um covarde real sobre isso.

Vou precisar controlar isso se Violet e eu formos um *nós*. Observo-a e Billie guiando suas montarias para dentro das fendas. Nenhum portão está aberto hoje, é apenas uma pista aberta. Acho que essa parte vem depois.

— Em suas marcas! — Hank grita, sua voz crescendo em sua direção. — Preparem-se! — Pippy salta no local, como se ela soubesse que algo está por vir. Como se ela estivesse pronta para explodir. — Vão!

Enquanto Billie e DD voam para fora do portão, completamente bem treinados, Pippy se assusta. Seus olhos reviram ligeiramente, mostrando o branco. E, em vez de sair correndo, a pequena potranca vai direto para cima, ficando alta nas patas traseiras com os cascos dianteiros batendo à frente dela. Eu observo com horror congelado enquanto Violet tenta deslizar os braços em volta do pescoço de Pipsqueak e se segurar. Seus

estribos são muito curtos para que suas pernas forneçam qualquer suporte.

O tempo passa em câmera lenta enquanto sua boca forma uma linha sombria, a concentração estampada em todo o rosto. Eu sei que Violet não é nova nas travessuras de um cavalo jovem, mas isso não impede que o pavor puro encha meu peito.

E quando a vejo cair de trás da potranca, estou correndo. Desço as escadas, cruzo o gramado, salto a cerca, como se pudesse chegar a tempo de pegá-la. Billie me vê e para, finalmente olhando para trás. Pippy vem correndo na minha direção, afastando-se dos portões, com os olhos confusos. A sujeira voa atrás dos meus pés enquanto eu corro pela pista.

Sinto a bile subir à minha garganta e paro a poucos metros da forma imóvel de Violet, preso em meu pior pesadelo.

Eu não posso voltar aqui novamente.

Eu não posso respirar.

Minha visão embaça. O chão balança abaixo de mim. E eu me inclino, pressionando minhas mãos nos joelhos enquanto abaixo minha cabeça e tento forçar meu corpo a trabalhar novamente. Eu me sinto como um carro velho que precisa de um salto, uma faísca. Estou muito quebrado para ajudá-la quando ela está no chão.

Mas não consigo fazer meu corpo cooperar. Eu me levanto, uma mão subindo sobre minha boca para segurá-la. Se ela estiver ferida. Se ela está morta. Isso não pode acontecer. Acabei de encontrá-la. Acabei de nos encontrar.

— Pelo amor de Deus!

Eu olho para cima bem a tempo de ver seu punho bater no chão e seus pés pequenos chutarem o chão como se ela estivesse tendo um acesso de raiva. E, de repente, consigo colocar o ar de volta nos pulmões. Com mais alguns passos, caio na pista ao lado dela, ajoelhado na terra, dedos pairando sobre seu corpo enquanto lágrimas brotam em meus olhos.

Alívio. Alívio tão intenso. Como nunca senti antes. — Você está bem? Você está bem? — eu não consigo parar de dizer isso. A pergunta jorra de mim repetidamente, como se estivesse entrando em curto-circuito. Preso em um loop. De repente, sou transportado para o calor seco do Iraque e para aquele dia na pista ao mesmo tempo. Parece que estou respirando areia de novo. Coça minha garganta; pesa em meus pulmões. Acelerando a pulsação. Ouvidos zumbindo.

Mas os olhos de Violet não são opacos e vagos. São piscinas azuis claras, refletindo as nuvens brancas e fofas acima de nós. Sua expressão muda de chateada para preocupada enquanto ela me observa.

— Ei, ei. Estou bem. — Ela tenta se sentar, mas todo o meu treinamento de primeiros socorros entra em ação e meus braços disparam para segurá-la. *E se ela tiver uma lesão na medula espinhal? Uma hemorragia cerebral? Ela pode estar em choque.* Quando vi meu pai cair, ele nunca mais se levantou.

— Cole. Deixe-me levantar. Estou bem. Eu estava sem fôlego. — *O pulmão dela pode estar colapsado.*

Eu sinto uma cutucada no meu ombro e olho para trás para ver Pippy de pé atrás de mim com um olhar tímido no rosto, olhos

negros olhando para mim com tanta bondade. Billie está logo atrás dela com um olhar triste. Ela viu como estou fodido e agora tem pena de mim. *Excelente.*

— Apenas espere um minuto, Violet — Billie diz para que eu não precise.

Estou imensamente grato por ela não estar apenas me jogando debaixo do ônibus, dizendo-me para relaxar. Em vez disso, ela está me ajudando, algo que a maioria das pessoas não faz. Especialmente pessoas com quem não tenho crescido tanto quanto com Billie.

— Vocês! — Violet empurra minhas mãos e se senta, frustrada. — Se eu disser que estou bem, estou bem. Não preciso ser manuseada com luvas de pelica só porque tenho o mesmo tamanho que uma.

Eu caio para trás, sentando-me em meus calcanhares enquanto Violet se afasta e se levanta. Ela coloca uma mão gentil no meu ombro antes de oferecer a outra para me puxar para cima.

— Cole. Querido. É bom ver você. Mas estou trabalhando agora. Estou indo para sua casa quando terminar. Billie, vamos de novo.

Seu tom não é cruel, mas é prático. Ela não está em choque. Mas acho que posso estar, embora ela esteja bem. Sinto minhas mãos tremerem. Sinto como se estivesse tendo uma experiência fora do corpo. Como se cada centímetro quadrado de mim estivesse dormente.

Exceto pelo meu coração.

Essa parte de mim dói. Eu posso sentir isso, ver isso. O dano ali, como um ding inconsequente de uma rocha que rapidamente estilhaça o vidro e se espalha incontrolavelmente por todo o para-brisa. *Arruinado.*

Eu me levanto e aceno com a cabeça, mantendo meus olhos treinados no chão enquanto me afasto dos portões.

— Cole! Espere! — Vaughn me chama, mas eu aceno para ele e acelero o passo.

Eu fujo.

Todo mundo me viu surtar. Aquele maldito holofote que evito está em mim. *Todos eles sabem.*

Mas não posso me concentrar nisso agora. Minha mente está girando com dois pensamentos:

Eu preciso ficar sozinho.

Eu não posso estar com alguém que faz isso para viver.

25



Violet

— Eu não acho que você deveria ficar com raiva dele, Violet. Você não o viu. Ele estava... — Billie para com um olhar distante em seus olhos âmbar. Eles apertam nas laterais. — Acho que ele teria se sentido melhor se você tivesse parado um minuto para mostrar a ele que tudo estava funcionando bem.

— Por quê? — Estamos limpando nossa arreios juntas, e esfrego a esponja coberta de sabão de sela sobre as rédeas do freio de Pippy com força. Estou irritada. — Estou fazendo meu trabalho. Não preciso dele aqui me controlando e me dizendo o que fazer. Você pode imaginar se eu entrasse em seu escritório e fizesse o mesmo?

— Eu sei, eu *sei.* — Billie espreme a água de sua esponja com um suspiro alto. — Mas, às vezes, quando nos preocupamos com alguém, fazemos nossas as prioridades deles. Você não o viu, Violet. Ele correu. Achei que ele ia se atirar direto na pista. Não acho que a prioridade de Cole seja gerenciá-la – é mantê-la segura. Sua segurança é importante para ele. Então, jogue um osso para o cara e, tipo, mexa os dedos dos pés e recupere o fôlego da próxima vez antes de pular de volta.

— Não sabia que você estava no time de Cole. — Eu instantaneamente me odeio por dizer isso. Infantil.

— Eu não sabia que você tinha doze anos. — Billie arqueia uma sobrancelha bem torneada para mim, castigando-me com sucesso sem dizer mais nada. Ela aperta meu ombro e dá um beijo de irmã em meu cabelo. — Vejo você mais tarde, biscoito duro.

Mas assim que ela se vai, a frase que me vem à cabeça enquanto termino as minhas tarefas em silêncio é a das prioridades partilhadas. Ainda estou pensando nisso quando chego na casa dele, sabendo que precisamos resolver algumas coisas. Porque se vou fazer minhas as prioridades dele, ele precisa fazer as minhas também.

Estou prestes a abrir a porta e entrar quando o nervosismo me atinge. Eu tinha sido muito dura com ele? Rápida? Fiquei chateada por ter caído, porque queria dar a Pippy a melhor experiência possível, e isso não aconteceu. Eu estava sendo dura comigo mesma, e acho que isso acabou sendo duro com Cole. Com base nos rostos de Hank e Vaughn, sinto que posso ter sido mais dura do que o necessário. Por mais involuntário que possa ter sido.

Em vez disso, opto por bater, já sentindo a distância entre nós dois e não querendo me intrometer.

— Entre. — Sua voz é áspera, soando cansada.

Giro a maçaneta e entro na bonita casa da fazenda. Tão leve e arejada, pintada em branco e azul. Isso me lembra a cerâmica delft – do tipo que meu pai ainda guarda em um armário de porcelana na sala de jantar da família da minha mãe na Holanda. Lembro-me de pegá-las quando criança, passando minhas mãozinhas

pegajosas sobre um prato ou uma tigela e inventando histórias na minha cabeça para combinar com as cenas pintadas nas laterais.

Cole está no canto, sentado na poltrona confortável onde fizemos amor pela primeira vez, parecendo uma sombra escura. Puro tumulto. Devo ter deixado de notar como ele está incrivelmente bonito hoje, quando eu estava deitada na terra. Calça social cinza com um pouco de brilho, camisa social preta com lindas abotoaduras de pérolas. Seus cotovelos estão apoiados nos joelhos e sua cabeça está caída, seus olhos fixos em onde ele gira uma abotoadura perto de seu pulso.

Ele não se incomoda em olhar para mim. Ele está sempre olhando para mim como se eu fosse o sol e ele vivesse no subsolo há anos. A maneira como ele olha para mim me aquece até os dedos dos pés. Eu quero que ele me olhe assim para sempre. Então, isso – ele me evitando completamente – me estressa instantaneamente.

— Ei — falo cautelosamente, abrindo minhas botas paddock e colocando-as ordenadamente no tapete perto da porta. Ele gosta de tudo arrumado. *Vê? Aqui estou. Compartilhamento de prioridades.*

Ele murmura algo em resposta, mas não muda de posição.

— Cole? Você está bem? — Eu caminho pelo chão, no tapete persa na sala de estar, e me ajoelho diante dele, tentando colocar seus olhos nos meus. Buscando esse calor.

Dobro-me de joelhos, apoiando-me contra seus pés. Eu envolvo minhas mãos em torno de cada uma de suas panturrilhas. Uma de carne, uma de plástico. — Ei. Olhe para mim.

Quando ele finalmente o faz, meu coração dá uma guinada no peito. Ele parece torturado. Partido. Muito perdido. Seus olhos estão vidrados, seu cabelo mais comprido em cima desgrenhado e caído sobre a testa. Seu rosto parece mais enrugado do que o normal, mostrando nossa diferença de idade. A diferença em como nossas vidas se desenrolaram. Claro, tive meus desafios, mas Cole... é como se ele tivesse caído no meio das montanhas aos dezessete anos e fosse forçado a sobreviver sozinho.

Eu me sinto culpada. Como se eu realmente não tivesse entendido o quanto ele passou. Estive tão focada em desejá-lo, em mostrá-lo, que talvez não tenha percebido o quão perdido ele está. *Ele está fingindo estar bem esse tempo todo, para o meu bem?*

Lembro-me de seu nervosismo ao meu redor montando Pippy nos campos, ou que ele nunca assiste a nenhuma corrida no nível do solo, sua aversão vocal por cavalos – exceto por Pippy, que parece tê-lo conquistado completamente – e a compreensão me atinge.

Deixando cair minha cabeça, eu beijo seu joelho. — Sinto muito por ter assustado você. Não era minha intenção. Isso é algo que está incomodando você há algum tempo?

— Sim — diz ele, olhando para o chão novamente. Não me tocando de volta. Zero segurança em seu corpo.

— Ok. — Minhas mãos esfregam para cima e para baixo em suas panturrilhas, implorando silenciosamente para que ele olhe para mim. — Podemos trabalhar nisso. Descobrir um meio termo. Eu não quero que você se preocupe comigo assim.

— Então pare.

— Parar o quê?

— De me deixar preocupado.

Eu rio tristemente. É um sentimento tão doce. — Diga-me como. Vou tentar.

Sinto seu suspiro pesado nas pontas dos meus dedos quando ele finalmente puxa a cabeça para cima e olha para mim. O suspiro é derrotado, assim como o olhar em seus olhos. — Eu não posso fazer isso.

Eu me inclino para trás, para longe dele, como se ele tivesse acabado de me dar um tapa. — O quê?

— Isso. — Sua voz se transformou na versão fria e insensível dele com a qual comecei alguns meses atrás. Seu mecanismo de defesa. — Você e eu. *Nós.* Eu não posso fazer isso.

Meu pulso lateja na garganta enquanto tento acompanhar o que ele está dizendo. Parece uma reação extrema a uma simples queda de um cavalo. Não é a minha primeira. E definitivamente não será a minha última.

— Por quê?

— A equitação. Os cavalos. A corrida. É mais do que posso suportar. Todo dia. Todo final de semana. Meu pai morreu naquela porra de pista. Eu sou ao mesmo tempo atraído e repelido por ela. Você merece alguém que possa estar lá para você. Você merece alguém que será seu maior fã. E eu não posso fazer isso.

Eu me sinto tonta. Primeiro, fico arrasada e, de repente, fico furiosa. — Você está me dizendo que se eu encontrasse um novo emprego, estaríamos bem?

Seus olhos se desviam e sua mandíbula aperta, como se ele estivesse muito envergonhado para admitir que eu acertei na mosca. Deixo minhas mãos caírem de suas pernas e as espalmo no carpete para me aterrar, respirando profundamente e absorvendo os fios baixos, a maneira como os azuis escuros, cremes e brancos se misturam. Ele e eu. Escuro e claro. Eu sinto que ele apenas arrancou meu fio e me jogou fora.

— Então, você continuou, até me perseguiu, *sabendo* que o trabalho com o qual sempre sonhei e com o qual estou finalmente fazendo meu nome seria um obstáculo para você?

Ele geme e passa a mão pelo cabelo, puxando as pontas com raiva.

— E agora você tem a ousadia de me pedir para sair por você?

Ele olha para mim rapidamente agora, seus olhos em chamas. — Eu *nunca* pediria para você desistir por mim.

Eu me levanto, balançando a cabeça enquanto vou. — Pedir isso. Insinuar isso. Qual é a diferença?

— Violet...

— Não. — Estendo as duas mãos para detê-lo. — Não. Não. Eu não quero ouvir isso. Você sempre foi claro sobre suas limitações. E agora preciso definir a minha. Passei um ano inteiro pensando que poderia ser a exceção à sua regra. Que talvez, apenas talvez, eu seja a única a mudar sua mente. O que é estúpido, certo? — Eu rio em lágrimas, sabendo que estou perdendo o controle, e me movo rapidamente em direção à porta. — Eu nunca vou forçar você

a mudar, e já por duas vezes você provou que não vale a pena mudar por mim. Engane-me duas vezes, que vergonha para mim.

— Violet, por favor, você precisa saber que não tem nada a ver com...

Eu giro e olho para ele. Uma lágrima cai na minha bochecha. — Eu sei, eu sei. Não sou eu, é você. Exceto que não é. Você é muito mais do que acredita. Eu gostaria que você pudesse ver isso em si mesmo. O que eu vejo em você? Tanta força. Muito amor. Mas eu não posso fazer você abraçá-lo. Isso é com você. Não acredito nem por um segundo que você não nos quer. Mas você está preso, Cole. Você não pode ver além de um momento de sua vida. Um momento terrível. E você está deixando isso definir toda a sua existência.

Eu enfio meus pés em minhas botas, odiando me afastar dele quando parece que ele precisa de mim mais do que nunca. — Quando estiver pronto para tornar outros momentos tão importantes quanto, avise-me. Não sou eu desistindo de você. Mas não vou esperar para sempre, Cole. Descubra sua merda.

Eu mantenho meus olhos treinados na porta enquanto digo isso. Minha rota de fuga. Porque se eu olhar para Cole agora, voltarei para ele.

Vou envolvê-lo em meus braços. Eu vou beijá-lo.

Eu vou perdoá-lo.

E não é disso que nenhum de nós precisa agora.

Eu não dormi. Eu também não chorei. Fiquei pensando. Deitada na cama a noite toda pensando. Sobre Cole, sobre suas cicatrizes, suas inseguranças, sobre seu trauma. E sobre mim e os meus também. Sobre como estou brava com ele e sobre como meu coração sangra por ele.

Não quero que acabemos. Mas preciso que ele seja o único a dar esse passo. E se ele não conseguir superar minha carreira escolhida, então não era para sermos. De qualquer maneira, não vou desistir para fazer outro homem autoritário em minha vida feliz. Não está nem na mesa.

— Essa não é a nova Violet — murmuro para mim mesma, olhando para minha caneca de café na sala da equipe, desejando poder conectá-la a mim mesma com algum tipo de soro intravenoso. Eu deveria falar com Mira sobre essa possibilidade.

— Oi, nova Violet — Mira diz enquanto entra, como se tivesse desejado que ela aparecesse, e pega uma caneca para si mesma. Ela está obviamente alheia ao que aconteceu ontem.

— Engraçada — eu digo inexpressiva.

— Como era a velha Violet? — Ela mexe o café com um sorriso nos lábios carnudos.

Eu gemo. — Mansa. Influenciável.

— Talvez você não seja nova. Talvez você esteja apenas crescendo. Ninguém permanece o mesmo. Novas metas, novas experiências... todas são blocos de construção que unem uma pessoa. Mudando constantemente.

— Você é doutora em filosofia ou medicina veterinária? — Ela ri e toma um gole de café. — Você está de bom humor. O que está errado?

Seu olhar felino espreita sobre sua caneca para mim enquanto ela sorri. — Estou sempre de bom humor.

— Você geralmente não é tão falante.

— Às vezes, aprendo mais ouvindo.

— Você me assusta um pouco.

Ela joga a cabeça para trás e ri. — Estou de bom humor porque acabei de chegar de uma reunião com Vaughn e seu namorado. Eles vão construir uma clínica aqui na fazenda para eu trabalhar. Não há instalações de qualidade suficientes por aí, então aparentemente eles estão expandindo por conta própria.

Eu sorrio, e é genuíno. Eu não poderia estar mais feliz por Mira. — Isso é incrível! Parabéns..., mas ele não é meu namorado.

Ela zomba e enche sua caneca. — Ele parece tão merda quanto você. Na verdade — ela me olha de perto — pior. O homem está mal. O que você fez com ele?

— O que *eu* fiz com *ele?* Por que todo mundo está do lado dele?

— Ninguém está do lado dele, Violet. Só sei que você é forte. E sim, aquele homem pode encher uma camiseta como se tivesse sido pintada nele, e provavelmente poderia me fazer supino, mas está com dor. Está escrito em cima dele, mesmo antes de vocês terem sua pequena briga. Eu diagnostico animais que não falam para viver. Ele é basicamente a mesma coisa. Confie em mim.

Eu rio e, em seguida, olho para ela seriamente. — Você acha que eu sou forte?

— Acho. E você brilha muito. Brilhante o suficiente para que um homem como aquele precise de você para iluminar seu caminho.

26



Violet

O cobertor de flanela é macio embaixo de mim e as estrelas brilham acima de mim. A maioria dos cavalos foi colocado em suas baias durante a noite, mas ainda estamos deitadas entre todos os piquetes, perto do mais distante que dá para os campos – aquele em que DD costumava ser mantido.

— Foi assim mesmo que você passou sua primeira noite na fazenda, Billie?

— Sim. Passe o vinho.

As duas me colocaram entre elas. Sua maneira de me forçar a sair para uma noite de garotas. Quando eu disse que não tinha forças para ir ao Neighbor's Pub, essa foi a sugestão de Billie. O que eu não disse a elas foi que não queria ir ao pub porque me lembrava aquela noite com Cole. Quando ele finalmente suavizou um pouco. Quando as coisas ficaram fora de controle na caminhonete. Naquela noite, bebendo cerveja preta com asas de frango com um pouco de massa demais, chegamos a um acordo tênue. Viramos uma esquina. No dia seguinte, ele construiu o abrigo para Pippy.

— Vinho direto da garrafa e tudo mais? — Mira pergunta de onde ela está do meu outro lado.

— Ah, sim — diz Billie. — Não é o mesmo com um copo. Menos terapêutico dessa forma, eu acho.

Eu rio. — E o pão? Você não cortou? Você apenas arrancou pedaços?

— Eu sou chique assim. — Mira bufa da maneira mais grosseira e Billie continua: — Mas é muito mais divertido com vocês aqui.

— Amo vocês — eu deixo escapar com um leve insulto.

— Violet, chega de vinho na garrafa para você — diz Billie. — Você está apenas bebendo seus sentimentos agora.

— Parece um plano tão bom quanto qualquer outro. — Coloco minhas mãos atrás da cabeça e continuo olhando para o Cinturão de Orion no céu noturno.

Eu me pergunto se Cole está sentado do lado de fora olhando para a mesma coisa. Ele gostava de se sentar do lado de fora com Pippy quando não conseguia dormir. Mas ainda não a levei de volta para lá – algo que me deixa mal. Saí e peguei a outra coisa viva com a qual ele gostava de passar o tempo.

— Talvez tente comer seus sentimentos em vez disso? — Mira segura um pedaço de pão francês rasgado com uma fatia de queijo brie na minha direção.

Dou uma mordida quando Mira pergunta: — Você já viu Cole?

— Não — murmuro em torno de minha boca cheia. Já se passaram três dias e nada. Nenhuma chamada, nenhum texto, nenhum sinal de fumaça de sua casa.

— Bem, vá cuidar do caso dele.

— Eu não sei o que dizer a ele. Ele me disse que não aguenta que eu seja uma joqueta. Que porra devo fazer sobre isso? Desistir? — eu bufo. — Dane-se ele.

Eu olho para ver Mira concordando. — A trepada deve ser muito boa para você estar tão arrasada com isso.

Minha mente pisca para suas mãos em mim, sua voz rouca, sua barba por fazer entre minhas coxas, eu curvada naquela baia para ele. — Você não tem ideia.

— Eca! Nojento — diz Billie, enquanto se senta para tomar outro gole de vinho. — Vocês dois são tão estúpidos. Ele tem medo de perder você, e você tem medo de perdê-lo. Vocês dois precisam endurecer e voltar a se esmagar. Vocês dois ficam de bom humor quando o fazem. Ele fica menos mal-humorado e você menos emo.

Eu não posso deixar de rir. Billie não mede palavras, e é uma das minhas coisas favoritas sobre ela.

— Quando conheci você — ela diz — pensei que fosse como Drew Barrymore naquele filme, *"Never Been Kissed"*. Virginal e desajeitada, mas você é mais como uma aberração secreta. Eu respeito muito isso. Canalize aquela garota e vá fazer GI Joe tirar a cabeça do rabo para que eu não tenha que continuar evitando os escritórios quando souber que ele está lá.

— Então, isso é sobre você? — Arqueio uma sobrancelha e aponto para ela instável.

— É claro! Tudo é sobre mim!

Todas nós caímos na gargalhada e nos deleitamos com o momento iluminado.

Até Mira estragar tudo. — Falando em egomaníacos, Violet, Stefan Dalca falou com você?

Meu corpo fica tenso com a simples menção de seu nome. Eu sinto que fico sóbria instantaneamente. — Não. Por quê?

— Ele disse que ia.

— Sobre o quê?

— Não é minha função dizer.

Mira é como um cofre. Eu sei que não adianta importuná-la. Onde Billie pode derramar, ela não vai.

— Só checando — eu digo.

— Não sabia que você e Dalca, o Pau, eram amigos, Mira. — Billie bebe novamente.

— Sinceramente, Billie. O que há com você e os apelidos?

— Maneira de desviar. — Billie se joga de volta no cobertor.

Eu me sinto segura entre essas duas mulheres. Colegas de trabalho que viraram amigas – melhores amigas. Eu nunca tive isso antes, e isso me aquece profundamente. Sem mãe ou irmãs e morando em uma fazenda, sempre me senti isolada. Não muito legal ou feminina o suficiente para sentir que combinava com outras mulheres. Mas Billie praticamente me puxou e disse que

éramos amigas, e Mira simplesmente apareceu. Ela começou fria, talvez um pouco distante, mas continuamos como se não percebêssemos e agora... — Aqui estamos. Irmãs de outros pais.

Eu queria que isso fosse um pensamento interno, mas as outras duas mulheres não riem. Eles se aproximam de mim, cotovelos tocando os meus, pés caídos um contra o outro.

Eu estive entorpecida nos últimos dias e me joguei no treinamento de Pippy. Nós a colocamos correndo na pista com bastante conforto após o primeiro sinal no radar. Quero ligar para Cole e me gabar dela. *Meu* projeto. Prova viva de que não sou apenas a loira sortuda que ganhou um cavalo campeão. Sou uma amazona excepcional. Eu quero rastejar para debaixo das cobertas e contar a ele sobre isso. Eu quero que seu cheiro me envolva, e a leve camada de cabelo em seu peito faça cócegas em meus lábios enquanto eles se movem, contando a ele sobre o meu dia enquanto dormimos juntos.

Eu o quero comigo. Eu o quero lá torcendo por mim. Não *preciso* dessas coisas. Mas preciso que ele seja meu. E decido, enquanto estou deitada aqui com duas das mulheres mais fortes e talentosas que conheço, que vou ter certeza de contar a ele. Não vou ser tímida sobre o que eu quero. Não vou tornar mais fácil para ele ir embora.

Porque Billie está certa. Mais do que qualquer outra coisa, tenho medo de perdê-lo. E eu vou contar a ele. Mesmo que ele não possa me responder.

U

Ando pelas estradas de cascalho com uma lanterna na mão. Estou embriagada demais para dirigir e, mais uma vez, subestimei a duração da caminhada. A cada passo que dou para mais perto da casa azul da fazenda, a dúvida se infiltra. E a sobriedade. Talvez eu não devesse estar fazendo isso. Isso me faz parecer desesperada ou corajosa? Eu não posso decidir.

Por um lado, quantas vezes preciso dizer a esse homem que quero que ele acredite em mim? Por outro lado, se eu não expuser isso a ele em termos simples, cara a cara, sei que vou me arrepender. Se deixar essa coisa que temos fracassar sem tentar, nunca vou me perdoar.

Ainda assim, meus pés parecem pesados, como se alguém tivesse colocado chumbo em meus Vans xadrez rosa e branco. Seria fácil dar a volta por cima. Um alívio mesmo. Mas, há alguns anos, estabeleci como meta correr riscos, arriscar, *viver*. E isso é isso. Permanecendo fiel a mim mesma. Ou pelo menos a garota que eu quero ser.

Ando até a casa e paro na base dos poucos degraus que levam à varanda. Já passa da meia-noite e não há luzes acesas. *Ótimo, vou acordá-lo e dar uma chamada nele.* Respiro fundo e olho para o céu. Uma oração silenciosa pedindo força.

— Cuidado. Ouvi dizer que o cara que mora aí é um verdadeiro idiota.

Eu giro, os olhos vasculhando o quintal escuro até pousar em sua figura, sentado curvado na grade superior do paddock vazio de Pippy. Ele me tira o fôlego. Seu cabelo escuro no escuro quase parece estar vivo acima de seus olhos cinzas brilhantes.

— Ele finge ser.

— Ele é.

— Ele não é.

Cole passa as mãos pelos cabelos. É como se ele quisesse que eu o odiasse tanto quanto ele se odeia. Mas não vou.

— Você é teimosa — diz ele enquanto deixa cair os cotovelos sobre os joelhos.

— Sim. — Eu aceno com a cabeça, lutando para saber o que dizer a seguir, ansiosa para correr pelo caminho de cascalho e beijá-lo. Segurá-lo, passar minhas mãos em seu pescoço e dizer a ele como me sinto.

— Sinto muito. — Seus olhos parecem doloridos enquanto ele os arrasta sobre o meu corpo. Ele parece desconfortável.

Cedo à minha vontade de me aproximar, querendo dar uma olhada melhor nele à luz da lua. — Sente pelo quê?

Apenas alguns metros nos separam, e todo o meu corpo dói com a necessidade de tocá-lo. Mas eu não cedo, porque isso tornaria muito mais difícil ir embora novamente. Eu sou como uma viciada. Mais um golpe e estarei fora dos trilhos.

Ele respira pesadamente por algumas batidas, e observo seus peitorais subirem e descerem em sua camiseta preta característica. Seu armário está cheio delas. Diferentes formas de decote. Mesma cor. Arranjadas perfeitamente em cabides.

— Por enviar uma mensagem para você há dois anos. Por ficar intrigado com todas as suas perguntas e ficar por perto quando claramente não estávamos atrás das mesmas coisas. Por falar com

você. Todos os dias. A noite toda, às vezes. Por depender de uma mulher que nunca conheci para me fazer sentir bem. Por embaraçar você para me salvar. Pela maneira como falei com você no dia em que você ganhou o Denman Derby – não tenho certeza se algum dia vou me perdoar por isso. Por ser um idiota quando veio morar comigo. Por não poder resistir a você. Por ser desonesto. Por não ter contado coisas que você merecia saber. Por não ser o que você merece. — Ele para, ofegando sob a tensão da extensa lista que acabou de recitar, e olha para baixo. — Porra. Sinto muito porque me apaixonei por você em algum lugar ao longo do caminho e agora não sei o que fazer com isso.

Achei que tinha desmaiado naquele dia com DD e caí na pista, mas aquilo não foi nada comparado a agora. Eu balanço no local – e não acho que seja o vinho direto da garrafa.

— Você me ama? — Minha voz é alta e incerta. Pareço uma criança aos meus próprios ouvidos. Meu queixo treme.

— Sim. — Suas oscilações também quando seus olhos encontram os meus.

— Então junte suas coisas e comece a me amar! — As palavras saem de mim em uma onda de frustração que nem eu esperava.

— Não é tão fácil. Estou... — Um rosnado tenso sai de seu peito enquanto ele desvia o olhar. — Estou fodido, Violet. Há um trabalho árduo que preciso fazer. A merda na minha cabeça? Não fica melhor só porque eu quero.

Se ele está procurando por piedade, não é aqui que ele vai conseguir. Ele acabou de me dizer que me ama e ainda está me

ignorando? Isso é ainda pior do que pensar que ele não se importa comigo o suficiente para fazer isso funcionar.

— Você quer que seja? Você quer melhorar? Porque de tudo que eu vi, você está bem estagnado.

— Violet...

— Não. Você está. Não minta para mim e finja que não está. Pegue os demônios pelos chifres. Eu não preciso de você *melhor.* O que é melhor afinal? Isso não é um objetivo. Isso não é quantificável. Escolha algo que você pode fazer, e *faça isso.* Não preciso de você no nível da pista. Eu nem preciso de você em todas as corridas. Não preciso que você ame cavalos, mas *preciso* que você me ame.

Ele começa, olhos cinzentos arregalados e vidrados, lábios carnudos rolando juntos como se ele estivesse segurando palavras que ele simplesmente não consegue dizer.

— Eu sei que você se vê como escuro. Mas você não é. Você é um turbilhão de cores, todos os tons diferentes, um mosaico. Você é complicado e bonito. E eu não vou desistir de você, então é melhor você não desistir de mim.

As palavras ecoam entre nós como sinos em um dia ventoso. O silêncio é pesado e minha consciência também, enquanto me preparo para colocar uma data de validade em nós. — Pippy tem sua corrida de estreia em duas semanas. Diga-me um plano até lá. Ou não. Pelo menos saberei como proceder com a minha vida.

— Você está me dando um prazo? — Ele parece quase ofendido. Como se ninguém nunca ditasse a lei no que diz respeito

a ele. Como se estivessem tão ocupados andando na ponta dos pés em torno de seu humor de merda e personalidade quebrada, que se esquecem de tratá-lo como se ele tivesse responsabilidades. Como se ele fosse capaz de lidar com a pressão. Que suas ações têm consequências.

— Sim. Duas semanas devem ser longas o suficiente para você decidir se vai tentar ou não. Isso é tudo. Não... — levanto minhas mãos fazendo aspas — melhor. Não curado. Não diferente. Eu não quero você diferente. Eu quero você com suas arestas irregulares e seu humor crescente. — Dou um passo à frente e deixo minhas mãos caírem sobre seus joelhos, sentindo a linha de músculos sob minhas palmas. E eu aperto, incitando-o a me olhar nos olhos. Realmente me olhar nos olhos. Então ele sabe o quanto estou falando sério agora. Que eu quero dizer cada palavra até os meus ossos, até a minha medula. — Eu sei que todo mundo deixou você se esconder. Ninguém se esforçou para verificar você, para amá-lo. Todos ao seu redor falharam com você tão completamente, desistiram de você tão facilmente. — Balanço minha cabeça, e lágrimas brotam em meus olhos com a injustiça disso. Isso me faz querer lutar ainda mais por ele. — Eu quero *você*. Mas você precisa querer você também. Eu não posso querer você o suficiente para nós dois.

Não há mais palavras a serem ditas entre nós, e parece que Cole também sabe disso. Ele apenas me dá um aceno conciso. Um que devolvo antes de me virar e me afastar dele pelo que pode ser a última vez. Desço a estrada de cascalho de volta ao meu apartamento, refletindo sobre essa possibilidade.

E então as lágrimas finalmente vêm.

27



Cole

Deito-me no sofá e olho para o teto. Pequenos arco-íris dançam na extensão plana dos prismas de cristal pendurados na janela. Leves e bonitos. Eles me lembram a casa da fazenda, de Violet.

— Isso realmente ajuda? Ou é apenas algo que as pessoas fazem nos filmes?

— Não sei. — As pulseiras empilhadas no pulso de Trixie tilintam quando ela levanta a mão dramaticamente. — Mas vou dizer que acho que nunca vi você relaxado o suficiente aqui para se deitar. Você não pode nem ver a porta daí.

— Talvez eu tenha parado de me importar.

Ela dá uma risada rouca. — É isso que você está fazendo? Deitado para morrer? Quão shakespeariano da sua parte. Ainda bem que você voltou para uma sessão.

Eu viro minha cabeça para encarar Trixie. Às vezes, é como se ela pensasse que eu a pago para zombar de mim. — Você sabe que não é isso que eu quero dizer.

Ela sorri de volta para mim, todas as rugas ao redor de seus lábios se formando de uma maneira que contam histórias de anos. — Então, por favor, diga-me o que você pretendia dizer.

— Preciso descobrir como lidar com o fato de ver a mulher que amo montar em um cavalo e cavalgar para longe de mim. Preciso saber como ficar feliz por ela, em vez de ficar com medo de que ela nunca mais volte.

— Ok. Isso é algo que surgiu entre vocês dois? O que Violet diz?

Estou grato por ela não se concentrar na palavra com A, mas também é bom admitir isso. Ontem à noite conversando com Violet lá fora, a maneira como ela reagiu, não sei por que esperei tanto. Eu a amo de longe há anos e nunca disse nada.

Acho que ela pode me amar também. Ela não disse isso. Mas posso *sentir* isso. Que mulher esperaria por uma bagunça como eu se ela não me amasse?

Acho que podemos nos amar.

Ela me faz sentir seguro, querer arriscar, ser um eu melhor – e se fazer de alguém uma versão melhor de si mesmo apenas por estar lá não é amor em ação, então não sei o que é.

Eu quero fazer isso por ela também.

— Aqui é onde eu fodi tudo.

Eu arrisco um olhar para Trixie. Seu rosto não revela nada, e ela apenas fica ali, olhando para mim. Ela não está desapontada ou brincando. Ela está apenas esperando.

— Ela caiu de um cavalo enquanto eu estava olhando e desmoronei. Eu tive um ataque total como não tive em anos. Depois disso, posso ter insinuado que não poderia estar com ela por causa de seu trabalho.

— E qual foi a resposta dela? — Não há indício de julgamento em sua voz. Por alguma razão, eu esperava uma bronca por ser um idiota tão egocêntrico. Estou sempre esperando que as pessoas vejam o pior em mim.

— Em palavras muito mais gentis, ela disse algo como foda-se e junte sua merda.

— Eu gosto dessa mulher. — Trixie se ajusta em seu assento e me observa pensativa. Posso sentir os olhos da velha em mim. Eu posso ouvir as rodas girando em sua cabeça. — Diga-me, o que você gosta nela?

— O que estamos fazendo? Fazendo uma lista de prós e contras aqui?

Trixie me olha como se dissesse: *Já terminou?* Suspiro, sentindo-me coxo e poético sobre uma garota no sofá do meu psiquiatra. Eu sou um estereótipo ambulante.

— Ok. Acima de tudo, gosto de como ela é motivada. Ela pegou a estrada sozinha, para traçar seu próprio caminho, e trabalhou duro para consegui-lo. Eu admiro isso. Ela é calma e quieta, reconfortante, mas não uma tarefa fácil. Não me sinto agitado por ela, mesmo quando ela não para de fazer perguntas. Ela é pensativa. Ela me deixa ter meus problemas e não olha para mim como se eu fosse um cachorrinho que levou muitos chutes. Ela apenas redireciona, como se eu não fosse um inconveniente para

ela. Ela é apenas... ela é como o sol no meu rosto. Quente e brilhante. Sinto como se estivesse vivendo na sombra, em um canto escuro, e ao invés de me arrastar chutando e gritando para fora de lá – como tantas pessoas tentaram – ela apenas mudou um pouco para compartilhar sua luz.

Observo os pontos multicoloridos se moverem pelo teto a partir dos prismas, o padrão balançando levemente como os cristais. Eles são hipnóticos. Minha voz sai rouca: — Não quero mais viver no escuro.

Trixie olha para o teto também, seu pescoço esticado acima das grandes contas de madeira de seu colar. — Bonitos, não são?

Engulo em seco, tentando limpar a garganta antes de dizer qualquer coisa. — Muito — é o que consigo dizer.

— É apropriado, você sabe. Esses cristais na janela são chamados de apanhadores de sol. — Pisco rapidamente. — Eles são bons em feng shui. — Eu bufo, mas Trixie me ignora. Ela sabe que não gosto desse tipo de coisa, mas continua mesmo assim. — Eles pegam a energia do sol e a espalham, quebrando a energia negativa. Luz positiva. Luz de cura. Brilho e cor.

Eu sei que é a minha vez de responder, mas estou muito emocionado para falar. Eu só faço um barulho gorgolejante. Preso no que ela está me dizendo, sem realmente dizer. Quais são as chances de eu mandar uma mensagem para Violet? Quais as chances de forjarmos uma amizade? Quais as chances de ela acabar trabalhando para minha família? Quais as chances de eu pensar nela como o sol enquanto estou olhando para a porra de um apanhador de sol? Tudo sobre nós parece tão improvável e, no

entanto, tão predestinado. Depois de todas as coisas ruins que aconteceram comigo na minha vida, é difícil entender o universo empurrando um presente como Violet na minha cara uma e outra vez. Mas é demais para ignorar.

— Você se apaixonou pelo impulso daquela mulher. Sua paixão. Sua centelha para a vida. Sua *luz.* E se, em vez de jogar tudo fora, você se tornasse o apanhador de sol dela? Pegue essa luz e amplifique-a de todas as maneiras que puder. Aproveite. Que maravilha ter encontrado! — Ela bate palmas animadamente. — Mas a luz é complicada. Ela escorrega por entre os dedos. É passageiro. Ela vem e vai. Nunca chegamos a possuir; você não pode segurar em sua mão. Nós apenas podemos aproveitar. E se você conseguir descobrir uma maneira de simplesmente relaxar e *se divertir,* bem, Cole, você será um dos sortudos.

Sortudo. Nunca me considerei um sortudo. Meu pai, minha perna, meu noivado, minha saúde mental. O dinheiro não importa quando tudo ao seu redor é uma merda.

Não consigo esconder a falha na minha voz quando respondo: — E se algo acontecer com ela?

— Mas e se nada acontecer com ela e você passar o resto da vida perdendo toda aquela luz?

Uma voz na minha cabeça grita mais alto do que todas as outras. Todos os que duvidam. Todos os odiosos.

Não quero mais viver no escuro.

Um passo que preciso dar para recuperar minha vida é reacender algum tipo de relacionamento com meu irmãozinho. Trixie apenas confirmou isso para mim enquanto nossa conversa continuava esta manhã. É por isso que estou aqui, sentado no degrau da frente de sua casa enquanto ele não está em casa, esperando que ele volte. Não sei o que vou dizer a ele. *Ei, quer sentar e beber uma garrafa de água enquanto conto como tenho fingido não ser um amputado nos últimos seis anos? Legal, certo? Muito normal, eu sei, obrigado.*

Eu gemo e cruzo os braços, chutando uma pedra diante de mim. Estou frustrado. Estou impaciente. Eu quero isso tudo consertado agora. *Ontem.*

Quero Violet de volta agora.

Como eu deixei isso ficar tão fora de controle?

Estou prestes a começar a me repreender quando a caminhonete de Billie para em frente à casa. *Excelente. Exatamente o que eu preciso.*

— Ei, irmão mais velho! — ela chama enquanto pula para fora, apenas perpetuamente de bom humor ou algo assim. — Bom ver você.

Eu a olho especulativamente. Eu teria pensado que Billie estava com raiva de mim pela merda que fiz com Violet. Mas ela está agindo totalmente normal em vez disso. Chata. Ela está agindo irritante.

— Você me chama assim especificamente para me irritar?

Suas sobrancelhas se juntam quando ela se aproxima da varanda da frente. — Não. Chamo você assim porque seremos uma família, unidos até ficarmos velhos, grisalhos e enrugados, e eventualmente vou amolecer você. Eu sou muito simpática. Você vai ver.

Seu rabo de cavalo balança quando ela passa por mim com suas botas Blundstone. Ela entra na cabana sem dizer mais nada para mim, deixando-me com meus pensamentos sobre como ela automaticamente assume que seremos uma família pelo resto de nossas vidas. Como se fosse um fato, uma verdade inevitável. Eu gostaria de ter esse tipo de otimismo no que diz respeito à permanência. Nada parece muito permanente para mim na maioria das vezes.

— Aqui. — Ela me assusta quando reaparece, caindo à minha direita no degrau e me entregando uma garrafa de cerveja marrom gelada.

Pego dela e passo o polegar pela condensação que se forma do lado de fora. — Eu não bebo muito.

— Seria muito mais legal se você fizesse isso.

Eu bufo. — Atordoado e confuso. Esse sou eu hoje em dia, com certeza.

Ela ri e toma um gole de sua própria cerveja, olhando para o paddock de DD. O cavalo preto está mastigando seu feno, balançando o rabo alegremente. Um animal de estimação multimilionário. Eu balanço minha cabeça.

— Cerveja não é saudável — eu continuo, tentando qualificar minha declaração – e principalmente apenas mudar de assunto.

Ela ri abertamente agora, acenando com a mão sobre o meu corpo. — Nem o que você está fazendo com sua pressão arterial agora.

Um suspiro sai da minha boca, e tomo um gole profundo da cerveja. Ela está certa. Billie é perspicaz assim. Ela é esperta. Pessoa inteligente. O tipo de inteligência que não ensinam na escola. Lembro-me de esclarecer Vaughn quando ele quase estragou tudo com ela. Ela sabe distinguir o certo do errado e ensinou uma lição a meu irmãozinho sobre isso.

Eu gosto deles juntos.

— Você deve pensar que eu sou um verdadeiro idiota.

— Não. — Ela ainda não olha na minha direção. Olhos pensativos encaram as colinas além do paddock, aquelas que levam ao celeiro – a Violet. — Acho que você está fazendo o melhor que pode com a merda que a vida lhe deu. Exatamente como todos nós.

Ok. Isso não é o que eu estava esperando. Mas então, sei que Billie tem sua própria parcela de drama familiar. Seu próprio conjunto de problemas com o pai para enfrentar. Talvez sejamos mais parentes do que eu jamais imaginei.

Ela bebe novamente, parecendo pensativa. — A merda é que Violet está fora do seu alcance. — Eu apenas resmungo. E depois bebo. Porque ela também não está errada sobre isso. — O bom é que ela é angelical demais para ver as coisas dessa maneira. — Ela

inclina a cabeça em minha direção e ergue a cerveja em silêncio. — Então, você tem isso trabalhando para você.

— Obrigado pelo voto de confiança, irmã. — Eu acho que se ela vai distribuir, eu posso muito bem devolver.

Seus lábios se curvam em um pequeno sorriso satisfeito. — O que você precisa fazer é subir de nível. Não é sobre Violet. É sobre você acreditar que é digno dela.

— Você sabe que pago alguém para me ajudar com esse tipo de revelação.

Ela não perde o ritmo. — Ok. Dinheiro ou cheque é bom.

Eu rio. Não posso evitar. Odeio admitir, mas Billie é engraçada.

— O que faria você se sentir digno dela?

— Essa é uma ótima pergunta. Eu... não sei.

— O que está prendendo você? Isto? — Ela bate o dedo na minha têmpora. — Ou isto? — Ela toca minha prótese.

Faço uma pausa, virando minha cabeça lentamente para encará-la. Olhos felinos brilhantes me observam com curiosidade. — Como você sabe disso?

— Se você está perguntando se Violet me contou, a resposta é não. Mas eu observo pessoas e cavalos para viver. Acho que vejo coisas que outras pessoas não veem. Linguagem corporal. Carrapatos. Pistas. Um cavalo está com medo? Desconfortável? Onde posso diagnosticar um problema? Estou constantemente avaliando. E você... você esconde bem. Mas seu andar está um *pouco* errado. Você sempre usa calças compridas e meias altas,

não importa a temperatura. Você massageia sua perna sem nem perceber. Eu descobri um tempo atrás.

— E você simplesmente não disse nada?

Seu nariz enruga em confusão. — Por que eu diria algo? Primeiro, isso não importa para mim. Em segundo lugar, não é da minha conta.

— Vaughn sabe?

— Não. Uma vez você disse a ele que meu segredo era uma conversa entre mim e ele. E meus sentimentos sobre isso são os mesmos. Isso é para vocês dois conversarem.

Meu peito afunda um pouco. — Você acha que ele vai me perdoar?

Ela balança a cabeça distraidamente, olhando para o cavalo. — Perdoar você por quê? Ele é seu irmão mais novo. Ele ama você.

Meus olhos ardem com a simplicidade de sua declaração. Como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. O mais natural. Eu odeio o quanto falhei com Vaughn.

— E a Violet?

— A mesma pergunta: por quê? Você planeja partir o coração dela?

Eu me irrito. Em vez disso, a ideia de causar dor a Violet me causa dor, como um soco forte no estômago. Estilhaço na perna. — Não se eu puder evitar — resmungo.

— Ok, bom. Então, qual é o problema?

Eu bato na minha têmpora, imitando o jeito que ela fez antes. — Todo mundo pensa que estou ferrado com a guerra. Mas eu tenho trabalhado nisso. Tenho essa parte sob controle, na maior parte. É a visão do meu pai caindo para a morte na pista que me assombra. É o que vejo toda vez que assisto a corrida de Violet. É com isso que me preocupo todos os dias quando sei que ela está montada em um cavalo. E se acontecer com ela também? É a pergunta que se repete em minha mente. Eu quero ser seu maior fã de uma vez, e na próxima, eu não a quero em um cavalo. O que sei que é uma coisa idiota de se admitir, mas é a verdade. Eu preciso descobrir uma maneira de contornar isso.

Billie gira a garrafa nas mãos. Ela parece estar me ignorando completamente e fica quieta por tempo suficiente para eu questionar seriamente se ela me ouviu tagarelando sobre meus sentimentos.

— Ok. Então... você tem medo de perder Violet ou tem medo de cavalos?

— Eu... — Minha reação instintiva é dizer que é claro que não tenho medo de cavalos. Eu cresci perto deles. Mas algo me detém enquanto reflito sobre a questão. — Ninguém nunca me perguntou isso antes. — Eu tenho? Medo de cavalos? Meu medo decorre de não entender o que ela faz mais do que meu medo de perdê-la? *Porra.* — Pode ser os dois? Eu costumava andar com meu pai e não tinha medo na época, mas não sei mais.

— Sim, cara. Você pode ser o que quiser ser. Exceto seu fã número um, porque sou eu. Você terá que lutar comigo por isso. Mas se você não lutar comigo por isso, algum outro cara o fará.

Vale a pena assistir a isso ou o risco dela talvez, possivelmente, improvável, um dia morrer? A família, o casamento, os bebês? — Ela geme. — Eca. Violet provavelmente fará os bebês mais fofos.

Porra. O. Quê? Deixe para Billie lançar as bombas de verdade emocionais mais devastadoras possíveis. Sinto minhas bochechas esquentarem e meu coração bater forte. Essa pressão arterial? Está de volta onde começou. — De jeito nenhum. Sem chance. Isso não pode acontecer.

Billie sorri e inclina os cotovelos para trás no degrau atrás dela, parecendo tão presunçosa. — Bom. Pronto para trabalhar? Porque eu tenho um plano.

Um plano de Billie? Estou igualmente revigorado e apavorado. Conforme ela expõe tudo, esse terror se transforma em pavor. Não tenho certeza se estou a fim, mas tenho certeza de que vou tentar. Ela só para de falar quando Vaughn para em seu estúpido carro esporte.

— Tudo certo? Alguém morreu? — ele pergunta, parecendo preocupado enquanto sai rapidamente.

Acho que, do ponto de vista dele, é estranho que Billie e eu tomássemos uma cerveja juntos quando geralmente somos como água e óleo.

— Está tudo ótimo, exceto pelo fato de você continuar insistindo em dirigir esse carro aqui. Você parece um idiota total. Um idiota gostoso, mas ainda assim... — Billie brinca de volta rapidamente, ganhando um sorriso malicioso e um balanço de sobrancelha do meu irmão.

Quando ele se aproxima de nós, Billie se levanta e me entrega sua garrafa de cerveja vazia. — Eu preciso, uh... ir falar com Mira sobre a construção da clínica.

Besteira. Ela está saindo para que eu tenha que falar com Vaughn. Ela caminha até ele, ignorando o olhar suspeito em seu rosto – aparentemente, ele também não acredita – planta um beijo rápido em seus lábios antes de dar um tapa em sua bunda e continuar para sua caminhonete. Esses dois são perfeitos um para o outro.

— Ei, cara — ele diz para mim enquanto se aproxima. — Quer outra cerveja?

Vejo minhas contagens micro e macro saírem pela janela, mas não é todo dia que você tem essa conversa com seu irmãozinho.

— Certo. Por que diabos não?

28



Violet

É o primeiro dia de corrida de Pippy e eu deveria estar animada. Mas, em vez disso, estou chateada e um pouco triste.

Ainda não tive notícias de Cole. Já se passaram duas malditas semanas e *ainda* não tive notícias dele. Billie vive me dizendo para não me preocupar com isso, e perguntei a ela algumas vezes se sabia de algo que eu não sabia. Sua resposta é sempre: — Não.

Mas, pela primeira vez, espero que ela esteja mentindo para mim.

Eu não deveria ter dado a ele um prazo. Eu não deveria ter colocado essa pressão sobre ele. Eu não deveria ter me apaixonado por ele. Mas aqui estou eu, descontando toda essa frustração no pelo de Pippy, tentando não a alimentar com toda a minha energia ansiosa e falhando miseravelmente. Todo mundo sabe que estou de mau humor. Billie, Hank, Mira, Vaughn – todos eles estão me ignorando. Pippy, porém, ela está presa comigo. E, felizmente, ela é a potra mais feliz e descontraída do planeta. Ela é como uma eterna otimista. Acho que quando você nasce tão cedo quanto ela, apenas sobreviver é uma conquista, algo para se orgulhar.

Preciso que esse otimismo me contagie, porque me sinto como uma nuvem de tempestade agora. A parte boa disso é que meus instintos assassinos estão em alta. Eu quero vencer. Eu quero brutalizar a competição. Quero provar a todos que não sou uma loira estúpida. Eu sou a mulher que pegou um cavalo que ninguém pensou que correria e o transformou em um vencedor.

Todas as brisas de Pippy têm sido sólidas ultimamente. A saúde dela é excelente. Ela é imperturbável. Mas você nunca *sabe* até colocar um cavalo na pista. Afundar ou nadar.

Eu me joguei no fundo do poço alguns anos atrás, e hoje é a vez de Pippy fazer o mesmo.

— Srta. Eaton?

Eu paro e então me viro com uma carranca para encarar Stefan Dalca, que está parado na entrada de nossa cabine de tosa. Eu tenho que reconhecer. O cara deve ter coragem de verdade aparecendo no barracão do Gold Rush Ranch com o que a maioria de nós sente por ele.

— Por que você insiste em falar comigo antes de uma corrida? Não é um bom momento. Você não sabe nada sobre esse esporte?

Ele pisca para mim, parecendo surpreso com a forma como ataquei. Para ser sincera, também estou um pouco surpresa. Eu gosto do cara? Não. Mas isso está fora do personagem para mim. *Maldito Cole Harding.*

— Eu só queria vir e oferecer um pedido de desculpas a você.

— Você? — Eu aponto para ele. — Quer se desculpar comigo? — Meu polegar bate contra o meu peito.

— Pelo comportamento de Patrick Cassel.

Eu bufo e volto a pregar Pippy.

— Eu desconhecia completamente o comportamento dele e ele não está mais trabalhando para mim. — Quando eu olho para ele, sua mandíbula aperta e ele me fixa com seus olhos verdes. Suas feições de falcão não deixam espaço para duvidar de sua sinceridade. — Seu comportamento dentro e fora da pista não é adequado para alguém que trabalha para mim e, especialmente, não é adequado para qualquer homem que eu queira alinhado comigo. Sinto muito por todo o desconforto que ele causou a você.

Eu poderia dizer algo sarcástico. Eu poderia jogar seu movimento desprezível no ano passado na cara dele, mas ele parece sério. Ele parece... castigado.

— Ok. — Eu solto um suspiro enquanto aperto a cinta em torno das costelas de Pippy. — Obrigada por isso. Agradeço.

Quando olho para ele, ele parece chocado com a minha resposta. Como se ele estivesse esperando que eu o atacasse ou algo assim. Mas não sou assim. Não gosto de guardar rancor. Não gosto de ter inimigos. Eu gosto de me dar bem com as pessoas, e se não posso me dar bem com Cole, então posso me dar bem com Stefan. Pelo menos isso é alguma coisa.

— Ok. Bem. Boa sorte. — Ele estende a mão para mim, e eu paro o que estou fazendo para pegá-la na minha.

— Obrigada. O mesmo para você. — Vejo seu corpo relaxar enquanto ofereço um pequeno sorriso, como se ele estivesse

genuinamente preocupado em falar comigo. É meio doce, para um cara que não passa de uma cobra total na grama.

Solto a mão dele e me viro para Pippy com uma sensação renovada de empolgação. Se alguém como Stefan Dalca pode aparecer, talvez Cole também possa? O dia ainda não acabou. Mas agora é hora de tirar os meninos e o drama da minha cabeça. É hora de me concentrar, de começar a trabalhar.

É hora de vencer uma corrida.

Com todas as nossas sedas vestidas, saímos do celeiro em direção ao anel de amarração. Billie aparece do nada como de costume, vestindo um dos terninhos que ela sempre veste em grandes dias de corrida, dá uma ajuda para montar e me leva até o circo que é sábado à tarde no Bell Point Park. Pippy olha em volta com interesse, mas não com alarme ou ansiedade – algo que claramente não é normal para uma criança de dois anos em sua corrida de estreia.

Outros cavalos saltitam ansiosamente, espumando com o freio, mas ela apenas caminha com seu grande passo firme com um olhar curioso no rosto. É como se ela já tivesse estado aqui antes. Como se ela estivesse aqui para nos ensinar uma lição, e talvez ela esteja. Só não tenho certeza do que é ainda.

Quando chegamos ao ringue de amarração, Billie aperta meu joelho e me manda com um: — Vá pegá-los, tigresa.

Sou entregue ao cavalo pônei e todo o resto desaparece. O barulho, as distrações. Tudo o que vejo é o que há entre aquelas orelhas marrons e pontudas. Meu objetivo está bem à frente. Tudo o que preciso fazer é estender a mão e pegá-lo. Billie e eu

conversamos sobre estratégia antes. O plano básico é: vá com calma e deixe-a encontrar o equilíbrio. Esta corrida é prática, pois não é uma qualificação. É um teste. Não há pressão, exceto pelas pilhas amontoadas que coloquei em mim mesmo.

Depois de uma volta, entramos no portão e posso sentir Pippy ficar um pouco tensa – finalmente. Suas orelhas grandes balançam como moinhos de vento em sua cabeça, o que me faz rir, e eu me abaixo para dar-lhe alguns arranhões suaves.

— Bom, baby. Você tem isso. Todos descartaram você. Eles pensaram que você era muito pequena, muito fraca. Nós vamos mostrar a eles, não é? Vamos mostrar a eles o que essa pequena atitude rosada pode trazer para você.

E talvez essa seja a minha lição. Energia positiva gera energia positiva. Uma visão vencedora, é o que Pippy tem, e quando o sino toca e os portões se abrem, eu sorrio. Sinto isso em minha alma.

Pippy vai ganhar esta corrida.

Ela abaixa a cabeça e avança, com força. Ela não fica atrás e toma espaço, não avalia a concorrência. Parece que é mais provável que ela os atropele se eles não saírem do caminho.

Foi-se a doce potra. Em seu lugar está uma concorrente. Ela abaixa a cabeça e empurra com força por trás. Eu tento segurá-la um pouco. Ela ainda não está totalmente em forma, e não quero que ela gaste toda a sua energia no primeiro trecho. Correr do começo ao fim não é o plano de jogo ideal de ninguém. Exceto Pippy, aparentemente.

Ela pega o freio entre os dentes e me arrasta imediatamente. Sento-me, inclinando-me ligeiramente, tentando acalmá-la. Mas ela não está aceitando. Ela está a toda velocidade e voando para a frente do pelotão. E eu? Eu me sinto como uma criança em um pônei fugitivo. Todo aquele tempo gasto virando e parando e indo, todas aquelas pequenas nuances que pensei que ela tinha um domínio decente o suficiente, voa longe. Em seus treinos na fazenda, ela era rápida. Mas não assim.

Então, resta-me uma escolha. Lutar com ela ou deixá-la participar da corrida de uma forma que lhe pareça natural. Deixar que ela assuma a liderança e mostre o que ela precisa.

Eu mal preciso pensar sobre isso.

Eu pressiono meus pés nos ferros, aproximo-me de seu pescoço e a deixo correr com a guia. Ela flui lindamente pelo canto, e não posso deixar de sorrir. Estando a cavalo, com o vento no rosto, eu me sinto viva. E pelo jeito que ela não está cansada, eu diria que Pippy também sente. Ela usa aquela curva final para disparar para a reta. Estamos absolutamente voando e estou feliz por esta ser uma corrida curta, porque não sei quanto tempo ela pode manter isso.

Quando dou uma olhada para trás, quase não consigo acreditar no que vejo. Os outros cavalos devem estar pelo menos dez metros atrás de nós. Com um pequeno aceno de cabeça, pressiono meus dedos em sua crina e me agacho. Podemos muito bem aumentar para onze.

Nós trovejamos direto para o poste de chegada em um ritmo uniforme. Posso sentir seu cansaço embaixo de mim, mas, a essa

altura, a extensão é tão grande que não importa. Eu não preciso empurrá-la.

Cruzamos a linha de chegada – não está nem perto de parar.

Deixo meus braços deslizarem ao redor de seu pescoço enquanto pressiono um beijo em sua crina e rio. Essa foi a corrida mais bizarra e divertida da minha vida. Pipsqueak é uma psicopata total.

— Você é louca. Você sabe disso? — Sento-me alto para retardá-la um pouco. Coçar sua cernelha do jeito que eu sei que ela gosta, sentindo minhas bochechas doerem com a intensidade do sorriso que não consigo apagar do meu rosto.

Eu vejo nosso cavalo pônei se mover para fora da minha periferia, algo que me deixa feliz, porque Pippy não parece muito ansiosa para parar. Esperançosamente, um cavalo mais velho e mais calmo terá a cabeça aparafusada de volta à direita. Ainda estou olhando em volta quando o cavaleiro chega ao nosso lado e pega a rédea. Por mais triste que pareça, ainda estou olhando em volta, esperando poder avistar Cole em algum lugar. Vestindo um belo terno e aquele olhar rosnado em seu rosto. Eu amo aquele olhar rosnado e a voz que combina com ele.

Eu o amo.

Eu deveria aproveitar esta vitória. Mas estou ansiando por um cara por quem me apaixonei como uma adolescente indecisa.

— Eu sabia que você iria ganhar — diz o cavaleiro do pônei ao meu lado. Mas a voz dele é...

Eu olho e meu queixo cai. Porque Cole Harding está no robusto cavalo de milha ao meu lado. Ele está segurando as rédeas de Pippy. *Ele está a cavalo.*

— O gato comeu sua língua? — Ele sorri, parecendo tão orgulhoso de si mesmo.

Meus olhos ardem e se enchem enquanto trabalho para puxar Pippy para cima, querendo diminuir a velocidade. Querendo parar, querendo tempo para ficar parada para que eu possa rastejar em seu colo novamente. — Você está aqui.

— Surpresa. — Seu sorriso é de derreter calcinhas. Tudo o que consigo fazer é balançar a cabeça. — Você achou que eu faltaria? — ele pergunta com uma inclinação de cabeça.

— Eu... — Reduzimos para um trote e depois para uma caminhada antes de parar completamente no meio da pista, enquanto outros cavalos passam por nós em direção ao portão de saída. — Eu honestamente não tinha certeza.

— Minhas duas garotas na mesma corrida? Sem chance.

Minhas garotas. — Eu apenas... — Minha boca se move, mas nenhum som sai. — Faz duas semanas!

— Eu sei. Aprender a andar novamente com uma prótese em apenas duas semanas foi quase um trabalho em tempo integral.

Examino seu corpo na grande sela ocidental. Ele parece confortável. — Você parece bem — eu digo honestamente. — Como você conseguiu isso?

Ele ri. — Billie. — Como se o nome dela sozinho explicasse tudo. — Algo sobre cavalos sendo uma terapia. Sinceramente, acho que ela pode estar no caminho certo.

— Você está aqui. Nesta pista. Em um cavalo — falo estupidamente, ainda tendo dificuldade em entender minha cabeça em torno disso.

Ele olha em volta como se estivesse absorvendo tudo. As imagens, os sons, os cavalos, e um sorriso melancólico toca seus lábios quando ele olha para mim. — Eu estou.

— Por quê?

— Porque não quero mais viver no escuro.

Minha garganta se contrai, e eu gostaria de poder dizer alguma coisa, mas estou muito engasgada. Enxugo meus olhos e olho ao nosso redor timidamente. *Isso* é o que eu queria ouvir. Não que ele só esteja fazendo isso por mim, mas por si mesmo.

— Venha, vamos tirar você da pista.

Concordo com a cabeça, deixando-o dar um leve puxão na rédea enquanto nos conduz em direção ao portão e ao círculo dos vencedores. Estou atordoada. Exaltada. *Chocada.*

Eu o vejo cavalgar, e ele parece tão natural. Ele disse que cavalgava com o pai. Era algo que eles gostavam de fazer juntos. Percorrer as trilhas e embarcar em uma aventura. Eu sei que ele não montou em um cavalo desde a morte de seu pai.

— Como é? Cavalgando de novo? — murmuro enquanto os cascos de nossos cavalos batem em uníssono no caminho de concreto para o círculo do vencedor.

Seu pomo de adão balança enquanto ele engole, olhando para mim com o canto do olho. — Parece que isso é o que ele gostaria.

Concordo com a cabeça, sentindo que ele teve um avanço, e olho para trás, para a multidão reunida no círculo do vencedor. Não é exatamente o frenesi que costuma ser com DD, mas pode ser ainda mais satisfatório. Pode ser a melhor corrida de todos os tempos, para ser honesta.

Cole está prestes a descer do cavalo, mas não aguento mais. — Pare. — Estendo a mão e agarro seu cotovelo enquanto ele olha para mim. — Isso significa que você vai tentar?

Ele olha ao nosso redor timidamente, sabendo que as pessoas estão observando agora. Provavelmente se perguntando por que diabos estou tendo uma conversa intensa com o cavaleiro do meu cavalo pônei. Ele me olha com tanta sinceridade que juro que sinto meu coração apertar no peito. Ele estende a mão, uma mão na minha bochecha, esfregando o polegar como sempre faz.

— Sim, Violet. Vou tentar. Mais do que isso, eu vou fazer isso. Porque você? Nós? Acho que estamos destinados a ser. Você me encontrou, e eu encontrei você. Uma e outra vez. Se isso não é um sinal, não sei o que é.

Uma lágrima grande e gorda rola pela minha bochecha. Ele a pega e a limpa. — Eu amo você, Violet Eaton. Eu amei antes de conhecer você. E Deus sabe, amo ainda mais agora.

Mais lágrimas caem. Ouço murmúrios ao nosso redor, mas não me importo. Não consigo desviar o olhar de seus olhos prateados iluminados pela lua. Ele acha que é escuro. Eu acho que ele apenas brilha de forma diferente. A forma como a lua ilumina

o mundo à noite, suave e sutil. Ele brilha. Especialmente quando ele olha para mim do jeito que ele faz agora.

E o pensamento de que eu poderia ser a única a fazer esse homem brilhar? Isso me tira o fôlego. — Eu também amo você — sussurro, os olhos procurando os dele, desejando ter mais palavras para ele.

Ele se inclina e sua boca encontra a minha.

E opto por apenas mostrar a ele como estou me sentindo.

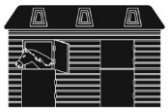
Eu me derramo neste beijo. A dor, a saudade, a admiração – eu coloco tudo para fora e ele absorve tudo. Cada dor, cada triunfo. Ele está aqui, e sei que sempre estará. Suas mãos na minha pele me dizem isso, sua língua contra a minha como uma promessa.

Ele se afasta e descansa sua testa contra a minha. — Vá. Saboreie sua vitória. Vamos terminar isso em uma baia mais tarde. — Eu rio e coro com a memória, espiando ao nosso redor, percebendo que temos uma audiência. — Eu estarei bem aqui. Eu não estou indo a lugar nenhum.

Com mais um roçar rápido de meus lábios, eu me viro e conduzo uma Pippy de aparência muito satisfeita para o círculo do vencedor, onde ela se deleita com a atenção e empina as orelhas lindamente para fotos. Absorvo tudo, sabendo que Cole está ali.

E ele não vai a lugar nenhum.

EPÍLOGO



Cole

Um ano depois...

— Coloque. Seus. Calcanhares. Para. Baixo. Você não fala mais a mesma língua?

Eu juro, se Billie não tivesse meu bebê dormindo amarrado em seu peito, eu pularia deste maldito cavalo e daria a ela o cascudo que ela está pedindo desesperadamente agora.

— É minha prótese — eu resmungo em vez de *'Foda-se, é minha prótese'*. Estou tentando muito não xingar tanto agora que tenho outra garota na minha vida. Muito mais impressionável. Ok, ela tem apenas alguns meses de idade, mas se eu praticar agora, não precisarei me preocupar com – foda-se – ser sua primeira palavra quando chegar a hora.

Billie revira os olhos dramaticamente, uma palma descansando suavemente na cabecinha careca de Lilah. — Chupe isso, botão de ouro. Se nossos atletas paraolímpicos conseguem, os supersoldados também podem.

Meus dentes rangem, mas empurro minha perna para baixo enquanto troto ao redor do ringue, tentando encontrar meu centro

de equilíbrio e conseguir aquela articulação no ângulo que Billie exige. Não estamos mais fazendo aulas diárias de equitação, mas tentamos manter duas por semana. Billie está ocupada, e eu também, mas ela nunca reclama. Mesmo que seja no final do dia, ela sai e me ajuda.

Provavelmente nunca vou admitir isso para ela, mas eu amo Billie. Eu a chamo de irmãzinha, brincando, mas a verdade é que ela se tornou exatamente isso. Ela me deu um chute na bunda e depois deu um tapinha nas costas. E agora, eu diria que somos amigos. *Família.*

— Sim. Agora você conseguiu. — Sua mão gira em torno da cabeça de Lilah.

— Ela não é um cachorro, Billie.

— Eu sei. — Ela olha para o pequeno ser humano amarrado em uma transportadora em seu peito e sorri. — Mas ela é macia como um.

Eu rio e desacelero para uma caminhada, sentindo a dor em ambas as minhas pernas do trabalho sem estribo que ela acabou de impor. Totalmente masoquista de merda. — Eu pensei que você não gostasse de crianças?

Seus olhos se estreitam para mim, e ela coloca as mãos sobre as orelhas de Lilah. — Shh. Não diga isso a ela. Ela é a única de quem gosto, mas não quero magoá-la.

Agora é a minha vez de revirar os olhos. — Você é uma psicopata de merda...

— Cole Harding. Eu sei que você não apenas xingou na frente do nosso bebê. — Violet caminha até a cerca do picadeiro ao ar livre com aquela calça de montaria apertada que tanto amo com um sorriso provocador no rosto. Ao lado dela, Vaughn balança a cabeça. Eles apenas fizeram um tour de imprensa pela clínica veterinária recém-concluída, algo do qual nem Billie nem eu quisemos fazer parte. Máquinas fotográficas. Pessoas. Atenção. *Não, obrigado.*

— Como foi, menina bonita? — Billie pergunta, caminhando em direção a eles. — Quer seu bebê de volta, Vi?

— Se você a acordar e arruinar minhas horas de liberdade, vou matar você. — Seus olhos brilham com humor e uma pitada de desespero. Ela está brincando, mas só mais ou menos. Pequenos bebês são maravilhosos e cansativos.

Acontece que Violet engravidou assim que voltamos a ficar juntos, depois da corrida inaugural de Pippy – possivelmente no que ficou conhecido como a baia de fazer bebês. Algo que me faz estremecer toda vez que alguém diz isso. O momento não era ideal para a carreira de Violet, algo que a estressou quase instantaneamente, mas com a bênção do médico, ela encerrou a temporada. (Algo que passei muitas horas no sofá de Trixie discutindo. Não há linha de chegada no que diz respeito à terapia.) Mas, no final das contas, estava tudo bem. Lilah nasceu em nossa casa da fazenda em fevereiro e, um mês depois, Violet estava de volta no cavalo. Violet está feliz. E isso me faz feliz.

Acho que meu pai teria amado Violet. Ele a teria respeitado. Assim como eu.

— Foi ótimo. Vaughn é feito para a câmera. Você deveria vê-lo. É como se eles apertassem um botão e ele ligasse. Todo charmoso e maduro.

— Sou charmoso e maduro. — Meu irmão sorri com aquele olhar brincalhão em seus olhos. Algo que adoro ver. Isso me lembra de quando éramos crianças. Uma época que agora posso olhar para trás com carinho, em vez de amargura e saudade.

— Ehhh. Você é encantador... — Violet diz, revirando os lábios e ficando rosa com sua própria piada. *Porra.* Espero que ela nunca supere esse rubor. Faz meu pau estremecer toda vez.

A maternidade a mudou, de todas as melhores maneiras. Eu soube assim que descobrimos que ela seria uma mãe incrível, paciente e gentil. Eu só não previ a ferocidade que isso traria nela. Acrescentou um pouco de coragem a ela, um pouco de possessividade pela qual eu vivo.

Eu assisto Billie e Vaughn às vezes, e sinto que Violet e eu perdemos a parte divertida e lúdica de nosso relacionamento. Mas não tenho certeza se já fomos esse tipo de casal.

— Onde está Mira? — Billie pergunta, apenas para Vaughn responder: — Ei! Você deveria me defender.

Ela apenas levanta uma sobrancelha para ele e lhe dá um olhar indiferente.

Todo mundo ri, até mesmo Vaughn.

— Ela foi chamada para a fazenda de Dalca — Violet responde à pergunta de Billie cautelosamente, quase prevendo o rosnado que ela emite com a resposta.

— Billie. Não é sobre ele. É sobre os cavalos. Você não quer que ela ignore um cavalo que precisa de ajuda só porque pertence a Dalca, quer?

Billie suspira e sussurra algo no ouvido de Lilah. Eu já sei que ela vai se meter em problemas quando tiver idade suficiente. Tia Billie vai ser um problema.

— Realmente maduro, Billie! — Vaughn ri de sua própria piada como um idiota total.

Pulo do cavalo para dar um beijo na bochecha de minha esposa. — Oi, luz do sol — murmuro contra sua pele, apenas para ela se aninhar e responder com: — Ei, Butterface. Estou com fome. — Um apelido que pegou.

— Para jantar?

Ela sorri e seus olhos dançam com malícia. — Não.

E, de repente, quero terminar o jantar de domingo e colocar Lilah na cama o mais rápido possível.

Todos nos viramos juntos e marchamos de volta para o celeiro para terminar com os cavalos e depois vamos para a casa de Vaughn e Billie. O jantar de domingo é uma tradição iniciada por Billie e agora se tornou uma parte regular da nossa semana.

Especialmente porque nunca mais voltei para a cidade. Volto semanalmente, mas o rancho é minha casa. Sinto-me ligado à propriedade de uma maneira que não sabia que poderia. É a ligação familiar, saber que meus avós se conheceram aqui. Viveram aqui. Saber que meu pai nasceu aqui. Parece certo estar aqui. Como se parte do meu sentimento de perda fosse apenas

uma completa falta de conexão com minha história – minhas raízes. Então aquela pitoresca casa azul da fazenda é onde eu quero estar, com todas as minhas garotas. Pippy incluída. Ela ainda mora na frente, no abrigo que construí para ela. Uma velocista campeã em formação e também o animal de estimação da família.

Porque agora somos uma família. No sentido muito tradicional da palavra. Do jeito que eu ansiava. Assim que Violet terminou de surtar por estar grávida, eu me ajoelhei e deixei que ela surtasse por se casar comigo. Isso foi um tipo feliz de surto, no entanto. Viajamos de volta para o rancho de sua família, para uma verdadeira cidade de cowboys nas pradarias e nos casamos com toda a sua família presente. Eles puderam ver a nova Violet, a borboleta que emergiu do casulo. E a julgar pelo número de garotos da fazenda que derramaram lágrimas durante nossa cerimônia, eu diria que eles também estavam impressionados com ela.

— Espere, quer ajuda para arrumar seu cavalo? — Vaughn se aproxima rapidamente atrás de mim e me dá um rápido empurrão no ombro.

— Idiota. — Balanço minha cabeça e rio dele.

Nossa conversa na varanda da frente naquela noite sobre minha perna se transformou em uma conversa sobre muito mais. Transformou-se em uma pilha de garrafas de cerveja no chão e uma grande e velha espiral de vergonha e dor de cabeça na manhã seguinte. Mas valeu a pena. Vaughn e eu conversamos sobre nossos sentimentos – algo em que estou melhorando – e

relembramos. Nunca me senti tão próximo do meu irmão, e meu arrependimento por afastá-lo lentamente diminuiu.

— O que tem para o jantar?

— Lasanha. Billie fez hoje de manhã, então o lugar cheira a isso o dia todo. Só vou ajudar você porque estou morrendo de fome.

Posso ouvir Billie e Violet caminhando atrás de nós, conversando animadamente e rindo alegremente. Música para meus ouvidos. Isso nem me incomoda mais. As conversas, as perguntas, a tagarelice incessante me confortam. É o som da minha garota sendo feliz.

— Encantador — eu digo, olhando para o meu irmão, que sorri alegremente para mim e bate no meu ombro.

— Toma uma cerveja comigo?

Eu suspiro. Por que isso tinha que se tornar nosso ritual de união? — Ok, sim. — Eu não posso dizer não. Também estou... feliz. Relaxado demais, suavizado demais por refletir toda essa luz que me cerca.

Eu amarro GD, o velho cavalo castrado que gosto de montar, e começo a soltá-lo enquanto Vaughn o escova completamente. Eu sorrio enquanto o vejo conversando com o cavalo e mimando-o. Nosso pai teria adorado isso. Vendo nós dois assim. Em sua fazenda, trabalhando juntos, continuando seu legado. Minha garganta fica grossa com o pensamento. Talvez ele possa nos ver; talvez ele saiba. Onde quer que ele esteja. Espero que ele veja isso. Espero que ele nos veja felizes.

Violet uma vez me disse algo sobre querer ganhar o que ganha. Querer lutar e sair mais forte do outro lado. É uma frase que mudou minha perspectiva. Deu um propósito ao meu dia a dia. Isso me fez querer sair mais forte do outro lado também. Isso me fez querer chegar ao outro lado, ponto final. Para sair do escuro e do mundano e para a luz. A vida era amarga e agora é doce.

Dou um tapinha em GD com firmeza e tiro sua sela. — Obrigado por me aturar, velho — resmungo, enquanto dou tapinhas em suas costas. Um palomino perfeitamente dourado que Billie encontrou para um novato como eu – um com um coração de ouro para combinar e que eu chamei de brincadeira de Golddigger. Quem é agora o cavalo pônei que conduz as montarias de Violet para cada corrida. E desde que eu não esteja preso no trabalho, sou eu quem o está cavalgando. Sou o último a desejar-lhe boa sorte e o primeiro a felicitá-la. Posso não ser um jóquei, mas estar na pista com minha esposa – onde meu pai adorava passar seus dias e onde estou começando também – é especial. Especialmente quando me sento na primeira fila para ver a expressão de pura alegria no rosto de Violet ao cruzar a linha de chegada.

Ganhando ou perdendo. Ela está sempre sorrindo lá fora. Sorrindo direto para *mim.* Iluminando-me.

Porque ela é a porra do meu raio de sol.

Fim...